INDICE

DOS

ARTIGOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME.

N.º 1. — *Maio.*

DEDICATORIA A S. M. I. . . . . Pag. 3
INTRODUCÇÃO. . . . . „ 5
POLITICA. — O Brazil em 1839. . . . . „ 7
ECONOMIA POLITICA. — Dos differentes systemas de colonisação, suas causas e seus resultados. . . . . „ 17
PHILOSOPHIA. — Da popularidade entre os antigos e os modernos. . . . . „ 28
POESIA. — Episodio do poema inedito — *a Confederação dos Tamoyos.* — Ode de Casimiro Delavigne, traduzida. . „ 39
VARIEDADE. — A vida do deputado. . . . . „ 47
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 55

N.º 2. — *Junho.*

HISTORIA. — Eleições em França e Inglaterra, sua influencia e seus resultados . . . . . „ 65
MORAL. — O alcorão. . . . . „ 92
SCIENCIAS NATURAES. — Geologia. . . . . „ 100
POLITICA. — O ministerio de 19 de Setembro: — sua retirada . . . . . „ 105
POESIA. — A Inconstancia. — A Illusão. . . . . „ 117
VARIEDADE. — A vespera da queda d'um ministro de estado. . . . . „ 123
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 130

N.º 3. — Julho.

LITTERATURA. — Juizo da Revista de Edimburgo sobre a litteratura franceza contemporanea . . . . . Pag. 145
ECONOMIA SOCIAL. — Da deportação para a Siberia . . „ 163
SCIENCIAS NATURAES. — Geologia. . . . . „ 170
POLITICA. — Instituições militares. . . . . „ 175
RETRATOS HISTORICOS. — Mr. de Talleyrand . . . „ 180
POESIA. — Episodio do poema inedito — *a Confederação dos Tamoyos.* . . . . . „ 187
VARIEDADES. — I. Um primeiro ministro. II. O club de Southamptom . . . . . „ 199
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 212

N.º 4. — Agosto.

ECONOMIA POLITICA. — Qual é o melhor intermedio das permutações, as moedas metalicas ou o papel-moeda? „ 225
INDUSTRIA. — Progressos da applicação do vapôr aos differentes ramos da Industria em França e em Inglaterra. . „ 243
PHILOSOPHIA. — MORAL. — Da educação das classes superiores na Gram-Bretanha, de suas vantagens e deffeitos. „ 263
FINANÇAS. — COMMERCIO. — Associações commerciaes e industriaes no Rio de Janeiro. . . . . „ 276
POESIA. — Apologo. — Ode. . . . . „ 285
VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDICO. — O Jovem Doutor. „ 290
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 309

Com este numero temos o prazer de offerecer a nossos leitores o retrato de SUA MAGESTADE IMPERIAL tirado pelo Sr. Porto Alegre.

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio n. 66.

REVISTA

NACIONAL E ESTRANGEIRA,

ESCOLHA

D'ARTIGOS ORIGINAES E TRADUZIDOS POR PEDRO DE ALCANTARA BELLEGARDE, JOÃO MANUEL PEREIRA DA SILVA, SOB A DIRECÇÃO DE JOSINO DO NASCIMENTO SILVA.

Tomo 2.º

BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

Rio de Janeiro.

1839.

REVISTA

NACIONAL E ESTRANGEIRA.

BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

Economia Politica.

A CONTA CORRENTE DA GUERRA E DAS SEDIÇÕES. (*)

A ECONOMIA politica tem permanecido até hoje sciencia especulativa : ainda não entrou em nossos costumes ; não preside á redacção das nossas leis, ou antes cada qual tem arranjado uma economia politica a seu modo, e, com o soccorro d'um pretendido saber que nada custou, resolve, com a presumpçosa leviandade da ignorancia, as mais arduas questoes da ordem social. Ninguem se aventura a fallar de physica, de chimica, de physiologia, sem d'isso saber alguma cousa. Estas sciencias são protegidas contra as profanaçõe dos ignorantes por suas nomenclaturas sabias: a economia politica porem não tem vocabulario á parte ; não tem uma só palavra estranha ao idioma de nossas communicações habituaes: por tanto todo mundo se julga habilitado para discorrer sobre esta sciencia. Entretanto bem poucos a comprehendem, e esses poucos são só aquelles

(*) Este artigo, escripto em Francez, em maio de 1831, é, com pequenas alterações, applicavel ao Brazil, tanto pelo lado economico, como pelo lado politico; recommendamos sua leitura.

que fasem d'ella o texto de suas ordinarias meditações, ou de seus escriptos; e é esse o motivo porque as sociedades politicas se fasem ainda mutuamente e a si mesmas tanto mal.

Para fazer ver com que lentidão suas doutrinas passam ás convicções populares, citemos a Gram-Bretanha. Ha mais de sessenta annos que A. Smith fallou dos males que causa a guerra, dos capitaes que destroe, da insufficiencia de suas remunerações, mesmo quando é feliz seu resultado. Este quadro tão exacto não se dirigia tão somente ao coração de seus compatriotas, mas disia tambem respeito a seus interesses, que, como se acredita, elles comprehendem excellentemente. Todavia tão avisadas previsões não previniram uma só guerra, nem abreviaram sua duração: não impediram que sua patria e a França derramassem seu sangue e desbaratassem seus thesoiros, para disputarem miseraveis geiras de neve no Canada, ou ilhas productoras de assucar nas Antilhas, cujos productos não podiam vender-se sinão em quanto fossem excluidos, por direitos monstruosos, os productos analogos dos outros paises. A revolução franceza veio dar novos estimulantes a esta febre guerreira. Quando porem a Europa poisou finalmente as armas, sentiu a Inglaterra, pela prostração em que se achou, que suas conquistas lhe haviam custado muito mais do que valiam. A sua custa aprendeu a ser prudente, e recebeu dos acontecimentos uma severa lição de economia politica que, felizmente para ella e para o mundo, aproveitou-lhe mais do que os pacificos ensinos de Adão Smith. Depois, nós a vimos, contendo sua susceptibilidade cavalheiresca e dando diversa direcção a sua avidez mercantil, testemunhar pela guerra tanta repugnancia, quanto era anteriormente sua inclinação. D'esta epocha em diante ella começa a ser rasoavel.

Não estamos ainda tão avançados. Incessantemente se falla do desenvolvimento das intelligencias e dos progressos das luses em França. È verdadeira esta asserção considerando os individuos isoladamente, quanto porem ás massas, é inteiramente inexacta. A educação é a mesma que era em outro tempo: como em outro tempo aprendem-se mal nos collegios as linguas antigas, que talvez se fisesse bem em não ensinar; e não se aprende mais nada. Quem o creria! a sciencia de que ha pouco fallavamos, essa sciencia que trata da riqueza das naçõe, das causas que as desenvolvem, das que as destroem, não tem ainda em todo o paiz sinão uma só cadeira! Verdade seja que esta cadeira é occupada por um mestre; mas este mestre lecciona um

numero circumscripto de discipulos. E será para admirar, que á vista d'isto, quando se falla dos males muito reaes que nos affligem, seja a guerra proposta seriamente como meio de sahir d'esta posição ? Facilmente se achariam muitos doutores de boa vontade dispostos a applicar esta estranha panacea: são sem duvida, quero acredita-lo, almas mui brandas, porem characteres d'uma ambição impaciente que não hesitariam em tomar sobre seus hombros a França, posto que sua presença no governo bastaria para multiplicar todos os embaraços. Elles tem na cabeça cinco ou seis generalidades tão verdadeiras como falsas, com as quaes cortam as mais difficeis questões. Sem noção alguma de economia politica, ignoram provalmente que a guerra devora os capitaes e desanima a producção, e que não é mais possivel desanimar a produção em França, sem que perigue a sociedade.

Vivo em um paiz manufactureiro e observo com terror o progressivo decrescimento da producção, e por consequencia do valor dos salarios. O trabalhador mais laborioso não ganha mais de desoito soldos por dia, e muitas vezes duas ou tres pessôas vivem com o producto d'este miseravel salario. Sobrevenha a guerra, essa guerra geral para que se appella, e provavalmente a metade d'estes infelises ficará sem trabalho. Que acontecerá então ? o que se passar a este respeito, será sentido em uma multidão de outros. O mal, em vez de circumscrever-se nos departamentos manufactureiros, estenderá suas destruições por todas as classes da sociedade, cujos recursos, posto que precarios, bastam ainda hoje para sua existencia. As pessôas que não poderem fazer viver as classes laboriosas, comprando seus productos, poderão ainda menos fazel-as viver não recebendo indemnisação alguma em troca de suas esmolas. Desde então ficarão sem recursos esses infelises, mas seu numero lhes dará força e será ameaçador. Que se fará para alimental-os ? Eu o digo com terror, mas com plena convicção : seremos obrigados a sustental-os com a substancia de subdivisões de classes inteiras da sociedade. Hoje essas classes imprudentes sorriem-se de nossos embaraços, e procuram augmental-os com criminosas intrigas ; mas si o partido moderador, o unico que os salva desapparecesse do poder, castigos terriveis fariam em breve cessar sua louca alegria. Aventam-se já terriveis resoluções por escriptos cuja brilhante phraseologia imperfeitamente dissimula o que ellas tem de horrivel. Os homens curtos de vista crêem sem

duvida que estamos ainda muito longe de tudo isso, mas quem previa em 89 os acontecimentos de 93? Nunca revolução houve que começasse sob mais philanthropicas e mais brandas inspirações: trez annos depois ella guerreava toda a Europa e cobria a França de cadafalsos.

Só o temor de ver uma administração guerreira succeder a uma administração pacifica, teve já uma acção desastrosa sobre a fortuna da França. Os valores moveis desceram de 20 a 25 por 0/0, isto é, d'um quinto a um quarto, e uma parte dos immoveis não soffreu menos consideravel depreciação. Com effeito, tal caza de Pariz que dava 12,000 fr. de alluguel, hoje não dá mais que 8,000. Si pois esta casa valia anteriormente 250 mil fr., é claro que hoje não vale mais de 187,000. Nem mesmo o valor das terras tem deixado de soffrer forte diminuição, pois que a diminuição da venda de seus productos é verificada pela baixa geral das receitas dos impostos. Em Pariz nos doze ultimos mezes, o consumo da carne desceu um decimo; e não se diga que esta diminuição se explica pela da população, por que o numero dos habitantes que Pariz perdeu depois dos acontecimentos de julho, foi compensado, e muito alem, pelo augmento de sua guarnição.

Tenha logar essa guerra geral que desejam homens insensatos, e a fortuna publica experimentará provavelmente uma nova reducção ao menos equivalente. Figure cada um o que acconteceria si a fortuna da França soffresse a reducção de metade ou de dois quintos, em um momento em que as necessidades da guerra nos forçariam a augmentar nosso budget em uma proporção espantosa; de eleval-o, por exemplo a dois milliardos e talvez mais? Si ao menos essa guerra fosse uma necessidade ou um dever, força seria satisfasel-a custasse o que custasse. É assim, por exemplo, que hoje vamos em soccorro de um alliado cuja ruina poderia comprometter nossa propria segurança. Onde está porém o artigo da lei das naçoes que nos constituiu punidores das faltas universaes? Hemos ensinado aos outros como se castigam os principes maus: imitem-nos, si a tanto se atreverem, visto que podem fasel-o; basta-lhes para isso coragem, ferro e chumbo. Mas, disem, essa guerra seria ainda mais onerosa áquelles contra quem nos battessemos do que a nós mesmos. Não o contradiremos. Infelizmente esta consideração bem pouco charidosa não é mais conforme ás doutrinas da economia politica, do que á lei evangelica. Os soffrimentos dos

outros povos reagiriam sobre nós e augmentariam os nossos. Nossa industria soffreria pela diminuição da demanda de seus productos; que a respeito dos povos dá-se o mesmo que a respeito dos individuos, só os que são ricos consomem, e, por consequencia, compram muito; só com elles é possivel negociar com vantagem.

Estas ideias guerreiras, com que são entretidas as massas ignorantes, causam um mal terrivel; impedem bons resultados ás negociaçōes entaboladas para alcançar da Europa um desarmamento geral. As potencias do continente, sempre temerosas que o partido da guerra tome posse do nosso gabinete, se julgam, por salvação propria, obrigadas a manter um trem militar que entretanto avexa suas populaçōes. Bom ou mau grado, devemos faser outro tanto, e sustentarmos uma massa de soldados, consumidôres improductivos, cujo soldo augmenta ainda enormemente nossos monstruosos budgets. Si devesse durar tal estado de cousas, seria absolutamente necessario obrar de maneira que uma porção de nosso exercito fosse occupada utilmente, quer prolongando as ramificaçōes de nossas estradas, quer conservando as que já existem, para que estes dispendiosos pensionistas em alguma cousa contribuam para a riqueza publica. D'esta maneira ao menos conservariam elles habitos laboriosos, que se perdem na ociosidade das guarnições, e que os fariam mais uteis a si mesmos e a communidade quando dessem baixa.

Tem-se calculado que a despeza media d'um soldado, comprehendendo os officiaes inferiores e subalternos, não é menor de 750 fr. (240$000 rs.) por anno: 200,000 soldados de mais do que o necessario em tempo de paz custam conseguintemente 150,000.000 fr. (48 mil contos). Si accrescentarmos a esta despeza a dos cavallos da cavallaria e das parelhas da artilharia, essa despeza póde ser avaliada sem receio em 200,000.000 fr. (64 mil contos).- Como não recuar ante estas sommas! Não é porém tudo: um por outro, os homens d'este exercito addicional teriam pelo menos ganho um fr. por dia si houvessem ficado em suas casas, o que, não contando os dias feriados, produsiria pouco mais ou menos 60,000.000 de valores (19 mil e 200 contos). Si pois se não empregarem estes homens, como há pouco tempo disiamos, na conservação de nossas estradas ou em qualquer outro objecto de utilidade real, deveriamos addicionar 60 mil fr. aos 200 milhōes já contados. Em outros termos 200,000 homens custariam á França mais de 250 milhoes de francos em tempo de paz.

Em tempo de guerra porém, esta despeza seria muito mais consideravel: então os soldados não são unicamente consumidôres improductivos, são tambem agentes de destruição. Queimam polvora, lançam projectis, gastam mais depressa o vestido e o calçado, dormindo nos acampamentos e nos deslocamentos continuos que a guerra torna indispensaveis. Não ha tiro de canhão que não custe pelo menos 10 fr. (3$200 rs.). Mas dir-se-ha talvez, que imponhamos aos povos em cujos territorios entrarmos o pagamento das despezas da guerra; seria então renunciar aos lances favoraveis que poderia apresentar uma guerra de propaganda ou de principios; porque essa propaganda armada de ferro e vindo roubar ás outras nações o oiro que lhes restasse, teria sem duvida mui poucos atractivos. Obrigando-as a pagar segunda vez as despezas da guerra, depois de já haverem pago as primeiras a seus proprios governos, correriamos grande risco de vel-as ligarem-se com seus soberanos actuaes para repellir nossa aggressão. Luiz XVIII fez uma guerra de principios na Hespanha; foi necessario que a França pagasse toda a despeza, e sabe-se o que nos isso custou.

Não negarei que os homens que aspiram á posse do gabinete não estejam muito dispostos a moderar seu humor militante, logo que tenham conseguido o poder que visam. Sobre a tribuna que enleva como a tripode da pythia, entregando-se ás inspirações d'uma opposição semi-sincera, semi-systematica, facil é empenhar-se para o futuro; mas o poder modera muito mais do que excita: o melhor meio de reconhecer-lhe os limites é possuil-o. Só então é que de todas as partes se apresentam os obstaculos que travam seu exercicio. A nova administração reconheceria em breve que ha, apesar de tudo, algum inconveniente em elevar ao duplo um budget que tem já o augmento de metade, quando a nação soffreria em sua renda a reducção de dois quintos ou d'um terço. Desgraçadamente ficaria essa administração sob o peso das exigencias d'um partido violento, imperioso, que não permittiria a posição de sua predecessôra, que lhe lembraria seus discursos, seus empenhos, e que a impelliria sem compaixão para um futuro carregado de borrascas, de perigos, de incertezas, só pensando em seus interesses, e sem se importar com os homens que pretenderia sustentar.

Em summa, são antes nossos interesses do que nossas opiniões que nos dividem. Creio pouco na sinceridade de nosso enthusiasmo republicano. É ao menos provavel que uma parte

d'aquelles que o manifestam, desejam a republica como uma mudança violenta, que pode offerecer-lhes probabilidades favoraveis que lhes não tem offerecido a acção regular de nosso regimem actual. O que domina no seio dos corações é uma sede impaciente, insaciavel, de distinções e de gozos. Um horisonte sem limites está aberto as nossas ambições : cada qual quereria os pontos mais culminantes e mais vantajosos, e occupal-os já, por que não permittem seus desejos compor com o tempo. Todos nós recebemos uma educação uniforme e vaga, que nos habilita para poucas cousas e entretanto dá-nos pretenções a tudo : de mais as profissões liberaes não podem dar meios de subsistencia a todos que as quisessem seguir. A sociedade tem mais medicos que doentes, mais advogados que pleitos : d'ahi esse desejo, ou antes a necessidade de alcançar empregos publicos. Censuram-se os agentes do governo decahido que o governo actual conserva nos empregos, como si fosse possivel, sem graves inconvenientes para o serviço que fasem, tocar ao mesmo tempo no pessoal de tantas administrações, a maior parte das quaes não tem alem d'isso character politico. Demitta-se porem um d'esses agentes, immediatamente os clamores que se elevavam contra elle, elevam-se contra seu successôr, cuja popularidade fica para logo compromettida : a rasão é clara, a guerra não era feita ao primeiro empregado mas ao emprego. Tal é o principio da febre que nos consome, e que deve por tantos titulos excitar a attenção dos que nos regem ; por que emfim não é possivel que a sociedade pereça e há remedios para todos os males.

Seguramente não classificaremos no numero d'esses remedios, um d'aquelles que empregam os doutores benevolos de que fallavamos ha pouco e que querem por força tratar as enfermidades do corpo politico, bem entendido com a condição de receber os honorario do medico. Este remedio muito estranho é a sedição. Sem duvida uma sedição não causa tanto mal como a guerra, entretanto causa bastante. Continuando a fallar como economista, contemos seus estragos com algarismos.

Primeiramente o pessoal d'uma sedição se compõe de 1,000 pessôas pouco mais ou menos, e como a sedição tem já sua poetica e suas regras, sua costumada duração é de trez dias. O medio do dia dos actores que figuram n'esta trilogia pode ser avaliado a 4 fr. por cabeça (1$280), que perdem durante a sedição. Ha por tanto nos trez dias uma despeza de 12,000 fr. pouco mais ou menos (3:840$000). Mas não é tudo : cada uma d'estas sediçoes

faz pôr em armas pelo menos 5,000 guardas nacionaes. Como os guardas nacionaes pertencem geralmente a classes mais elevadas do que os comparses da sedição é avaliar muito baixo avaliando seu dia por 5 fr. (1$600). Por consequencia, 5,000 guardas nacionaes roubados a seus trabalhos habituaes por trez dias, teriam uma perda de 75,000 fr. (24:000$000), que addicionados aos 12,000 equivaleriam a uma capitação de 87,000 fr. imposta sobre os habitantes de Pariz. Si as sedições se renovarem uma duzia de vezes por anno, esta especie de imposto se elevaria a um milhão pouco mais ou menos (320:000$). Esta perda é ja bastante consideravel; mas é ainda bem pouca coisa a par d'aquellas que nos faltam indicar.

Não ha sedição que não produsa pelo menos 2 fr. de baixa nos fundos publicos. Ora o capital total de nossa divida não resgatada é de 4,538,888,459 fr. (1.352,444:306$880). Uma baixa de 2 por 0/0 produz conseguintemente uma diminuição de 90,777,769 fr. (29,048:886$080) no capital dos que vivem das rendas de seus fundos. Acrescentem-se as destruições que, por sua mesma grandeza, escapam a toda a especie de apreciação, os males que as sedições causam ao commercio e á industria, a revogação de encommendas feitas; os obreiros despedidos das fabricas para cahirem na mais horrorosa miseria, miseria que por seu turno vem a ser um principio de novas perturbações, e ter-se-ha alguma ideia do mal que nos causam os ambiciosos e os estouvados que nos agitam com sua actividade esteril e turbulenta.

Cousa estranha! falla-se sem cessar de movimento, como si o repoiso não fosse uma condição necessaria e *sine quâ non* da prosperidade das naçōes, e como si hoje os calmantes não lhe fossem mais necessarios do que os estimulantes. Este movimento que se quer, não é o desenvolvimento progressivo da civilisação, mas uma agitação febril, desordenada, como a que consome todos os bens na America do Sul, e que a torna cem vezes mais miseravel do que era quando governada pelo detestavel regimem da Hespanha. Em vez de facilitar, obsta, e os povos que cedem a seus funestos impulsos agitam-se sem avançar. Uma impaciencia ardente, irreflectida, que não vê felicidade sinão em azares, quereria d'um só golpe destruir todas as instituições fundadas por um genio poderoso, e cobrir com suas ruinas o solo da França. Em sua avidez por leis novas, nem quer esperar pelo ensaio das leis votadas pela ultima camara, com mais deferencia

do que convicção; e entretanto vale bem a pena que se faça esta experiencia.

Uma d'estas leis, a que trata das municipalidades, pode ter as mais graves consequencias, e tornar a França muito mais difficil de governar em 1832 do que em 1831. Si por exemplo ella é posta em execução no Oeste e no Meio-dia, pode-se contar que as communs ruraes serão administradas pelos partidistas do governo decahido. A lei reserva sem duvida á administração superior a escolha do *maire* entre os membros de cada concelho municipal; mas taes voltas se darão que esta faculdade de escolher será illusoria: bastará para isso compor todos esses concelhos de elementos analogos, ou então dos doze membros que o composerem escolher onze que não saibam ler nem escrever, nem mesmo assignar. Certo não será difficil, nos campos do Oeste ou do Meio-dia achar homens que satisfaçam estas diversas condiçoes; o clero se encarregará de fornecel-os ou de indical-os. Ha um anno a antiga questão entre o trono e o thuribulo se tem suscitado em grande numero de aldeias: por toda parte vêem-se curas em lutta com seus *maires;* aquelles têem por consequencia interesse que estes sejam nomeados a seu gosto, e deve-se crer que nada despresarão para conseguil-o. Procedendo d'est'arte, e não se pode duvidar que tal seja seu projecto, o partido do governo decahido obteria em um grande terço da França, paralysar a acção do governo actual somente pela força da inercia e sem comprometter algum de seus membros. Que faria n'este caso um desgraçado prefeito em lutta com taes agentes? Para executar as ordens do governo, não teria acção criminal alguma contra elles. Seria bastante que o demittisse? Mas os outros membros do concelho municipal estariam nas mesmas disposiçoes, ou seriam incapazes; é mesmo provavel que elle houvesse escolhido o menos mau; desde então não escaparia a um inconveniente sinão para cahir em outro mais grave. Que aconteceria então? Seria mister pôr os departamentos de que se trata fora da lei, armar os agentes da authoridade com um poder discrecionario que nem sempre cahiria em mãos mui habeis, e que seria difficilimo de exercer, por isso mesmo que não teria limites. Os depositarios d'este poder tremendo e sem freio seriam sem cessar de resistir a espiritos ardentes e curtos que viriam solicital-os para fazer uso d'elle ao alvedrio de suas paixoes, de seus caprichos, de seus temores, de suas inimizades pessoaes; e ninguem sabe quanta força verdadeira seria precisa para

por muito tempo sustentar uma lutta d'essas contra homens que tambem se julgariam fortes, por serem violentos, e seriam violentos, por serem vingativos ou pusillanimes.

Em summa, prudente seria não formular leis de tão alta importancia como a lei municipal, sem ouvir a administração departamental sobre as consequencias provaveis que podem ter nos diversos pontos em que ella se exerce. Uma simples discussão no concelho de estado não é sufficiente: os membros d'este concelho que nunca foram administradores, ou que o deixaram de ser ha muito tempo, não podem calcular seus convenientes ou inconvenientes, qualquer que seja alias a extensão de suas luzes. Seria tambem muito necessario que os ministros absorvidos pelos debates e mesmo pelos enredos parlamentares, se abstivessem da maior parte de seus trabalhos administrativos, nomeando sub-secretarios de estado e escolhendo-os fora das camaras, para livral-os das preocupações que causam aos que fasem parte d'ellas. Procedendo d'este modo, o expediente administrativo seria mais examinado do que é e do que pode ser hoje. Ao mesmo tempo seria este o meio de ter projectos de lei mais bem estudados. O que porem importa ainda mais é não destruir, com pressa e sem manifesta utilidade, todo o edificio da ligislação que nos rege ainda.

Que mal não se tem feito por exemplo com essa lei nova votada tão levianamente, e que determina que um terço do jury basta para absolver um indiciado reconhecido culpado pelos dois terços? Esta lei assegura a mais escandalosa impunidade a todos quantos procuram perturbar a paz publica, seja qual for o symbolo sob que se apresentem. É claro que n'estes tempos de partido, é quasi impossivel que em doze jurados não se achem quatro que, por cobardia e temor do futuro, ou por sympathia pelos sentimentos politicos do indiciado, não estejam dispostos a absolvel-o, quaesquer que sejam seus crimes e as provas que o demonstrem. Não é com esta leviandade que se fasem leis na terra de nossos visinhos. Quasi sempre o seu voto é precedido de inqueritos conscienciosos: por isso não são obrigados a mudal-as tantas vezes, e o povo tem tempo de conformar com ellas seus costumes e seus habitos. Vede, entre outras, com que lentidão solemne se procede ahi á reforma dos abusos de seu regimem eleitoral. Esta grande medida acupa-os exclusivamente, que elles evitam, quanto pedem, pôr tudo em questão ao mesmo tempo.

A marcha do genero humano deve ser gradual : depois de um grande exforço tal como o de julho, bom é que se faça uma pausa para que o solo abalado se firme sob seus pés. Os antigos haviam representado a estatua da Verdade coberta de veos ; a cada seculo estava incumbido o cuidado de faser cahir um d'esses veos. Pensavam elles que si todos os veos fossem arrancados ao mesmo tempo, não poderiam os olhos suportar sem pena essa luz repentina e pura. Talvez tambem que as faixas que tem protegido a infancia e puberdade do espirito humano não devam ser desligadas ao mesmo tempo ; por que movimentos desordenados poderiam resultar d'essa subita e total emancipação.

Quando a extrema esquerda se julgou apta para tomar o poder que tão ardentemente desejava, hesitou segundo disem, para aceital-o ; motivou sua hesitação com a difficuldade que encontraria em constituir uma maioria na camara actual ; é porem provavel que tal não fosse seu verdadeiro motivo. Em verdade o que lhe teria podido acontecer de mais feliz seria achar uma maioria que o houvesse forçado a compôr com ella, e a abandonar uma parte de suas doutrinas, ou ao menos de suas resoluções annunciadas.

Julgamos sempre .que os chefes d'esses partidos tinham mais capacidade do que o annunciavam seus discursos. É uma terrivel necessidade para os conductores dos partidos democraticos serem constrangidos a rebaxar intelligencias, muitas vezes mui superiores, ao nivel das intelligencias vulgares que constituem a força numerica d'esses partidos. Cumpre louvar a extrema esquerda por não ter tido a triste coragem de precipitar-se como cega em meio de tantos perigos e asares; por não desejar um poder onde sua elevação seria acolhida por novas e espantosas bancarotas ; por uma baixa de 12 a 15 por 0/0 ; pelas maldições dos que vivem da renda dos fundos publicos, cujo capital por essa baixa díminuiria mais de 500,000,000 fr. (16,000:000$000), pelas do commercio miudo, e por consequencia da guarda nacional composta pela mor parte d'estas duas classes de cidadões.

Alguns deputados dos centros não estão longe de deixar chegar ao ministerio os chefes do partido adverso ; pensam que é esse o meio mais seguro e mais prompto de os desacreditar e as suas doutrinas. Nós estamos longe de compartir esta maneira de ver as cousas ; recuariamos com horror ante essa experiencia, mesmo quando só devesse durar quinze dias, meditando em todos os males que seriam consummados n'esse espaço. E ha-

verá por outra parte certeza de existirem braços assaz vigorosos para acalmar as tempestades agitadas? As naçōes habituam-se ao mal da mesma forma que ao bem: mostram-se necessitadas de excitaçōes morbidas para as quaes as geraçōes novas tem já grande inclinação. A republica de Buenos-Ayres soffreu 83 mudanças de governo no decurso de um anno, e ainda não terminou. Preservemo-nos, por todos os modos possiveis, de semelhante estado de cousas, de que não estamos tão longe como pensam os homens de vista curta. Nunca foi mais indispensavel a presença do partido conservador nos negocios. Os Belgas que, ha um anno, não quiseram lançar-se em nossos bracos e que, para conservar sua nacionalidade, consentiram em ver sua industria suffocada entre quatro linhas de alfandegas, reclamam agora nosso soccorro contra a aggressão da Hollanda. Por uma politica ao mesmo tempo magnanima e judiciosa, consentimos em prestar lh'o: importa porem circumscrever o foco d'este volcão, e impedir que suas lavas não venham atear outros incendios na Europa.

LITTERATURA.

O THEATRO ROMANTICO. (*)

Snrs. redactores de todos os jornaes portuguezes. — Aproveitando-me da cortezia do *Nacional*, dirigir-vos-hei esta carta ácerca de theatros: confio que a recebais pelo que vale, porque

(*) Achamos de interessante leitura esta carta d'um litterato portuguez, author dos *Quadros Historicos*, e por isso a publicamos. Não é demasiada a censura do litterato aos abusos perigosos do romantismo, com os quaes — em mal! — tanto engraçamos os Brazileiros, — e para nós temos que ninguem declinará do fôro do Sr. Castilho, que para taes materias é competente juiz, e ninguem lhe negará a jurisdicção e alçada.

toda ella não será sinão verdade e amor da patria, como a primeira: lastima seria que tão puras intenções e tão claramente expressas e axiomas de consciencia para todos provocassem contrastes e contradições de escriptores publicos, a quem em tudo pertence dar ao povo exemplo de juizo e justiça. Aonde eu me enganar (que bem póde ser isso muitas vezes) discutamos com animo assente e boas rasões que estou eu, como de si dizia Cicero, de estomago feito para refutar sem pertinacia e ser refutado sem por isso me agastar.

Já eu proprio disse, em um livrinho meu, que, pela minha razão dava mui pouco, mas em volta d'isso requeiro que pela minha lealdade se dê tudo: estas são as armas em que me afouto quando a campo saio como agora.

Immoralidade do Romantismo.

Vasta e funda é esta questão: requeria raciocinios e exemplos que o espaço não comporta: pena é, que aqui a persuação não é de pequeno momento para o bem ou mal do mundo. Chamei eu, e muitas vezes tenho chamado, immoralissima a moderna seita litteraria (é escusado advertir que fallo do abuso e não da coisa), podéra ter dito não menos que no requinte e fanatismo a que a subiram Francezes, era, intellectualmente considerada, um verdadeiro scisma e declarada heresia: mas a questão de arte não é agora de jornaes a de costumes sim; entremos n'essa e já que mais se não póde colhamos a rama si-quer dos argumentos e apertemol-a n'um feixinho facil de dar e de receber.

Ao *Nacional* que, no seu n.º 1051 sustentou a contraria com tão subtil engenho, estylo tão educado e tão cortez elegancia, de boamente agradeço todos esses seus meritos que me consentem e ordenam discutir com elle, como homem de bem com homem de bem e litterato com litterato. Estou certo que si as minhas provas forem, como cuido, verdadeiras lhe cahirão, si lhe cahirem, o confessará; e, n'uma tal confissão, que immensamente maior força do que eu posso dar, não dará elle á grande causa dos costumes, que são a paz das familias, o contentamento dos individuos, a vida da sociedade e a bemaventurança da terra para não fallar de mais altas cousas!

Havia na litteratura regrada de todos os seculos que os es-

criptores chamam dourados, tamanho respeito á sociabilidade, isto é, tamanha decencia, que assim como os homens na ordem politica se mantinham bem estremados nas suas classes, assim como no uso da vida todas as cousas tinham sua gerarchia e diversos foros, assim as ideias, as palavras e os affectos corriam por uma certa pragmatica muito escrupulosa que senhoreava igualmente a conversação e a escriptura. Daqui resultava um bem e um mal: o bem, a elegancia senhoril, o mal, acanhamento e constrangida affectação. Do conhecimento reflectido d'este mal e do concurso de outras causas moraes e politicas, nasceu a indignação, da indignação liberdade, da liberdade a anarchia da linguagem. A litteratura teve seus Gracchos, a classe plebéa das ideias e paixões sua lei agraria, a classe infima e servil sua emancipação; toga e pretexta deixaram-se usar de quem as quiz; tudo appareceu tumultuosamente igual nos Comicios, em a decencia dos avós ninguem mais fallou ou só poucos e esses foram vencidos de grande numero. Eram os antigos demasiados no seu temer e retrahir-se, são demasiados os modernos no seu ousar e arremeçar-se. D'ahi vem que, si os confrontarmos uns com outros, os antigos a despeito de toda a sua força nos parecem debeis e pequenos, os modernos, apezar muitas vezes de sua fraqueza, se nos antolham athletas. Mui bons olhos ha de ter quem atravez d'estes complicadissimos descontos, descobrir a verdadeira estatua de uma alma de poeta, para se atrever a sentenciar qual seja em verdade maior si Virgilio ou Dumas, si Voltaire ou Hugo.

Falla-se em verosimilhança e com só dizer a palavra cuidam alguns ter já dado a palma aos engenhos contemporaneos, mas não poderá ser que se enganem? Si n'um sentido o estylo de hoje é mais natural porque diz tudo quanto existe ou se pensa, ainda que muitas vezes tambem corre mais por conta da imaginação do que da verdade, havia no systema velho mais fidelidade na escolha dos assumptos, mais verdade no arranjo do entrecho e mais consciencia no desenhar os personagens. No tablado de Sóphocles, de Terencio, de Moliere e Racine ouvia-se um dizer que não era muitas vezes o da vida real, mas o pensar, sentir e obrar eram sempre o da vida real; eram o espelho do que o espectador em si tinha e em seus visinhos encontrava. Em nossos dias pelo contrario, as frazes não mentem em geral o character a que se applicam, os characteres é que mentem a natureza humana. Mas como é que elles a

mentem? Eis-ahi agora onde vai o mal e a desgraça! mentem-a calumniando-a. São os homens em geral fracos e corrompidos mas não monstros, que si tal fôsse a maioria deixariam os monstros de o ser. Ora, quando a mocidade, que ainda não conhece nem póde conhecer o mundo, se imbebe toda embuida na ficção e expectaculo dos negros dramas da moda, aonde a ambição furiosa dc poetas emulos não procura sinão aturdir e assombrar cada vez mais; quando tudo o que vê nao é a norma e theor da vida mas as mais feias excepções d'ella, e essas ainda encarecidas; quando de cem factos da historia, de que se lhe occultam noventa e nove certos e formosos, só um se lhe mostra porque é grandiosamente infame e tão infame que em grande parte será elle fabula, quem não vê que erroneas e funestas preocupações se não devem ir arraigando e encorpando n'aquelles entendimentos todos candidos de boa fé? O assim creado em toda parte verá sempre traições, malvados, hypocritas, tyrannos, egoistas, e isso tudo tão carregado que tremerá por si a todas as horas, cerrará seu coração á benevolencia e á charidade, temerá perdoar, cahirá na melancholia e se fará, quanto o seu genio lh'o permittir, misantropo e máu por descoroçoado. Não são isto livres ditos meus, para á vossa consciencia appello, ledores e ledoras dos romances e dramas novos, mormente os que desde annos tenros os revolveis. Sim, a tendencia para exagerar e generalisar é natural a todos os animos, e o que os poetas fazem a essas paginas arrancadas dos historiadores cá o ficamos nós depois fazendo no mundo ás obras, ainda mal tão attractivas d'esses mesmos poetas; e d'este máu habito nosso de exagerar e encarecer porei um exemplo que o prove mui notorio e sabido. Escutae todas as diversas parcialidades politicas, cada uma d'ellas não vê por todas as outras sinão ambições, venalidades, intrigas, crimes, ignorancia ou pessima fe; e porque? porque os seus corifeus lhe apontaram alguns nomes de sugeitos com que provaram ou cuidaram provar todas essas qualidades: e todavia em todas as parcialidades ha tambem muita sinceridade, muita honra, muito amor ao bem; multidões inteiramente boas ou inteiramente más não existem nem são possiveis. Cada um fórma sua opinião pela do jornal cujo é *constante leitor;* a elle cita e por elle jura que em alheio campo estão quatro ou seis ou dez sugeitos a quem se imputam taes e taes maldades, e que portanto as commetteram, e que portanto podem commetter todas, e que portanto todos que com

clles vão devem ser exterminados. O jornalista foi o poeta romantico; o facto isolado que elle referiu e por ventura adulterado é o drama romantico; a imprensa o theatro; e que resultou de tudo isto? o erro, o odio, a desordem e Deus sabe que mais! O redactor, que é o poeta do mundo da prosa e o poeta que é o jornalista do mundo da poesia, são os unicos que bem sabem a verdade entre a mentira que espalharam, si é que elles proprios á força de a ouvirem e de a repetirem não param tambem a final em crêr n'ella. Perdoae-me, Snrs. redactores de todos os jornaes, já com jornalistas vivi quando o era por peccados meus, por isso sei como correm as cousas n'esse officio; e recolho-me muito depressa á questão.

Todo este theor de poetas é evidentemente encontrado e opposto com a moral fundamental e a mais philosophica do mundo que é a do christianismo. O evangelho a mandar-nos amar e absolver; o romance, mais folheado que o evangelho, a induzir-nos a odiar e perseguir. O pulpito e a oração a bradar e a suspirar que a minha propria e interior miseria é immensa, que essa, que eu melhor conheço que nem uma outra, me deve parecer de todas a maior: pelo contrario a scena e a leitura a metter-me por ouvidos e olhos que por mais vicioso e criminoso que seja o meu viver ainda ha muitos viveres que o excedem. D'ahi que resulta? lisongear-me eu com a comparação, compor-me com a minha consciencia, desperceber a aresta do meu olho pelo muito que a trave cresceu no do meu visinho. Si tua mulher já hesita perplexa entre a fidelidade que te deve e o sorriso de um prazer novo que a convida, leva-a a ver a *Torre de Nesle;* mas antes de se levantar o panno dá-lhe o ultimo abraço e o ultimo beijo que lhe pódes dar sem vergonha: que é uma simples adultera em comparação de uma Margarida de Borgonha? uma virgem, uma santa, um emblema de pudor. Entraste para o espectaculo com uma mulher fraca mas ainda mulher, mas ainda possivel de converter, mas ainda tua, sahiste do espectaculo com uma prostituta; larga-a ao primeiro que lhe lançar o braço.

Diz o mui erudito autor do artigo a que respondo que o drama de Lucrecia Borgia ê moralissimo, porque o poeta por entre os espantosos crimes d'aquella furia, faz resahir inteiro o mimosissimo affecto maternal. Sim faz, mas ahi me parece estar o remate do delirio do poeta. Não quero que me obriguem a amar nem por sombras, nem momentaneamente o epilogo de

todos os crimes : a incestuosa por vida , a envenenadora por officio , o monstro sem entranhas , a mulher sem vislumbre de pudor , extorquir-me-ha um longe d'aquella benevolencia que eu devo inteira ao sexo virtuoso que ella renegou ? cabe uma virtude , uma virtude d'estas entre tão altas atrocidades ? mirto de amores enxertado na arvore de Java ? *incredulus odi :* mente e odeio-a ; e quero odial-a plenamente , immensamente ; não lhe devo remittir nem a minima parte do seu ser de criminosa para que a minha alma possa suppliciar n'ella toda a sua alma. É um nome historico com quem o poeta deve ser desabrido como um algoz ; travar d'elle com mão de ferro, despojal-o até á nudez , açoutal-o , degolal-o , queimal-o , lançar-lhe as cinzas ao mar , não poupar d'ellas nem um atomo. Perfumar de poesia maviosa e derramar lagrimas sobre o mais injurioso e horrivel de todos os nomes ! . . . . Poeta , tu mentiste a minha consciencia e á tua, e fizeste uma obra de maleficio que só ao teu grande genio se poderá perdoar si fôra perdoavel : no meu theatro , si o eu tivesse , eu te faria como Platão a Homero :— « Poeta, toma esta corôa de flores : homem corruptor , sae, sae já d'entre nós. »

Do crime os quadros a virtude apuram ,
Esmalta-se a moral no horror do vicio.

È verdade : mas para que ahi haja lição ha-de ser o crime representado em quantidade verosimil e o vicio no gráu usual. Sendo para menos, é remedio fraco e não cura ; chegando a excesso, prova de mais, e nada prova ou argumenta contra o que se quer, como já deixo mostrado. Os dramas de Hugo e seus escolares ou companheiros só poderão talvez convir quando elles houverem acabado de depravar a sociedade , quando a força de metterem por toda a parte o rosto de Medusa nos houverem petrificado : então , como a lança da fabula , curarão por ventura a ferida que abriram. Representem-se , applaudam-se e peçam-se a brados quando os camarotes forem cheios de Lucrecias Borgias , de Catharinas Howard, de Margaridas de Borgonha , de Marias Tudor , e a platéa de Antonys , de Caligulas de Arcediagos de Nossa Senhora de Paris, de carrascos e de demonios. Mas gente d'essa já se não converte, como nem poetas d'estes que, no manipular e vender venenos, acharam fama e lucro : portanto ainda então estas peças serão más , não más como

hoje por immoraes mas por escusadas. — Não digo eu, que absolutamente se deve prohibir tudo quanto ahi anda escripto com o bem ou o mal posto titulo de romantico; que os menos perigosos d'esses dramas, de longe a longe, e só como envergonhados, ousem levantar a cabeça por entre a innocente familia dos dramas humanos, tolerar-se-ha, menos para se amarem do que para fazerem realçar e amar os outros, que de mães e paes e esposos são delicia; appareçam raros como os cometas, como as pestes ou como esses grandes crimes que elles nos recordam encarecidos: mas amiudados preferil-os, pôl-os como modelo e exemplo a escriptores! Snrs. redactores, todos vós tendes necessariamente familia e cidade; não o consintaes.

Hugo é melancholico como Young, diz engenhoso escriptor que por elle acode. Hugo não é melancholico, sinão triste e desesperado: a melancholia suspira, chora, e olha para o ceo, e ceo, não o ha nos quadros de Hugo, ou quando se enxerga, é sombrio, fechado, e de bronze. — É severo como Young, accrescentam. Oh que não. Young é severo pregando aos prazeres vãos o desengano da morte: Hugo é terrivel como um genio infernal; folga de atormentar todas as fibras do coração, de invocar todas as dôres, de espremer todas as lagrimas até vir sangue, e de descoroçoar a virtude pelo mallogro de todos seus projectos, pelo cadafalso que é sempre o seu capitolio.

Este é o escriptor; mas o homem será por ventura o mesmo? Não o digo nem o cuido. Si o fosse, seria elle o character mais romantico de quantos existem, e nenhuma historia lhe poderia deparar monstro mais cabal para um poema do que o elle teria dentro em seu peito. De Schiller sabemos nós, por M.me de Stael, que era bonissimo, e o avesso daquelles espantosos personagens que enfeitiçam e apavoram o seu theatro: e entende-se isto mui bem. Quem pretende pintar um grande facinoroso, do proprio coração ha de tirar as maldades que lhe deu, ou da fantasia: si no coração as não acha, á fantasia pede que lh'as crie, e como esta é mais ampla que o coração, antes immensa, sahe o monstro ideal desproporcionadamente gigante, e fazendo muito mal, nenhum mal prova contra quem o produziu.

Tocou-se mais no grande apreço que de Hugo se faz por essa Europa, e em elogios de Lamartine e Châteaubriand. De muitos outros auctores se podéra fazer menção que o elogiaram, que o elogiaram rasgadamente: mais em que o abona isso? genio lhe não denego eu, de mais o tem: auctor moral e util é que

não sei que ainda se lhe chamasse nem a elle, nem aos outros taes heresiarchas. Gosa de uma grande nomeada : sim, gosa ; mas com que descontos ! muitos ha que o não podem soffrer , muitissimos que para si o lêem, e o resguardam de mulheres e filhas, e gente nova ; — quasi ninguem repete a leitura de seus poemas. Si muito se tem escripto por elle, não menos se tem escripto contra elle, até dentro em França. Cada uma dessas tão pregoadas peças tem uma larga historia de censuras, assovios, parodias, e perseguições, que lhe choveram lá em França sua terra, lá em França onde já se pode escrever com tanta liberdade, onde todos pouco mais ou menos tem sua educação intellectual, e onde se vive acostumado a tudo ver e tudo ouvir ; onde o povo já recosido e destemperado de prazeres velhos, cançado, impotente, mas lascivo, carece como aquelle cadaverico e frenetico imperador romano, de converter horrores em passatempos, e de dar tractos á natureza e ao mundo para se lhe revolver alguma fibra, e sentir que ainda é vivo. Quem se não lembra ainda do que tão eloquentemente proferiu contra esta enfermidade contagiosa da litteratura, esse profundo litterato da nossa visinha Hespanha, que lá está dando em Madrid as suas lições ? Alguns de vós, Senhores redactores, copiaram as suas palavras, e bom fóra que todos o houvereis feito, e repetido, e commentado. Pelo que a mim toca, não se presuma que é de ha dous dias esta minha opinião ; por varias partes dos meus livrinhos está expressa, e já por peccado romantico a mim proprio me açoutei em publico. Nos artigos da *Guarda Avançada*, e releam-os, mais de uma vez encontrarão isso mesmo, e em fim no prologo aos meus *Quadros Historicos*, escripto no começo do corrente anno, e que n'esta mesma semana apparecerá, ver-se ha si é ou não esta convicção valente e arraigada entre os meus principios mais amados.

Julgo ter apontado bastante para convencer tão bom engenho come o do auctor do artigo : por isso me não demoro a recordar-lhe certas obscenidades mui nuas e mui feias d'esta eschola, as quaes elle sem duvida condemna como eu. E quanto ao litterario, pois que sem duvida tambem o seu gosto é mui delicado, aquelle tom falso de exageração, aquelle gracejar insulso e pesado que arremeda sorriso de demonios, aquelle exquisito de pensamentos amartellados, aquelles conceitos gongorismos e marinismos de que se amontoam graneis sobre graneis, as puerilidades sentenciosas, e as declamações peiores que as de Lucano ou Brebœuf !

Com duas grandes verdades me cerro por hoje n'esta materia: a uma, que já em França começa esta seita a ser velha antes de antiga: — a outra, que ao theatro e novellas d'esta seita, attribuem muitos, e nomeadamente o Jornal dos Debates, a espantosa multiplicação de suicidios, infanticidios, e homicidios negrissimos dos ultimos tempos, sendo muito para particularisar as raparigas mortas por seus proprios amantes. Pelo amor de Deus, e de nós avaliae bem isto, Snrs. redactores, e ajudae-me. Não perdoemos a qualquer theatro que seja a immoralidade; ou, para sermos consequentes, compremos para entreter os serões das nossas familias, o *Aretino*, o *Faublas*, as *Intimidades Perigosas*, e a façanhosa *Justina*.

Passemos a segundo objecto, mui bem ligado com o primeiro pela sua natureza. Requer-se ao governo (é já notorio n'esta cidade) por parte do emprezario francez, se lhe conceda a Igreja de Santa Justa para della fazer um theatro. Eis-aqui já um resultado practico da moderna eschola, o conceber e ousar declarar simelhante idéa! N'este cantinho, que de toda a Europa é o christianissimo, n'esta conjunctura de cousas, de quantas tem havido a melindrosissima; quando já está destruido duas vezes mais do que se devia destruir; quando um enorme vaso de indignação está fervendo ao fogo, de dia e noite soprado, de inteiras provincias nossas; quando a Paz e a Fé são a necessidade, ancia, e o clamor de todas as almas, então se pede uma nova profanação! em logar bem alto e publico, na capital, em materia e com circumstancias bem distinctas e apparatosas! Converter a casa de Deus, a casa da oração em theatro, e em theatro de hoje! representar as prostituições, as nocturnas e sanguinolentas orgias de Margarida de Borgonha onde hontem se ia orar e chorar perante os altares, na presença do Deus vivo; aturdir com os risos descarados da taberneira da Praça da Alegria, do Cabrito Montez, e das Luvas Amarellas as abobadas edificadas para repercutir a moral mais severa; subbstituir em fim toda a loucura humana a toda a sabedoria divina, e plantar a eschola da devassidão e da alegria insensata..... em que logar? bem por cima das sepulturas dos pais dos espectadores, *minxerit in patrios cineres!* Não é ja isto bradar ao carnaval licencioso do fundo do theatro: *Memento quia pulvis es*, sinão vomitar os vinhos do carnaval sobre as cinzas, o Evangelho, e a ara. E perguntar-se-ha ainda si Mr. Doux conhece Portugal e Portuguezes? si Mr. Doux tem as faculdades necessarias para reger o gimnasio dos costumes de um povo?

Outro dia nos veremos, Snrs. redactores. Muitos pontos ha no que em alguns de vossos jornaes se tem impresso, que por inexactos, confusos, ou acintemente enredados, estão requerendo resposta. A tudo a darei uma vez quanta baste para convencer. Para os que presistirem em erros refutados, não terei outra vez palavras. — Vosso venerador e patricio, *Antonio Feliciano de Castilho.*

Lisboa, 29 de junho de 1838.

HISTORIA.

FREDERICO II E A SUA ÉPOCHA.

Um phenomeno politico summamente notavel assignalou a entrada do seculo 18, a elevação das potencias do Norte e o abatimento das do Meio dia. A Hespanha completava o seu suicidio: a Italia dormia e a França se entregou descuidada aos festins da sua litterata e derrocada monarchia. No entanto os reis do Norte afiavam as espadas, e, valendo-se dos recursos que lhes ministrava a civilisação nascida no Sul, proseguiam no caminho de dupla conquista já traçado por Pedro Alexiowitz e Carlos XII: a Inglaterra, de certo mais septentrional do que meridional, dava então o desmedido desenvolvimento ao seu commercio que depois lhe custou tantos sacrificios. Entre os representantes heroicos ou brilhantes d'este poder do Norte, nem um merece mais a attenção do que Frederico II rei da Prussia, tão justamente chamado o Grande, porque era o unico dos monarchas contem-

poraneos dotados de verdadeiro talento politico e militar: zombou da mór parte dos politicos do tempo com tanta facilidade como de Voltaire e de Maupertuis.

Para se fazer ideia da sagacidade que tinha Frederico da Prussia para approveitar as occasiões no jogo do xadrez que tem o nome de politica, é necessario estar ao facto das relações mutuas, hoje alteradas ou transtornadas, das potencias Europeas, por aquelle tempo. A historia ou a biographia dever-se-hia occupar em descrever e analysar um seculo antes de contar as acções do homem que representou um papel notavel na politica: uma biographia suspensa no vacuo, como a mór parte das que se escrevem, é o mesmo que uma fracção sem denominador.

Lancemos pois uma vista d'olhos sobre o norte da Europa em o seculo 18 e começaremos pela brilhante Suecia, mãe de Carlos XII, e a Russia filha de Pedro Grande. Desde a paz de Neustadt curava a Suecia em socego de restaurar as forças esgotadas pelas heroicas estravagancias de Carlos XII, emquanto a Russia tratava de augmentar diariamente o seu poder e riquezas, mantendo sempre a superioridade em o Norte que lhe havia adquirido o Czar Pedro, tratava com os Polacos em tom de senhora, ameaçava a Dinamarca e appresentava-se como arbitro superior á Suecia; e, finalmente, apezar de expressa disposição do tratado de Neustadt, tomava parte nos debates e resoluções dos Estados Suecos intervindo nos conselhos a bem de interesse proprio.

Conviera o rei da Suecia em que a escolha do seu successor só tivesse logar depois da sua morte como desejava a Russia; porêm a mór parte dos grandes do Reino, assustados com o proximo exemplo da Polonia a quem a Russia tinha imposto um rei, queriam que a eleição do novo principe tivesse logar mesmo durante a vida do monarcha.

Anna, imperatriz da Russia, ainda em pouco avançada idade, já attacada de enfermidades da idade avançada, dava visos de continuar por pouco o seu reinado e as facções elevavam o collo ameaçando aquelle vasto imperio com uma guerra civil. O cardeal Fleury que não perdoava aos Russos os soccorros por elles enviados a Carlos VI em 1735, julgou o momento opportuno para a vingança; o embaixador e o dinheiro da França foram empregados em excitar os estados da Suecia a approveitar-se das circumstancias: angariaram-se os conselheiros do rei: foram persuadidos ou sedusidos os membros mais acreditados da

assembléa; parecendo que a maioria da nação approvava a guerra contra a Russia, a côrte ordenou ao seu ministro junto á Porta Ottomana, que agenciasse uma alliança defensiva entre os dois Estados.

Este tratado, ameaçador para a Moscovia, só foi concluido e assignado em 22 de dezembro de 1739; mas a côrte de S. Petersburgo d'elle havia tido denuncia desde o mez de junho, e um acontecimento notavel, complicação de assassinato, engano e diplomacia, veio esclarecer este negocio. Os encarregados de negocios suecos mandavam de Constantinopla para Stockolmo um major de nome Saint-Clair com toda a correspondencia: este official, sendo preso em Breslau pelo governador austriaco, foi depois perseguido, apanhado e degolado por quatro homens vestidos de dragões moscovitas. As côrtes de Vienna e Petersburgo affirmaram não ter tido parte alguma n'este assassinato; ninguem as creu, mas, para diminuir a impressão causada pelo assassinato do major e roubo dos seus papeis, fez-se correr que havia um tratado entre a nobresa da Suecia e o Grão Turco. Os artigos eram redigidos pela maneira mais propria para indispôr contra os negociadores a todos os christãos fieis ao radicado odio contra os Agarenos: por outra parte, o rei da Suecia, não querendo embrenhar-se em explicações difficeis sobre o contheudo nos despachos do major, contentou-se com a satisfação das duas côrtes relativamente ao assassinato. De tudo isto se seguiu que a alliança entre a Suecia e a Turquia ficou provada, ella de facto existia, e redigida em nove artigos. A affectação com que se insistia em cada um d'estes artigos na paz dos dois estados com a Russia, a quem se não pretendia lezar com tal alliança, era bastante para provar que contra a Russia se formava a união dos contratantes. A côrte da Russia, certa d'isto mesmo, oppoz um tratado com a Inglaterra á alliança da Suecia com a Turquia.

Depois da morte da imperatriz Anna, os estados da Suecia manifestaram a sua opinião: o duque de Curlandia e os condes de Munich e de Ostermann arredaram do trono sueco a princesa Isabel e chamaram o duque de Brunswick, e n'este conflicto sobrevindo guerra com a Russia, os Suecos experimentaram logo ao primeiro encontro, a superioridade que Pedro Grande havia dado ás suas tropas.

A França, apezar da politica pacifica do cardeal de Fleury levava por toda a parte a intriga que desenvolvia grande activi-

dade em Stockolmo, Petersburgo e Constantinopla; mas havia onde fôsse necessaria ainda maior, e era na questão da Hespanha com a Inglaterra que mais immediatamente interessava a França. Filippe v depois da tomada de Porto-Rico via-se em posição muito critica e o gabinete de Versalhes via-se na obrigação de lhe valer, porêm procurava dilatar os soccorros necessarios, descontente da Hespanha por varias occurrencias em Roma, Napoles e Constantinopla, mas finalmente Luiz xv prometteu soccorros para o seguinte anno, desculpando-se da demora com as circumstancias actuaes da França. Então o rei Filippe desanimado declarou que, a faltarem-lhe os soccorros, abdicaria, compellindo assim o gabinete de Versalhes a preparar uma armada de soccorro. O embaixador inglez pediu explicações d'este procedimento, e o cardeal de Fleury respondeu que a intenção da França não era declarar guerra á Inglaterra mas resolvel-a a concluir paz com a Hespanha.

Tal era a situação a um tempo fraca, complicada e falsa dos gabinetes da Europa, situação que manifestava a decadencia do Meio-dia e a ardente e surda ambição do Norte: a humilhação da Hespanha, a politica equivoca da França e a nullidade de Roma contrastavam sensivelmente com a attitude ameaçadora da Russia, o orgulho de Walpole, as diligencias da Suecia e os bellicosos desejos da Allemanha. Foi então que subiu a um dos menores tronos da Allemanha, trono havia pouco estabelecido, porem sustentado por um exercito bem disciplinado, um mancebo sagaz formado pelos contratempos; Frederico II subiu ao trono da Prussia, vago pela morte de seu pae Frederico Guilherme. Educação severa, instrucção dilatada, mocidade laboriosa, experiencia da desgraça, taes eram os elementos que formaram n'este principe o atrevimento, a firmesa nas empresas. Com estas qualidades, dotado de charater de ferro, epicurismo, simplicidade, leviandade, profundidade, atticismo, urbanidade, cynismo, amor da gloria, despreso dos homens, resoluções heroicas, lances de virtude e de tyrannia, eis o cháos singular appresentado n'este homem, difficil de julgar e que foi tão grande como as vezes extravagante.

Foi profunda a impressão que lhe causou a morte de seu pae, e escrevendo então a Voltaire, expressou a magoa que sentia por esta morte, que intitula *destruição*, e terminou disendo que agora que recebe a investidura das grandezas é que mais conhece a vaidade d'ellas. Ve-se bem que o amigo de Voltaire não cria na

vida eterna, e sendo materialista, ainda mais he para admirar a grandesa d'alma que o characterisava: intentou ser poderoso, agitar a Europa e dilatar a Prussia, e o conseguiu: «Desde a morte de meu pai (escrevia elle a Voltaire) sou do meu paiz, e devo trabalhar com todas as minhas forças para adoptar com a maior brevidade possivel todas as medidas necessarias para o bem geral.»

Frederico Guilherme lhe havia legado previdente thesouro enriquecido, um exercito de 76.000 homens; e o novo rei ardia por empregar taes meios, e o fez tão bem que o exito excedêu á sua primeira expectativa.

O imperador Carlos 6.º morreu em 20 de Outubro de 1740, quando entabolava negociações com as cortes de Londres e de Petersburgo, e quando a Europa ia começar uma grande lutta. Esta morte inesperada suspendeu os projectos por suas laboriosas intrigas, e a Austria se consternou. Um embaixador inglez disia que, em Vienna, havia medo de todos, Turquia, Saxonia, Baviera e França; e o Grão-Duque disse ao embaixador prussiano que só contava com o rei de Prussia, e com o de Inglaterra.

Bem falsa era a confiança que depositava o Grão-Duque em o novo rei de Prussia: este pequeno reino, que até então só havia representado um papel muito secundario nos negocios europeus, ia tomar uma nova posição. A Prussia havia sido mesmo despresada, e quando se tractou a Pragmatica sancção, apenas exigiram de Frederico 1.º uma simples accessão condicional, porque julgava a corte de Vienna poder, a todo o tempo, facilmente romover os embaraços que a Prussia lhe suscitasse: a experiencia provou que se havia enganado.

Um mancebo ambicioso, o rei de Prussia, approveita esta occurrencia para agitar, faz lembrar antigos direitos sobre Friesland, Mecklemburgo e Juliers; e, revogando a aceitação condicional da Pragmatica appresenta antigas pretenções sobre alguns principados da Silesia. A ambição do principe philosopho se mostrou sem rebuço; e a occasião era bem escolhida: as côrtes avidas e incertas, as nações cançadas, e privadas de grandes generaes, deram logar as exigencias de Frederico e puzeram em suspensão a quasi todos os gabinetes. Só a Austria ajudada por uma declaração da Inglaterra afrontou o perigo, mas 40 dias depois da morte de Carlos VI um exercito prussiano occupava na Silesia o terreno contestado.

No entanto o cardeal de Fleury continuava a intrigar, e ao passo que se dirigia a Maria Theresa, filha de Carlos VI, assegurando em termos vagos a manutenção da pragmatica, tratava com as côrtes da Allemanha nova partilha da successão austriaca. Este proceder paralisou a acção das côrtes da Allemanha que careciam do apoio da França, e algumas contentaram-se com publicar Memorias de juristas acerca dos negocios politicos que a ninguem convenceram: a Saxonia reconheceu Maria Theresa como rainha da Bohemia e imperatriz da Allemanha e assignou em maio de 1741 uma convenção para a mantença da pragmatica. Os principes das antigas casas se reuniram em Offeubach, formando um congresso que nada deu de si, e a incertesa e vacilação da politica do cardeal de Fleury levou a cousa a pontos de se concluir uma alliança das côrtes de Versalhes e Madrid com as de Munich e Napoles, alliança contraditoria com a manutenção da pragmatica.

Frederico não participava da vacilação dos outros estados e sustentava com sagacidade politica o arrojo das empresas militares, e, para justificar a sua ambição declarava, que havia tomado posse da Silesia para bem do paiz e evitar as invasões da lutta dos co-herdeiros, querendo assim que todos lhe ficassem obrigados. È verdade que Maria Theresa protestou contra o favor que inculcava fazer-lhe o principe ambicioso, mas tendo ganhado tempo, havia prehenchido o fim a que se tinha proposto com o manifesto, e mudando de linguagem offereceu proposições de pacifico arranjo, que foram despresadas pelo gabinete Austriaco. As offertas de Frederico eram garantir a pragmatica na parte tocante aos estados da Allemanha, ligar-se com a rainha e seus alliados; e em troca da Silesia dava dois milhões de florins e confiava á Austria 10.000 homens de tropas para levar a guerra á Italia ou aos Paizes Baixos.

Proposições tão favoraveis ao interesse da Austria e a ambição do joven guerreiro foram repellidas pelo gabinete de Vienna, e depois de muitas delongas declarou que não entraria em composição alguma emquanto um só soldado pizasse o territorio do imperio. Apezar de ter o eleitor de Baviera tomado o titulo de imperador e de contestar os titulos de Maria Theresa, Frederico II com muita habilidade, diminuiu ainda as suas exigencias e se contentava com a Silesia inferior: depois ligando-se a Russia, apezar dos exforços da Austria, e assim mais firme, mostrou-se ainda mais moderado e pediu os principados recla-

mados conservando a vassalagem austriaca ; mas a Austria julgou ver n'isto fraqueza ou temor , e apezar da mediação offerecida pela Inglaterra regeitou todas as condições.

A côrte de Vienna confiava em bem fracos recursos, e, entre outros , nas tropas hungaras que esperava , no nascimento de um filho posthumo do imperador, e regeitava tambem toda a accommodação com Carlos Alberto de Baviera.

Mas Frederico ambicioso, com o thesouro recheado e com um excellente exercito, era o maior embaraço da Austria, e continuou n'uma apparente neutralidade na questão da successão , que cada dia se tornava mais complicada : a França auxiliou o eleitor de Baviera: o rei de Napoles unido aos Hespanhoes pretende para seus irmãos os estados da Italia , e o eleitor de Saxonia se appresenta como candidato á partilha da Allemanha.

No entanto o cardeal, fiel a sua antecedente politica, protestava apoio a um e outro partido, e os alliados do eleitor de Baviera appressaram a eleição do imperador, antes que o gabinete de Vienna accordasse em tratar com Frederico para assim obter a votação dos estados , necessaria para a eleição que se fez sem outro voto contra, alêm do da rainha por parte da Bohemia. Apezar d'isto a côrte de Vienna continuou inexoravel , e Frederico impaciente dá e ganha a batalha de Molwitz que o faz senhor de quasi toda a Silesia.

Eis a Prussia occupando um novo logar , ou antes conquistando-o na Europa , e o outr'ora pequeno reino encravado por estados poderosos , ameaça mudar a face da Allemanha eclipsando os pretendentes ao imperio da Austria. No entretanto Maria Theresa via demorar-se o resultado das negociações diplomaticas com a França e Baviera , e não sabia a que attribuir a posição duvidosa dos Francezes ; mas ella era devida a um tratado que Frederico II havia feito com a França , tratado que espantou e consternou a Allemanha , e que sendo celebrado a 4 de junho só em o fim do mez seguinte foi conhecido em Londres e Vienna. Frederico tinha cedido n'esta alliança ao interesse politico e ao seu gosto, porque de Francezes havia recebido os principios philosophicos então em voga , e a litteratura franceza occupava algumas das suas horas vagas. Os archivos diplomaticos de Londres conservaram algumas conversações curiosas dos enviados britanicos com o rei Frederico.

Uma vez (disia o rei de Prussia a lord Hyndford) que a Austria tem resolvido apertar-me, aceito a luva, e si não hou-

ver outro meio de chamar á rasão a côrte de Vienna, não ponho duvida em expellil-a dos seus estados. — Acceitarieis por indemnisação o Brabante e a Flandres. — Até lá vou conservando a Silesia inferior.

Então a côrte de Vienna se resolveu a entrar em negociações com Frederico e M. Robinson embaixador inglez teve ordem para offerecer a Frederico, a Gueldra austriaca, e a até sendo preciso, o Limburgo e dous milhões.

Tomaes-me por um mendigo (lhe tornou o rei) : evacuar a Silesia por dinheiro, quando tenho despendido para conquistal-a tanto sangue e thesouros ! Si não tendes outra proposta que faser-me e mais rasoavel, então perdeis o tempo. Então não ha mais nada ? — A Gueldra austriaca vos é offerecida. — Mas o que é a Gueldra? quasi nada, ruinas, um máu ninho que me offereceis em paga da Silesia a que tenho justo direito. — E o ducado de Limburgo seria uma concessão sufficiente ? Vossa Magestade não ignora que o eleitor palatino o queria, dando em troca todo o ducado de Berg. — Sei o contrario, e que o eleitor nunca pensou nisso: e demais não sei como a Austria ouse violar a condição que lhe prohibe alienar uma só polegada dos Paizes Baixos. — Devo observar a V. Magestade que esta prohibição só liga a França. — Hoje assim o entendeis, mas não tenho necessidade de me estender para esse lado, e gastar mais dinheiro em construir fortificações; as que tenho me bastam, e escuso de offender os Francezes e Hollandezes de quem não tenho queixa. E alem disto quaes são as garantias que me dão ? — A côrte de Vienna as dará a V. M. — Bem, a côrte de Vienna só, que depois me fará as contas; e a respeito da Inglaterra e França, o que farão ? Por que é que o vosso governo ainda não veio soccorrer a rainha ? — Si os negocios continuarem assim, é natural que os verdadeiros amigos da patria e da liberdade da Europa soccorram a Austria. — Quaes são elles ? — Senhor, primeiramente a Russia que, ameaçada pelos Turcos, não pode existir com segurança ferindo-se a integridade do imperio austriaco. — Bem, bem ! quanto aos Russos, cá nos arranjaremos. — Porem, Senhor, não é só a Russia que tem promessas que cumprir, e por muito penoso que seja para outra potencia entrar na luta.... — Nada de ameaçar, interrompeu Frederico. — Senhor, não digo o que farão as outras, mas o que me parece dever acontecer necessariamente. Fique V. M. certo que não tive intenção alguma de fazer ameaças, e que es-

cuto sómente o meu zêlo pelo bem publico. — E elle vos agradecerá por terdes cuidado no seu bem. Mas ouvi-me : quanto á Russia, vós sabeis como as cousas estão : não temo do rei de Polonia : o rei de Inglaterra é meu parente, si elle me não attacar, não o attacarei, e si o fizer, o principe de Anhalt se encarregará d'elle. Finalmente eis as minhas ultimas proposições ; toda a Silesia inferior e Breslau, tal é a minha definitiva resposta que podeis levar a Vienna.

Muita difficuldade acharam os plenipotenciarios em resolver Maria Thereza a tratar com Frederico, e só a 8 de setembro receberam ordem para offerecer ao rei de Prussia a Silesia inferior e Breslau ; porém era já tarde, o que o rei aceitaria 4 mezes antes, não lhe fez então conta, e a 18 de setembro (1741) assim se exprime em carta dirigida a Lord Hyndford :

« Recebi o novo plano de alliança que vos remetteu o incansavel Robinson, e o acho tão chimerico como o primeiro. Podeis responder á côrte de Vienna que o eleitor de Baviera será o imperador, e que me acho solemnemente obrigado para com elle e Sua Magestade Christianissima, de uma maneira indissoluvel e inviolavel : é-me pois impossivel deixar tão fieis alliados, para entrar em relações com uma côrte que me tem tido sempre odio implacavel. É necessario que cada qual se submetta ao seu destino. Está essa gente louca para crêr que eu volte as armas contra os meus amigos, e a seu favor ? Attentae em quanto é visivel o laço que me querem armar ; e rogo-vos que me não canceis com taes proposições, e ficae certo que sendo homem de bem, sou portanto incapaz de faltar aos meus empenhos. »

Este fraseado era excellente, mas tal não era o pensamento de Frederico. Como bom negociante desdenhava para fazer melhor mercado ; e Lord Hyndford que bem o entendia, lhe pediu nova conferencia em que o Rei se exprimiu assim :

« O proceder da Inglaterra a respeito de Osnabruck, Munster e Hildesheim irritou o eleitor de Colonia e moveu a França a occupar o Hanover. A Saxonia se ajuntou, e da sua parte quer a Moravia e alta Silesia. Eu vos prometto contribuir quanto possa para os dissuadir ; porém, aqui para nós, é necessario que o rei de Inglaterra me deixe arranjar a meu geito, cedendo-me os seus feudos do Mecklemburgo, e que me faça garantir a Silesia pelo gabinete de S. Pertersburgo. »

Por isto se vê que Frederico conservava sempre posição superior ; e estas negociações foram seguidas de uma conferencia se-

creta a 8 de oitubro em Oberschnellendorf entre o rei, o marechal austriaco Neipperg, o general Lentulus, o coronel Goltz e lord Hyndford. Frederico ahi se comportou com polidez e afabilidade, e mostrou bons desejos: protestou as suas bôas intenções para com a rainha e o grão-duque, cuja obstinação, dizia elle, tinha envenenado a negociação; prometteu finalmente oppor-se aos designios da Saxonia sobre a Moravia e a Si esia superior, e impedir que os Bavaros tomassem quarteis de inverno na Silesia. Depois de ter fallado por mais de duas horas, recommendando a maior descripção, ajuntou: « Que estava disposto a fazer ainda mais do que havia dito a favor da rainha, mas sob condicção do mais restricto segredo ácerca dos objectos tratados nesta reunião.

Em o dia seguinte foi concluido um armisticio por todo o inverno; mas, para enganar os alliados, se convencionou que houvessem algumas escaramuças para conservar um simulacro de guerra. Assim Frederico tinha tempo de reforçar o exercito, evitar dar grande preponderancia á França com a humilhação da Austria, e tinha tempo de espreitar o procedimento destes dois governos: si acaso o segredo pedido fosse divulgado, romperia com a Austria, e ficaria como d'antes, tendo ganhado tempo.

Eis o que aconteceu, porque os gabinetes visinhos souberam da convenção 12 dias depois: a Saxonia e a Baviera apossaram-se de Praga, e Frederico em dezembro rompeu a convenção, conforme o estipulado, e debalde a côrte de Vienna declarou que não era de sua parte que tinha havido a revelação.

Lord Hyndford, apesar de magoado pela que elle intitulava manobra do rei da Prussia, tentou novos arranjos, e pediu e obteve nova entrevista.

« Tenho bastante pena (lhe disse Frederico) que a côrte de Vienna assim me impossibilite de lhe provar as minhas bôas intenções. Si o segredo tivesse sido guardado, como tanto lhe recommendei e como lhe convinha, ter-lhe-hia assegurado a Moravia e as duas Austrias; mas certamente não me conviria conservar-lhe a Bohemia e a Silesia superior, porque mais tarde ou mais cêdo seria para mim visinho incommodo. Parece que com a divulgação do segredo se teve em vista uma de duas, tornar-me suspeito aos meus alliados; ou paralisar alguns eleitores; eis o que eu e a França não podemos consentir. Vêdes que vos fallo com franquesa. E demais outra cousa; si a Austria em vez de deixar tomar Praga sem resistencia, tivesse ganhado uma

batalha, não sei o que eu faria; mas agora tenho 130.000 homens para oppor aos seus 70.000, e é necessario que se subjeite ás condições que for possivel conceder-lhe: porque depois da mudança effectuada na côrte de Moscow pelas intrigas do governo francez, é o unico partido que lhe resta. »

— Mas, Senhor, si a côrte publicasse a convenção de 9 de outubro, não prejudicaria este acto a V. M.? »

— Como quizer, mas uns zombarão de sua fraqueza, e outros não acreditarão. »

Esta resolução e superioridade desesperaram Maria Thereza, e só com a victoria decisiva de Czaslau (17 de maio de 1742) ganha por Frederico, é que a rainha se resolveu a entrar em novos ajustes.

A Inglaterra interessada então na suspensão desta luta empregou para isso todos os exforços, e lord Hyndford obteve a assignatura dos preliminares do tratado em Breslau a 11 de junho, a 21 foram publicados á frente do exercito prussiano, e a 28 concluiu-se o tratado definitivo em Berlin. Por este tratado Frederico ficou com a Silesia e o condado de Glatz; obrigou-se a guardar restricta neutralidade na questão entre a rainha e o eleitor de Baviera, a pagar as dividas hypothecadas sobre a Silesia; e o eleitor de Saxonia, que entrava no tratado, devia dentro em 16 dias retirar as suas tropas do serviço dos alliados. O rei de Inglaterra, como mediador e garante, se encarregava de obter a confirmação da cessão de territorio pelo imperio e pela Russia.

Assim terminou triumphante o joven principe uma tão complicada luta de interesses, zombando da Austria e da França, e da diplomacia ingleza. Adquirindo a Silesia, augmentou a grandesa e recursos do seu reino, e recusando uma parte dos Paizes-Baixos que lhe offerecêram, conheceu o engano e compromettimento em que o queriam metter.

A paz de Breslau admirou a todos, e o cardeal Fleury esclamou: *O rei de Prussia andou mais depressa do que eu;* e morreu pouco tempo depois deixando a França enfraquecida, o Norte ameaçador, e Frederico a ponto de se apoderar dos destinos da Europa.

Maria Thereza julgou-se salva e não sustentou a fortuna obtida com tanta heroicidade, e chegou a pensar que poderia apossar-se de territorio de França exigindo a Lorrêna: as suas negociações com esta potencia foram mal conduzidas; e no en-

tretanto o seu rival Carlos 7.° (o eleitor de Baviera) destituido de alliados poderosos humilhava-se ante o gabinete de Vienna, que, julgando-se forte, o despresava.

Suppunha-se que a paz viria, mas Frederico não se deixou illudir pelas apparencias, e bem assim o gabinete de Londres que se preparou para a guerra. O gabinete de Versalhes, exigindo um tratado particular de alliança com a Hespanha e as Duas Sicilias, e recordando insultos soffridos pelo pavilhão francez, armou uma esquadra, e declarou a guerra á Inglaterra (14 de março de 1744), e no fim do mez seguinte á rainha de Hungria.

Frederico, em observação desde a paz de Berlin, acompanhava os movimentos do gabinete de Vienna, persuadido de que este intentaria recobrar a Silesia, si tivesse occasião opportuna. A côrte de Vienna preparou-se tambem para a guerra, pondo guarnição austriaca em algumas praças da Confederação do lado da Baviera; mas considerando-se este acto como attentatorio em si, e na maneira porque foi posto em pratica, á independencia da Confederação Germanica, o eleitor palatino se queixou, e Frederico approveitou a occasião.

Chavigny foi mandado pela França, como homem proprio para arranjar os negocios da França, e embrulhar os de Maria Thereza, e os ministros de Frederico combinaram com elle; em consequencia foi concluido, em Francfort-sobre o Meno, um tratado de alliança entre o rei de Prussia, o imperador Carlos 7.°, o eleitor palatino, e o rei de Suecia, como landgrave de Hesse.

A côrte de Vienna teve a noticia deste tratado com a da invasão da Bohemia, e Maria Thereza a reputou como violação do tratado de Breslau. Frederico respondeu a esta arguição, observando que a rainha tinha por seu procedimento anterior attacado as divisões do corpo germanico, e a sua independencia pela occupação violenta de muitas cidades importantes.

Estando os negocios neste estado morreu Carlos 7.°, principe incapaz do papel que representou na grande luta da successão. Frederico, abandonado pela côrte de Versalhes, cuidou em deffender-se, e bem o necessitava, pois que a 28 de janeiro (1745) se concluiu em Varsovia um tratado entre as côrtes de Londres e Vienna, e a Saxonia e a Russia. Trinta mil Saxonios reunidos ao exercito austriaco deviam expellir os Prussianos da Bohemia, e mais 10.000 ficavam á disposição das potencias maritimas e da

rainha: e Frederico advinhou que se teria, por artigos secretos, promettido parte da Silesia ao rei de Saxonia, de que depois teve a certesa. Immediatamente 30,000 Prussianos se apresentam ás portas de Leipzig e a côrte de Dresda se vê quasi tomada quando julgava ferir o coração do seu adversario: a Austria recommendou ao Saxonio que tentasse a sorte de uma batalha e ella foi dada. O principe Carlos de Lorêna avançaria com o seu exercito até a vista de Dresda; no caso da victoria ser dos Saxonios, estes deveriam proseguir, e o exercito austriaco deveria então entrar em Dresda, e obrigar o rei de Saxonia a conservar-se no seu partido; no caso em que se perdesse a batalha, deveria o principe Carlos oppôr ás tropas cançadas de Frederico o seu exercito folgado.

Inuteis foram porém todos estes aérios planos; porque foi tão completo o triumpho de Frederico, que o principe se retirou para não ser vencido; e o rei de Saxonia sabendo dos planos insidiosos da côrte de Vienna, deu-se por feliz com a derrota de suas tropas, preferivel ao captiveiro que lhe destinava em paga do triumpho.

A paz assignou-se em Dresda a 25 de dezembro (1745) com um tratado pouco differente do de Breslau: Frederico conveio na eleição do novo imperador; e a rainha cedia á Saxonia os tres circulos da Bohemia visinhos á Misnia, assim como a porção dos territorios da Silesia que se achavam encravados na Lusacia.

Continuava, todavia, a guerra entre a França e a Austria, e Maria Thereza que temia ser abandonada pela Inglaterra, desejava fazer a paz com a França. Os negocios se complicavam por toda a parte, e si por um lado a França não queria consentir na eleição do grão-duque marido de Maria Thereza, por outro, o filho menor de Carlos 7.° não lhe podia succeder, e o rei de Polonia recusava o titulo; e os pequenos confederados de Francfort buscavam fazer a paz com a Austria. A rainha estava exhausta de gente e dinheiro, a sublevação de Genova appresentava novos embaraços ao rei de Sardenha e ás potencias maritimas: trinta mil Russos marchavam sobre o Rheno; e finalmente appareceu a revolução da Irlanda, e cada um não teve outro remedio sinão concordar na paz.

Então se fez o primeiro congresso em Aquisgran (Aix-la-Chapelle), e a 30 de abril de 1748 concordaram os representantes da França, Inglaterra e Hollanda, em 24 artigos funda-

mentaes de paz. Por estes artigos e pelos tratados subsequentes feitos pouco depois em Utrecht, Vienna, etc. Todas as conquistas foram restituidas, á excepção da Silesia. O rei de Modena foi restabelecido nos seus estados; Francisco 1.° (o grão-duque) foi reconhecido imperador; foi confirmada a pragmatica, e garantidos os tratados de Breslau e de Dresda, além de outras disposições assentadas no tratado definitivo de 18 de oitubro do mesmo anno. A Europa depois de tão renhida luta por interesses tão oppostos, não vira ainda terminar-se tão grande questão com tanta paz.

No meio destas disposições pacificas, Frederico não se mostrou interessado, e depois do tratado ser assignado e promulgado, queixou-se altamente de que os seus direitos não tinham ficado bem definidos, e de que alguns gabinetes da Europa se empenhassem tanto em desacredital-o, apresentando-o como um homem perigoso, e pretendendo isolal-o assim no meio de seus visinhos.

A ambição do rei de Prussia, claramente manifestada por estas queixas, poz alerta as côrtes de Vienna, Dresda e St. Petersburgo; e o character satyrico do rei e sua indisposição para mulheres, o levaram a dizer algumas coisas que a prudencia não lhe aconselhava, e o compromettiam com a imperatriz Izabel da Russia; e o resultado destes e outros actos foi um tratado secreto feito em St. Petersburgo entre a Austria, a Russia e o rei de Polonia eleitor de Saxonia, em que se estipulava que ao menor movimento hostil de Frederico, os tres contractantes invadiriam a Prussia, que seria irremissivelmente repartida pelos mesmos tres contractantes.

Frederico só teve conhecimento deste tratado secreto em 1753, e tratou de se inteirar de todas as manobras e intrigas das tres côrtes, para se premunir contra a tempestade que o ameaçava. Escreveu então as famosas *cartas ao publico*, e subornando um secretario de Dresda, obteve copias authenticas de todos os papeis, tirados das gavetas do ministro de Dresda com chaves falsas remettidas por Frederico aos seus agentes. Vendo-se assim o rei em frente de tão poderosa alliança, tratou de procurar tãobem poderoso alliado, e duvidoso entre a França, que lhe poderia fornecer tropas, e a Inglaterra dinheiro, decidiu-se por esta.

A situação da Europa se complicava, a França entrou em ajustes com a Austria, e debalde o rei de Prussia tentou por

intermedio da Inglaterra, então alliada da Russia, de dissuadir a imperatriz Izabel de entrar na liga contra elle; não foi possivel, e Frederico vendo o mal eminente e inevitavel, resolveu valente e judicioso de abrir a campanha.

Em agosto de 1756 entrou á frente de 64,000 homens na Saxonia: deu a batalha de Lowositz ao general austriaco Daun, e ganhou-a, e depois de ter feito depôr as armas a 17,000 Saxonios no campo intrincheirado de Pirna, estabeleceu o seu quartel-general em Dresda, dominando todos os estados hereditarios do rei Augusto de Polonia, á excepção da fortaleza de Koenigtein que foi declarada neutra. Feito isto, tratou Frederico de recolher as tropas que havia enviado á Bohemia, e tomou quarteis de inverno na Silesia e Saxonia, depois de ter estabelecido um cordão em toda a sua fronteira. Assim se mostrava pela segunda vez o novo Cesar, e levantou-se um clamor geral pela invasão feita em terras de seus visinhos sem previa declaração de guerra; mas Frederico respondeu a isto publicando os tramas anteriores de seus inimigos: os alliados se firmaram mais do que nunca no intento de anniquilar o rei e a monarchia prussiana; e alguns pequenos estados da confederação germanica, assustados das forças de Frederico levantaram tropas para auxiliar a alliança.

O rei de Prussia attacado por todos os lados e mal ajudado pela Inglaterra, não se perturbou. Dois dias antes da batalha de Praga, em um jantar que deu ao embaixador inglez, mostrou-se muito alegre, dizendo: « Em um ou dois dias vae haver o combate de Farsalia, e a batalha entre a casa d'Austria e a de Brandeburgo. » Com effeito a 6 de maio de 1756, o exercito austriaco foi derrotado, e retirou-se a fortificar-se na cidade, em que foi bloqueado por um mez o general principe Carlos.

Mas a fortuna não dura sempre, e quiz dar uma lição a Frederico. O general Daun com exercito tres vezes mais numeroso do que o prussiano, deu a batalha de Kolin, que, ao principio favoravel ás tropas do rei, finalmente as pôz em completa derrota, obrigando-as a levantar o cerco de Praga, e fazendo-lhes perder muita gente e petrechos; ficando assim reduzidos a 80 mil; quando os alliados tinham perto de 400,000. Os Russos devastavam a Prussia; a imperatriz rainha occupou Berlin por 24 horas; o exercito francez invadia o paiz de Magdeburgo; os Suecos já senhores da Pomerania, aproximavam-se a Leipzig; Frederico parecia estar perdido.

É notavel a presença de espirito com que o rei de Prussia via este immenso apparato, e só uma coisa lhe dava grande cuidado e era o procedimento da Inglaterra para com elle. « Julguei (disse ao embaixador desta potencia) que a Inglaterra empregaria todos os meios para salvar as liberdades da Europa e a si mesma : que fosse a ultima que desanimasse com as vicissitudes da guerra ; e que depois dos grandes e nobres exforços do duque de Malborough para manter o equilibrio dos poderes e humilhar a ambição da França, não abandonasse tão vergonhosamente uma empresa encetada com tanta gloria. . . . A minha infelicidade foi ligar-me com a Inglaterra em o dia da sua decadencia ; com tudo examinando o seu proceder nas guerras da Hespanha e de França, convenço-me de que não a falta de forças mas a de bôa vontade devo attribuir esse inexplicavel proceder. »

O embaixador inglez Mitchell, convencido da razão das queixas do rei, escreveu para Londres pedindo a sua retirada, e accrescentava que bem grande era o rei de Prussia na prosperidade, porém ainda mais admiravel na desgraça ; e que temia da sua parte alguma resolução desesperada. Eis a resposta de lord Barrington :

« Os exforços da Inglaterra, que vós negaes, são immensos, sustentamos um exercito de 40 a 50,000 homens, e estamos resolvidos a dar ao rei de Prussia um subsidio de 4 milhões de corôas : a comprar, si for possivel, a alliança da Dinamarca ; e si o dinheiro for capaz de aquietar os Russos, ou de sublevar a Porta-Ottomana, podeis contar que não será poupado. »

« Si eu não quiz ser governado pelos reis, M. Pitt não deve de certo aspirar a mais » disse Frederico.

Depois de ter mandado o duque Fernando de Brunswick para o ducado de Magdeburgo, Frederico deixou a Lusacia e veio livrar o marechal Keith, que se achava encerrado em Leipzig : passou depois o Saala, acampou junto de Braunsdorf, e ahi recebendo varios reforços chegou a formar um exercito de 20,000 homens, e apesar do exercito inimigo ser de mais de 30,000, resolveu dar-lhe batalha, que foi a celebre de Rosbach. Uma evolução dos Prussianos que os inimigos tomaram por fuga, os desorganisou, e Frederico cahindo sobre elles ganhou uma batalha completa em que só perdeu 500 homens, e os alliados Francezes e Austriacos 10,000.

Isto foi a 5 de novembro de 1757, e o anno não se acabou

sem outra victoria assignalada. Tendo Nadasti tomado Breslau, a rainha de Hungria parecia ter conseguido o seu fim de recobrar a Silesia; mas sobreveio Frederico, e depois de ter expellido da Lusacia alguns corpos de tropa inimiga, e recebido os restos do exercito do duque de Bevern, encontrou o exercito inimigo perto da villa de Leuthen. As tropas imperiaes eram tão bôas como as suas, e só deveu a victoria á superioridade das suas manobras.

Esta batalha decisiva, contemplada como a obra prima da tactica prussiana, obrigou o principe Carlos a retirar-se com os restos do seu exercito para alem do Schweidnitz. O rei de Prussia chegou a Lissa, d'ahi marchou sobre Breslau e batteu a praça com tanto vigor, que o commandante se rendeu com toda a guarnição. Os Austriacos abandonaram a Silesia, e Frederico reconquistou o poder e prestigio que pareciam perdidos desde o dia infeliz de Kolin.

O conde D. Hamilton, general sueco, combinava os seus movimentos com Fermor e Romanzof generaes russos: Frederico á testa de 30,000 homens attacou 50,000 Russos e os derrotou completamente em Zornsdorf.

Mas a fortuna cançada de tão brilhantes victorias lhe deparou o desastre de Hochkirchen para o castigar do despreso em que tinha os seus adversarios. Frederico acampou o seu exercito ao pé do inimigo, que estava postado em excellente posição, persuadido de que Daun se não attreveria a attacal-o. O marechal Keith, quando o viu occupar tão desvantajoso ponto lhe disse: « Si os inimigos nos deixam aqui em descanço, merecem bem ser enforcados. » Ao que replicou Frederico —« Creio que têem mais medo de nós do que da forca. »

Enganou-se, e os Austriacos tiveram o valor de o attacar e a fortuna de o vencer, e Frederico perdeu a batalha e o bravo marechal que tão sabiamente o avisava. O rei teve grande magua com tão consideravel perda, mas verdadeiro heroe não desanimou, apezar da sua fraqueza, respondeu aos jubilos da corte de Vienna fazendo levantar os sitios de muitas praças, e obrigando Daun a recolher-se á Bohemia, deixou o commando do exercito ao principe Henrique e voltou a Breslau, donde fez ainda proposições de paz á Russia que forão repellidas.

Então Frederico destacou Wedel para attacar os Russos onde quer que os encontrasse, porém este com forças muito inferiores foi battido em Zullichau e perdeu mais de 4,000 homens, ser-

vindo este desastre como de preludio ao mais funesto de Kunersdorf. Daun e Soltikof entrincheiraram-se sobre a margem direita do Oder junto a Kunersdorf, e ameaçavam Brandeburgo. Frederico acudiu do centro da Silesia e attacou o exercito combinado: ahi levou por muitas vezes, em pessoa, as suas tropas ao attaque, as balas lhe romperam os vestidos, dous cavallos lhe morreram na batalha, e depois de ver a mór parte dos seus generaes e officiaes estendidos no campo da carnagem, para escapar ao perigo só lhe valeu cavallo alheio.

Outros desastres seguiram esta infeliz batalha e a perda do combate de Minden obrigou Frederico a conservar-se na defensiva. Ao acabar-se este anno, tão desastroso (1759) em Maxen, o general prussiano Finck deixou-se envolver por Daun e Brentano e se rendeu presioneiro com 18,000 homens. Tudo conspirava contra Frederico que estava á borda do precipicio. Comtudo o principe Henrique vencia Laudou, e Frederico pôde conservar Breslau, que o grande exercito russo sob o commando de Soltikof ia cercar; o rei com uma rapidez espantosa sobreveio e salvou Breslau.

Estes successos parciaes seguidos pela assignalada victoria de Legnitz, não podiam restaurar a posição de Frederico, ferido por tão profundos golpes; por que as mesmas victorias mais o enfraqueciam do que ao inimigo as derrotas; e tomando quarteis de inverno em Leipzig soube que a 3 de oitubro (1760) os generaes Tottleben e Lascy se tinham apoderado de Berlim. É verdade que um mez depois ganhou Frederico a batalha de Torgau, e que com ella deu mais animo ás suas tropas; mas os seus recursos iam diminuindo sem cessar, e não pôde obstar ao estabelecimento do campo inimigo em Schweidnitz. No anno seguinte os Russos fizeram excursões devastadoras na Pomerania; e as tropas alliadas pozeram cerco e tomaram Colberg, apesar dos grandes exforços de Frederico e dos seus generaes Eugenio de Wurtemberg, e Platten. Deste modo a Pomerania e a Silesia estavam em poder do inimigo, e a Austria recusava qualquer tratado que não tivesse por primeira condição a restituição da Silesia por Frederico.

Bem conhecia Frederico a desesperada posição em que se achava, e parece mesmo que teve a lembrança de se suicidar; ao menos é verdade que em o 1º de dezembro de 1761, se entreteve em copiar o discurso do imperador Othon depois da batalha de Bedricum, e a 8 do mesmo mez, o discurso de Ca-

tão antes da sua morte. Frederico antes queria morrer, do que ver e consentir em que fosse a Prussia reduzida á mesquinha posição de um eleitorado. Em tão apertada posição, talvez Frederico levasse a effeito tão desesperado intento, pagando tão caro alguns imprudentes epigrammas que foram causa da imperatriz da Russia se empenhar nesta luta tão desastrosa para elle. Mas a fortuna que parecia tel-o abandonado lhe valeu nesta, como em outras occasiões : a imperatriz Izabel falleceu a 5 de janeiro de 1762, e Frederico escreveu immediatamente ao rei de Inglaterra, dizendo — « A extensão e vicissitudes da ultima campanha, me privaram de escrever ha mais tempo a V. M. Agora que a imperatriz da Russia morreu, e que se acha sobre o throno o gram duque, que sempre me mostrou muito affecto, creio que este anno será mais feliz do que os precedentes, e que poderemos obrigar os nossos inimigos a fazer pazes, com condições menos arrogantes da parte delles. Quanto á guerra de Hespanha, contemplo-a como excellente para a Inglaterra; porque a superioridade das suas esquadras deve triumphar dos Hespanhóes, como já o fez dos Francezes. »

« E com effeito, que gloria não será para V. M. ter feito a sua nação senhora dos mares, e para todos nós a manutenção dos direitos legitimos contra a Europa colligada? Haja alguma energia e perseverança, e a luta terminará a favor da Inglaterra. Animo até o fim ; e apesar dos innumeraveis embaraços que diviso, a esperança de os vencer me enche de novo ardor. Ninguem toma mais interesse do que eu, pela gloria e prosperidade de V. M., e lhe rogo se convença da alta estima etc. »

Frederico não se enganava, porque apenas expirou a imperatriz, Pedro III. se apressou em dar provas do seu affecto ao rei de Prussia, libertando os prisioneiros prussianos, e entrando em arranjos com o rei separou-se da alliança da Austria e da França; e fez ainda mais, porque empregou os 24,000 homens que tinha na Allemanha, como auxiliares de Frederico. A Suecia, por influencia dos partidos russo e inglez, suspendeu as armas, e Frederico se viu desafrontado e podendo continuar a campanha com felizes auspicios. E ainda que a alliança da Russia foi de pouca dura pela breve deposição de Pedro III (9 de julho de 1762), a nova imperatriz, Catharina II, não augmentou o numero dos seus inimigos, porque mandando retirar os auxiliares russos, conservou-se neutra.

O principe Henrique, denominado o *Fabio Maximo* d'aquel-

la guerra, ganhou a brilhante victoria de Freyberg, e alguns dias depois desta batalha começaram as conferencias de paz, que se terminaram rapidamente, e a 5 de fevereiro de 1763 foi concluido o tratado entre a Prussia e a Austria, pelo qual as potencias entravam nas posses anteriores á guerra: cinco dias antes tinham, pelo tratado de Pariz, tido logar as pazes da França com a Inglaterra.

Assim teve fim a guerra dos sete annos, despesa enorme de homens e de dinheiro, e que não produziu mudança alguma no estado politico da Europa, deixando as potencias belligerantes na integridade das respectivas possessões anteriores: carnificina espantosa hoje destituida de interesse politico, em que atravez da diversidade dos successos, se divisa magestosa a severa imagem de Frederico, dominando tudo com talento inesgotavel, e inabalavel perseverança. Como general e politico, Frederico II foi o homem mais notavel do seu seculo, alias tão rico em homens grandes.

Lendo-se a maior parte dos historiadores, parece que a vida do filosofo que reinava na Prussia se consumiu em questões com Voltaire, em concertos de flauta, e em theorias de deismo; mas percorram-se os seus trabalhos politicos e militares, tão brevemente esboçados nas antecedentes paginas: os perigos que correu, os trabalhos e marchas militares que emprehendeu, os inimigos que arrostou com varia fortuna, e ver-se-ha sobejamente que a vida de Frederico de Prussia não foi simplesmente a de um academico litterato, ou de um sofista.

Eis como muitos escrevem a historia, e os litteratos que se avisinham dos principes os julgam pela maior ou menor protecção que lhes conferem; e mesmo penetrando na intimidade, nos contam os seus caprichos e pequenas scenas domesticas da vida privada, de que resulta muitas vezes um juizo contrario ao das grandes acções. Talvez fosse por isso que Frederico escreveu a historia dos seus trabalhos militares e diplomaticos; mas a mania de imitar Voltaire e os Encyclopedistas, fez com que abandonasse a que elle intitulava barbaridade da lingua allemãa, para escrever em francez; assim a sua exposição é destituida da belleza e liberdade que daria a exposição na sua lingua natal.

Este homem admiravel, em qualquer ponto da sua carreira em que morresse nada tinha a temer da posteridade. Qual o leão contrastado pelos seus inimigos, por vezes imminente á

ruina, outrás obrigado a transportar-se rapidamente aos differentes pontos do seu irregular e vasto territorio, pôde constituir uma monarchia poderosa com os mais desfavoraveis elementos. A Prussia não só adquiriu no seu reinado estabilidade e poder, como mesmo se tornou uma das potencias preponderantes no equilibrio europeu, e isto na presença de todos os seus visinhos poderosos e armados ; e qualquer fortuna prospera ou adversa, o achou sempre prompto para combatter, restaurando-se animoso dos maiores desastres: sendo talvez ainda mais heroico nos contrastes da fortuna do que na habilidade das batalhas. É verdade que a prosperidade o fazia ás vezes esquecer da prudencia, para o que contribuia o seu genio epigrammatico, que feria a amigos ou accordava adversarios: foi assim que por dictos imprudentes causou a adhesão da imperatriz Isabel ao tratado entre a Austria, a Suecia, e a Polonia na guerra dos sete annos; mas, commettido o erro, mostrava-se sublime na arte de remediar as suas consequencias.

Adquirida definitivamente a Silesia com tanto sacrificio e heroismo, e quando a Europa inteira o respeitava, Frederico embainhou a espada , e de homem da guerra se converteu em homem da paz, soldando e curando as gottejantes feridas da nação, renunciando assim á gloria militar, que mais amplas portas lhe abria. E era tempo, dez-e-sete combates tinham enfraquecido o exercito, a guerra havia destruido a agricultura, corrompido os costumes, paralisado o commercio, e desacreditado as finanças: o mesmo Frederico comparou o seu reino, então, a hum homem sangrado nas quatro veias. Talvez que Frederico nesta epoca de reorganisação, se mostrasse ainda maior do que no campo da batalha: contrahiu emprestimos favoraveis, retificou 600 villas: fez semear os campos então só fertilisados por cadaveres: consagrou á agricultura os cavallos da sua artilheria: animou o commercio e fez reviver a industria; e protegeu a extensa fronteira dos seus estados por allianças com a Austria e Russia. Tudo floresceu, e esta fraca população dizimada pelo ferro e pelo fogo, se apresentou forte e respeitavel. Fortalecido com grandes thesouros e o mais bello exercito da Europa, Frederico empregou-os em trabalhos uteis, apresentando-se constantemente armado do *ferro* e do *ouro* que governam o mundo. O resto de vida de Frederico foi consagrada a concentrar esta *dupla potencia*, a precaver-se contra as invasões

dos visinhos, a conter a monarchia austriaca nos devidos limites; e finalmente a crear e estabilisar esta força anomala e notavel, que se chama monarchia prussiana.

Foreign Quarterly Review.

GEOLOGIA.

III.

Em antecedentes numeros da REVISTA temos apresentado as observações em que se funda a theoria do calor central, e consequencias que della se deduzem, e que se acham, tanto quanto é possivel, conformes á observações de outros factos importantes; mas esta theoria explicando em geral a existencia actual do globo, carece ainda de desenvolvimento.

Uma das questões que mais attrahe a attenção do observador é a formação das montanhas, e depois a sua disposição; o primeiro phenomeno se explica pelas sublevações da capa solida do globo, o segundo pela mudança de rotação do eixo terrestre.

Pelo que temos dito se vê, que o interior do globo deve estar em fusão e que d'aqui procede uma continua formação de vapores e gazes, que achando vão onde se formem, operam grandissimas pressões, debaixo para cima, na camada ou chapa consolidada, e si esta capa não tem a resistencia necessaria, ou abrem frestas por onde se escoem ou levantam a casca terrestre sublevando ás vezes grandes porções de territorio: isto explica

a apparição dos *volcões* que depois de maior ou menor espaço de tempo se apagam ou esfriam pelo contacto do ar athmosferico. Tanto as opposições de volcões, como as sublevações, são precedidos de grandes tremores de terra.

Tem havido modernamente sublevações de terrenos, apresentando os effeitos que eram de esperar da explicação antecedente. Em 1759 houve no Mexico huma grande sublevação de porção consideravel de terreno, que ficou mais elevado do que dantes era 60 braças: este phenomeno foi precedido de grande tremor de terra, e da opposição de hum novo volcão, o *Jorullo*.

Em 1707 uma ilha se foi elevando gradualmente no archipelago grego.

Depois de um grande terremoto no Chili em 1822, que derribou muitos edificios e destruiu povoações inteiras, conheceu-se claramente que todo o terreno se tinha elevado sensivelmente.

Em 1831 elevou-se a ilha *Nerita* do meio das aguas que separam a Sicilia da Africa.

Os vestigios destas sublevações se divisam na quebrada, deslocamento e inclinação de antigas camadas do globo, que de horisontaes que eram primitivamente, se tornaram inclinadas, ressaltadas e como deslocadas por uma força, que se conhece manifestamente ter vindo do interior da terra.

Outras montanhas se deveriam ter formado pela rotação da terra, quando ella se conservava em estado fluido e essas deviam ter seguido uma direcção constante; mas, suppondo que a terra fosse chocada por outro corpo do espaço, o seu eixo de rotação mudou certamente de logar, e então outras montanhas se formaram de certo em direcções diversas das primitivas, e mesmo algumas destas se modificaram offerecendo ramaes nas novas direcções.

Dadas estas primeiras noções indispensaveis, acompanhemos M^r^. *Boubée* na sua historia primitiva do globo.

Para traçar com ordem a historia da vida do globo, convem dividir em periodos a longa serie de seculos que ella abrange, e que tem decorrido desde a formação primitiva da terra até os nossos tempos. O exame das differentes camadas do globo denota a existencia de quatro epochas distinctas:

1ª *Epocha:* anterior á existencia dos seres organisados, ou do estado incandescente.

2ª *Epocha:* em que a terra só esteve coberta de vegetaes, e somente o mar se povoou de animaes.

3ª *Epocha*: em que os quadrupedes e os outros animaes povoaram a terra e a aguas não salgadas do globo.

4ª *Epocha*: apparição do homem sobre a terra, onde achou as plantas e os animaes marinhos e terrestres.

1.ª EPOCHA.

Quando o globo se achava em incandescencia geral não podiam existir as aguas sobre a terra; e mesmo todas as substancias volatilisaveis pelo calor dos nossos fornos, bem como o enxofre, o bitume, o chumbo, o zinco, o mercurio, etc., deviam estar em vapores, formando uma athmosfera consideravel, abrazada e luminosa, como vemos nos cometas: a pressão athmosferica deveria ser immensa, e os gazes mais densos pairavam perto da superficie do globo. É claro que com taes condições athmosfericas, e a alta temperatura do globo então, não poderiam existir substancias algumas organisadas, quer animaes, quer vegetaes.

Depois de certo tempo a casca do globo se devia ir esfriando, e solidificando e ao mesmo tempo algumas das diversas substancias que compunham a athmosfera se deveriam ir precipitando pelo resfriamento; estas substancias, já unidas, já acamadas com a capa do globo em solidificação, formaram indubitavelmente a casca do globo. Mas esta casca ainda muito delgada não podia sempre resistir á pressão interna produzida pelas substancias em fusão, e devia romper-se em varios logares, sublevar-se em outras; e finalmente, produzir muitas das grandes desigualdades e escabrosidades que notamos na superficie da terra. Esta diminuição de temperatura foi continuando, até que, finalmente, tornando-se menor, na superficie, do que a da fervura da agua, os vapores aquosos se precipitaram em grande parte, e formaram diversos lagos, mares, etc. mais ou menos extensos.

2.ª EPOCHA.

Começou então para o globo a segunda epocha. As plantas cobriram a face da terra, animaes de differentes especies povoaram as aguas, e começou a animar-se o globo até então inerte. A pouca irregularidade que apresentava a terra fez com que os lagos e mares fossem menores em tamanho, e em maior numero, e as plantas ainda não attacadas pelos animaes deviam produzir

consideravelmente, entupindo assim em breve tempo os lagos, e obrigando as aguas a tomarem outros logares. Estas grandes massas de vegetação primitiva, assim abandonadas das aguas e cobertas por camadas posteriores, formaram as camadas de substancias inflamaveis de carvão mineral.

Então a capa solida do globo já sufficientemente resistente para manter a vegetação, os mares, etc. não era sufficiente para reagir com vantagem á acção interna dos gazes e vapores, mas essa mesma pouca resistencia que já manifestava, tornava as irrupções mais gigantescas, os tremores de terra mais intensos, os volcões mais altos e consideraveis; e appareceram as fontes de aguas garozas, quentes ou thermaes, etc.

Á medida que o resfriamento continuava, os vapores da athmosfera se foram precipitando, a acção do sol se foi tornando mais sensivel na superficie do globo, que assim se preparava para ser a morada de seres animados mais perfeitos; e os primeiros entes organicos foram desapparecendo ou modificando-se pela differença que a diuturnidade do tempo foi trazendo á temperatura da terra e ao estado athmosferico.

3.ª EPOCHA.

Assim foi o globo esfriando, e a athmosfera limpando; e as aguas não podendo já, em consequencia da diminuição de temperatura, conter em dissolução tantas substancias, foram-se tornando limpidas e mais leves, e a terra se achou em estado de receber os animaes quadrupedes e outros, que começarão a povoar a sua superficie até então solitaria; mas como a mudança ou modificação do estado do globo ainda se fazia com sensivel velocidade, as especies foram desapparecendo successivamente, e vindo outras novas ou modificações das primeiras.

Examinando as diversas camadas do globo se nota, que, á medida que a terra foi esfriando, as aguas, tornando-se mais limpidas, e o ar mais puro, a organisação dos animaes se foi complicando successivamente, preparando-se assim para chegar ao typo da perfeição possivel da creação terrestre no estado actual; o homem. Já no fim desta epocha as formações mineralogicas são escassas, a fusão já estava muito abaixo da superficie do globo, a athmosfera já pouco mais tinha que fornecer por precipitada, os mares já não tinham consideraveis despojos que arrojar ás suas costas.

4.ª EPOCHA.

Somos chegados ao principio da epocha em que vivemos, mas este principio parece ter sido marcado pela naturesa com um phenomeno terrivel, extraordinario. As camadas em que se acha escripta a historia do tempo, tem por toda a parte o indelevel cunho de uma errupção ou innundação consideravel ; as substancias marinhas arrojadas ás maiores alturas, porções de serranias lançadas a grandes distancias dellas, valles escavados sem direcção constante, a desapparição de grande numero de seres organisados, finalmente todos os vestigios de um *diluvio universal*. Além deste phenomeno ainda se nota outro : nessas camadas se achão os depositos de animaes e vegetaes que não podiam existir ahi se os climas fossem dispostos como actualmente. Destas e outras observações dedusimos que um grande phenomeno alagou o globo, e lhe mudou o eixo de rotação, alterando a collocação dos climas e estabelecendo os actuaes : por tal modo que os pontos da terra em que hoje se achão as regiões polares, estavam antes desta revolução debaixo do equador, e reciprocamente.

Outro facto ainda veio coincidir com estes e é a queda dos *aerolythos*, ou pedras que vem projectar-se na superficie da terra. Ora como nas camadas anteriores não se acham vestigios de aerolythos, ao passo que são muito abundantes, não só os casos de quedas presentes e historicos, como se acham frequentemente nas camadas posteriores, parece que a totalidade destes resultados se poderia explicar por uma causa unica. Com effeito assim explica M^r^. *Boubeé.*

Supponhamos que um astro qualquer encontrasse obliquamente a terra no seu movimento ; vejamos o que deveria acontecer. O choque do astro devia modificar repentinamente o movimento da terra, e si o astro fosse menor ou mais quebradiço, despedaçando-se em fragmentos, povoar o espaço d'estes fragmentos. Ora, sendo a modificação do movimento produzida na terra, as aguas, animadas da velocidade anterior (que é, actualmente de 6 legoas por minuto no equador) arrojar-se-hiam sobre as terras e por muito tempo deveriam formar grandes enxurros até que se equilibrasse a sua força de projecção. Estes enxurros produziriam os valles e montanhas no mesmo sentido. Os fragmentos do astro projectante dispersos no espaço seriam encontrados pela terra no seu movimento, e finalmente, o eixo

de rotação da terra mudaria de logar, e uma calamidade geral nos seres dos tres reinos assignalaria o começo d'esta 4.ª época, que é a presente.

Este diluvio não é aquelle da Escriptura Santa, mas um diluvio anterior á formação do homem. Quanto aquelle, poderia ser produsido por sublevações manifestadas nos fundos dos grandes mares, que assim expeliram as aguas sobre as terras.

É notavel a coincidencia que se apresenta entre a explicação dada acima, e a singela e sublime narrativa dos seis dias da creação nos livros sagrados, seguindo a ordem d'ella, a dos despojos achados pelo homem em suas curiosas indagações, e conjecturados pelo attrevimento de seu genio. Os seis dias são seis periodos, como observa Buffon, e como se deprehende do texto hebreu, e o legislador inspirado pelo ALTISSIMO publicou verdades que só o estudo de seculos pôde fornecer ao homem!!

B.

POESIA.

ITALIA E ROMA OU OS MONUMENTOS ANTIGOS. (*)

Oh terra de Saturno, oh ceo brilhante,
Paiz encantador, logares bellos,
Onde de Mantua gorgeava o cysne,
Onde pintava Raphael divino,
Terra, que á gloria consagraram évos,
Que a victoria, que as artes coroaram,

(*) Traduzido de Saint-Victor. — *Le Voyage du Poete.*

Quem póde sem profundo acatamento,
Sem puro amôr tocar nas margens tuas?
Quantas bellas cidades! que thezoiros!
A Italia, e a Grecia confundidas ambas,
Palacios, tumulos, d'estatuas povo,
As animadas télas, bellos tempos
De Cesares, de Medicis reunidos!!
Aqui, ali da antiga Roma os filhos
A gloria ressuscitam; fertil terra
A seu exforço entrega a antiga Italia.
Roma! a ti só chamam nossos extases.
Eil-a, ali está essa cidade,
Que tumulos, desertos tristes cercam!
Como se turba o viajante ao vel-a!
Os velhos resplendores ha perdido
A capital do mundo; só silencio
Nas antigas abobadas domina,
Mas seus porticos, templos, seus palacios
Grandeza ostentam nos confusos restos.
Sobre estes mutilados arcos davam
Vinte suspensos rios seus tributos
De ondas frementes; dos despojos do orbe
Foi este templo ornado; aquellas portas
Viram sair as legiões invictas.
Vêde-o, esse tremendo Capitolio!
Dali vibrava Roma ardentes raios.
Ali os reis sem honra, envilecidos,
Co'o rosto em terra ás portas do senado,
De um vil lictor as ordens aguardavam.
Vejo a seus pés esse famoso fôro:
Igual ás procellosas, turvas vagas
Ali movia-se esse povo inquieto,
Importuno, insolente, ambicioso,
Tyranno do orbe, escravo de um tribuno.
Falla; e verás destas ruínas bellas
Sombras surgirem: eil-as que se elevam;
De toda a parte não as vês erguer-se?
Sim, são os filhos da mavorcia terra,
De seus comicios honra, e de seus muros
Apoio inabalavel e seguro,
Que os campos rasgam, que batalhas vencem.

F. B. Ribeiro.

BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

VARIEDADE.

DIARIO D'UM MEDICO.

III.

O cancro.—O duello.

Nunca pretendi offerecer a meus leitores a historia completa de minhas experiencias clinicas e de meus progressos na sciencia medica; todo meu trabalho reduz-se á fiel reproducção das scenas que em minha pratica mais vivamente me sensibilisaram. Não é o medico que disserta, nem o philosopho que discute, é o homem a quem interessam os males da humanidade, é o observador de suas virtudes e de seus soffrimentos, que se occupa de traçar ao acaso algumas de suas mais vivas recordações; a ninguem admirará sua incoherencia. Nem um laço commum pode prender os esboços isolados de que se comporão estas Memorias: minha profissão é o unico ponto central em que se vão reunir todas estas narrações,—raios divergentes, cuja coincidencia é real, porem ligeira e apenas insensivel.

Todos tem repetido mais ou menos este antigo axioma: « Que as mulheres sabem oppôr á dor physica tal força, tal intensidade de character, de que nós homens seriamos incapases. » Ellas dobram sob o peso da agonia que nos quebraria: sua existencia mais flexivel e mais nervosa levanta-se com maravilhosa elasticidade. Nascidas para mães, aquellas a quem Deos confiou o cuidado das gerações e a transmissão da vida, aquellas que dão o homem á luz no meio das dôres, deviam, para cumprir as vistas da natureza, resistir ao que de mais pungente tem o

soffrimento. A seguinte narração o provará. Aquelles cuja sensibilidade mui fraca não sustenta o aspecto das torturas humanas, e recúa ante a realidade, ante seu horror ante o asco que causam, não lancem os olhos para estas paginas, onde tudo é verdade — mas verdade repulsiva e terrivel. As almas mais fortes verão ahi um espectaculo que as interessará; a grandeza da coragem e o poder da vontade reunidos a quanto a sensibilidade tem de mais tocante.

A Senhora Saint-A***, descendente de pessôas nobres, e casada dignamente, era, havia muitos meses, victima do flagello de seu sexo, *um cancro* no peitò. Eu era seu medico ordinario e não via sem profunda pena essa bella pessôa, cuja bondade era verdadeiramente angelica succumbir a um mal horrivel. Sabe-se com que rapidez este flagello, devorando as carnes da victima, e subjeitando-a de hora em hora a novas angustias, traz comsigo dentadas sem cessar mais dolorosas e que excedem as dores do fogo e do ferro. Enternecia ver essa resignação — quasi calma — a dores atrozes: nem nem um grito — apenas lagrimas: quando conseguiamos dar-lhe alguns intervallos de repoiso, alguns momentos de bem estar, ella fitava em nós seus bellos olhos com terna expressão e testemunhando a gratidão que sentia. Posto que habituado a contemplar o soffrimento em todas as suas variedades, este espectaculo commovia-me. Nem um symptoma de impaciencia ou de irritabilidade, nem uma queixa lhe escapava: nem um signal de descontentamento revelava seus tormentos.

Uma manhãa encontrei-a recostada no sofá em seu salão. A purpura brilhante do veludo que cobria o sofá fasia mais sobresahir a extrema pulidez da enferma. Suas sombrancelhas levemente franzidas, algumas rugas em seu rosto, denotavam o constrangimento a que se forçava, o triumpho que alcançava sobre si mesma Havia n'este repoiso uma intensidade de soffrimento que me fasia estremecer.

— Como passou a noite, minha senhora? perguntei-lhe.

Sua voz era tremula porem branda. — Oh! respondeu-me, esta noite foi bem cruel. Estimo que o coronel Saint-A*** não esteja cá; muito teria elle soffrido!

Entrou então na salla, saltando e rindo, um menino de quatro annos, filho unico da doente. Esta bella creança de cabellos loiros e crespos, ignorando que sua mãe era victima d'uma morte lenta, e que em sua presença ia ella morrendo

pouco a pouco, o contraste de tanta alegria, de vida, de futuro e felicidade com a perspectiva d'uma morte proxima; tudo isso representava uma d'essas situaçōes tragicas a força de serem simplices, que tantas vezes se encontram na vida privada, mas de que tão poucas vezes damos fé. Peguei no menino, sentei-o em meu colo, e procurei entretel-o com os sinetes e corrente do meu relogio: eu receava que seus gritos infantis e suas caricias turbulentas não perturbassem o repoiso de sua mãe. Ella fitou n'elle seus olhos ternos com uma expressão indefiniyel. Depois, sua mão alva, transparente, descarnada pelo soffrimento, foi repentinamente cobrir seus olhos, e eu vi lagrimas correrem. Ella não disse uma palavra. Quantos sentimentos, quantas ideias, quantas desgraças n'esse minuto e n'esse movimento! A mãe ahi estava toda inteira: a vista de seu filhinho tinha vencido sua coragem.

A enfermidade entretanto fez rapidos progressos. Inevitavel foi fazer-se a operação; era o meio unico, porem incerto de salvar a Senhora de St-A***. Um cirurgião habil que eu havia escolhido e que me secundava com muito talento e zelo, encarregou-se de communicar á enferma esta triste noticia. Perguntou-lhe si ella se julgava com bastante força para soffrer a operação: um sorriso de tristeza formou-se em seus labios: a resignação se patenteava n'esse sorriso.

— Sim, nos disse ella; ha já algum tempo que penso n'isso, e tenho-me familiarisado com essa ideia: subjeito-me á operação porem com duas condiçōes; a primeira é que meu marido não terá noticia d'ella antes de sua volta; a segunda é que, durante a operação, não me prenderão as mãos, nem me vendarão os olhos.

Ella insistia n'esta segunda condição d'uma maneira tão expressa e positiva, que não nos atrevemos a oppor-nos a uma vontade que ella exprimia com tanta força. Determinou-se o dia da operação: ella estava calma e resoluta; o cirurgião olhava para mim duvidoso e com tal apparencia de temor que a Senhora St-A*** não deixou de interpretar immediatamente.

— Adevinho o que pensa, disse-lhe ella, mas espero provar-lhe que uma mulher sabe, quando é preciso, mostrar-se corajosa.

Conviemos definitivamente no dia: era uma quarta feira. O cirurgião, seu ajudante e eu, fisemos condusir para a carruagem que nos devia levar á casa da doente a caixa de instru-

mentos necessarios para a operação. Confessarei uma fraqueza que será tida por puerilidade pelos membros da minha profissão: tremor nervoso apoderou-se de mim, e estremeci pensando que esses instrumentos de tortura tinham custado a vida a mais d'uma mulher.

— Estás bem certo, perguntou o doutor R. a seu criado, que está tudo em seu logar, e que nada falta?

Sem contentar-se com a resposta affirmativa que lhe deu o criado, o doutor examinou por si mesmo a caixa e certificou-se de que todas as precauções tinham sido tomadas. Estas cautellas não eram sem motivo. Um dia, recordo-me ainda com dôr, vi um paciente expirar nos braços do cirurgião por não ter havido este cuidado indispensavel. Não havia no estojo um instrumento de certa forma especial, cujo emprego era exigido por um caso particular: este esquecimento causou a mórte ao infeliz.

A Senhora St-A*** habitava uma casa elegante situada a duas milhas de Londres. Ás duas horas, nossa carruagem achava-se a sua porta. Entramos para um salão cujas janellas davam para um magnifico jardim; sua situação, separado do resto da casa, e o silencio profundo que ahi reinava convinham á triste scena que devia ter logar em breve. O criado que nos abriu a porta estava palido; seus olhos espantados; sem duvida tinha-nos por carrascos e não por medicos. O povo e as classes que lhe estão mais proximas geralmente não tem muita fé na sciencia medica: horrorisam-se d'essa carniceria cirurgica, que consegue ás vezes salvar a vida d'um desgraçado, mas que a mór parte d'ellas só rasga suas carnes palpitantes e envenena sua agonia. Contemplei dolorosamente nosso aparelho: hoje mesmo, depois de longa experiencia, não posso defender-me, a esta vista, d'um movimento de terror. Esses panos, essas toalhas, essa bacia para receber o sangue da victima, a agua quente, a esponja, a lamina brilhante dos instrumentos que se afiam e experimentam; tudo isso me parece horrivel. Não, os preparativos d'uma batalha não são tão odiosos. O canhão trôa; as armas brilham; os tambores e as trombetas resoam de todos os lados: essa pompa assassina e magnifica enche o homem de esperança, de ambição e de orgulho. Pelo contrario a salla do operador é o theatro obscuro d'um supplicio doloroso, cujo successo é problematico.

Finalmente mandamos dizer a Senhora St-A*** que estava tudo prompto e que a esperavamos.

O cirurgião, cujo character endurecido e robusta sensibili-

dade não viam no que causava meu temor sinão o exercicio ordinario de sua profissão, e o feliz ensejo de mostrar sua habilidade, sorria-se de minha inquietação ; e eu repellia, não sem indignação, alguns gracejos fora de proposito, quando a porta se abriu ; a Senhora St-A*** entrou seguida por duas criadas. Sua physionomia era calma mas composta ; seu andar firme. Em seu rosto palido, um sorriso, tão triste como o ultimo raio dos dias de novembros testemunhava sua melancholica resignação. Ella podia ter de vinte seis a vinte sete annos ; e, n'este mesmo momento, sem adornos, preparada para soffrer uma operação terrivel que a expunha á morte, era bella. Seus compridos cabellos castanhos, cuja belleza era augmentada por o ondeado d'elles, que lhe variava a côr, estavam soltos pela testa e espaduas cuja brancura excedia a do marfim. Seus olhos azues, meiocobertos por compridas pestanas castanhas, haviam perdido a expressão de languidez e de pensativa meditação em que consistia de ordinario seu encanto. Brilhava n'elles viva anxiedade ; e o poder d'alma, a força da vontade, procurando triumphar ao mesmo tempo dos terrores reunidos da morte e da dor, não podiam suffocar inteiramente essa agitação mui natural que se lia em seu olhar. Suas feições estavam regulares ; o mais habil cinzel não teria podido fixar com uma delicadeza e precisão mais exquisitas os contornos da boca e do nariz. Sua tez ordinariamente pouco corada, parecia transparente como o alabastro, n'este momento em que o sangue, violentamente repellido para o coração, abandonava as outras partes do corpo. É uma observação singular, porem verdadeira e apoiada em numerosissimos factos, que as mais bellas mulheres estão sobre tudo expostas a esta terrivel enfermidade.

Lançamos um grande chale da India sobre o vestido de cassa branca com que estava vestida : ella sentou-se. Que ! disia eu a mim mesmo, tanta innocencia e belleza é destinada a soffrer a angustia mortal que ao mais culpado dos homens não inflige o carrasco ! Absorvia-me este pensamento cruel : gelava-me de terror esta iniquidade do céo para comnosco. Contra taes scenas e as reflexões que suggerem, só há um recurso, uma esperança, é a crença de melhor futuro.

Estava sobre uma meza junto d'ella uma garrafa de vinho do Porto e um calis ; ella fez-me signal para que me aproximasse e como si houvesse advinhado minha emoção, convidou-me para beber um calis de vinho ; havia em sua physiono-

mia um composto de sagacidade e malicia, que em tal circumstancia, singularmente me commoveram.

— Permitta-me, lhe disse, que lhe offereça algumas gotas d'este vinho.

— Com muito gosto o aceito si julga que me será util, respondeu com voz apenas intelligivel.

Seus labios tocaram o vinho, e ella tornou-me o calis, disendo-me com expressão de placida alegria:

— Eia, Snr. doutor, creio que tambem precisa de tonico. Sim (e sua voz era commovida), advinho o que se passa em sua alma, e muito agradeço suas attenções, sua bondade, o temor que tem e que deseja dissimular.

Puz o calis na meza admirando a graça de discurso e o encanto de sensibilidade que só uma mulher pode mostrar no exercicio das mais altas virtudes. Ella voltou-se para o cirurgião e disse-lhe:

— Meu charo Snr. doutor, perdôe á franqueza d'uma mulher o que pode ser tido por um capricho frivolo. Aqui está uma carta de meu marido; ella me é chara, contém a expressão de todo o affecto que elle me consagra. Não poderia eu tel-a aqui.... ante meus olhos... durante o tempo que passar na operação?... Tenho necessidade de vel-a.... conheço que esta ideia lhe causará compaixão; mas sem duvida não deixará de conceder-me esta graça... não é assim?

— Senhora, em verdade não posso em tal consentir. É impossivel que esta carta não augmente sua emoção. O mais perfeito repoiso nos é necessario.

— È erro seu, replicou ella com firmeza. A carta produsirá o effeito, contrario: asseguro-lhe que a vista d'esta carta me dará coragem... E si devo....

Ella ia diser «*Si devo morrer....* » porem parou, não pôde pronunciar essas palavras: esta mulher tão forte temia a morte; armava-se da necessaria coragem para afrontal-a, ao mesmo tempo que a receava. Seus olhos se fecharam por um instante; sua mão estava fria, coberta d'uma transpiração gelada. Deu-me a carta; ella não tremia, estava immovel.

— Si eu lhe conceder o que exige, disse-lhe então (e mau grado nosso o concedemos), será com uma condição; segurarei suas mãos durante a operação.

— Tem medo de mim, Snr. doutor? respondeu-me, e um sorriso agitou-lhe os labios.

Ella não fez entretanto resistencia. O cirurgião impacientava-se com estas dilações: tudo estava prompto. Elle aproximou-se com o ar mais livre do mundo: dir-se-hia que se tratava d'uma festa ou d'uma boda: não havia menor vislumbre de emoção em seu rosto. Dou este doutor pelo modelo dos cirurgiões operadores: um doente, vendo-o, não deve acreditar na possibilidade de morrer; tão risonho e alegre é seu rosto, tão tranquillisadoras são suas palavras!

— Vamos, vamos; ainda não terminou essa conversação? Eia, senhora, acabemos depressa com isto, depois teremos saude, alegria, e conversaremos quanto nos aprouve.

— Estou prompta. Já sahiram todos os criados? perguntou ella a uma das criadas presentes.

— Sim, senhora, respondeu esta mulher desfasendo-se em lagrimas.

— E meu Henriquezinho? Pronunciando estas palavras, a voz da senhora de Sant' A*** se enfraqueceu. Responderam-lhe affirmativamente.

— Muito bem: aqui estou.

Uma das criadas levantou o chale que cobria seus hombros. O cirurgião collocou-a obliquamente em um dos lados da cadeira, lançou seu braço esquerdo para as costas do assento, e ordenou-lhe que tivesse a cabeça inclinada para o hombro direito; ella descobriu o peito com tanta calma como si se tratasse de mudar de vestido para ir ao baile. Deu-me a mão direita: com a esquerda peguei na carta de seu marido, e colloquei-a ante seus olhos como ella tinha pedido: agradeceu-m'o com um d'esses olhares que nunca mais se esquecem: sua linguagem me disia: serei forte; verá o que posso. Ella sorria-se á morte presente. Respondei, heroes do campo de batalha, vós cujo sangue corre e conservaes sereno o rosto, vossos heroismos não se offusca ante este?

Suas palpebras se abaixaram, seus olhos ficaram quasi fechados: ella conservou-os pregados no papel que eu tinha na mão; seu pensamento, sua alma, sua vida, pareciam concentrar-se n'esse escripto que lhe era tão charo e tão conhecido. Dir-se-hia que ella queria escapar á dôr transportando, por assim diser toda a sua existencia para fora de si, fixando-a no objecto de sua afeição. O porte tranquillo do cirurgião não o desemparou um instante; com mão firme e vista segura começou a terrivel operação. Vi o aço penetrar no seio palpitante; e só a

confiança que eu tinha na admiravel habilidade de que elle tem dada tantas provas póde prestar-me forças para ser espectador d'esta scena. Ella tremeu quando a aguda lamina penetrou na carne viva; convulsivo estremecimento agitou todo seu corpo; uma côr cadaverica cobriu seu rosto; mas não se mexeu, não fez um movimento para livrar-se do ferro, e não pronunciou uma só palavra.

Eu esperava que um desmaio subito a arrancaria ás angustias da operação, e que durante este estado de insensibilidade, se poderia acabar a extirpação do cancro. Não aconteceu porém assim. Seus olhos cujo brilho e ardor pareciam augmentar com a convulsão da dôr, não se tiravam do papel no qual seu olhar parecia perder-se com uma intensidade de afflição, de attenção inexprimivel. A operação durou muito tempo; foi mais dolorosa ainda do que esperavamos: um só suspiro escapou de seu peito. Quando se lhe applicou o ultimo aparelho:

— Snr. doutor, murmurou, está concluido?

— Sim, senhora, e agora vamos leval-a para seu leito.

— Nao, não: irei por mim mesma; creio que me posso suster em pé.

Tentou levantar-se: nós nos opposemos com o temor fundado de que o movimento tivesse consequencias funestas. Ella renunciou a seu projecto, e nós a levamos para seu leito: apenas se deitou cahiu em um deliquio profundo. Julgamos que estava morta: teria sucumbido a energia vital n'esta lutta espantosa? O espelho que chegavamos a seus labios immoveis apenas era embaçado por imperceptivel vapôr: entretanto nós a vimos voltar á vida. Um narcotico que lhe foi ministrado deu-lhe sete horas de somno, e no dia seguinte estava passado o perigo mais imminente. Sua convalescença foi lenta: aos deveres de minha profissão se juntava uma admiração profunda por essa firmeza d'alma, do qual em vão procurei dar, por uma narração fiel, ligeira ideia. Tratei-a com assiduidade e perseverança, e tive a ventura de vel-a renascer.

Um dia que ella tinha recebido uma carta que lhe annunciava a volta de seu marido, eu a vi triste, e algumas palavras que lhe escaparam me revelaram esse pensamento todo femimino que vinha de agitar seu coração. Pensava em sua belleza, cujo encanto externo não tinha sido alterado pelo flagello, que entretanto tinha deixado seu cunho cruel e inextinguivel: consolei-a o melhor que pude.

— Ah! exclamou ella... e meu marido! parou, enchugou uma lagrima e continuou:—Espero entretanto que ainda me amará!

A este rasgo tão tocante de coragem feminina, a este heroismo que tempera e dá côr, por assim dizer, a tão placida sensibilidade, oppuz em meu pensamento alguns actos de coragem viril que o curso de minhas observações me ha suggerido. Nem um o iguala, segundo me parece, em moralidade, em grandeza, em nobreza. Testemunha de muitos duellos, vi ahi provas d'uma raiva atroz, de sede de sangue humano que faz estremecer, de incrivel obstinação em dar a morte ou recebel-a! È o phrenesi do animal feroz que não a bravura do homem. Eu não refereria os pormenores do duello, cuja horrivel narração se vae ler, não revelaria factos verdadeiramente espantosos, si não estivesse bem certo que todos os actores do drama já morreram, e que as familias, a que pertenciam, dispersas ou extinctas, não poderão exprobrar-me a crueldade de recordar-lhes estas circumstancias.

Um lord moço, cujo nome callarei e cuja familia não existe mais, me tinha convidado para passar o tempo de caça com elle em seu castello de Somersesthire ; sabe-se que estas residencias temporarias chamados *Shooting-boxes*, são a parada ordinaria da gente de *bom tom* que a vida monotona de suas torrinhas gothicas e a vida de Londres fatigaram no verão e na primavera. È ahi que com mais energia se desenvolvem os gostos da jovem nobreza ingleza. Lord Byron, em Newstead-Abbey foi um exemplo notavel d'este genero de existencia pugilistica, caçadora, libertina, bebedora, seguramente mui pouco moral, opposta á delicadeza dos costumes, porem viva, divertida, arrebatadora, ruidosa, e na qual a soberba aristocratica despojando-se de seus privilegios e de seus ridiculos, entra em toda a independencia selvagem e não se distingue da plebe sinão pela extrema vehemencia dos excessos que a arrastram.

Lord F***, que devia seguir a carreira das armas, achava-se em sua residencia de Somerset cercado d'uma multidão de militares moços, cuja alegria impetuosa e espirito vivo deram grande movimento á scena brilhante e campestre de que eu era simples espectador. Nosso tempo era empregado em loucuras, em perpetuas burlas, gracejos sem fim, bôa meza e excellente vinho, corridas a cavallo, comedias improvisadas, ceias prolongadas pela noite dentro, apostas extravagantes, interminaveis partidas de caça, jogo, atirar ao alvo com pistola : — todos estes divertimentos que se succediam com incrivel rapidez, tornaram-se

monotonos depois de quinze dias d'este delirio de alegria. Propoz-nos lord F*** que variassemos de prazeres: a pequena cidade de T*** é situada a pouca distancia do castello que habitamos. Mandamos annunciar pelos papeis publicos um baile por subscripção, que devia ter logar n'essa cidade, e ao qual todos os nobres dos arredores e suas familias não poderam deixar de concorrer. O patrocinio de lord F***, a presença de seus brilhantes amigos atrahiram com effeito numerosa sociedade; veio gente ao baile que morava a dez leguas de distancia; tudo sahia á medida de nossos desejos.

Era para ver essa cidade pequena, mui diminuta para a multidão de amantes da dança que tinham vindo, transformada em uma especie de campo, onde tinha logar alegre bachanal. O som dos instrumentos, repercutidos por altas collinas que a cercavam, ia acordar os lavradores da visinhança; e os burguezes excitados pelo espectaculo, improvisaram tambem uma festa quasi tão estrondosa como a nossa. Pensarieis ver Abdera e seus Abderitanos.

As bellezas dos arredores responderam a nosso apello. Nunca cavalheiros tão elegantes, sociedade tão escolhida tinham atrahido suas vistas! Como pulsaram todos esses corações novos! Quão poderosa era esta seducção! Quem poderia resistir-lhe? A'mor parte dos amigos de lord F*** eram notaveis pela nobreza de suas feições e sobre tudo pela graça de suas maneiras. Quasi todos conheciam a fundo o manejo da tafularia, o dialecto insignificante e poderoso, a arte de penetrar no coração d'uma mulher, por meio d'um palavreado frivolo, composto de nadas que encantam e de calculadas lisonjas que embriagam. Só eu não partilhava com os meus camaradas de praser, alguma d'estas vantagens: meu rosto não tem regularidade, meu porte é destituido de nobreza, minhas maneiras são sem affectação. Espectador d'uma scena de movimento e animada, representei n'ella o papel de personagem muda ou de comparsa. Meus estudos, minhas desventuras, minha amizade a minha mulher e os prazeres placidos do lar domestico, não me fiseram proprio para esse officio de seducção leviana, tão influente nos salões. Contentei-me com dançar duas contradanças com uma moça abandonada, uma d'essas pobres creaturas a que se não dá attenção, porque são feias, timidas, desengraçadas, e a quem o sentimento de seu isolamento tira a presença de espirito, o brilho dos ditos picantes e a pretenciosa actividade de conversação que

supre as vezes ás vantagens exteriores e mesmo á superioridade intellectual.

Na multidão das moças que dançavam, notava-se uma por sua belleza e modestia. Apellidada *a Violeta dc Hazeldon*, por allusão a graça timida de seu character e ao encanto de suas maneiras, cercavam-a muitos adoradores, que ambicionavam, em toda a força da expressão, o favor de ser seu cavalheiro. Os romancistas e contadores de historias tem lançado certa côr de insipidez sobre os retractos ; ri-se a gente d'essas bellezas perfeitas, symetricas, adoraveis, que em regularidade irreprehensivel sahem dos pinceis creadores d'esses generosos escriptores. A despeito do desfavor em que cahiram estas descripções, procurarei dispôr ante o leitor a timida *Violeta de Hazeldon.* Seus olhos eram absolutamente da côr azulada, mas profunda, de que se adorna esta linda flor quando desabotoa-se: grandes, languidos, cheios de ardor e de ternura, diffundiam um prestigio raro de sensibilidade e de energia sobre feições cuja regularidade poderia alias parecer fria e sem brilho. O contraste de uma phisionomia quasi severa e d'esses olhos que trahiam o ardor de sua alma, tinha alguma coisa de encantador : julgava-se ler n'elles ao mesmo tempo a profundeza das affeições, sua constancia e sua força. Uma floresta de cabellos castanhos espalhava-se em caxos naturaes e de seda por uma bella fronte e hombros encantadores. Delicadeza esquisita, altiveza grega ; alguma cousa de flexivel e de nobre em todo o torneio ; taes eram os traços principaes que a distinguiam. Perdoem-me esta longa discripção, que poderá parecer romanesca : deve-se atribuir a prolixidade d'ella á viva impressão que deixou em meu espirito esta moça, ao desejo de a faser conhecer, e á lembrança que conservei do acontecimento a que deu causa sua belleza e cujas circumstancias devo contar.

Todos os nossos mancebos, excepto lord F***, captivados pelo encantos d'esta moça, rivalisavam junto d'ella em galanteria e desvellos. Um moço, capitão da guarda real, celebre casquilho, herdeiro d'uma grande fortuna, notavel por sua estatura athletica e pela belleza de seu rosto, parecia ambicionar com mais ardor do que qualquer outro a honra de agradar a jovem Maria. Depois d'elle o mais desvellado era um mancebo, de familia distincta e que se destinava á carreira diplomatica. Sorria-se ella para um ? o outro carregava o sobr'olho. Parecia dar ella mais attenção aos discursos do capitão ? uma expressão de des-

contentamento vinha obscurecer o rosto de seu rival, ao qual chamarei *Trevor*, afim de occultar o verdadeiro nome de sua familia, da qual não existe descendente algum directo, porem cujas relaçōes de parentesco eram tão numerosas quanto honrosas.

Uma circumstancia apparentemente de pouca importancia fez rebentar entre estas duas pessôas uma guerra nascida do violento ciume que os agitava desde o principio do divertimento. O capitão*** se tinha apoderado da mão da bella Maria, com a qual contava dançar a primeira contradança. Trevor impede-o disendo-lhe :

— Capitão, a senhora deu-me palavra ; espero que m'a cedereis. Senhora, acrescentou voltando-se para Maria, appello para vós n'este caso.

As faces de Maria se coraram subitamente : elle previu a contenda que devia ter logar.

— Creio lembrar-me com effeito, disse ella, de ter promettido ao senhor Trevor : mas, si eu podesse, dançaria com ambos. Capitão, por isto não me ficaes querendo mal, não é assim ? — E o olhar supplicante parecia pedir perdão ao rival ciumento.

O capitão retirou-se, não sem lançar sobre Trevor um olhar de fogo que o ameaçava e provocava ao mesmo tempo. Pouco tempo depois eu o vi deixar a salla. Não sei que secreta convicção me advertia que este incidente seria fertil em desgraças. Eu conhecia a altaneira sensibilidade de um e outro. Trevor , em quanto dançava com Maria, procurava o capitão com os olhos, tendo adevinhado suas intençōes hostis e seu pensamento secreto. Ás attençōes com que tratava seu par, juntava-se uma anxiedade secreta e uma colera concentrada.

Oito dias depois lord F*** deu um explendido jantar a maior parte d'aquelles que o tinham acompanhado ao baile. Trevor e o capitão eram d'esse numero ; resolvi observar a ambos. O capitão chegou primeiro e foi por-se á janella. Trevor apeou-se do cavallo perto da porta exterior ; o capitão o percebeu, empallideceu ; seus labios se contrahiram; deixou o logar em que estava com apparencia de tranquilla indifferença, que a todos enganou excepto a mim. Entretanto conservava-se de pé na extremidade da salla, precisamente defronte da porta da entrada e com os olhos pregados n'ella. Os rivaes se saudaram mutuamente, com frieza bastante sensivel, mas sem impolitica.

Vinte convivas rodeavam uma meza coberta de manjares esquisitos : vinhos excellentes, serviço esplendido, tudo parecia ir

maravilhosamente; reinava o bom humor; circulavam os ditos picantes; o capitão e Trevor, muito separados um do outro, pareciam ter esquecido sua rivalidade. As oito horas e um quarto serviu-se a sobremeza, e numerosas garrafas de vinho do Porto, de Champagne e da Madeira foram postas na meza. Alguns d'esses brindes estravagantes que os moços costumam faser, quando os criados se retiram, deram mais vivo impulso a alegria geral. Então nosso amphitryão levantou-se, levando a cima de sua cabeça um copo cujos beiços brilhavam com a escuma do vinho de Champagne:

— Charos amigos e companheiros, esclamou, enchei vossos copos! Trata-se de um brinde que vos será grato; copo cheio! é a lei! Bebamos á saude da bella Maria, da *Violeta de Hazeldon!* convido a todos fasei-me a razão!

Acclamações unanimes attestaram nossa geral admiração pela belleza de Hazeldon. O capitão e Trevor não foram os ultimos em repetir o nome da moça. A mão do capitão tremeu, quando chegou o copo aos labios.

— Ora pois, exclamou um dos convivas, quem se encarregará de responder por ella e de agradecer a assembléa em nome da bella de Hazeldon?

— Essa é bôa! Seu favorito do baile, Trevor, respondeu outro.

— Vamos, Trevor, de pé! Para que tanta modestia? Vós a monopolisastes durante todo o baile: apenas havia tempo para dirigir-lhe uma palavra.

— Por mim creio, intorrompeu lord F***, que o capitão tem direitos que allegar. Interceptei mais d'um sorriso da bella Maria; favores ligeiros sem duvida, porém significativos e que se dirigiam ao capitão.

Trevor e seu rival, igualmente embaraçados, conservavam-se silenciosos. O capitão apertava violentamente e com ar agitado o copo que tinha na mão. Já aturdidos pelos fumos do vinho, os convivas tomaram partido, uns pelo official, outros pelo diplomata, que se conservavam em obstinado silencio em quanto discutiam sua preeminencia com tanta vehemencia, zelo e borborinho, como si a salvação do estado dependesse d'este ridiculo debate. De tempos em tempos o capitão lançava a Trevor um olhar de raiva, que os estouvados não percebiam e que me não escapava. Um jovem baronete do condado de Cornouailles, a quem admirava a physionomia séria dos dous mancebos, e que começava a presentir as consequencias d'esta scena, procurou

acalmar e apasiguar a irritação crescente a que se tinham entregado.

— Peço a palavra, exclamou elle, e eis a minha moção. Aposto vinte contra um que o jovem coração de Maria ainda está indeciso entre seus dois adoradores. Que faremos então ! Consultemos o acaso : cruz ou cunho ! subjeitem-se Trevor e o capitão á sorte ; aquelle que ganhar será o cavalheiro titular.

Riram-se muito, mas a fronte dos dois rivaes não se desenrugou : suas feições tornaram-se mais sombrias. O capitão estava palido, com os olhos fitos no licor de que estava cheio seu copo e que elle bebia a goles, procurava parecer indifferente e tranquillo· sua interna emoção trahia-se a seu pesar. Mais idoso, mais senhor de si; Trevor premanecia immovel ; apenas eram sensiveis seu embaraço e agitação. Entretanto nem um de seus sentimentos secretos me era occulto. Eu tinha visto começar esta scena ; ella se desenvolvia claramente a minha vista. A vaidade, o amor luttavam ao mesmo tempo n'estes dois rivaes : tudo quanto tem a alma humana de mais violento se achava excitado, irritado, abrasado por esta circumstancia inesperada. Para um observador desattento, tanta importancia dada a um debate tão leviano pareceria inverosimil e ridicula : eu conhecia muito bem o coração do homem para assim pensar.

— Capitão, disse eu em voz baixa ao meu visinho, em verdade acreditei que esta honra tão vivamente disputada vos pertencia, quando vi Maria corar de orgulho e de praser recebendo vossas primeiras homenagens.

Elle exforçou-se por sorrir-se.

— Tendes rasão, respondeu-me Trevor, não tem direito ao titulo que lhe querem conferir ; é este ao menos meu parecer.

O ar sombrio dos dois rivaes gelou a alegria dos assistentes.

— Meus amigos, disse então Trevor com tom livre, parece-me que se faz muita bulha para nada ; porém, visto que assim aconteceu, visto haver-se empenhado esta discussão, visto achar-me eu forçado a diser o que penso, ninguem aqui, ao menos assim o creio, tem direito de disputar-me uma precedencia que hei conquistado. O guerreiro que é meu rival (e elle carregou n'estas palavras de uma maneira sensivel) confessará mesmo que a bella Maria conferiu-me o titulo e as funcções que reclamo. É verdade que o capitão*** tem olhos brilhantes, apparencia nobre, tom seductor. . . .

— Trevor, exclamou o capitão, corando de colera ; nada de insolencia !

— *Insolencia !* que diabo pode significar essa palavra ? Quereis acaso, capitão, desavir-vos commigo ? Certo, não o creio. Ter-me-ha escapado alguma cousa que possa offender-vos ? Sinto isso ; não são essas as minhas intenções : palavra de honra, isso me affligiria muito. Quanto á nimpha de que se trata, permitti-me, senhores, revindicar de novo o praser e o direito de ser aqui seu representante. Sim, capitão, em despeito do vosso olhar sombrio e de vosso ar ameaçador, ousarei tomar a palavra em nome da minha linda sylphide, e agradecer por ella á illustre assembleia que acaba de propor um brinde á sua saude.

Trevor tinha misturado com bastante destresa, n'este pequenino discurso, a leviandade, o gracejo, o bom humor e mesmo a affabilidade. Eu esperava que o capitão se acalmasse ; mas em vez de seguir o exemplo que lhe dava seu rival, esclamou com voz tremula de colera :

— Estaes enganado, Trevor ; juro por minha honra, estaes enganado. Sabeis como correspondeu Maria, e quaes são seus sentimentos secretos ? Sabeis si, em logar de aceitar vossos serviços com praser, não os soffreu ella como um enfado necessario ?

— Isso é ridiculo ! Vi Maria no outro dia de manhaã, e posso affirmar. . . .

— No outro dia ! vós a vistes no outro dia ! que motivos eram os vossos ?

— Não vos devo satisfação por meu procedimento. . . . Eu sou, continuou (bebendo um copo de vinho, que, succedendo a multiplicadas libações, acabou de tirar-lhe a consciencia de suas palavras e acções) eu sou senhor de dirigir minhas homenagens a Maria ; tanto peior para aquelles que o acham mau !

Seu rosto cobria-se de um rubor ardente ; sua voz pesada trahia o progresso da embriaguez ; em vão seus amigos procuravam retel-o. Elle ergueu-se da meza, cambaleando e evidentemente turbado pelos vapores do vinho.

— Maria recebeu minhas declarações, eu recebi as suas : declaro-o, capitão, para tirar-vos todo o desejo de continuar esta discussão. Digo pois....

Murmurio geral se levantou contra Trevor, que só podia ser desculpado pelo estado em que se achava.

— Trevor, respondeu seu adversario , cometteis uma baixeza, um acto de homem deshonesto. — Continuou com tom doloroso e concentrado : — Não posso conter-me, não posso. . . . Quereis perder a reputação d'esse ente innocente e fraco, e eu

que vos ouvi com indignação... declaro tambem, em face de todos os nossos amigos reunidos, que sois... ouvi-me... que sois um *infame!*

Elle carregou n'esta ultima palavra, pronunciando-a lentamente. Profundo silencio reinou na salla.

— *Infame!* replicou Trevor, cuja voz tornou-se mais grave e empallideceu. Vós me accusaes de baixeza, e me chamaes... *infame!*

Então levantou-se com o copo na mão, e de pé, de fronte do capitão, repetiu. — *Infame!*

— Sim, eu o disse, respondeu o outro com firmeza.

— Sabeis que satisfação me deveis?

O capitão recostou-se na cadeira, e fitando em Trevor um olhar intrepido:

— Nunca digo cousa de que deva corar ou desculpar-me: não espereis desculpas.

— E não espereis tambem, atirando com o copo cheio de vinho ao rosto do capitão, não espereis que vos peça desculpa por este insulto.

Quebrando-se o copo, o rosto do capitão ficou ferido e ensanguentado; a maior parte do liquido cahiu sobre mim. Todos os assistentes levantaram-se em tumulto; ouviam-se gritos confusos, movimentos incoherentes, esclamações que se crusavam e combattiam. Os dois adversarios permaneciam calmos no meio d'esta scena de desordem. O capitão limpava tranquillamente as nodoas de vinho que manchavam seu colarinho e colete; Trevor com os braços crusados e immovel, conservava a postura que havia tomado. Seu rival dirigiu-se ao dono da caza e disse-lhe em voz baixa:

— Meu charo F***, sem duvida tendes ahi umas pistolas: terminemos já e aqui mesmo esta pequena differença. Meu amigo o capitão V. se encarregará dos arranjos necessarios.

— Tranquillisae-vos, meu charo, respondeu lord F***, tudo isto é absurdo. Quereis faser de minha caza um theatro de assassinato, e por uma disputa de meza! Que loucura! Vamos, dae as mãos e sede amigos: homens de honra, como sois, tem já dado provas de sua coragem: eia, um pouco de rasão, e fique tudo acábado.

— Sabeis tão bem como eu, replicou o capitão, que é impossivel o que pedis. Capitão V. fasei-me o obsequio de trazer as pistolas. Vós as achareis na casa d'armas de S. Senhoria. Mas

a proposito, não seria melhor que fossemos para a galeria onde se acham as armas? isto seria mais conveniente.

O capitão, que tinha em sua vida assistido a mais d'um caso d'este gonero, fallava d'estas coisas com um sangue frio admiravel.

Alguns dos mancebos que enchiam a salla, e tinham bebido demasiado vinho, esclamaram a uma:

— Pois bem! acabemos com isto: é negocio que se deve terminar já e já. Pistolas! pistolas!

Um primo de lord F***, mancebo d'uma violencia estouvada, interrompeu-os com seus clamores:

— È necessario que se battam! não ha n'isso a menor duvida!

— Maldita seja essa rapariga por quem dois homens de bem vão assasinar-se em minha casa! esclamou lord F***: maldito seja o momento em que deu principio este debate absurdo! Meu charo Trevor (chegou-se para o grupo que rodeava Trevor) eu vos rogo, vos supplico, vos peço como uma graça, deixae minha casa. Não se diga que o assassinio terminou o banquete que eu offerecia a meus amigos! Não se poderá terminar esta discussão sem effusão de sangue? Vamos: é preciso; vinde, Trevor, vinde commigo.

Elle tinha-lhe agarrado no braço e puxava-o para o lado do capitão.

— Agradeço-vos, disia Trevor, porém são inuteis todos os exforços de vossa benevolencia. É impossivel terminar tudo isto por outro modo; e quanto mais cedo nos battermos, tanto melhor será. Meu amigo, lord P., será minha testemunha; elle terá a bondade de encarregar-se de todos os arranjos necessarios. Vamos, disse elle a lord P., é tempo, o capitão V. vos espera: meu charo, ide ter com elle, eu vol-o rogo.

Um dos espectadores chegou-se a Trevor e disse-lhe que o capitão tinha tanta certesa de mão, que partia um schellim em dois pedaços a dez toesas de distancia.

— De veras! esclamou Trevor sem empallidecer. Visto isso só me resta faser testamento; tenho os olhos d'uma toupeira, e estou aviado.

Deixou seus amigos e foi ter com o capitão que conversava com alguns officiaes, a um canto da salla. Trevor estendeu-lhe a mão. O capitão carregando o sobr'olho e immovel, voltou-se e conservou-se em silencio.

— Capitão, disse-lhe Trevor, disem que o homem a quem tendes por ponto de mira é homem morto.

— E que tem isso?

— Não ignoraes que sou myope, pouco habituado a manejar a pistola e muito desazado por naturesa.

Um murmurio surdo levantou-se na assembléa. — Que! disse-me um visinho, Trevor recua, tergiversa! Estou pasmado. — O capitão, em cujo rosto se desenhava uma curiosidade misturada de surpresa e despreso, conservou-se calado por alguns momentos.

— Que quereis concluir?

— Agora o sabereis. Não é justo que nossas armas sejam desiguaes. Pensareis acaso, meu bom senhor, que consentirei em conservar-me de pé, defronte de vós, para receber pacificamente vossa bala sem poder responder? Não. Quisestes que houvesse este combate: vossa loucura é causa d'elle: vossas palavras o provocaram. É um negocio terrivel e ridiculo, convenho; mas só a vós deve ser imputado. Nós nos bateremos defronte um do outro, face a face, peito contra peito, pistola contra pistola, a queima roupa, medeando sómente a meza. Sim, senhores, (e sua voz elevou-se d'uma maneira furiosa) cahiremos juntos, morreremos juntos, iremos ao diabo em companhia e tudo será concluido.

— É horrivel, é infame, é infernal! — Ouviram-se estas palavras resoar por toda a parte e propagar-se como um echo. — Não seremos testemunhas d'esse execrando combate. É uma carniceria e não um duello! — Sete ou oito pessoas sahiram apressadas da salla. O capitão não respondeu, consultava seus amigos e esperava que houvessem decidido em sua prudencia o que elle devia fazer.

— Agora, disse Trevor, quem é o infame?

— Vós o sabereis em breve. Vossas proposições são de um homem feroz: quereis um assassinato, um duplo assassinato; vós o tereis. E possa a maldição que se prende aos passos do assassino cahir sobre vós! Duas familias vos exprobrarão a morte de dois filhos unicos. Aceito.

As faces do capitão estavam côr de cinza: entretanto nem uma hesitação se notava em sua linguagem.

— Estão promptas as armas? perguntou Trevor sem attender ás palavras do capitão.

Responderam-lhe que as duas testemunhas tinham sahido

para preparar tudo. Foi convencionado que se batteriam na galeria das armas situada no fim do parque, longe do corpo do edificio principal. Em vão quiseram os espectadores fazer comprehender aos dois antagonistas quanto era barbaro e espantoso seu duello. Dois sahiram e montaram a cavallo para ir dar noticia á policia. Lord F*** correu ao logar em que devia o combate ter logar e preveniu as testemunhas da resolução ultima de Trevor e do capitão. Ambos atiraram fora com indignação as pistolas que tinham principiado a carregar, e disseram que não tomariam parte em negocio tão pouco digno de homens de honra, e que era a seus olhos um duplicado assassinato premeditado. Entretanto lord F*** communicou-lhes um projecto que elles acolheram alegres: carregaram as pistolas com polvora seca, e convieram em entregal-as aos dois adversarios como si estivessem carregadas com bala. Poseram-se em cima da meza duas bogias. Trevor e seu rival entraram; pareciam impacientes por se darem a morte.

— Tendes aqui, perguntou-me um dos assistentes, as ataduras e instrumentos necessarios?

— Façam nossas armas seu dever, interrompeu Trevor, não teremos nem um nem outro necessidade de ataduras.

Como me faltava tudo quanto taes circumstancias exigem, ordenou-se a um criado que montasse a cavallo e que fosse pedir emprestado a um cirurgião que morava a pequena distancia os instrumentos e o aparelho que eu não tinha. Era um espectaculo digno de ver-se todos esses rostos palidos e attentos que cercavam a meza.

— Estaes prompto, Snr. Trevor? perguntou-lhe um dos amigos do capitão.

— Estou.

Os inimigos se collocaram em face um do outro. Eu tremia na espectativa do successo que teria nosso estratagema: meus olhos não podiam retirar-se dos dois adversarios, com anxiedade seguia todos os seus movimentos. Seus musculos repuxados, seus rostos brancos e immoveis, seus olhos fixos, sua physionomia solemne, sombria, resoluta, sua fronte calma, e suas sobrancelhas carregadas, lhes imprimiam um character horrivel e quasi sublime.

— Quem nos dará o signal? perguntou o capitão em voz baixa. N'este duello, aquelle que atirar um instante antes de seu adversario é um assassino.

N'este momento chegou o cirurgião a cuja casa se tinha mandado o criado. — Vós dareis o signal, lhe disseram. Elle cobriu os olhos com as mãos.

— Vamos, bradou-lhe Trevor, já tardaes.

O capitão e Trevor apertaram a mão a seus amigos : triste sorriso errava em seus labios. O cirurgião aproximou-se com os olhos fechados, e disse com voz tremula :

— Apontae vossas pistolas.

O cano das duas armas tocou o peito de ambos os adversarios.

— Quando eu tiver contado trez, descarregareis ! Um... dois... trez ! . . .

O choque os fez recuar quatro passos ; seus amigos correram para elles.

— Que é isto ? esclamaram ambos. Quem se atreve a zombar de nós ? Quem são os insolentes que nos enganam com si foramos fracas creanças ? Estas pistolas estavam carregadas sem ballas !

Lord F*** e as testemunhas explicaram-lhes o engano de que esperavam tanto successo e que não teve algum. Em vão se lhes mostrou que elles tinham provado sua coragem, que a nodoa imposta a sua honra estava lavada, que uma reconciliação era necessaria. Trevor, cujos dentes serrados pareciam quasi quebrar-se, no accesso de sua colera, gritava : — Não ! não ! não será assim.

— O remedio é facil, disse o capitão : aqui estão dois punhaes pendurados ; são de igual comprimento ; escolhei !

Trevor pegou n'um com violencia.

— Agora não nos enganarão : em guarda !

A vingança e uma infernal sede de sangue chamejavam em seus olhos. Nós ficamos penetrados de horror. Os punhaes reluziram ; apenas a vista podia seguir seus movimentos rapidos. Era difficil decidir qual dos dois mostrava mais destreza, tanta era a promptidão que a seus movimentos dava o furor que os animava. Um d'elles cahiu : era o capitão : seu coração estava atravessado de parte a parte : — Ah ! meu Deus ! esclamou, e seus olhos fecharam-se. Trevor cahiu de joelhos junto de seu adversario ; seu rosto estava agitado com movimentos convulsivos ; suas feições descompostas respiravam o terror : suas mãos juntas apertavam-se com violencia.

— Não é um sonho ? esclamou elle.

. . . . . .

Trevor viajou muito, não tornou a ver a joven Maria, não se casou nunca e morreu longe de sua patria. Esta scena de coragem feroz está ainda presente em minha memoria, como um sonho sanguinolento, como um horrivel pesadello, não como um dos factos de minha vida real.

(Blackwood's Magazine.)

MISCELLANEA.

SCIENCIAS PHYSICAS.

Calculos curiosos acerca da luz d'uma vella. — Um amador de physica teve a ideia singular de faser os seguintes calculos, e considera seu resultado como uma prova da extrema divisibilidade da luz. Não nos demoraremos fasendo sobresahir quanto ha de especioso n'estes calculos; nossos leitores o saberão apreciar. Deixemos fallar o autor da experiencia:

« Sentado uma noite em minha casa com muitas pessôas de minha familia, observei que todas ellas liam á luz d'uma só vella. Veio-me ao espirito um pensamento: qual é a porção de luz empregada por cada um dos leitores? Suppondo a claridade d'esta vella distribuida de maneira que não se perca porção alguma, para quantas pessôas será bastante? A vella era grossa e dava uma bella claridade. Fasendo a experiencia achei que eu podia ler muito bem a trez pés de distancia em um livro des-

viado de meus olhos nove polegadas. A vella por tanto illuminaria sufficientemente a superficie concava de uma esphera de trez pés de raio. O livro de que me servia continha quatrocentas letras por polegada quadrada. Portanto uma esphera concava de seis pés de diametro conteria 6:514,400 letras que a vella allumiaria sufficientemente para que fossem distinctas aos olhos collocados a nove polegadas de distancia do livro.

« Ora a luz reflectida por uma só letra a faz visivel n'esta distancia, não só em uma direcção, como em todas as direcções, seja qual for o ponto que occupem os olhos na superficie concava d'uma esphera de nove polegadas de raio; a quantos olhos bastarie a luz assim reflectida para ver a dita letra ? É um calculo facil de fazer-se.

« Suppondo que a pupilla do olho tem de diametro um oitavo de polegada o que é muito aproximado á verdade, a superficie de um hemisferio de nove polegadas de raio é igual as pupillas de 41,465 olhos. A luz reflectida por uma só letra bastaria por tanto para fasel-a visivel a metade d'este numero de pares de olhos. Objectarão que para o olho que estivesse muito perto da pagina, a letra não reflectiria uma quantidade de luz sufficiente: mas é incontestavel por outro lado que a pagina não reflecte a metade da luz que cahe sobre ella. Ha por tanto compensação ampla.

« Finalmente bastando a claridade que cahe sobre uma só letra para fasel-a visivel a 20,732 pares de olhos, e sendo 6,514,400 o numero de letras contidas na superficie concava d'uma esphera de trez pés de raio, a luz que cahe sobre todas estas lettas seria sufficiente a 145.056:540,800 pares de olhos. Eu me resumo: a luz d'uma só vella, suppondo não perder-se particula alguma de luz, e que o todo seja distribuido em porções iguaes, permittiria a 135.056:540,800 pares de olhos ler ao mesmo tempo.

« Si nosso globo conta 900:000,000 habitantes, e é uma supposição muito larga, a luz d'uma só vella seria mais que sufficiente para que os habitantes de cento e cincoenta mundos iguaes tivessem o praser da leitura, si as pupilas de seus olhos se podessem destacar de seus corpos e arranjar em torno da vella na ordem sobredita. Esta conclusão, de ante-mão o reconheço, será tida por absurda, mas nem por isso deixará de ser verdadeiro, e, sem ser grande mathematico, podem se refaser os mesmas calculos, e chegar-se-ha ao mesmo resultado. »

ESTATISTICA.

PROGRESSO DO CHRISTIANISMO.

Os seguintes algarismos indicam qual foi o progressivo augmento dos sectarios da religião christãa desde os primeiros tempos da igreja até ao seculo actual.

Seculos.	*N° d'individuos.*	*Seculos.*	*N d'individuos.*
1°	500.000	11°	70,000.000
2°	2,000.000	12°	80,000.000
3°	5,000,000	13°	75,000.000
4°	10,000.000	14°	18,000.000
5°	15,000.000	15°	100,000.000
6°	20,000.000	16°	125,000.000
7°	25,000.000	17°	185,000.000
8°	30,000.000	18°	250,000.000
9°	40,000.000	19°	260,000.000
10°	50,000.000		

ESTATISTICA GERAL DE FRANÇA.

O ministro do commercio mandou imprimir e publicar um volume de archivos estatisticos de França, em que se lêem as seguintes observaçõe.

De entre as cidades de França a mais elevada é Pontarlier, na raia da Suissa: está 2,738 pés acima do nivel do mar. Gex no departamento de *l'Ain* está a 2,053 pés. Rodez a 1,945 pés. Lyon a 922; o Pantheon de Pariz a 184; Lille a 73; Bordeaux a 27 $\frac{1}{2}$; e Dunkerque a 24 $\frac{1}{2}$.

Tem a França 27 departamentos sem navegação interior, havendo nelles os campos do Orne e Indre, e o muito fertil departamento de Eure-et-Loire.

As estradas reaes comprehendem em França um espaço de 5,600 leguas. No 1.° de janeiro de 1837 havia 4,010 leguas em bom estado: 947 a concertar; e 643 totalmente abandonadas.

As estradas departamentaes tem mais 333 leguas de comprimento do que as reaes. As estradas que apenas communicam os differentes concelhos uns com os outros (vicinaes) são em numero de 468,527, e o seu comprimento total é de 125,000 leguas; o que dá para cada caminho o termo medio do compri-

mento de meia legua. A superficie total do territorio da França é de 10,903 leguas quadradas, das quaes só 1,440 são consideradas como terrenos ferteis. Em terras que se podem lavrar ha 5,113: em pastagens 900; em vinhas 406; em matas 1,384; em baldios 1,358; em edificios, estradas, cidades e toda a casta de povoação 300.

As duas montanhas mais altas de França são o Pico *des Arsines* nos Altos-Alpes, e o Pelvoux, no Isere; ambos pertencem á cordilheira dos Alpes. O cume da primeira tem de altura 2,053 toezas, e o da segunda 1,970 toezas. Estas cumiadas são mais elevadas do que as mais altas dos Pyreneos, que são, o Cylindro de 1,612; e a Maledetta de 1,656. As serras menos altas da França são: Paslia e Orba na Corsega de 1,317 toezas; a rocha de Malporte em Losere de 840 toezas: o Fort de Dieu nas Cevennas de 783 toezas: o Cantal de 968 toezas; o Mont d'Or em Auvergne de 943; o monte Balen nos Vosges de 715; e o Boussiere no departamento de Loire de 502.

A navegação interna da França percorre um espaço de 1,353 leguas em rios; 583 em canaes — total 1,936 leguas.

O Marne é o departamento ou districto em que ha mais terras lavradias. O Cantal é o mais rico em pastagens. O de Gironda tem mais vinhas. As mattas são em maior quantidade no de Nievre, vindo a occupar mais da terça parte da superficie deste departamento.

Póde fazer-se tal ou qual ideia da divisão das terras depois da revolução pela seguinte minuta. Ha 5,205.411 propriedades que pagam um imposto inferior a 5 fr. (₰600 réis): e 10,895.527 pagam entre 1₰600 e 32₰000 réis, e d'ahi para cima. Se cada propriedade tivesse um só e unico proprietario, haveria em França 10 milhões de proprietarios de bens de raiz, que possuiriam, termo medio, duas geiras de terra cada um.

As cazas e edificios habitaveis de França são 6,649.551. — Moinhos de vento e d'agua 82,946. — Forjas e fornos 4,423. — Serralharias e fundições 38,314. — Edificios publicos, palacios, quarteis, hospitaes, etc., 98,000.

As mudanças em trocas ou vendas de propriedade fazem deslocar ou empregar 960 contos annuaes.

Estatistica da imprensa ingleza relativa aos periodicos e papeis de noticias que tem de ser em papel sellado.

Segundo a relação publicada pela repartição dos sellos em Londres, a circulação dos diarios, e papeis de igual natureza publicados em toda a Gran-Bretanha no trimestre de julho, agosto e setembro de 1838 foi a seguinte: —

Circulação mensal dos diarios publicados em Londres todas as manhãas.

	Em setembro.	*Em cada mez, termo medio.*
Times.	350,000	 327,000
Chronicle	154,000	 165,000
Herald	150,000	 153,000
Advertiser	129,225	 130,000
Post.	62,000	 74,000
Ledger.	10,000	 11,000

A estes papeis devem-se acrescentar os seguintes dependentes do Times, do Chronicle e Herald que se publicam tres vezes por semana.

Evening mail. . . .	35,000	 28,000
Evening Chronicle .	15,000	 20,000
English Chronicle. .	6,000	 8,000

Circulação mensal dos periodicos de Londres da tarde.

Sun.	60,000	 116,000
Globe.	72,000	 72,000
Standard	70,000	 83,000
Courier.	25,000	 31,000
Shipping Gazette . .	25,000	 25,000

A estes devem-se accrescentar os seguintes dependentes d'alguns delles, e publicados tres vezes por semana.

St. James Chronicle.	52,000	 57,000
Record	22,000	 22,000
Patriot.	20,000	 18,000

Circulação das publicações em Londres nos domingos.

Weechly Dispatch. .	200,000	. . . . .	235,000
Weeckly Chronicle..	116,000	. . . . .	122,000
Life in London. . .	81,000	. . . . .	83,000
Messenger.	68,000	. . . . .	71,000
Sunday Times . . .	50,000	. . . . .	62,000
True Sun.	23,000	. . . . .	23,000
Examiner.	20.000	. . . . .	22,000
Era.	20,000	. . . . .	20,000
London Dispatch . .	19,000	. . . . .	21,000
John Bull.	16,000	. . . . .	18,000
Observer	15,000	. . . . .	17,000
Spectator.	12,000	. . . . .	13,000
Atlas.	10,000	. . . . .	12,000
Satirist.	11,000	. . . . .	12,000
New Messenger. . .	11,000	. . . . .	12,000
Metropolitan.. . . .	8,000	. . . . .	9,000
Age.	6,000	. . . . .	8,000
News.	6,000	. . . . .	6,300
Naval Gazette. . . .	6,000	. . . . .	6,300
United Service. . . .	5,500	. . . . .	5,800
Crown	4,500	. . . . .	3,700
Champion.	2,450	. . . . .	1,500
Englishman.	1,000	. . . . .	1,000

Omittimos outros de menor circulação que provavelmente não continuarão por não poderem pagar os gastos da publicação. A somma dos sobreditos papeis no mez de setembro foi 707,000; e o numero medio de cada mez do trimestre 775,000 (desprezando as centenas). Do que resulta que o numero total das ditas publicações nos tres mezes de julho, agosto e setembro foi, só em Londres, 2.235,000 folhas.

Ha alêm destas mais 39 publicações em Londres, que não estão sujeitas ao uso do papel sellado, por tratarem exclusivamente de religião, moral, leis, sciencias, artes, commercio, minas, agricultura, etc., e, algumas dellas com immensa circulação. O Town por exemplo extrahe mais de 30,000 numeros por semana.

Dos papeis publicados nos condados ou provincias não encontramos relação alguma completa, e só sabemos que na Gran-

Bretanha fóra de Londres ha 170 publicações com papel sellado, e algumas de muita circulação. O *Northern Star*, por ex., despachou em setembro 90,000 folhas. As publicações actuaes da Escossia são 37, entre as quaes o *Edimburgh Courant* despacha 20,000 mensalmente; e o Glascow Herald 24,000. As publicações na Irlanda subjeitas a papel sellado são 78; havendo porém naquelle paiz uma repartição separada de sello, não temos relação alguma official que sirva de autoridade.

N. B. Cada folha ordinaria de um periodico inglez tem quasi 7 palmos de largura sobre 5 de comprimento: e ha bastantes de dobradas dimensões.

MAPPA DO MOVIMENTO DA NAVEGAÇÃO POR VAPÔR NO RHENO, NOS ANNOS DE 1827 A 1836.

Annos.	*Passageiros.*	*Carga.* (Quintaes.)	*Valor.* (Réis.)
1827. . .	13,606 . . .	55,834 . . .	50,214,800(*)
1828. . .	33,252 . . .	80,625 . . .	80,337,600
1829. . .	42,942 . . .	135,572 . . .	106,265,400
1830. . .	—	—	—
1831. . .	60,125 . . .	160,544 . . .	118,670,400
1832. . .	65,420 . . .	69,085 . . .	110,910,000
1833. . .	—	—	—
1834. . .	114,003 . . .	137,163 . . .	186,960,600
1835. . .	113,447 . . .	181,075 . . .	214,761,000
1836. . .	146,961 . . .	151,504 . . .	235,834,200

Por este extracto parece que os barcos de vapôr transportam mais passageiros do que todas as carruagens publicas e diligencias da Prussia; do que se deduz a prova evidente de que a faculdade de viajar por barcos de vapôr e caminhos de ferro, produz maior movimento de pessoas e generos do que as outras vias ordinarias. È igualmente para notar que o numero de

---

(*) Mooda forte.

viajantes quasi duplicou no espaço de 10 annos; por quanto de 13,606 que eram em 1827, chegaram a 146,961 em 1836: ao passo que para as mercadorias não foi tão crescente a progressão, posto que assim mesmo fosse muito attendivel. A divisão dos valores recebidos pelo numero total dos passageiros, e pela quantidade das fazendas dá uma receita media de 800 rs. para aquelles e para estas.

BIBLIOGRAFIA.

CONPENDIO DE MECANICA ELEMENTAR E APPLICADA para uso dos alumnos da eschola d'architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro, por *Pedro d'Alcantara* BELLEGARDE, major engenheiro, lente director da mesma eschola, etc.

O compendio de mecanica, para sua completa intelligencia, só carece dos elementos de mathematica do mesmo author, e abrange variadas doutrinas. Hum extracto do indice mais ampla ideia dará desta variedade.

Estatica. — Composição e decomposição de forças—Momentos — Gravidade, e centros de gravidade — Methodo centrobarico.

Dynamica. — Movimento uniforme—Movimento uniformemente variado — Quéda e ascenso dos graves — Trajectoria no vacuo — Pendulo simples — Choque dos corpos.

Hydraulica. — Pressões dos fluidos — Pesos especificos — Escoamento dos liquidos — Theoria das aguas correntes.

Pneumatica. — Fluidos elasticos em geral — Pressões e densidades athmosfericas — Medida das alturas pelo Barometro — Som — Luz — Calorico — Vapor.

Maquinas. — Maquinas simples—Maquinas hydraulicas — Maquinas pneumaticas — Maquinas de vapor — Apparelhos mecanicos — Avaliação dos motores.

Resistencia das construcções. — Resistencia dos materiaes — Resistencia das muralhas — Empuxo das terras e das aguas — Empuxo e equilibrio das abobadas.

Como suplemento a mecanica, se dão umas breves noções de Chimica, comprehendendo a nomenclatura, e a descripção succinta dos corpos simples, e dos compostos mais usuaes.

O compendio de mecanica encerra preciosas tabellas, entre as

quaes se fazem notar a dos pesos especificos em que entram muitas das nossas madeiras, a dos motores animaes e outras. Além de muitas doutrinas, que pela primeira vez são tratadas em compendios na nossa lingua, encerra muitas theorias explicadas de huma maneira nova, e todas postas ao alcance dos que tiverem o simples conhecimento das mathematicas elementares.

Acha-se na loja de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121.

CURIOSIDADES.

Imprimiram-se em Pariz, nos dois primeiros mezes de 1839, 1,137 obras em linguas mortas e vivas; 180 estampas, gravuras e lithographias, e 100 obras de musica.

Entre uma multidão de objectos que trouxe a Pariz M. Dabadie de suas viagens a Abyssinia e Ethiopia, ha um que fixa particularmente a attenção dos amadores de raridades: é uma Biblia manuscripta em uma das linguas da Ethiopia, encadernada de maneira que admira aos primeiros artistas em encadernação.

Os periodicos de Vienna annunciam a morte recente, no condado de Zarand, na Transylvania, de Juan Graza, de 120 annos de idade, que parecia destinado, visto sua força e bôa constituição, a viver ainda muito tempo, si não fosse mortalmente ferido cahindo sobre sua foice. Deixou um filho do mesmo nome que tem mais de 100 annos, e um neto de 80 annos, que ha cincoenta annos prehenche as funcções de juiz senhorial. Conforme estes periodicos vive-se muito tempo na Transylvania, e não são raros n'esse paiz os centenarios.

O tribunal de uma cidade de provincia, em França, vê-se obrigado a julgar sobre uma contestação singular. Um proprie-

tario havia mandado construir nm consideravel edificio; tinha pouco dinheiro e o pagamento dos trabalhadores era para elle de summa difficuldade. Imaginou elle um meio de pagal-os, o qual é o seguinte: todos os sabbados, dia em que fazia a feria, o proprietario offerecia aos trabalhadores que haviam recebido o jornal uma collação, e em seguida d'ella entretinham-se ordinariamente em jogar, para o que elle mandou fazer uma *roleta* pequena, de que era banqueiro; em seu pensar, o instrumento é dos mais innocentes; no pensar de outros é dos mais culposos. O que ha de certo é que o feliz proprietario ganhava sempre, e viu levantar o seu edificio, sem que a mão d'obra lhe custasse muito. O tribunal deve decidir si este meio de pagar é legal.

Acaba de morrer em Napoles o primeiro cantor francez, Adolfo Nourrit; a paixão e o sentimento o levaram ao tumulo.

Morreu em Pariz o célebre advogado Parquin, conselheiro d'estado e que foi alguns annos procurador geral do rei.

A policia romana conseguiu ultimamente capturar na estalagem *Osteria del Fosso*, na estrada que vai a Florença, tres milhas distantes de Roma, um bando de salteadores composto de 50 individuos. O estalajadeiro e seu filho pertenciam ao bando, e, o que é para admirar, todas as noites os presos do forte de Nepi sahiam com o carcereiro e se uniam a estes malfeitores para cometter depredações, e ao amanhecer voltavam para suas prisões do forte. Os roubos guardavam-se no castello de Caporola, famoso pelas suas pinturas e pertencente ao rei de Napoles.

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio n. 66.

VIAGENS.

VIAGEM DE LIMA AO PARÁ, PELOS ANDES, PELAS MISSÕES E PELO RIO AMAZONAS.

A viagem cujos principaes factos vamos narrar foi commettida em 1834 pelo capitão Smyth, da marinha real de Sua Magestade Britannica. O objecto das explorações da capitão era, como se deprehende da sua narração, procurar um meio de communicação entre o mar do sul e o Oceano Atlantico por via dos consideraveis rios que atravessam o continente da America Merional: tentativa arriscada e grande, e em que gastou onze mezes. Uma distancia de mais de 30:000 milhas em linha recta separa Lima do Pará; distancia que se pode calcular no dobro, attentas as sinuosidades dos rios, e as voltas e maus passos das estradas. Tinha-se de passar alem das cordilheiras dos Andes, atravessar o territorio das Missões, as immensas *Pampas del Sacramento*, reconhecer depois os rios feudatarios do *Maranhão* (rio Amazonas), e dahi seguir a sinuosa corrente d'este rio até á sua foz. A viagem do capitão Smyth ainda não resolveu a questão completamente; mas os paizes tão diversos e tão pouco conhecidos por onde elle passou, e as descripções que lhes consagra, dão grande interesse á sua narração.

Em junho de 1834 cheguei, diz elle, a Calhao no navio da marinha real *Samarang* commandado pelo capitão Paget. Calhao é mui pouco distante de Lima, e as cartas de recommendação que eu tinha para esta capital, me fizeram relacionar em mui pouco tempo com os habitantes mais recommendaveis. O consul geral M. Wilson apresentou-me a um rico negociante inglez

M. John Thomas, o qual me convidou para o acompanhar em uma pequena viagem a Lunos, a fim de visitar as ruinas da antiga cidade de Pachacámac, sit ada em um valle fertil e pittoresco. Foi por esta occasião que M. Thomas pela primeira vez me suscitou a idea de visitar o interior do paiz, e avançar até Mayro, onde, segundo todas as noticias, se devia encontrar um rio grande e navegavel, chamado Pachitea, o qual communicando com o Ucayali, abria um caminho direito pelo Amazonas com o Oceano Atlantico. M. Thomas dissertou extensamente á cerca das vantagens que se alcançariam adquirindo perfeito conhecimento do curso d'este rio, que promettia offerecer commoda sahida ás numerosas producções do paiz. E para confirmar o que me dizia entregou-me um numero do *Mercurio Peruano*, periodico redigido pelo padre Plaza, e no qual se lia a seguinte passagem.

« Como vivi trinta e dois annos n'esses matos, sei por experiencia propria quanto a sua situação é superior aos do *Maranhão*; elles são sadios, e menos expostos ás febres intermittentes e ás dysenterias, que em varias epochas fizeram morrer muita gente nas margens d'este rio. O terreno é excellente; produz a batata, o *plantano*, a canna d'assucar, o arroz etc. O Ucayali abunda em peixe de diversas qualidades, não fallando na tartaruga e *manati* (vacca-marinha.), e encontra-se nas matas uma infinidade d'aves e d'animaes que servem d'alimento. As tres entradas d'este districto são: uma por Huanuco e porto de Mayro, a segunda por Tarma e pelo rio de Chanchamayo, e a terceira pelo Janja e Andamarca, tomando a direcção de Pangoa. Por este ultimo ponto é que no espaço de sete annos era abastecida a missão. Examinei tudo o que era digno de ser visto desde Sarayacu, que dista quinze jornadas do Maranhão, subindo por este rio; dali cheguei em vinte dias ao rio Pachitea. Este é muito commodo para navegar, porque oito dias são bastantes para que simples barcos possam ir desde a sua fóz ate ao porto de Mayro, e daqui por terra pode-se chegar em dous dias á antiga cidade de Pozuza, e em mais tres á cidade Huanuco. O obstaculo maior que se oppõe a navegação deste rio é serem as suas duas ribas habitadas pelos selvagens Cashibos, que são cannibaes, e que não vivem em boa amizade com nem um de seus vizinhos. Seria comtudo facil destruir esta difficuldade e fazer servir este importante rio para exportação dos productos d'estes paizes. »

Consultei M. Wilson, e achei-o muito bem disposto para me auxiliar n'uma empreza que elle esperava que seria proveitosa ao paiz em que rezidia, e secundariamente aos negociantes inglezes. Prometteu-me que havia de empenhar toda a sua influencia com a governo peruviano, e que me havia de pôr em contacto com alguns habitantes de Lima que poderiam dar-me informaçães u'eis. No numero d'estes contavam-se o Doutor Manuel Valdizan, e D. Manuel Villaran, cura de Panao. O primeiro d'estes dois fez-me presente da seguinte nota, relativa ao meu projecto :

« A exploração d'Ucayali pelo caminho de Mayro e do Pachitea, é certamente uma empresa sobre modo imteressante para a humanidade. Os missionarios a quem tem incumbido a propagação da fé entre os indigenas, tiveram de vencer grandes difficuldades ; porque nem veredas para mulas se encontram de Pozuza a Mayro ; nem ha ponte sobre o rio Huancabamba que corre entre aquelles dois pontos ; e porque finalmente a villa de Mayro não é protegida por alguma cidadella. Todos estes embaraços foram mandados remover pelo governo hespanhol ; mas como o vice-rei deixou de proteger os missionarios, que ao mesmo tempo perderam o auxilio e credito do padre Sobreviela, seu director, e do padre Girbal, nada se fez, e os habitantes do immenso territorio da *Montana* foram abandonados á ignorancia e á barbaria. Nem melhor resultado houve da visita feita em 1783 por ordem do governo, e por pessoas que partiram de Huanuco, Panao, Chaglia, Mugua e Pozuza, nem do celebre tratado concluido pelo padre Sobreviela com os habitantes de Panao para abrir uma estrada de Pozuza a Mayro. A guarnição que devia occupar a fortaleza de Mayro retirou-se para Huanuco levando comsigo as suas quatro peças de campanha e as bagagens. O receio d'um ataque da parte dos selvagens foi causa para se abandonar uma empresa que tinha por fim facilitar as communicações entre o velho e o novo mundo. Grande fraqueza foi na verdade ! e grande damno dahi veio ! Mas si o exame d'estes rios vai agora ser feito sob os auspicios do gonerno inglez, e por intervenção de Belford Hinton Wilson, consul geral de S. M. Britannica, saiba-se que as principaes difficuldades que ha a vencer são : a viagem a pé de Pozuza a Mayro, e a navegação pelo Pachitea cujas ribas, d'uma e d'outra banda, são habitadas por cannibaes, chamados Cashibos, e isto no espaço de setenta leguas, que se não podem vencer em menos de trez dias. Si

houvesse tempo bastante para prevenir o prefeito de Junin, ainda elle poderia mandar arranjar para a expedição a estrada que antigamente houve entre Pozuza e Mayro. A população de Pozuza era d'antes numerosa; foi quasi toda destruida pelas bexigas, e os que escapáram, retiraram-se para Chaglia e para Panao. Tambem será mister mandar ordens a Sarayacu para de lá enviarem alguns barcos a Mayro. »

Don Matias Leon, ministro dos negocios estrangeiros, e o general Villa Riestra, ministro da guerra, convencidos do proveito que viria á republica de semelhante expedição, prometteram-me a sua protecção para o presidente que era o general D. Luiz Obregoso, a fim de elle nos conceder licença para emprehender a viagem; o que elle fez sem a menor difficuldade.

Dei conta do plano da minha viagem ao capitão Paget que me exhortou vivamente a que não desistisse; e quando o meu projecto foi conhecido a bordo da embarcação, offereceram-se muitos officiaes para me acompanhar. Destes todos escolhi M. Frederico Lowe, joven activo, instruido, e dotado de infatigavel zelo. A 24 de agosto chegou a Calhao o navio de guerra *la Blonde*, commodoro M. Mason, que commandava o cruzeiro, e então sollicitei uma licença, que este promptamente me concedeu. E como o presidente Obregoso fosse no dia seguinte a bordo do Samarang, fallou-lhe o commodoro na nossa expedição, e elle prometteu de nos auxiliar por todos os meios de que o governo podesse dispor. O Samarang ia dar á vella, e nós não tivemos tempo para mais do que lançar mão d'alguns objectos de indispensavel necessidade, e sahir logo do navio.

Dahi em diante ficamos sendo commensaes do consul, que nos fez toda a casta de obsequios. Arranjou alem disso por via d'uma subscripção entre os negociantes inglezes, a quantia de 300 piastras (240$000 reis), parte do qual dinheiro foi logo empregado por M. Thomas na compra de varios objectos que elle presumiu que nos seriam precisos para fazermos as nossas transacções com os Indios.

O consul dava grande peso, e por isso forcejava para que o governo peruviano tivesse parte na empreza, o que seria para nós um penhor de segurança. O governo com effeito colligou-se, e nomeou o coronel de engenheiros Clemente Althaus, director da viagem ate ao nosso embarque no porto de Mayro; e encarregou alem disso o major Beltran e o 1.º tenente da marinha Ramon Azcarate, para nos acompanharem ate á nossa chegada

ao confluente dos rios Ucayali e Maranhão. O governo tambem prometteu que estaria á nossa disposição em Huanuco um destacamento militar, o qual nos devia escoltar em quanto passassemos o territorio dos Cashibos. Finalmente obrigou-se a dar-nos as cavalgaduras necessarias para nós e para as nossas bagagens; entretanto muitos dias passaram sem que as vissemos chegar, até que por ultimo nos confessaram que a penuria do thesoiro era tanta, que o governo peruviano nem um bem nos podia fazer. Como porem não quizessemos abandonar a empreza, resolvemos continual-a a nossa custa: mas não nos custou pouco a arranjar cavalgaduras, de forma que não nos podemos pôr a caminho antes de gastar 1,000 piastras (800$000 reis), para obter as quaes tivemos de sacar lettras sobre Inglaterra.

O arcebispo de Lima deu-nos uma carta de recommendação para o padre Plaza em Sarayacu: no dia 17 de setembro, recebemos os nossos passaportes do governo e do consul geral redigidos em tres linguas, em inglez, hespanhol e portuguez; e sahimos finalmente de Lima no dia 20 de setembro a hora e meia.

Levavamos cinco bestas de albarda e dois moços. Aquellas não andam nunca mais de uma legua por hora; e por isso não nos faltava tempo para irmos fazendo observações. Logo que sahimos as portas da cidade, começamos a traçar um plano da viagem, determinando a direcção das voltas da estrada por via d'uma bussola portatil, e fazendo de todas as povoações por onde passavamos aquellas notas que nos pareciam poder vir a ter algum prestimo a quem quer que para o futuro emprehendesse igual viagem.

A estrada logo ao sahir de Lima se dirige primeiramente para o poente, e depois virando de repente para o norte vai tortuosa pela base das montanhas que ha entre os Andes e o mar Pacifico. A' nossa esquerda ficava o fertil valle de Carabello regado pelo rio de Chillon, que tem o seu nascente na montanha da Viuda. Chegamos depois as ruinas d'uma antiga cidade dos Incas chamada Concon, cujas muralhas, que aïnda existem, tem em alguns sitios nove a dez pés d'altura, e são construidas como as de Pachacamac, *de adobo*, isto é, de tijolos cosidos ao sol e muito grossos. Pernoitamos em Pachanca, pequeno *tambo* ou estalagem, em que para nos refazermos do cançasso, encontramos leitos de pedra, alguns moveis muito velhos, e uma detestavel sopa de legumes, a que os naturaes do paiz chamam *chupe*.

Eram sete horas da tarde; eu desejava fazer algumas observações astronomicas, mas o estado do ceo não me permittiu. No dia seguinte começamos a subir as montanhas, e chegamos a Santa Rosa de Quibe, pequeno cazal pertencente ao nosso principal arrieiro, e situado 3766 pés acima do nivel do mar. Passamos a noite seguinte em Huarimayo situado mais acima 2000 pés, e no outro fomos ficar a Obragillo, collocado 8937 acima da superficie do mar. Este paiz é cultivado, e tem boas estradas. Antes de entrarmos n'esta ultima povoação, passamos por uma ponte quasi toda ella formada pela naturesa, e consiste em dois rochedos suspensos sobre o rio, e tão proximos nas suas cumiadas que poucas pranchas bastaram para as unir. Obragillo contem pouco mais ou menos cincoenta familias. As casas são todas construidas de barro, cobertas de colmo, sem janellas nem chaminés, de modo que a porta é a unica abertura por onde entra a luz e sahe o fumo. Os habitantes são Indios e mestiços: fallam tanto o castelhano como o quichua, antiga lingua dos Incas. Os pastos n'este districto são opimos e por isso os aproveitam para a creação do gado muar.

No dia 25 iamos nós a partir para Cerro-Pasco quanto tivemos o gosto de ver chegar o doutor Valdizan com o major Beltran e o tenente Azcarate, os quaes nos disseram que o coronel Althaus se vira obrigado a ir a Canta, mas que mais tarde viria ter comnosco. Depois deixamos Obragillo, e mal que fomos entrando nas regiões mais elevadas, vestimos fato mais quente, o que contribuiu para nos não fazer grande impressão a mudança de temperatura. Experimentamos o que vulgarmente ali se chama *veta* ou *marea*, e vem a ser uma dor aguda que atravessa as fontes da cabeça, e vai acabar no fundo da nuca; e é tão forte, que os que a soffrem não podem fazer mais nada. Passamos a noite em Culluay, a 11,991 pés acima do mar. O coronel alcançou-nos no outro dia pela manhãa, e foi então que pela primeira vez, depois de sahir de Lima, estivemos todos juntos. Cheios de ardor e de esperanças fomos seguindo o nosso caminho para a celebre cordilheira dos Andes, obra sublime e terrivel do Creador do universo.

Sahindo do pequeno valle de Culluay, a estrada que ia sempre a subir seguia a margem do rio, e depois de ter passado a segunda ponte vimos na nossa frente a parte mais elevada dos Andes. A perspectiva era magestosa. A Viuda apparecia coberta de neve. Depois disto subimos muito mais acima do rio, e

dirigimo-nos para o cume da cordilheira. O coronel Althaus deixou-nos n'este ponto, e ficou de nos esperar em Cerro-Pasco O frio tornava-se já insoffrivel, o thermometro não subia a mais de 64° F. (17.° 5 C.), e descia ate 54° F. (12,° 26 C.): chegou mesmo a descer, por occasião d'uma chuva de neve, 39° F. (4° C). Ao passo que nos iamos aproximando do cume, ia o caminho sendo ingreme, pedregozo e incommodo. Finalmente as tres horas menos um quarto chegamos ao ponto culminante chamado *Portachuslo de la Viuda*, situado na altura de 15,500 pés acima do mar. Dali vimos a nossos pés umas poucas de montanhas rodeando um lago de admiravel transparencia, á superficie do qual um vento forte impellia grandes massas de nuvens. Paramos um instante para admirar este bello espectaculo, e depois de termos descançado um pouco, e de termos almoçado com grande appetite, começamos a descer no meio d'uma tempestade, e d'uma densa geada; o thermometro estava a 31° F. (0°, 5 abaixo de zero centigrado). Iamo-nos avisinhando das minas de Lanta, e não tardou que chegassemos a uma região mais temperada. Passamos a noite em Casacancha, que nos tinham pintado como uma aldeia, mas não passava d'uma miseravel cabana situada a 14,381 pés acima do mar.

Na noite de 27 de setembro dormimos em Diezmo, e no seguinte dia de manhãa fomos visitar um sitio chamado Muschapuquio, no qual se nos disse que costumavam os Incas banhar os pés. È uma fonte de optima agua, rodeada de algumas pedras dispostas em forma d'assentos, e com um buraco, que têm com pequena differença a figura d'um pé. N'este dia passamos pela ruina d'uma cidade india chamada Tamboinca, aonde se notavam ainda vestigios d'um templo quadrado, que tinha em dois dos lados um poial com doze degraus.

Um pouco mais tarde demos com as minas de Colquijilca, situadas em um monte que fica á esquerda da estrada. São estas as primeiras que foram exploradas no Cerro. Conta-se que estas minas foram descobertas por um pastor, que andando a guardar o seu rebanho, fez uma fogueira de noite, e viu de manhãa muitas pequenas porções de prata, que o calor da fogueira tinha separado das outras substancias. A prata d'esta mina encontra-se em grãos misturados com a terra da superficie. A duas milhas de distancia com pouca differença, e para o lado direito, está a pequena aldea de Bico, que foi em outros tempos o deposito real das minas. Continuando o nosso caminho encontramos

muitas recuas de *lamas* (especie de jumento) que levavam o mineral; a sua carga é de 4 arrobas, ametade da de um macho, porem é preciso tratar estes animaes com muita brandura, por que quando cançam deitam-se, e nada é capaz de os fazer erguer.

Cerro-Pasco, districto mui rico em mineraes de toda a especie, está situado na encosta occidental da cadeia oriental dos Andes. Sua elevação sobre o mar, pelo que me disse D. Mariano do Rivero director do Muzeu de Lima, é de 14,278 pés. Chegamos ali no meio d'uma chuva muito fria, e a primeira impressão que recebemos nem por isso foi muito favoravel. Era um domingo: os habitantes corriam d'uma parte para outra pelo meio de ruas cheias de lama, vestidos com fatos de todas as côres. A cidade assemelha-se muito a uma aldêa do paiz de Galles; e é construida irregularmente sobre um terreno desigual. As casas são caiádas por fora, e algumas tem além da porta uma pequena janella envidraçada. As casas mais distinctas tem fogões, objecto de luxo ali introduzido pelos Inglezes; porque antes d'estes lá irem, os habitantes aqueciam-se por meio de braseiras. Cerro-Pasco divide-se em trez districtos ou bairros: Cheupimarka, Yauacancha, e Santa Rosa. Cada um tem sua igreja com o competente parocho. A população varia segundo o estado das minas; porque logo que é descoberta alguma beta mais abundante, correm immediatamente os indios de todos os lados para trabalharem. O numero medio dos habitantes pode-se computar entre 12 e 16,000 almas. Ha duas praças publicas, que são Cheupimarka e a praça do Commercio, que é tambem o mercado publico, bem provido sempre de boa carne, fructa e legumes. Na praça ou largo de Cheupimarka está a cathedral muito parecida com um armazem inglez, com a unica differença de ter no seu interior alguns Santos doirados. As ruas da villa são irregulares, e nada tem de aceadas; nos arrabaldes não se vêem sinão cabanas feitas com lodo, construidas á pressa para commodidade dos mineiros, nos sitios em que alguma nova veia foi descoberta; em quanto que as que se tinham edificado junto das antigas estão abandonadas, do que resulta estar sempre a villa a mudar d'aspecto. As bôcas das minas abrem-se frequentes vezes no meio das ruas, e como não ha parapeitos, nem lanternas para as indicar, torna-se muito perigoso andar de noite pelas ruas de Cerro-Pasco. Algumas vezes estão aquellas aberturas dentro dos pateos das casas. Em quanto ali nos demoramos esteve sempre o tempo muito humido; e a quantidade

de lama que enche as ruas excede tudo quanto se pode imaginar. Os habitantes vêem-se na necessidade de andar de tamancos muito altos; porque de outra sorte seriam intransitaveis muitos logares da villa.

Os mineiros dos trez bairros vivem em hostilidade permanente; muitas vezes no dia seguinte a um de festa acontece reunirem-se no cimo d'uma montanha, e combaterem a pau e pedra. D'um d'estes combates fomos nós testemunhas, e durou mais de trez horas. A autoridade não tem força sufficiente para pôr terno a estas rixas; porque a guarnição, quando lá estivemos. apenas se compunha de vinte e trez homens; e alem disso si os militares dão mostras de querer intervir, então todos os partidos se ligam contra elles. A justiça está absolutamente paralysada, e os mais horriveis assassinios são perpetrados com impunidade.

As companhias ou reuniões de familias não são numerosas nem brilhantes, em rasão da difficuldade de communicações de umas casas com outras. Quando la chegam estrangeiros experimentam grande difficuldade de respirar acompanhada d'um sentimento de constricção no peito. São precisos muitos mezes de residencia para qualquer se acostumar á rarefacção da athmosfera. E com tudo vive-se bem; a carne é excellente, os lêgumes delibiosos, e o combustivel abundante. O seguinte é o preço dos generos. Um quarto de boi de 3 arrobas de peso custa 2 piastras e 4 reaes (2$100); um carneiro de uma arroba pouco mais ou menos, 1 piastra (900 rs); uma galinha 400 rs; cinco ovos, 100 rs. etc., etc. O pão é duas vezes mais caro do que em Inglaterra; quatro arrobas de milho custam 4:500; o arratel de manteiga 360; o assucar a 140; o chá entre 1300 e 1800; o café a 180 etc. Os vinhos são carissimos: o vinho ordinario de França custa 2:000 a garrafa, e o de Pisco 360. As cazas tambem são muito caras. Toda a fructa, legumes e pão vem de Huanuco e de Lima.

No mesmo dia em que chegamos fomos á noitinha comprimentar o prefeito, D. Francisco Quiros, que nos recebeu com muita attenção, e prometteu fazer quanto de si dependesse para contribuir para o bom resultado da empreza, mas confessou que não tinha recebido do governo ordens positivas para pôr á nossa disposição tudo de que carecessemos. Esta declaração fez augmentar ainda mais a impaciencia que ja tinhamos de ver chegar o coronel Althaus.

O dia 29 de setembro, festa de S. Miguel, foi celebrado com

grande pompa. Na praça, em frente da cathedral, elevaram-se duas varandas sustentadas em espeques forrados de pano azul; o interior das varandas estava adornado com toda a casta de quadros distribuidos sem ordem e sem gosto. Uma Venus, por exemplo, estava entre um quadro de Christo e outro da Virgem, e por cima d'estes tres uma alentada figura de S. Miguel. A parte exterior estava adornada com bandejas de prata, muitas piastras e alguns dobrões, e por cima fluctuavam bandeiras de todas as côres, á moda chineza. O interior da igreja apresentava uma espessa floresta de velas e paus dourados. As despezas da festa são feitas em cada anno por algum cidadão generoso, que aproveita a occasião de ostentar sua piedade e suas riquezas. A praça estava cheia de immensa gente dos logares circumvisinhos. Depois da missa appareceram duas creanças, exquisitamente vestidas e a cavallo, e trasendo nas mãos espadas desembainhadas. Vinham guiados por grotescos mascaras que dansavam adiante. Atravessaram pela multidão até á porta da igreja, onde proferiram uma longa *arenga* que repetiram ao pé de cada um dos cadafalsos; depois tendo voltado para a igreja, collocaram-se na frente d'uma procissão, acompanhada de muitos foguetes, e a cuja passagem toda a gente ajoelhava.

No dia seguinte ao da festa fomos nós visitar as minas. Quando chegamos a entrada da mina de Dolores, largamos os cavallos, atamos os lenços á roda das cabeças, e levando na mão um archote accezo, fomos descendo com o mordomo adiante para um poço perpendicular de 40 pés de altura. Seguimos depois differentes direcções, chegamos por fim á *socavon*, ou grande brecha que communica com 33 minas differentes, das quaes esgota a agua. Os *canones* (passagens) raras vezes tem mais de 5 pés de altura, e em muitos logares tem apenas trez; todos elles seguem a direcção do metal. Notamos que o terreno era de differentes cores: azul-claro, verde ou amarello; indicaram-nos uma veia como a mais rica, cuja côr se assemelhava á da *oca* romana, e era muito quebradiça. Pelo contrario em outros logares, as particulas do metal luziam no meio da rocha solida. Os mineiros determinam os limites das suas propriedades com tanta exactidão, que é raro haver por isso entre elles a menor disputa. Muitos mancebos estavam entretidos a *elevar* o mineral, e assistiam a estas operações obreiros mais experimentados. Os mineiros pareceram-nos contentes, elles estavam assentados em uma especie de nicho comendo *coco (erytroxilum peruvianun)*

e olhavam para nós com muita indifferença, pedindo-nos ao mesmo tempo cigarros. Na extremidade de uma galeria vimos uma pequena capella ornada com figuras douradas, e consagrada ao podroeiro da mina.

Depois de termos passado duas horas e meia debaixo do chão, voltamos acima, e demo-nos por felizes quando novamente respiramos ar puro. Fomos ver marcar a prata, operação que se faz d'um modo pouco exacto. A barra que nós vimos marcar tinha o numero 819; algarismo que indicava quantas como aquella tinham sido extrahidas da mina desde o principio do anno. Cada barra peza ordinariamente 239 marcos ou 160 libras inglezas. Dali fomos ver a amalgama. Quando o mineral está reduzido a pó, operação que nas *boliches*, ou pequenas officinas, se faz por meio de homens, e nas *haciendas* ou grandes fabricas, com moinhos d'agua, mistura-se então com azougue e depois calca-se tudo para que a amalgama fique perfeita. O metal é extrahido pela lavagem, e a prata pura separa-se pelo fogo; esta prata por fim é derretida e vazada em moldes para ficar em barras, que são logo pezadas, louvadas, e registradas. Quando se está lavrando uma mina, sobre tudo si ella é rica, diz-se que ella está em *bolla;* a entrada é rodeada de choupanas, construidas á pressa e habitadas por mulheres que vendem *chicha*, e que compram todo o mineral que os trabalhadores podem occultar quando vem para cima. Estas traficantes esperam os mineiros no sitio em que elles descançam, cercam-os, e offerecem-lhes as suas *cantaras* cheias d'agua, recebendo em paga um ou dois punhados de mineral. Olha-se como bom signal a agglomeração de choupanas á roda d'uma mina, mas tambem por isso ella exige redobro de vigilancia da parte do dono; porque quasi todas estas choupanas estão providas de pedras para moer o mineral, e os mineiros acham d'esta sorte meios faceis para se desfaserem do que roubaram.

A pessoa que descobre alguma veia nova goza de certos privilegios muito consideraveis. As antigas leis hespanholas ainda estão em vigor e favorecem muito o trabalho das minas: assim pode-se abrir uma mina nova onde se quizer, mesmo em propriedade alheia, e até em terreno sagrado, com tanto que se possa dar uma fiança idonea para a mina ser realmente lavrada; e por fim, si se pede dinheiro emprestado para esta lavra, o ultimo credor é o que tem direito a ser pago em primeiro logar, o que na verdade dá logar a muitas fraudes. A companhia ingleza

que em 1827 e 1828 começára a lavrar estas minas, decahiu inteiramente. Uma das machinas de vapor que ella estabaleceu está destruida, e a outra incapaz de servir.

A 7 de oitubro deixamos Cerro-Pasco, sem que tivessemos obtido soccorro algum do governo. Ja então começavamos a ver o que havia a esperar em um paiz em que as ordens superiores se exprimem de um modo tão vago, e inspiram tão pouco respeito aos subalternos. Continuamos a nossa derrota em direcção para o norte, e passamos por muitas *haciendas* destinadas a moer e a amalgamar a prata. Ao passo que nos aproximavamos do valle, ia angmentando a sua fertilidade, e o rio ia sendo mais largo. A estrada era má, porem agradavel pela verdura e sombra das arvores. No despenhadeiro d'Atochuarco, que é um dos sitios mais pittorescos que tinhamos visto, reparamos no modo de cultivar as vertentes da montanha: as encostas são tão ingremes, que não deixam usar da charrua. Os unicos instrumentos que ali servem são uma comprida vara com uma pá na ponta, e um pequeno saxo de mão.

Passamos successivamente pela pequena villa de Huoriaca, assaz regularmente construida, e onde se goza de um clima muito temperado; pela de Pallanchacra onde se encontram cem nascentes de aguas thermaes; por Huaracallo, notavel por uma vegetação de grande riqueza; e por fim no dia 11 de oitubro ás 5 horas da tarde chegamos a Huanuco pequena povoação distante de Lima 74 legoas.

Huanuco está situado em um soberbo valle sobre a encosta oriental da grande cadêa dos Andes, a 6300 pés acima do nivel do mar. Esta cidade cuja fundação foi no anno de 1542 tem séde episcopal. Está construida no confluente do Higuera e Huallaga, e entra-se para ella por uma ponte de pedra, muito tosca, sem parapeitos. O plano da cidade foi traçado com muita regularidade; todas as ruas são da mesma largura, e crusam-se em angulos rectos: na rua principal tem as casas fraca apparencia, e nas travessas apenas se vêem os muros dos quintaes com alguma porta de grande em grande distancia. A maior parte das ruas são calçadas de pedras pequenas muito bicudas que molestam excessivamente os pés; as outras estão cobertas de tojos e relva no meio da qual vai um trilho estreito. Em Huanuco ha 14 igrejas com a cathedral; entretanto a de Santo Agostinho é a unica que merece alguma attenção. Ha tambem n'esta cidade um collegio com dois professores: foi construido para ter 30

alumnos, porem nunca se chegou a preencher este numero. As casas são vastas, mal trastejadas, e raras vezes se lhes vêem cadeiras; mas em lugar d'estas ha bancos de madeira encostados ás paredes que são simplesmente caiadas; e para se não sujar o fato das pessoas que se assentam n'estes bancos costuma forrar-se de chita a casa ate a altura do guarda-cadeiras. As mezas são tão pezadas, que toda familia de uma casa seria precisa si fosse mister mudar estes trastes de um para outro logar. As melhores casas de Huanuco alugam-se por 200 piastras (quasi 200:000 reis) por anno; as casas mais pequenas rendem entre 25 e 75 piastras. Os inquilinos pagam ao governo um tributo de 4 p. 0/0 sobre a renda; os cavallos e machos valem entre 100 e 200 piastras. Os comestiveis são caros, e os mercados pouco abundantes, excepto em legumes e fructas. O correio parte de Lima nas segundas-feiras, chega na sexta-feira a Cerro-Pasco, e na 2.ª seguinte a Huanuco; as cartas são levadas por um mensageiro montado em um macho. Na cidade não ha guarnição. Os homens juntam-se todos á noite para jogar em uma loja, em que se vende agua ardente, café e gelados. Estes ultimos, posto que muito mal feitos, são optimo recurso. Na noite em que chegamos fomos logo a esta especie do botequim, onde nos rodearam e examinaram com tanta curiosidade, como foram vistos na Europa os Osages. A população de Huanuco, Huascar e Valle computa-se em 12:000 habitantes entre Hespanhoes, mestiços e Indios (Caboncos). A lingua vulgar é o Quichua. O clima de Huanuco é seco, porem o calor é temperado por uma constante viração do norte. As papeiras ou bossios são frequentes n'este sitio.

Em uma entrevista que tivemos á noite com o sub-prefeito, fomos informados que as ordens do governo lhe não pareciam bem explicitas para elle nos poder ajudar efficazmente no nosso projecto. Fomos depois visitados por toda mocidade da cidade que vinha de cumprimentar o seu deputado, o doutor Valdizan. Depois de terem cantado e dançado por espaço de algumas horas, e tendo bebido algumas garrafas de pisco, retiraram-se em perfeito socego.

No outro dia de manhãa expediram-se ordens para Panao para que todos os Indios que soubessem o caminho viessem immediatamente a Huanuco. Mandou-se tambem matar e secar um boi para nosso gasto em quanto nos demorassemos no Pachitea, e arranjaram-nos de mais a mais bolaxa e o mais que nos era preciso. Por fim veio o tenente Bruset com nove soldados de in-

fanteria para nos escoltarem até Sarayacu. Os duzentos homens, que em Lima nos affirmaram que haviamos de ter para nos escoltar, ei-los reduzidos a nove! e estes mal vestidos, e peor armados.

Quando chegaram os Indios de Panao, logo estes começaram a desviar-nos do nosso proposito, allegando mil difficuldades. A nossa resolução porem era irrevogavel. Por falta de bestas só podemos partir a 20 de oitubro; nossa escolta ja então estava redusida a sete homens, porque dois tinham desertado.

Chegamos no dia seguinte a Panao, pequena villa inteiramente habitada por Indios, situada em um valle fertil e ameno. Ha aqui duas praças, uma igreja, e bastantes capellas. Tem muita falta de pão; e so se coze uma vez em cada semana. Sentimos ali um grande terremoto. Os Indios mostravam boas disposições para nos acompanharem até Pozuza, mas logo que souberam que nós careciamos d'elles até Mayro, começaram a sahir da villa. No entretanto o padre cura mandou-os reunir depois da missa, e fazendo-lhes uma practica para os convencer, deixaram-se persuadir, e então partimos. No dia 3 de novembro chegamos a Pozuza, onde nos estavam reservadas as maiores difficuldades.

A villa de Pozuza, que é hoje chamada Yanahuanco, foi fundada em 1712, e habitada primeiramente pela tribu das Amages que os missionarios reuniram n'esta villa e em Tilligo. O padre Sobreviela em 1790 fez um contracto com certos habitantes de Huanuco para construcção de uma ponte no rio de Pozuza, e para a abertura de uma estrada para cavalgaduras até Mayro, o que não importaria em mais de 3:200:000 rs. A ponte foi a unica cousa que se fez, ficou porem tão mal construida, que não tardou a cahir; a estrada nem siquer chegou a começar-se. Taes são as ultimas tentativas feitas para estabelecer uma communicação com Sarayacu por Mayro. Logo depois disto as bexigas devastaram quasi todos os habitantes; e os poucos que escaparam retiraram-se para Mugna, Chaglia e Panao. A igreja, cujas ruinas são os unicos vestigios da população que algum dia existiu em Pozuza, está toda coberta de rasteiras ervas; a villa está reduzida a uma miseravel cabana solitaria habitada por um velho indio entrevado, e por sua familia. Esta gente tem roteado e cultivado um pedaço de terreno em que então havia aboboras semeadas: e a isto se redusia toda a cultura que vimos em Pozuza. A canna de assucar, o ananás e

algodão nascem espontaneamente em grande abundancia, e são de superior qualidade, porem os Indios não lhes dão attenção.

Já acima disse que as maiores difficuldades nos estavam reservadas em Pozuza ; e na verdade depois de gastarmos muitos dias em vãos esforços para obter dos Indios uma escolta até Mayro, estes por fim se esconderam todos. Como não podessemos dar um so passo sem elles, e vendo diminuir tados os dias as nossas provisões de bocca, assentamos em não proseguir a viagem na direcção que primeiramente tinhamos projectado. Dispostos todavia a não abandonar a empreza, resolvemos voltar para Huanuco, e embarcar em Cochero sobre o Huallaga, descer o rio até ao confluente do Chiprana, subir depois por este, e pelo seu tributario Yanayacu, emquanto fosse navegavel, atravessar depois por terra *a pampa del Sacramento*, e irmos a Sarayacu, pelo rio de Santa Catharina. Depois de ali chegarmos, contavamos que o padre Plaza, para quem levavamos cartas de recommendação, nos arranjaria meios para irmos para Mayro subindo pelo Ucayali e Pachitea, itinerario muito differente do que em principio tinhamos traçado. È facil de conjecturar quanto nos custaria a mudar d'esta sorte os nossos planos, por que iamos assim gastar dous ou tres mezes para chegar a Mayro, donde distavamos pela estrada direita dez ou doze jornadas.

Passando novamente por Panao tive occasião de faser mais algumas observações a respeito dos seus habitantes. Elles são geralmente de estatura pequena, refeitos, e bem proporcionados : a cor da pelle é escura ; os ossos da face protrusos, o nariz aquilino, olhos pretos e rasgados, bons dentes. Não cortam os cabellos de traz da cabeça, e fasem com elle duas longas tranças que sempre trazem cahidas. O seu vestuario consiste ordinariamente em um chapeo velho de feltro branco, e uma camiza de algodão branco sem colarinho; tambem trasem ás vezes uma jaqueta azul , mas pelo commum supprimem-a. Umas calças curtas ou calções azues, com borzeguins de pele por curtir muito mal feitos , são o complemento do seu trajo. Trasem tambem uma facha de algodão de diversas cores, semelhantes as que se encontram nos tumulos dos antigos Peruvianos. A esta facha anda pendente uma bolsa de coca, e uma pequena cabáça. São morosos e calados ; mas quando se embriagam são excessivamente garrulos. Os antepassados ensinaram-lhes que não confiassem nos brancos, e porisso elles são sempre desconfiados ; e quanta mais indulgencia e bondade se lhes mostra, maior re-

pugnancia offerecem. E isto provem de certo de que os Hespanhoes, seus antigos dominadores, os tratavam com nimia severidade. Como estão pouco acostumados a ver bom modo, sempre o attribuem a motivos sinistros. Occupam-se na lavoura: casam-se dos 18 aos 26 annos; e de cada matrimonio nascem commummente quatro filhos. É raro que as creanças aprendam a ler, de modo que em quanto não chegam á idade de trabalhar passam vida inteiramente ociosa. Á mulher incumbe o cuidado da cabana, de algumas galinhas, d'uma vacca, ás vezes d'um porco, e de um cazal de ovelhas. O marido ou é jornaleiro, e ganha 80 rs. por dia, ou cultiva por sua conta alguma pequena fazenda que lhe produz milho, coca, e uma especie de erva a que chamam *alfalfa*, muito semelhante ao trevo. A coca rende sempre para pagar os tributos e o dizimo. Aquelles compõem-se de uma derrama de 2400 rs. sobre cada individuo que tiver mais de 20 annos e menos de 60. O disimo pertencia d'antes á igreja; e agora recebe-o o estado, e so reparte com o clero uma mui diminuta parte com o titulo de *primicias*. Os direitos que a lei permitte que se recebam dos baptisados, casamentos e enterros são de 1800 rs. pelos primeiros, 20,000 rs. e mais pelos segundos, e 25,000 pelos ultimos. Os pobres que não estão em circumstancias de pagar não podem baptisar os filhos, nem casar-se, nem enterrar os parentes, e por isso varias vezes acontece que um corpo fica sem sepultura, até que o mau cheiro que d'elle vem a exhalar-se obriga o povo a lançal-o a um fosso, e a cobril-o de terra. Os divertimentos dos habitantes de Panao são a dança, as representaçõcs burlescas, o jogo de cartas e de dados. Fallaram-nos de um costume supersticioso muito extravagante, e que tem grande credito entre os habitantes d'este logar: quando algum homem tem de fazer uma jornada demorada, e não pode levar a esposa comsigo, para se certificar si ella na sua ausencia lhe foi fiel, põe uma certa erva no buraco d'um rochedo sem que a mulher o saiba; e si na volta elle acha a erva murcha, fica entendido que a infidelidade da esposa é manifesta, e castiga-se asperamente. Os habitantes de Panao levantam-se muito cedo, e comem uma porção de *chupe* ou de *masancora*, que é uma especie de papas de milho ou de aveia e de batatas muito adubadas. Acabado este almoço sentam-se e mastigam coca por espaço de meia hora, depois do que começam a trabalhar. Sua nutrição quando elles trabalham nas fazendas consiste exclusivamente em favas, e milho tor-

rado, ao que chamão *cancha*. Podem fazer viagens muito longas a pé, e parecem insensiveis ao cançasso ; só param alguns instantes todas as horas para mastigarem coca. A sua carga ordinaria é de duas arrobas e meia, além d'uma volumoza mochila com roupa e cobertores para se deitarem, que pezará arroba e meia. As chuvas pouco os incommodam, e dormem ao sereno sem dahi lhes vir mal. Com tudo não chegam a uma idade muito avançada. A embriaguez é o seu vicio dominante, e aproveitam para se embriagarem todas as occasiões que se lhes offerecem.

Sahimos finalmente de Huanuco no 1.º de dezembro, e a 21 de janeiro chegamos a Santa Catharina, pequena aldea em que haverá, quando muito, trinta familias. Os homens são dados á caça e pesca ; e as mulheres fiam, tecem, e cultivam as plantações. Na praça d'esta aldea encontramos grande numero de habitantes que ali nos esperavam para nos condusirem ao *convento* que era uma especie de caravançara. Apenas la chegamos, recebemos a visita do governador, das authoridades judiciaes, e dos *fiscaes* da igreja acompanhados das pessoas mais notaveis da povoação. Não nos era possivel adivinhar o motivo porque nos tratavam com tanto respeito ; porém o nosso estalajadeiro, que se chamava Ruiz, nos contou que para sermos bem recebidos prevenira o governador, de que estavam para chegar a Sarayacu trez personagens celebres, um santo, um general, e um padre com um ajudante de campo do general. Não gostamos do estratagema ; ralhamos-lhe ; mas a nossa colera abrandou apenas vimos a meza do jantar bem recheada de *platanos*, de galinhas e de peixes, que, si não fosse isso, haviam de nos custar muito a obter. Soubemos então de Ruiz que no dia antecedente tinha achado o governador e todas as authoridades de Santa Catharina muito embriagadas.

Mandamos Ruiz adiante para avisar o padre Plaza da nossa chegada. No dia 30 de janeiro recebemos uma carta d'este missionario, em que nos disia que mandava os unicos barcos que havia em estado de navegar pelo rio. A 5 de fevereiro tivemos o gosto de saber que o proprio padre Plaza nos vinha esperar, e que no dia seguinte, o encontrariamos na aldea de Yapaya. Imagine-se que alegria seria a nossa, quando todas as esperanças que ainda tinhamos estavam só fundadas n'este padre. Simelhante alegria só podia ser excedida pela impaciencia que tinhamos de o vêr. De repente um tambor a tocar, e exclamações de jubilo que se ouviam da outra banda de um pequeno

lago, chamaram a nossa attenção. Fomos navegando para o sitio, e apenas chegamos á margem, saltamos em terra, no meio de uma salva de morteiros; e o padre, que já ali estava cercado de todos os habitantes da aldea, abraçou-nos cordialmente, e pelo modo porque nos recebeu parecia tão agradado do nosso encontro como nós tambem o estavamos de o vêr.

O padre Plaza é baixo e gordo, de 60 a 70 annos de idade, e de presença amavel e insinuante. Apenas acabamos de o abraçar começaram as Indias a fazer-nos os mesmos cumprimentos, mas com mais fervor. Não se contentando com nos apertar com effusão em seus braços, levaram-nos para suas casas, e exprimiam o prazer que tinham de nos vêr pelo unico vocabulo hespanhol que sabiam — *amigo*. Chegados á aldea, nova scena nos esperava: tratou-se de ajustar um pacto de amisade com os homens. Estes povos, á simelhança dos habitantes das ilhas do mar Pacifico ligam maxima importancia ao titulo de amigo. O pacto de amizade depois de concluido é para elles um laço indissoluvel. Cada um dos habitantes escolheu entre nós o seu amigo, e foi rogado o padre para que ratificasse o tratado, ao que satisfez explicando-nos o objecto d'esta alliança. A ceremonia consiste em abraços reciprocos, e em pronunciar muitas vezes a palavra *amigo*. Firmada d'esta sorte a nossa amizade assentamo-nos no chão, e almoçamos excellente tartaruga, vaca marinha, e galinhas que o bom padre tinha trasido. Nós tambem contribuimos da nossa parte offerecendo-lhe uma pequena garrafa de *pizco*, licôr excellente que se fabrica em Pizco, perto de Lima, e que de proposito para elle haviamos comprado.

Logo que nos vimos sosinhos com o padre Plaza entramos no objecto que tinhamos mais a peito, e perguntamos-lhe si elle nos podia facilitar meios para executarmos o nosso projecto. A principio pareceu-nos muito bem disposto; mas depois perguntou-nos se traziamos muito dinheiro «porque a viagem disse elle, que vós emprehendeis é muito dispendiosa» A' nossa resposta negativa esfriou consideravelmente o animo do padre; com tudo ainda nos disse que veria os generos que levavamos, para saber si o seu valor bastaria para os gastos do caminho. Depois de passar a sua revista declarou-nos que tudo quanto possuiamos apenas chegaria para meio caminho. Debalde nós procuramos todos os meios possiveis de remediar este terrivel contratempo, nem um achamos, e d'esta sorte pela segunda vez nos vimos na precisão de abandonar um projecto que reputavamos

de immensa utilidade para as relações sociaes e commerciaes dos estados da America do Sul, e quiçá do mundo todo. A' vista disto tratamos logo de apressar a nossa sahida de Sarayacu.

O padre Plaza tinha feito a sua colheita de salsa-parrilha e de tucuyu que se dispunha a mandar pelo rio a S. Paulo, juntamente com alguns boiões de oleo de tartaruga. Como a occasião era boa aproveïtamol-a para a nossa partida. Trocamos em Sarayacu as nossos mercadorias por salsa-parrilha e tucuyu, generos de prompta venda em todas as paragens do Amazonas, e que nós mettemos na embarcação que o padre Plaza acabava de armar. Era ella um barco de singular aspecto, chamado pelos naturaes — *garretea:* ésta especie de navio tinha 45 palmos de comprido e seis na sua maior largura, mais estreito na pôpa do que na proa, e navegando com muito pouca agua. O fundo do barco era inteiriço formado por um tronco d'arvore excavado, e cuja capacidade se tinha augmentado com faixas calafetadas com alcatrão, cera e musgo. A equipagem constava de onze homens e um rapaz sobrinho do padre que servia de sobrecarga.

Os Indios que deviam alimentar-se á sua custa tinham mettido para o barco provisões em abundancia, e principalmente seis enormes jarras de *mesata:* as bagagens, armas, e viveres estavam guardados debaixo d'um toldo pouco alto e arqueado, que apenas deixava de cada lado do barco um pequeno espaço para remar: á pôpa havia uma especie de camara em que, bem ou mal, conseguimos abrigar-nos do excessivo calor. Os nossos remeiros e os dois do leme ião nus, e supportavam sem lhes custar o ardor do sol. Era um gosto vêl-os todos os quartos d'hora cortarem simultaneamente com uma especie de negligencia as aguas com os seus *pagaios*, pequenos remos ovaes, com que imprimiam sufficiente velocidade a embarcação. As galinhas, as tartarugas, as differentes especies de viveres, os papagaios e macacos com que o padre Plaza nos tinha presenteado, tudo misturado e confundido dava á embarcação um aspecto pitoresco e digno de se desenhar.

Partimos de Sarayacu a 6 de março, dando véla ao vento e arvorando o pavilhão inglez no nosso mastro grande — e unico, no meio dos applausos e bençãos dos habitantes do paiz e do padre Plaza. Descemos o Ucayali, entramos no Amazonas a 15 de março; chegamos a 13 de maio a Santarem, donde sahimos a 16 e a 29 do mesmo mez chegamos ao Pará onde nos embarcamos para a Europa. Poucos acontecimentos notaveis se nos offe-

receram em toda esta longa navegação. Por toda a parte a natureza se nos offereceu sublime: vimos immensidade de jacarés; alguns Indios nos accometeram de tempos a tempos com as suas formidaveis flechas; nós porem não tinhamos bastante liberdade de espirito para observar attentamente, e colligir todas estas scenas. Limitar-me-hei somente a fallar de algumas particularidades que me contou o padre Plaza ácerca das missões hespanholas e dos seus habitantes.

As primeiras tentativas para converter os Indios que habitam os paizes banhados pelo Huallaga e o Ucayali, foram em 1631 pelo padre Filipe Luyendo: este foi de Huanuco ao valle de Chinchao, reuniu ali os habitantes dispersos por seis differentes cazaes, e persuadiu-os a que se baptisassem. No decurso dos cincoenta annos seguintes vieram outros missionarios renovar estes ensaios, que em algumas localidades foram felizes; porem em outras estes piedosos e respeitaveis ecclesiasticos foram victimas do zelo. O padre Antonio Vital foi o primeiro que em 1687 mettido em uma fragil canoa, penetrou pelo Apurimac e Ucayali até ao Amazonas. Em 1712 foi fundado o collegio d'Ocopa por Fr. Francisco de S. José, para educação dos missionarios. Em Mayro estabeleceu-se uma colonia em 1735, e em 1791 descobriu o padre Girbal a estrada que atravessa a parte septentrional da Pampa del Sacramento pelos rios de Chimpurana e de Santa Catharina, e fundou a missão de Sarayacu. O padre Plaza actual missionario, reside ali ha trinta e quatro annos, e exerce uma authoridade como que partriarchal sobre os estabelecimentos situados ao longo do Ucayali, dos quaes foi elle mesmo o fundador. Depois de 1815 não se tornou a fundar nem um outro estabelecimento do mesmo genero. Foi nessa epocha que a America Hespanhola se separou da metropole. Muitos missionarios abandonaram as suas estações; e em consequencia disso muitos indios voltaram ao antigo estado de barbaria.

A Pampa del Sacramento foi assim chamada por ter sido descoberta por alguns indios que acabavam de ser convertidos no dia do Corpo de Deus do anno de 1726. Este paiz eminentemente fertil terá 120 legoas de norte a sul, e uma largura variada entre 16 e 40 leguas. Dois dos rios que o limitam, o Amazonas e o Ucayali são sempre navegaveis pelas grandes embarcações, e os outros dois por pequenos barcos. O terreno produz bastantes vegetaes para consumo dos habitantes, e os rios

BIBLIOTECA NA S.L.R.

dão quantidades inesgotaveis de peixes de toda a casta, e saborosissimos. Ha tambem uma variedade infinita de magnificas aves, muitas das quaes são boas para comer. O padre Valentino d'Arrieta escrevia de Pozuza em 1777, que junto de Mayro havia uma rica mina de ouro ; isto porem é duvidoso, porque os indios que gostam muito de se enfeitarem, nunca foram vistos com adornos d'este metal. A verdadeira riqueza do paiz é a salsaparrilha, que ali se produz espontaneamente e com a maior abundancia. O clima é muito analogo ao da Madeira. Em quanto ali nos demoramos o thermometro elevava-se diariamente a 85° F (29,° 5 C.), e descia a 75° (23,° 9 C.) era a epocha do anno em que o sol passava no zenith. O padre Plaza tambem nos disse que na estação sêca nos mezes de junho, julho e agosto a temperatura é muito igual e moderada. Em dezembro, janeiro e fevereiro reinam algumas vezes febres intermittentes, mas que não tem consequencias funestas, sendo convenientemente tratadas.

Este fertil jardim da natureza é habitado por dez tribus de indios, mui differentes umas das outras em usos e costumes. A unica missão que agora existe entre elles é a de Sarayacu. Ao zelo e actividade do padre Plaza é que esta villa deve o estado florecente em que hoje se acha. Quando elle lá chegou em 1801, não havia igreja nem convento ; fundou ambas as couzas, e em 1822 ja tinha 2:000 habitantes pertencentes a cinco differentes tribus, e que moram em bairros separados aos quaes deram os seus nomes. Tudo o que toca á economia domestica está a cargo das mulheres. Os moveis e alfaias são muito poucos em todas as cazas. O que de ordinario se vê, são grandes potes de barro, em que se guarda a agua, a *chicha* e as tartarugas ; e vazos de varios tamanhos feitos de cabaças ; um machado, duas ou trez facas, arcos, setas, bancos e sarabatanas (buzinas). Em algumas cazas encontram-se grandes cepos de pau um pouco excavados para servirem de cadeiras ; pedaços de casca de arvores servindo de colchões, um cortinado para os mosquitos feito de tucuyu, e da grandeza necessaria para cobrir toda a familia ; algumas marmitas de barro ; grandes gamelas de madeira para fazer *masata ;* uma escada para subir aos platanos, e cestos para guardar o algodão bruto e fiado.

Os habitantes mais abastados da villa possuem teares muito toscos, e caixas feitas de palhinha, em que estão arrecadadas as joias da dona da casa, as linhas, agulhas etc. Tudo está fora de

seus lugares, e em desordem. As cazas estão mal arranjadas, apesar de serem muito asseados estes indios, e de se banharem muito frequentes vezes. Quando os homens vem de caçar, tem já as mulheres prompta a ceia, que consta de peixe ou tartaruga, cozida ou assada com bananas. Toda a familia come junta, assentada no chão, e mette os dedos nas escudellas. A's vezes usam da concha d'uma especie de ostra em vez de colher. A occupação mais enfadonha do marido é construir os barcos ou canoas, que tem mais de 40 pés de comprimento, e 3 a 5 de largura. Antigamente gastavam um anno para fazer um barco, mas depois que os missionarios lhes ensinaram o uso do ferro, trabalham muito mais depressa.

Alguns indios que habitam Sarayacu tem a pelle menos bronzeada do que outros; todos porem são muito bem feitos do corpo, o que em parte se pode attribuir ao horror que lhes causam as creanças aleijadas: as proprias mães matam desapiedadamente os filhos que lhes nascem com algum defeito physico; em quanto ao mais são excellentes mães, muito desveladas pelos seus filhos, posto que algum tanto namoradeiras. É um divertimento vêr uma bella india ao toucador com a pequena caixa de joias, com o seu espelhinho, e os vazos de tinta vermelha e azul, esta para os dentes e aquella para a testa e maçãas do rosto, e com uma pequena vassoura de junco que lhes serve de pincel. Os indios são muito francos e sem dissimulação alguma; consideram-se todos como irmãos e iguaes, excepto o padre Plaza, para com o qual observam grande respeito. Ambos os sexos são muito dados á embriaguez, e reunem-se para dançar e embebedar-se de companhia. Os homens e mulheres cazam-se entre os 12 e 15 annos, e o numero medio dos filhos de cada matrimonio é de quatro. Vão todos os dias á missa e á reza, a que assistem com toda a reverencia devida. O serviço divino celebra-se logo ao amanhecer para lhes deixar tempo de irem para as suas occupações, que muitas vezes os obrigam a ir a grande distancia da villa. A reza é parte em latim e parte na lingua india.

No domingo gordo depois da missa fez-lhes o padre uma exhortação moral sobre o modo porque se deviam comportar nos dias do entrudo, insistiu em lhes fazer bem sensiveis os males que lhes provinham de se embriagarem e fazer desordens; o seu discurso porém não fez grande impressão na multidão. No outro dia foram cortar duas grandes palmeiras, e levaram-as uma para defronte do convento, e a outra para diante da casa do

governador. Dependuraram-lhes nos ramos muitos lenços e quinquelharias; fizeram depois cóvas para plantar estas arvores, erguendo-as por meio de cordas. Depois disto retiraram-se os habitantes para suas casas, e essa noite passou-se em geral embriaguez. Na terça-feira do entrudo apparecêram passeando pelas ruas varios grupos com tambores e gáitas, uns com bandeirolas, e outros vestidos extravagantemente. Estes grupos succediam-se rapidamente uns aos outros; e ao passo que se adiantava o dia, crescia a embriaguez e o barulho. Ás quatro horas toda a villa se reuniu na frente do convento, levando cada habitante na mão alguma ave rara, ou alguma concha ou buzio precioso. O padre Plaza appareceu então na varanda assentado com os noviços da missão em pé atraz delle, e um grande cesto ao pé de si. Logo que o povo o viu, foi-se aproximando a dançar, e cada um depois de lhe beijar a mão dependurava a uma correia que elle tinha á roda do pescoço, o presente que lhe tinham destinado. Estes presentes foram tantos que o bom do velho já vergava com o peso delles. Os que não podiam chegar-lhe ao pé deitavam no cesto as suas dadivas. Acabada que foi esta ceremonia, que tinha o quer que seja de feudal, recitou o padre Plaza outro sermão sobre a abstinencia, que fez tanto effeito como o primeiro. No fim do discurso derrubaram as duas palmeiras; e seguiu-se então uma lutta muito divertida para vêr quem havia de apanhar os lenços e bugigangas, que lá se tinham dependurado. Depois disto todos se dispersaram, e á noite foi completa a orgia.

O governador e doze differentes magistrados que consultam o padre Plaza nos casos espinhosos, são quem administra a justiça. Durante a nossa estada ali foi castigada uma mulher por ter commettido adulterio. A pena foi de chibatadas, e um dos juizes é que a executou. O governador era um joven Indio, activo e intelligente, escolhido pelo padre, a cuja casa elle ia todas as manhãas com o bastão de commando beijar-lhe a mão, receber a bençam, e tratar dos negocios governativos. Ainda que estes Indies tenham feito muito poucos progressos na civilisação, comtudo a obediencia que elles tem ao padre, e a attenção com que seguem o culto que abraçaram, faz muita honra ao seu digno pastor.

O padre disse-nos que as bexigas faziam grande mortandade na população; e o governo peruviano por certo que adquiriria grandes titulos á gratidão destes Indios, se lhes proporcionasse meios de se vaccinarem.

O padre deu-nos tambem muitas ideias ácerca das diversas tribus indias que habitam a Pampa del Sacramento, algumas das quaes são antropophagas. Eu vou dar um exemplo que denota toda a sua ferocidade. Um rapaz da tribu dos Cashibos, que o padre tinha no convento para domesticar, mostrou um dia vehemente dezejo de comer um dos companheiros, e estava-se já preparando para o matar com uma faca. Felizmente tiraram-lhe a faca a tempo, e depois de o reprehenderem, e de lhe mostrarèm a atrocidade do acto que tinha querido praticar, respondeu: « Pois porque não o hei-de eu comer? Eu vos certifico que havia de ser um bom guisado. » O padre todo horrorisado tratou logo de o despedir da missão.

(Traveller's Magazine.)

BIOGRAPHIA.

GALLERIA BRAZILEIRA.

INTRODUCÇÃO.

A litteratura de um povo é a expressão a mais fiel e elevada de sua civilisação. Ella apresenta seus habitos, suas usanças e seus costumes, em toda a sua verdade, em toda a sua claresa; o gráu de sua illustração, o estado de seus conhecimentos philosophicos, moraes e politicos, em toda a sua força e elevação. A idéa dominante de uma epocha, o espirito que a dirige, o fim á que se ella propõe, se revelam nas obras e composições que nos transmitte o passado, que nos legam nossos avoengos. Não

conhecemos nós perfeitamente os Romanos, com sua austera philosophia, seus deuses penates, seus duros costumes, seu amor á liberdade e ao solo da cidade de Romulo, e seu terrivel egoismo nacional, percorrendo com os olhos as admiraveis paginas, que os Ciceros, Tacitos, Virgilios, Horacios nos transmittiram? — E esses principios de honra doces e ao mesmo tempo severos, galantes e ao mesmo tempo sanguinarios dos compatriotas do Cid, dos vencedores de Alpujarra, quem nol-os faz comprehender, quem nol-os ensinaria á não terem existido os Mariannas, Calderons, Moratins, Cervantes, Garcilasos, e Lopes de Vega? Ahi está o divino Camões, o sonoro Gil Vicente, o agradavel Diogo Bernardes, João de Barros, e o severo Freire de Andrade para nos diser quem eram os Portuguezes de seu tempo, que pensamentos tinham, que opinião formavam da gloria, e do amor da patria — Oh! esses homens — si mais que homens não eram — passáram como o fumo, e nem suas reminiscencias fasem accender nos peitos de seus descendentes aquelle fogo sagrado, que os animava, quando se entregavam á livre expansão das idéas generosas, grandes, e patrioticas. Esses heróes morreram, e sonho é talvez hoje o pensar-se n'elles, em percorrer com o pensamento as phases de sua vida, o merito de suas acções, a grandeza de seus feitos.

Todo o povo tem sua litteratura, e não só esses, que deixam honrosa nomeada na historia do mundo, como tambem aquelles, que nascem, vivem, e morrem na escravidão, ou no olvido, porque todos elles tem costumes e habitos, todos elles tem seu gráu maior ou menor de illustração, todos elles são representados nos annáes dos seculos por um ou outro individuo, dotado de genio, que toma sobre seus hombros a tarefa de exprimir seus sentimentos, alegres ou tranquillos como os da vida de pastores e eremitas, procellosos e terriveis como os de uma nação escravisada. —A Islandia, a Esclavonia, a Hungria, a Bohemia, a China, e os Hindous têm litteratura propria e original. Dos indigenas da America se descobriram canticos, que revelam sua vida e sua historia. Os autores polacos, emigrando de paiz em paiz, vivendo vida errante de peregrinos, longe da patria, com os olhos entretanto fixos em Varsovia, eil-os que lamentam as doçuras de Djadi, e, tocando a harpa da dôr e do sentimento, eil-os que levam e gastam seus dias, chorando pela terra de Poniatowsky, e Kociusko, e d'est'arte vão exprimindo e representando a Polonia dos nossos dias.

O Brazil tambem, descoberto em 1500 pela mais heroica nação d'aquelle tempo, libertado em 1820 pelo valor de seus filhos, tem uma litteratura propria e original, cheia de interesse, rica, vasta e bella. Antes da independencia, muitos illustres litteratos brazileiros se tornáram celebres pelo seu engenho; elles porém se confundiram com os autores portuguezes, e como Brazil e Portugal formavam uma só nação, tudo se appellidou portuguez, e a gloria que elles deram a patria, ambos os paizes a chamam sua.

Nós não tentamos hoje escrever a historia da litteratura brazileira; faltam-nos talentos, faltam-nos estudos, faltam-nos cabedal e materiaes para a desenvolver como o requer a grandeza do objecto. Não seguiremos passo á passo as phases da litteratura d'este solo tão brindado pela naturesa, tão estragado pela mão dos homens — solo, aonde a terra e o ceo, a naturesa e os astros, e sua posição e o immenso Oceano, que o circumda, pareciam terem-se dado as mãos para tornarem grande e poderosa nação do mundo; mas que seus proprios filhos rasgam com espadas fatrecidas, regam com seu proprio sangue, e maltratam com seus feitos horrorosos.

Contentar-nos-hemos por ora com esboçar os retratos dos Brazileiros illustres, formando uma galeria, aonde se colloquem, e se descriminem dos autores portuguezes. Nossa intenção é unicamente contar a vida e os feitos de nossos compatriotas, que se celebrisaram, e cuja gloria redunda em beneficio do paiz, que os viu nascer, e d'aquelle, cuja lingua elles aperfeiçoaram. Brazil e Portugal devem unidos cantar e admirar os genios, que escreveram na lingua, que fallam ambos os povos; a gloria que d'elles resulta corôa ambas as nações; ellas tem igual direito á revindica-la. Entretanto porém ha differença entre elles: — ella provêm do logar em que tiveram seus berços, dos costumes e sympathias, que cercáram sua infancia, das idéas, que a naturesa diversa dos dois paizes fez gerar nos seus espiritos e animos.

É essa parte de que nos incumbimos; é essa differença que faremos sobresahir, e nem ella poderia deixar de existir. O Brazil, sem velha historia, sem interesse do passado, com uma naturesa grandiosa, alcantiladas montanhas, caudalosos rios, não pode offerecer as mesmas inspirações produzir o mesmo espectaculo, que a patria dos Castros e Albuquerques, talada pelos Arabes, vencedora em Ourique, derrotada em Alcacer-Quivir,

victoriosa n'Asia e Africa, e famosa no glorioso reinado dos Manueis e Sanchos.

A pár dos incidentes das vidas, que descrevermos, ao lado do interesse, que deve produzir a historia d'esses illustres autores brazileiros, mencionando as circumstancias, que acompanháram sua existencia, produzindo em scena os tempos e epochas, em que viveram, nós traçarémos o quadro de suas composições, as analysaremos com todo o cuidado, com todo o sangue frio e reflexão, sem que nos mova a penna sentimento algum, ou paixão, odio, ou amor. O que resta d'elles são suas obras; ellas que nos forneçam juizo seguro, ellas unicas que nos guiem em nossa tarefa.

Como já dissemos acima, não seguimos ordenadamente epochas; os retratos, que esboçámos, são isolados, differentes, e compostos segundo a inspiração e a leitura, sem que nos importemos, si o primeiro ou o ultimo são mais ou menos modernos, nasceram antes ou depois. E n'esta parte, si he permittido á quem faltam cabedaes seguir as pisadas de personagens celebres, de autores distinctos, diremos, de antemão desculpando-nos da ousadia, que pretendemos seguir o methodo adoptado por um illustre autor francez, M.r Saint-Beuve, que acaba de honrar seu paiz com uma collecção de retratos dos autores franceses, pintados destacadamente, e sem ligação um com o outro, mais do que a necessaria para chamar o interesse de uma composição litteraria para outra.

O publico, que avalie e decida do merito de nosso trabalho; nós lhe podemos assegurar unicamente, que bebemos as informações nas fontes as mais puras, e que nossos desejos, e nossas intenções são dedicados ao bem e grandesa do nosso paiz.

I.o

Fr. Francisco de S. Carlos.

D'entre os homens illustres, que no Brazil floreceram no começo do seculo decimo-nono, um genio ha, que apesar de um pouco esquecido hoje, não occupa menos o primeiro logar

na litteratura brazileira. É Frey Francisco de São Carlos, nascido na cidade do Rio de Janeiro, no logar hoje denominado — Largo do Machado, — em agosto de 1763.

Foi grande orador sagrado. O pulpito ainda treme com a reminiscencia de sua voz harmoniosa ; as abobadas das igrejas ainda repercutem sua magica eloquencia ; á aquelles, que o ouviram uma vez, é impossivel não traser gravados na memoria esses acentos de puro enthusiasmo, de fervor religioso que, como espontaneamente, lhe escapavam. Homem de inspiração sincera, de fé profunda, de verdadeiras crenças, de vastos conhecimentos, Frey Francisco de São Carlos não precisava de estudar o objecto, de que devia tratar. A multidão, que o cercava, curiosa de o ouvir, a presença das sagradas imagens, que representavam as celestes divindades, os sons compassados do orgam, as decorações da igreja, o incenso, que escoava do turibulo e se erguia ao ceo, como a voz do peccador, todo esse espectaculo emfim, que apresenta um templo, para celebrar a gloria do Eterno Fundador do mundo, bastava para inspirar-lhe os mais bellos pensamentos, as mais vivas imagens, a mais vibradora eloquencia. A palavra se não negava á seu appelo, as expressões lhe não faltavam, sua imaginação tão rica e tão poderosa o não desamparava. Era um orador todo de improviso, todo de emoções, todo de imagens. Sua eloquencia corria abundante e natural, e o som agradavel e limpido, que lhe escapava dos labios, electrisava a multidão. Verdadeiro orador — por que este nasce e se não faz, digam o que quiserem os mestres de rhetorica , — elle sabia perfeitamente unir e ligar a espontaneidade do genio com as exigencias da arte ; conhecia admiravelmente o terreno, em que marchava, os animos á que se dirigia, e os obstaculos que lhe cumpria vencer. Nada entretanto o embaraçava ; sua inspiração era, quando lhe aprasia, detida e moderada; suas palavras obedeciam á seu geito e vontade. Nasceu para o pulpito — nasceu orador — e por consequencia foi orador em gráu muito subido ; e sua eloquencia como não era preparada e estudada, exercia a maior influencia sobre seus ouvintes. Perdeu-se porém com elle. Seus sermões não se publicaram ; só resta d'elles a reminiscencia. É por isso que o nome de São Carlos, como pregador, cahiu algum tanto em olvido entre nós.

Como poeta, tambem se não tem em muita conta hoje o seu nome, por que a mor parte de suas composições, que sobremaneira agradariam á nossos tempos, á nossa epocha, não foram

tambem publicadas. por isso que muito pouco apreço lhes dava seu proprio autor.

Entretanto é preciso disêl-o; Frey Francisco de São Carlos não foi menos poeta, que orador. A poesia n'elle era o homem inteiro. Não ha um canto do seu espirito, uma particula de sua alma, que ella não possúa e não transborde; não ha uma fibra de seu coração, que ella não vibre. A poesia para elle é a vida, existe no seu sangue, mescla-se com sua substancia, penetra-o, innunda-o todo; suas paixões, suas crenças, suas idéas são pura e natural poesia. Sua imaginação superior, abundante, rica e poderosa sustinha o curso de seus pensamentos, reforçava-os, e depois os deixava seguir seu caminho: ella o ajudava na poesia, como na oratoria

A obra unica porém de São Carlos, que nos transmittiram os prelos, o poema da — *Assumpção da Virgem* — obra magnifica e sublime, parece de alguma sorte anachronismó no nosso seculo; e por isso poucos a lêm. Hoje, que predomina a mais revoltante indifferença em assumptos religiosos, hoje que todos os systemas de philosophia são englobados no materialismo o mais terrivel, hoje que os calculos do egoismo vencem, que não ha enthusiasmo nem por Deus, nem por patria, como é possivel comprehender-se a mystica e sublime inspiração de um poeta por cousas sagradas, divinas, e mysteriosas? Como é crivel o puro extase de um homem, que se arrôba de enthusiasmo em frente dos dogmas, que nos ensina a religião?

Vamos a vida de São Carlos. Depois então trataremos e analysaremos suas obras.

Na idade de 13 annos, aceito á ordem no convento de São Boaventura de Macacú, chegou em 1801 á ser nomeado professor de eloquencia sagrada. Seis annos depois, quando o neto dos Áffonsos desamparava, tremendo, a terra de seus avós para vir acoitar-se no Brasil das furias do heroe de Austerlitz e Marengo, recebeu Frey Francisco de São Carlos a carta de pregador da Capella Real, que então, com a emigração portugueza, se honrava com grandes talentos, só abria seu seio a nomes já illustrados e conhecidos.

São Carlos nunca deixou o Rio de Janeiro. N'elle nascido, n'elle educado, n'elle conservou-se e morreu. Sua figura era bella e vistosa, sua physionomia elegante e expressiva tinha alguma cousa de São Basilio, como nol-o pintam os antigos historiadores, que lhe trahia a origem, e bem manifestava existir

sob os tropicos seu berço. Dous olhos grandes e negros patenteavam o fogo, que dentro d'alma abrasado lhe ardia; sua boca era rasgada, seu orgam vibrante e cheio. De um character alegre e jovial, entretinha com espirito e graça as sociedades, em que se achava.

Tal era o auctor do poema da — Assumpção da Virgem —

O enthusiasmo, o amor, e adoração da Santissima Virgem foram os creadores d'este poema, que é uma das obras mais originaes e religiosas, que tem produzido o espirito humano. Eis as proprias palavras do seu auctor, ao encetar a obra.

» — A ligeira producção, que enceto, não é mais que um brinco da minha phantasia sobre a maior solemnidade da Santa Virgem, á qual solemnidade desde os primeiros annos consagrei especial affecto. Porém para mais espaçar e lisongear melhor a minha devoção, procurei dar-lhe um arremedo ou sombra de poema epico, admittindo invocação, narração, e episodios. — »

Parece á primeira vista arido o objecto, que pretende o auctor cantar, em vista de milhões de obras, que se tem escripto em louvor e gloria da Santissima Virgem, em honra do Christianismo, que a reconhece como mãe de quem a creou e deu ao mundo. Entretanto, percorrendo o poema com ligeira vista d'olhos, vereis methamorphosear-se esse terreno, que acreditaveis secco e arido, em jardim matisado das mais exquisitas e encantadoras flores. É que São Carlos era poeta superior e eminente, como já vos disse; é que seu genio era natural e espontaneo, existia porque existia, e não pelo estudo e luzes adquiridas, não por esforços que sobre si mesmo fisesse. Elle soube derramar ondas de poesia em solo tão trilhado e batido, que parecia não dever mais produzir fructo. Havia na sua imaginação uma força creadora, uma potencia superior, que o animava á continuar sua missão na terra, ao passo que lhe aplainava a estrada, e lhe facilitava o caminho. Sua propria fé, sua segura consciencia, seu fervoroso enthusiasmo, sua adoração sincera do objecto, que pretendia cantar, lhe forneceram materiaes sufficientes para alevantar o edificio de sua gloria.

Este poema encerra bellesas não inferiores ás do — *Paraiso Perdido* — de Milton, ás do — *Messiades* — de Klopstock, ás da — *Divina Comedia* — de Dante Alighieri. Parece que a *Biblia*, esse livro sublime de sciencia e de moral, forneceu-lhe muitas inspirações. Ella o alimenta com seu suco, e o exalta com a magia de seus emblemas e mysterios.

O poema da —*Assumpção da Virgem*— é dividido em 8 cantos. No primeiro se descreve a partida da Virgem de Epheso para o ceo: os apostolos, por ordem do Eterno, sáhem-lhe ao encontro e a saúdam com hymnos de amor e de alegria. A invocação é original e bella.

Oh! tu grande signal, raro portento
Dos sec'los e do ethereo firmamento,
Nova idea brilhante, a mais perfeita
Do archetypo exemplar; e tão aceita,
Que chegastes á ser d'elle, oh maravilha!
Boa mãi, linda esposa, e cara filha:
Aspira os votos meus, e que meu canto
Cause á terra praser, e ao Orco espanto,
Aspira, OH VIRGEM, por que cante e diga
Quanto a verdade e a devoção me obriga,

Pulchros celicultores, que os assentos
Occupaés dos syderios apposentos;
Rubis, d'onde refracta a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vós que mil vezes n'esta sancta empresa
Medistes-vos co'a a barbara fereza
Do cáhos; e de seus monstros e tyrannos
Frustrastes as traições e negros planos;
Si por mim celebrada se sublima
Vossa Augusta Princesa em doce rima,
Dae tambem novo ardor ao canto nosso,
Que sendo por quem é, tambem é vosso.

E tu, igreja, tu nunca invocada,
Musa do céo, de estrellas coroada;
N'esta via escabrosa e tão confusa,
Ah! digna-te de seres minha musa.
. . . . . .
. . . . . .

A descripção da Virgem no carro de triumpho é sublime, e denota variado talento e perfeito gosto. As imagens as mais floridas são á esmo espalhadas pelos versos cheios e sonoros. A pintura a mais pittoresca se descobre em todas as phrases.

Sobre um globo de estranha architectura
Ia a unica Phenix, Virgem pura:
Leda no gesto, angelica, serena,
E da celeste unção tão rica e plena,
Que bem mostrava ser mimosa filha
D'aquelle pae, que é todo maravilha.
Dos olhos columbinos, onde a graça
Thesouros ajuntara em nada escassa
Mil reverberos vivos reflectiam,
Que do seu doce culto o orbe enchiam.
O zephiro, que alguma vez alçava
O véo aváro e rico, que occultava
Da anelada madeixa os fios d'ouro,
Ria de gosto, á expôr tanto thesouro.

O resto da descripção, as vestes e os emblemas, que comsigo trasia a Santa Virgem, em nada desmerece o começo · os seguintes extractos darão idéa da sua bellesa.

Eis d'ouro um Cherubim mostrava alçada
Na dextra vingadora flamea espada,
Ameaçando os colonos agressores
De vir colher no vacuo Eden as flores.
. . . . . .
. . . . . .
Tambem se via a angelica Pombinha,
Emblema do alto Espirito; que tinha
Do bico d'ouro um raio, que tocava
Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava.
Sem que a prole do céo, não vista empresa,
Desbote a flôr da virginal puresa.
. . . . . .
. . . . . .
Nunca o prisma ante os olhos applicado
Em lindas côres foi tão variado.
Nunca do velho cáhos a longa idade
Viu formosura tal, tal magestade;
Nem o trino poder a produzira,
Quando do nada as aguas extrahira.

No segundo canto, o principe das trevas invejoso da gloria e

triumpho da Virgem, em quanto os anjos a vão levando ao paraiso, aonde estão Ennoch e Elias, arma uma terrivel conjuração em conciliabulo infernal. Ella porém é destruida pelo valor do Archanjo São Miguel.

A descripção do paraiso do 3° canto é esboçada por mão de mestre. Á par das côres as mais terriveis, que Dante não recusaria, apparece a inspiração de um poeta dos tropicos, lançado no meio d'este jardim do mundo, que se chama Brazil, aonde os homens são nada e a naturesa tudo. Os fructos do nosso paiz são admiravelmente pintados. O poeta despresou a velha eschola, a antiga rotina ; elevou-se ao sublime, sem mergulhar sua fronte nas aguas dos vates da Grecia, sem enfeitar seus versos com as ficções do Pindo e do Parnaso: a verdadeira originalidade se manifesta em cada phrase, em cada palavra. O genio, livre de peias e ferro, com que o manietavam até então systemas estranhos, que dominavam as regras do gosto, e os habitos dos litteratos, ergue-se ovante e victorioso. O Brazil parece ter-lhe inspirado o paraiso, ao menos a descripção muito se lhe assemelha.

Ha no seio do immenso uma paragem
Escondida aos mortaes; do céo imagem
Logar sancto, ditoso, sem pesares,
Onde os praseres gyram á milhares.
Habitação da paz, solar do riso
E com rasão chamado — *Paraiso.*
Acolá se entrelaça com a hera,
Co'o rico outomno a olente primavera,
Fresco sempre os matizes da campanha
De perenne verdor, de graça estranha,
Não adulam a vista n'estes prados
Arvoredos por ordem alinhados:
Nem marmoreas columnas soberanas
De varias ordens gregas ou toscanas;
Nem maquinas hydraulicas, que as puras
Aguas deitam por varias mil figuras.
Só reina a natural simplicidade
Que excede sempre a arte em magestade.
. . . . . .
. . . . . .
A doce manga, e em cheiro soberana,
Que imita o coração, no galho ufana.

De um lado a crocea côr, e fulva exalta
Do luzente metal. . . . . .
De outro lado porêm retrata aquella
Que o pudor chama ás faces da donzella.
Pendendo estão dos ramos verdejantes
Os cajús, á saude tão prestantes;
Uns amarellos, e outros encarnados,
Das gostosas castanhas coroados:
Talismans, que lhes deu a natureza,
Por não se fascinar tanta belleza
. . . . . .
. . . . . .

Dos folhudos festões estão pendentes
Pelo tronco trepando os recendentes
Fructos da agreste flôr, quadro imitante
Do martyrio e paixão de um Deus amante.
Gemem ainda as arvores curvadas
Com o peso das fructas sazonadas,
Do limão virginal, da aurea laranja,
Pomos d'ouro talvez, que em vossa granja
Hesperides zelaveis. . . . . .
. . . . . .
Tal a tua, ananáz, rasteiro e baixo,
Mas que tens por corôa alto penacho,
E vestido de escamas, qual guerreiro,
Um alito bafejas lisongeiro.

No 4° e 5° cantos a narração feita pela Virgem da pregação dos apostolos, e da perseguição contra a igreja pelos hereges, denuncia uma alma pura, que se enthusiasma pelos grandes feitos, se exalta pela acções heroicas e estigmatisa a tyrannia dos homens viciosos, sobre quem descarrega o fogo de sua colera. A vida de Jesus Christo, e sua dolorosa morte, são episodios lindissimos e os mais patheticos do poema. É quando se entrega á descripção da dôr, quando deixa correr sua penna á par de seus sentimentos, que Frey Francisco de São Carlos se torna verdadeiramente sublime e inimitavel.

A cidade do Rio de Janeiro, pela sua devoção do terço da Santissima Vrgem, forma um dos emblemas, que acompanham, e inspiram ao poeta a pintura eloquente, no 6° canto, de sua vas-

ta bahia, das fortalezas, que a defendem, das ilhas, que a aformoseam, e das verdes montanhas, que a circumdam.

A cidade, que ali vedes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do ouro, o emporio frequentado,
Aptissimo ao commercio ; pois profundo
Pode as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso, germe airoso
Lá de Lysia, o logar mais venturoso.
Pois dos Lusos-Brasilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçaráõ outras no porvir da idade
Os trofeos, que tiverem por vaidade.
Umas nas artes levaráõ a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
Outras iráõ beber sua nobresa
Nos tratos mercantis. Tal que se presa
De vêr nas suas scenas e tribunas
Maior brasão, mais inclitas columnas.
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas seráõ mais destras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço.
Mas cuidar de seu rei, ser sua corte,
Dar ás outras a lei — Eis d'esta a sorte.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Vedes na foz aquelle, que apparece,
Pont'agudo e escarpado? — Pois parece,
Que deu-lhe a providente naturesa,
— Além das obras d'arte — por defesa
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo, sempre armado
De face negra e torva ; e mais si o c'rôa
Neve e trovões e raios, com que atrôa ;

Que co' a fronte no ceo, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pego e os astros.
Si os dilirios da vã mithologia
Na terra inda vagassem, dir-se-ia
Que era um d'esses Aloidas gigante
Que intentou escalar o céo brilhante:
Que das deusas do Olympo namorado
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deusas por acinte lá de cima
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar té o horisonte:
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa, e previne-se o perigo.

Toda esta pintura é admiravel; por longa tambem a não daremos inteira: o leitor que recorra á obra, que verá seu trabalho ressarcido com usura.

Uma segunda sublevação dos espiritos infernaes tem logar, e de novo é ella combattida e vencida pelo valor dos apostolos, archanjos, e prophetas. Os maus espiritos são precipitados nos abysmos do globo.

No oitavo e ultimo canto, entra a Virgem na cidade de Deus cujos muros merece honrosa e bella descripção. Jesus Christo desce á receber sua divina Mãe. A angelica comitiva acompanha com hymnos de praser, e canticos de alegria. As diversas constellações celestes se curvam humildemente, e a saúdam.

Verdadeiro tropheo de gloria é este poema, levantado á litteratua e á patria. Scenas ha, que o cego Milton chamaria suas, não só pela descripção fiel, energica, e tenebrosa, qual a do cahos, sinão tambem pela metrificação serrada e segura. È uma reunião de graças e de horrores, que se contrabalançam. Ora o poeta se deixa ir pela doce melodia de sua musa, pinta com côres alegres e engraçadas, esparge todas as flores da poesia sobre campos verdes e florecentes: tudo encanta, tudo extasia. Ahi está o Paraiso com suas fontes de oiro, suas aguas crystallinas, suas arvores frondosas, suas bellezas e maravilhas. Ora o poeta cobre-se com as vestes do feroz Florentino, ou do companheiro de Cromwell, e esboça o quadro terrivel do conciliabulo dos espiritos infernaes com pinceis embebidos em negras tintas de horror.

N'uma horrivel prisão, que fez o Eterno
Na mais interna furna lá do Inferno;
Onde em recto Juiz soffra inflexivel
Contra os reprobos chama inextinguivel,
Habita Lucifer; sentindo o peso
De Deus, que ali o supplanta em ira acceso.
É um monstro hediondo e tão disforme,
Na massa colossal do vulto enorme,
Que si o dôce repoiso, e a paz gozára,
Deitado duas geiras occupára.
De tão sombria e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobo semblante retractado
Vê-se todo o rancor d'um condemnado.
Os olhos se afiguram dois cometas,
Que ardem entre duas nuvens pretas.
A bocca era, si abria, internamente
Estuante fornalha. Quando ardente
Do peito o ar pestifero bafeja,
De vivas brasas turbilhões dardeja.
Assim do Ethna o gigante, si respira,
Lavas de enxofre acceso á Jove atira:
Todo o monte convulso, si a outro lado
Revira o enorme corpo . . . . . .
Não é tão feia, não, a noite umbrosa
Que apanha o viajor em matta idosa,
Perdido entre fuzis, raios frequentes,
Urros de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular e incrivel,
Quasi sem fórma, quasi indefinivel.

. . . . . .
. . . . . .

E o autor d'este poema, d'este monumento de eterna gloria para nossa lingua e litteratura, cahiu em olvido entre seus compatriotas, viveu os restos de seus dias, como incognito, em sua patria. Em quanto sua voz era vigorosa e retumbava debaixo das abobedas dos templos sonora e forte, estigmatisando o vicio, e cantando a gloria do Senhor e dos seus Santos do alto do pulpito sagrado, o povo attonito o admirava, e repetia seu nome com exclamações de jubilo. Na sua velhice porém viveu iso-

lado. Seu poema, que a posteridade reclama, não foi lido, por que tratava de objectos religiosos, e os contemporaneos não querem acreditar em devoções sinceras e verdadeiras.

Grande poeta, grande orador sagrado, esse homem, que em seu peito guardava sentimentos de verdadeiro patriota, e no seu cerebro revolvia ideias de Dante, de Bossuet e de Santo Agostinho, baixou á sepultura desconhecido e pobre em 6 de maio de 1839.

Existe no Convento de Santo Antonio d'esta cidade um tumulo, coberto com uma simples pedra; n'elle foram depositados os restos mortaes do autor do poema da — *Assumpção da Santissima Virgem.* — A unica inscripção que existe, pequena e modesta, contém estas palavras — FREY FRANCISCO DE S. CARLOS.

P. da S.

ECONOMIA POLITICA.

CONTOS DE M.me MARCET'S (*)

IIo

O RICO E O POBRE.

João Hopkins, pobre lavrador, sobre-carregado de numerosa familia, e destituido de meios sufficientes para a sua manutenção, resolveu-se a consultar uma fada e implorar o seu soccorro.

(*) Traduzindo em vulgar e publicando estes contos, acreditamos fazer grande serviço áquelles de nossos leitores que não tenham noticia d'este interessante opusculo, destinado a pôr ao alcance das pessoas que se não deram ao estudo das sciencias moraes as verdades economico-politicas, que tanto contribuem para a manutenção da ordem nos estados, sendo devidamente apreciadas.

« Ai de mim ! lhe disse elle, passo a vida em angustias e miseria, e mal posso alimentar os meus filhos, ao passo que o senhor desta villa, que mora aqui perto no seu palacio, vive na ociosidade, passeando em bellas berlindas douradas, com filhos educados no luxo e na grandesa : seus proprios criados tem roupas magnificas : em uma palavra, parece evidente, que o rico em sua louca prodigalidade consome o pão indispensavel ao pobre.

— Na verdade é triste, meu bom amigo, o teu estado, lhe responde a fada, e estou prompta a fazer o que depender de mim para te ajudar a ti e teus camaradas a sahir de tão deploravel posição. Queres, acaso, que por virtude do meu condão maravilhoso sejam de pancada destruidos os trens brilhantes, os vestidos sumptuosos, os opiparos manjares, cuja exístencias te afflige e agrava ? — Como sois tão bôa, replicou Hopkins contente e maravilhado, seria melhor acabar de uma vez com todas as riquesas ; porque limitando-vos a empobrecer o meu rico visinho, seus amigos o ajudariam, e como nada vos custará tornar a ruina completa, uma pancada da vossa varinha milagrosa extirpe a raiz malfaseja com todos os seus ramos.

Seu dito, seu feito. A fada benevola usou do condão, o soberbo castello do outr'ora senhor converte-se em pobre cabana coberta de palha ; os trajos ricos de seus habitantes em vestidos simples de pobres lavradores ; as estufas e jardins apparecem plantadas de pobres couves, e de modestas batatas : as douradas berlindas são agora carretas e arados ; os cavallos finos de raça se tornam sendeiros de carga.

Então o pobre lavrador manifestou a mais cordial gratidão, e foi interrompido pela fada que lhe disse :— Hopkins, torna aqui depois de uma semana, e, para exprimir a tua gratidão, espera pelos effeitos, e poderás julgar das obrigações que me deves.

Então o lavrador se apressa em voltar a casa, maravilhado e contente com o que tinha acontecido e comsigo disia : — Não serei de hoje em diante offuscado pelo brilho da riquesa, que tanto contrastava com a minha penuria ! A perda do rico reverterá em nosso proveito, e havemos de ver que tudo irá ás mil maravilhas. — Mas não achou em casa tanta alegria como levava de fóra.

Era um domingo, e a mulher de Hopkins, querendo vestir o seu vestido fino, achou o trajo domingueiro convertido em pobres roupas de trabalho ; o bulle de porcelana, que lhe tinha dado a mulher do fidalgo do logar, era agora de barro ordina-

rio; e contando ao marido estas tristes achadas, elle tossiu, abanou a cabeça, e nada disse; eis sinão quando é interrompido pelo pranto de Thomazinho: — Que tens meu filho, lhe pergunta o pai, já suspeitoso do que seria. — Ai, ai, lhe responde o menino, o meu papagaio que deitava ao vento com tanto gosto, foi-se; e todos os meus brinquedos, estão como uns páus-zinhos á tôa, que só servem para o fogo.

Está bom! disse Hopkins, já desconfiado de ter feito asneira; e para melhor recolher suas ideias e supportar estes pequenos contrastes, pediu o cachimbo; a mulher foi buscal-o, mas qual foi a sua magoa, quando o viu sem forma nem prestimo feito um pedaço de barro! Aqui impacientou-se e praguejou o pobre lavrador, e sua mulher para lhe dar alguma consolação se apressou em offerecer-lhe uma pitada de rapé, quando para mais dobradas magoas achou a caixa vasia.

Então retirando-se do resto da familia exclamou: — Forte pedaço d'asno fui eu em não explicar á fada, que o caso era só com os ricos a quem devia tirar todos os regalos! De tão pouco que nós pobres temos, que barbaridade não seria privar-nos! Para o fim da semana irei ter com ella e pedir-lhe-hei excepção a favor dos pobres.

Mais consolado esperava Hopkins pelo sabbado, mas antes lhe appareceram maiores causas de arrependimento. Ricardo, seu irmão, que trabalhava em uma manufactura de sêdas, foi despedido, bem como todos os outros officiaes, porque tendo desapparecido a sêda, os mestres renunciaram á sua industria. O pobre Hopkins já tão contrastado, recebe em sua casa o miseravel irmão: — Melhor tempo virá, lhe diz o pobre lavrador, e achareis que fazer: — Como e aonde? lhe replicou Ricardo. Esta pergunta tapou a boca a Hopkins.

Poucos dias depois, Jacome, seu filho mais velho, tornou para casa; o segeiro em cuja officina trabalhava, não tendo mais que faser, despediu os obreiros. — E porque não ficaste lá fasendo carros e arados? lhe disse o pai: — È porque agora ha um numero maior do que é necessario delles, pois as seges, carruagens, etc. foram mudadas em carroças etc.: ambos os officios estão perdidos.

Hopkins soltou um suspiro, e difficilmente conteve a seu pesar; mas consolava-o a ideia, de que sempre teria que fazer como lavrador, porque apesar da desapparição do luxo, o trigo o o feno sempre teriam consumo. — Poucos dias depois o anti-

go senhor do castello veio a casa do lavrador e lhe disse: — Hopkins, como tendes sido sempre um honrado trabalhador, desejo não vos causar transtornos ; aqui tendes duas moedas, que vos ajudarão a viver, até que encontreis que fazer em outra parte. — O pobre homem, a principio alegre com a vista das loiras, recahiu na sua primeira tristesa, e pareceu-lhe que o fidalgo estava ao facto de que elle era o autor de todo mal, que elle mesmo já conhecia, e respondeu-lhe balbuciante, que julgava não ter offendido a S. S.ª — Não me deis esse titulo, lhe tornou o fidalgo, hoje somos todos iguaes e plebêus. É verdade que tive a fortuna de conservar as minhas terras, porque não são objectos de luxo ; porém são de mais para mim, e para o genero de vida que tenho actualmente ; porisso tenho resolvido deixar crear matto, ou faser pastagens para os meus carneiros — Com o devido respeito, lhe diz Hopkins, V. S.ª quer deitar a perder tão bellos campos e prados, quando está certo de vender os seus productos como d'antes ? O trigo e o feno não são ainda objectos de primeira necessidade ? —Assim é, lhe replica o fidalgo, porém si eu posso passar com o producto da metade das minhas terras, para que heide ter o trabalho de cultivar mais ? Além d'isso como não posso comprar cousa alguma de regalo, para viver parcamente e vestir roupas ordinarias, o rendimento da metade das minhas terras é sufficiente.

Desesperado o pobre lavrador, ouvia por toda a parte elevar-se o grito da miseria, e não sabia como escondesse a sua vergonha, quando veio finalmente o tão almejado fim da fatal semana, tão fertil em tristes occurrencias. Correu a procurar a fada, e lançando-se a seus pés, deu o dito por não dito, supplicando-a que revogasse a terrivel sentença, e que tornasse a pôr as cousas como d'antes. Moveu de novo a poderosa fada o condão maravilhoso, e logo, por encantamento, o soberbo castello substituiu a pobre choupana, tornaram a apparecer os jardins, os sendeiros recobraram o antigo garbo ; porém o mais bello espectaculo era ver os obreiros correndo outra vez para as fabricas, as moças e velhas maravilhadas de tornarem a achar as almofadas de renda, e por toda a parte o aspecto da actividade e da ventura.

Esta lição tornou Hopkins mais judicioso, e d'ahi em diante, quando alguem se queixava do mal que corriam os negocios accusando disso o luxo dos ricos, procurava provar que os pobres disso mesmo tiravam partido, e si os argumentos não eram bas-

tantes para convencer os ouvintes, contava a sua historia maravilhosa, e com isso lhes tapava as bocas. Não foi assim uma noite, em que Roberto, homem sagaz o ouvia, porque este lhe disse : — Como é isso ? Pois para que os pobres possam ganhar a sua vida, será preciso que os ricos esbanjem o que tem em objectos superfluos ? Isto não me parece direito, e pela minha parte vejo, que si estou sem emprego, é porque o ricasso a quem servia dissipou loucamente a fortuna que lhe deixaram seus pais. Agora quero saber si perdemos o nosso arranjo por demasiado luxo ou por que é pouco ? Estas palavras fiseram algum effeito no nosso economista, e julgou responder, ou tentear disendo que o mal vinha do pouco luxo, porque por já o não ter é que o ricasso o tinha despedido.—Ah ! replicou Roberto, essa resposta não me dá volta, porque supponhamos, que todos os ricos são como o meu antigo amo, em pouco tempo empobrecendo todos, ficaremos perdidos, e no caso que gastem com juizo poderão continuar a empregar-nos. — Concedo, disse Hopkins, que o demasiado luxo nos pode ser prejudicial, bem como a demasiada economia ; porém haveis de concordar, que quando alguem não gasta além dos seus meios, e consequentemente conserva os seus capitaes, haveria injustiça da nossa parte em nos queixarmos dos seus gastos, porque elles nos fornecem mais que faser, e mais abundancia.

Hopkins, voltando para casa, ia pensando em que era bem verdade que o desperdicio do rico não pode prejudicar o pobre, em quanto não arruina o rico. — É bem notavel, disia elle, mas é verdade, que o rico e o pobre tem a mesma conveniencia : tanto mais quanto sempre me pareceu que eram tão opostos como o norte e o sul ; mas hoje estou convencido de que todas as commodidades da vida de que podemos gozar, tem sua fonte no superfluo do rico, que reflue sobre o pobre.

III.

O JORNAL.

Não esquecera Hopkins a lição que lhe havia dado a fada ; mas della não tirou todo o proveito que devera, como se verá.

Vivia o bom homem desconsolado da sua vida, e apesar de ver que o meio que tinha tentado lhe não valera, cogitava noite e dia em novo e mais efficaz remedio, e conversava a miudo com os visinhos acerca dos meios de melhorar a sorte, e depois de muito pensar e fallar assentou que era necessario deixar viver o rico pela maneira que mais lhe approveitasse, e satisfaser os seus caprixos se tinha com que, mas que si deveria exigir delle que recompensasse com mais generosidade os serviços do pobre.

« A fallar a verdade (disia Hopkins) o trabalho das nossas mãos e o suor do nosso rosto é que produz as cousas de que elle tem necessidade: sem nós que lavramos a terra e semeamos o trigo, o rico não teria pão para comer: é portanto justissimo que elle nos pague bem. Si os nossos jornaes dobrassem, poderiamos viver melhor, e com isso não ficaria pobre quem vive na opulencia, e a nós outros faria grandissimo arranjo. »

Maravilhado de achada tão feliz, Hopkins se deu pressa em procurar a condescendente fada, e rogou-lhe que pela acção poderosa de seu condão fadasse em boa hora os jornaes e os fisesse dobrar. — Accaso, lhe pergunta a fada, não terás depois que te arrepender de tal pedido, depois de satisfazer o teu desejo? — Nada, respondeu o lavrador, desta feita não me engano, porque tenho pensado bem no negocio. — Pois bem, replicou-lhe a fada, experimentemos, mas hade ser só por tres mezes; expirado que seja este termo, tu mesmo julgarás, si deve assim continuar.

Voltou Hopkins esperançoso para casa, ancioso de ver o resultado dos seus calculos e desejos, e chegando a casa disse-lhe sua mulher com ar alegre: — Tenho boas novas que te dar; o Snr. intendente do castello, veio pagar-te o jornal da semana passada, e olha, deu-me todo este dinheiro, porque, conforme o que elle me disse, fez-se agora uma lei que dobra o jornal dos trabalhadores.

Hopkins agradecia cordialmente o beneficio e rapidez do condão maravilhoso. A boa nova espalhou-se pela aldeia e a alegria foi geral.

O pobre lavrador, então mais abastado e esperançoso, em logar de mandar sua mulher ao mercado, como costumava, encarregou-se em pessoa desta commissão, querendo empregar uma parte do seu dinheiro em comprar roupa para os filhinhos, agora mal cobertos de trapos. Conveio nisso a mulher, com a condição de levar elle um cabaz de ameixas, e um masso de

tranças de palhinha, feitas por uma de suas filhas, para serem vendidas no mercado.

Partiu o bom homem e ficou contentissimo quando chegou, por saber que as ameixas e tranças tinham subido de preço, sem elle saber por que; mas indagando, veio no conhecimento de que, em consequencia do augmento dos jornaes vendiam-se mais chapeos de palha, e portanto havia accrescimo no preço das tranças de que elles eram feitos: — E as ameixas, perguntou Hopkins ao quitandeiro, porque augmentaram de valor?—É por que, replicou-lhe o homem, acabaram-se todas as que tinha esta manhãa; pois acudiu a criançada com os seus dez reis a compral-as de modo que até ás 9 horas se me acabaram. Com effeito, os pais ganhando mais, e de repente, em virtude da nova lei, não negam a seus filhos alguns cobres para as suas golodices. Comecei por vender as minhas ameixas a dois vintens a libra, depois passei a trez e como poderei continuar a vender por esto preço, comprar-vos-hei a porção que trazeis a dois. — Hopkins fez a sua venda, agradeceu ao quitandeiro, e foi continuando o seu caminho, pensando que tinha acertado desta vez, e que agora a varinha milagrosa só tinha feito bem, e se dirigiu a uma loja para comprar roupa para os filhos; mas qual foi a sua surpresa quando viu que o panno que queria tinha augmentado um crusado em covado? — Nem por isso, lhe diz o logista, me faltam hoje os fregueses: parece que todos os habitantes da villa querem vestidos novos; mas eu não tenho fazenda para todos, e os que quizerem hão-de pagar por este preço. — Parece-me, lhe tornou Hopkins, que não tendes rasão, porque esta fasenda não vos tendo custado mais do que no antecedente mercado, não vejo o motivo por que a vendereis mais cara.—Será assim, lhe diz o logista, mas quero aproveitar a occasião de ganhar mais, como é natural: e vós tambem, amigo, não augmentaes o preço do trigo quando ha pouco no mercado, e em outras occasiões não o daes por todo o dinheiro, quando ha muito, e poucos compradores? Nesta occasião tenho gente de sobejo para a minha fasenda, portanto heide puxar pelo preço della quanto poder; porque como diz o adagio: «Em quanto ha vento molha-se a vella. »

Não ha duvida, disse comsigo o lavrador, assim como vendi as ameixas e as tranças por melhor preço do que no antecedente mercado, apesar de me terem custado o mesmo, assim tambem o mercador deve vender o seu genero como poder, e vol-

tando para o logista lhe disse :— Os tempos vão melhorando, e temos todos o direito de tirar delle o melhor partido possivel ; mas como os meus filhos podem ainda esperar algum tempo, voltarei quando tiverdes maior sortimento, e então não sereis tão careiro. — Não sei que vos diga, meu amigo, lhe tornou o logista, é difficil prever os resultados deste augmento dos jornaes : é uma cousa extraordinaria, que parece indicar maior prosperidade ; mas é ditado dos nossos antigos, que nem tudo o que luz é oiro. —Pois quando estiverdes mais sortido, e portanto com abundancia de genero, não vejo porque rasão haveis de vender tão caro, lhe disse Hopkins. —Não posso examinar a fundo este negocio, lhe replicou o logista, mas estou desconfiado de que quando voltar á fabrica para faser provimento, hão-de querer mais caro por elle, por que é natural que hajam lá mais compradores. E mais ainda, accrescentou o logista esfregando as mãos, é necessario que elle pague o dobro aos seus jornaleiros do que lhe pagava, e si não exigir maior preço pelo genero está perdido : não é assim Hopkins ? — Parece que tendes rasão, lhe respondeu o lavrador. — Pois bem, tornou-lhe o logista, vedes que devo comprar o panno mais caro, e porisso hei-de vendel-o por maior preço, ou então fechar a minha loja para não quebrar desgraçadamente.

Então Hopkins, vendo que tanto valia comprar o panno já como depois, resolveu-se a fazel-o já e com magua viu que não lhe ficava dinheiro algum ; o que não era pequeno transtorno, porque tinha feito conta de comprar uma vestia de caça, e havia prometido de traser do mercado um dedal para Joanninha, e uma gaita para seu filho Diogo.

A mulher e os filhos de Hopkins o esperavam com impaciencia, os mais pequenos lhe vieram ao encontro, e logo que o avistaram, correram o diser a sua mai, que elle chegava com uma grande trouxa ás costas. Apenas chegado, Hopkins, depois de ter enxugado o rosto, começou a contar a excellente venda que havia feito dos seus generos, e sua mulher o abraçava agradecida e com ternura, e todos foram desatar a trouxa e ver o seu contheudo ; mas foi grande a sua surpresa do pouco que encontraram, e o lavrador fez á sua familia a narrativa do que se havia passado no mercado. —Ah ! exclamou a mulher, não vejo que adiantemos com este augmento de salario, por que os generos de que carecemos tem dobrado de preço. — Felizmente, disse Hopkins, nao sou eu o unico da familia que ganha o pão;

temos Carlos e Guilherme, tambem trabalham, e si nos faltar alguma cousa, hão-de ajudar-nos.

Esta esperança era baldada, porque, pouco tempo depois, Carlos voltou para casa, e bem longe de estar em estado de prestar auxilio a seus pais, trazia-lhe a triste noticia de que acabava de ser despedido da fabrica em que trabalhava. « Como é isto, lhe perguntou o pai, pois não te contentavas com o jornal ? — Por isso não era a duvida, respondeu o mancebo, porque foi uma maravilha nas primeiras semanas ; mas ao depois, antes quisera que taes jornaes se não augmentassem, porque então conservaria o meu emprego. — Mas si cumprias com as tuas obrigações, porque foste despedido ? — Quanto a isso, meu amo estava satisfeito commigo ; mas a elevação dos jornaes o obrigou a despedir a metade da sua gente, e eu fui do numero. — O que se segue d'ahi, diz Hopkins, é que não fará com a metade dos obreiros, sinão metade da fazenda ; e então não sei como satisfará os seus freguezes ? — Tambem já não querem tanta fasenda, replicou Carlos, depois que a tal lei passou. — Não ha tal, exclamou Hopkins, porque ainda não ha um mez, que o logista dos pannos me disse que vendia muito mais fazenda depois da alta dos jornaes, e mesmo por melhor preço. — Assim foi, mas só ao principio, porque cada jornaleiro se achou mais endinheirado, e porisso como rico gastava á larga ; mas logo que os generos tambem subiram, e que muitos obreiros foram privados de ter onde trabalhassem, cada um restringiu as suas despesas aos objectos de primeira necessidade.

Hopkins mordeu os beiços, concentrou-se e não disse mais palavra.

—Nada, nada, disse Carlos, tão bem ia o commercio, e tão mal vai agora ! —Eu o estou experimentando, disse a mulher de Hopkins, por que as fructas custam mais a vender-se, e as tranças de palha feitas por Joanninha, vendem-se mais baratas do que ha algumas semanas.

Esta reflexão acerca da descida dos generos, pareceu favoravel a Hopkins, que nada tinha para vender, e ao contrario, contava comprar muita cousa, e esta reflexão lhe fez cobrar animo para tornar a fallar, dizendo : Parece-me, Carlos, que si as cousas se continuarem a vender por baixo preço, e que os jornaes fiquem como estão, será bem bom para nós ; e agora vejo que teria feito bem, em esperar mais para comprar o panno que comprei para teus irmãos.— Melhor seria, diz Carlos, não com-

prar cousa alguma ; porque isto não pára aqui, e nós havemos de ter dias tristes : assim me parece. — Não te desanimes, lhe torna o pai, batendo-lhe no hombro, tu pensas o peior porque não tens que fazer ; mas certamente, acrescentou com alguma hesitação a subida dos jornaes não pode deixar de ser cousa vantajosa. — Na verdade vantajosa, meu pai, mas para os que tem que fazer, disse Carlos tristemente, por pouco que dure este estado de cousas, os fabricantes ficarão perdidos, e então não haverá que faser, nem por oito, nem por desesseis tostões : a metade dos engenhos da nossa fabrica perdem-se sem uso, assim como a grande maquina de vapor que custou a meu amo grossos dinheiro. E que lhe hade elle faser ? Em quanto tiver que pagar salarios dobrados que lhe consomem todos os lucros, quanto menos trabalhar menos perderá. — Parece que esta lei foi feita para zombar comnosco, disse a mulher de Hopkins. — É uma boa lição, acrescentou o marido suspirando, que nos prova bem claramente que todo o augmento de salarios é prejudicial. — Estaes enganado, meu pai, sempre que os salarios forem elevados por uma causa natural, esta elevação produz um bem, e será um signal de prosperidade. Ainda no anno passado, meu amo, tendo mais encommendas do que as costumadas, augmentou a paga aos seus obreiros, chegaram-lhe logo muitos de differentes logares, que todos foram muito bem pagos, sem que d'ahi resultasse vexame, porque vendendo mais fazenda ganhava mais. Quando o augmento do jornal é causado por maior consumo do genero, lucram tanto o dono da fabrica, como os trabalhadores ; mas quando isto é o resultado de uma lei absurda e arbitraria, então produz a ruina de todos, e quem fez esta lei não tardará em reconhecer o abuso e falta que commetteu.

Bem sentiu o pobre lavrador a ajuisada observação do filho, mas callou-se ; e jurou com os seus botões de não se tornar a embarcar em outra alteração da ordem em que vai o mundo, e esperava ancioso pelo termo deste estado tão desagradavel.

Poucas semanas depois chegou a casa Guilherme, que trabalhava em um fabrica de sedas, e contou a sua historia, pouco mais ou menos como seu mano. « Ora ahi estão mais dois filhos em casa com o tal augmento de jornal », disse a mulher de Hopkins. — Ao menos, replicou o marido, bom é que eu tenha o tal augmento, porque assim posso sustental-os.

Ainda bem não tinha acabado de proferir estas palavras, quando chegou o mordomo do castello, que entrando disse: « Bons

dias Hopkins; mas a modo que não estaes tão contente como no mez passado. — E não deixo de ter motivos para isso, por que aqui vedes dois rapazes sem ter que faser, e que portanto tenho que sustentar: si S. S.ª os podesse empregar na sua fasenda, bom seria, porque apesar de não estarem acostumados a este genero de trabalho, haviam-se ageitar depressa, e haviam de cumprir o seu dever a vosso gosto. — Podel-os-hia empregar, respondeu o mordomo, antes da mudança actual, mas agora meu amo não só se acha impossibilitado de tomar mais obreiros, mas tenciona mesmo diminuir os actuaes, e é por isso que eu aqui venho. Como meu amo vos é affeiçoado, não vos quer despedir, e demais, sabe que tendes numerosa familia. . . . . — Muito obrigado estou ao meu amo, interrompeu Hopkins, sempre o tenho servido com fidelidade, e posso dizer em consciencia, que tenho, como diz a Biblia, ganhado o pão com o suor do meu rosto. — Deixai-me acabar, lhe tornou o mordomo; vós sabeis maravilhosamente, que por melhores que sejam as intenções de meu amo, não pode fazer dinheiro, e eis o que elle resolveu a vosso respeito, empregar-vos-ha trez dias da semana, em logar de seis. — E o que heide faser nos outros trez?— Procurar obra em outra parte: — Qual procurar? Pois Carlos e Guilherme não acham, e eu já velho é que heide achar? — Pois bem, lhe torna o mordomo, descançareis nesses trez dias, e virá a dar no mesmo, porque nesses trez ganhareis tanto quanto antigamente nos seis.

O pobre lavrador não achou isto bem feito, principalmente carecendo de sustentar mais dois filhos hoje desocupados. Foi-se o mordomo, e começaram as lamentações da pobre mulher de Hopkins.

» Ah! disia ella, qual é a nossa ignorancia, e quão mal conhecemos a nossa conveniencia! Julgamos que esta nova lei nos vinha enriquecer; e sinão quando eis-nos mais desgraçados do que nunca. — Não te afflijas, lhe disse o marido, isto não dura mais do que trez mezes, e já lá vão dois.

Com effeito no fim do terceiro mez, tudo voltou aos antigos eixos. Os filhos tinham achado fabricas em que se empregar, e o bom do velho começou, de boa vontade, a trabalhar de novo nos seis dias da semana.

A experiencia lhe tinha dado boas lições para não se metter no que não entendia, e fez proposito de não recorrer mais á fada, e se enfronhar melhor no conhecimento de taes objectos.

Durante o tempo em que Carlos esteve em casa, alguma cousa havia aprendido, por que este seu filho acostumado a viver em grande fabrica, com o trato e pratica dos companheiros se tinha instruido mais do que o pae vivendo sô na aldeia. Com effeito a alta e baixa dos preços dos generos, sendo de tanta importancia para as fabricas, fazem, por isso, o objecto de muitas conversações entre os fabricantes, e a final acabam por adquirir noções correntes e judiciosas sobre estes assumptos: e que a prosperidade do dono da fabrica, e dos trabalhadores, correm parelhas.

O lavrador admirava-se da sabença do filho, que tão pouco tempo tinha andado na eschola; e elle o convenceu de que tanto se pode aprender na fabrica como na eschola, e que a differença vae em que n'um caso se aprende praticando, e no outro lendo.

Assim é, lhe disse o pai, mas eu estava cápacitado que conversaveis em cousas mais divertidas, e que não estaveis lá quebrando a cabeça com essas discussões — Os homens mais simples, lhe responde o filho, tornam-se intelligentes, quando se trata da sua conveniencia, e isto é bom, porque os põe ao alcance de fazer o verdadeiro juizo do estado dos seus negocios. — Mas segundo me contam, o que por lá se aprende por essas fabricas, nem sempre é bom, porque tenho ouvido diser, que basta um máu para deitar a perder todos os companheiros, assim como uma fructa podre arruina as outras que estão no mesmo monte.

— Ficae certo, meu pai, lhe torna Carlos, que onde quer que os homens podem ganhar honestamente a sua vida, comportam-se bem; porque a miseria e a vadiação é que os accarretam para os vicios.

POESIA.

ECLOGA PRIMEIRA DE VIRGILIO,

TRADUZIDA A' LETRA,

E OFFERECIDA A S. M. I. POR *M. O. M.*

SENHOR.

Pois que V. M. Imperial Se está recreando em aprender a lingua magnifica dos Romanos pelo seu maior poeta, modelo de sensibilidade e de perfeição no estylo, tenho para mim que não me Ha de levar a mal a offerta, que a V. M. Imperial faço, da traducção da primeira ecloga de Virgilio, literal e em verso; para que Veja V. M. Imperial a similhança que ha tammanha entre o portuguez e o latim.

Como estamos ao alcance de conhecer melhor os costumes e usos das naçōes mais chegadas a nós, podemos com segurança substituir umas por outras phrases, quando tradusimos os authores modernos; os antigos, no meu conceito, o devem ser o mais literalmente, quanto o permittir o genio de cada idioma. Em qualquer locução, em qualquer palavra, nos prosadores e nos poetas latinos, encontram-se allusões ás coisas do seu tempo, que todo aquelle que se apartar da letra, representará em grosso o original, mas sem o inteiro matiz, e por conseguinte sem muitas ideas accessorias, que tanto aformoseiam principalmente a poesia. Eis a razão por que verti do modo que disse a bella ecloga de Virgilio, o qual por si mesmo é um exemplo do que acima estabeleço.

Quiz annotar algum ponto em que me afasto do commum sentir dos interpretes, e dar a minha descarga por me ter servido de certos vocabulos antiguados (como sejam *Afros*, *alhures*), e lançado mão de um regimen á maneira dos Gregos, citando para isso boas authoridades. Lembrado porém do fino gosto de quem a V. M. Imperial explica as bellezas do poeta, me despensei de um trabalho que eu não saberia desempenhar com tanta erudição e saber.

V. M. Imperial Queira acceitar benignamente o que, em testemunho de respeito, Lhe consagra

De V. M. Imperial

um subdito o mais affecto e reverente.

M. O. M.

ECLOGA PRIMEIRA.

TITYRO, MELIBEU.

MEL. Tityro, tu á copa reclinado
Da larga faia, a musica meditas
Sylvestre em tenue flauta: nós da patria
Deixamos os confins e as doces lavras,
Nós a patria fugimos: lento á sombra
Tu, Tityro, Amaryllis ensinando
Estás formosa a resoar as selvas.
TIT. Um deus, ó Melibeu, nos fez este ocio.
Que por deus tel-o-hei sempre: as aras delle
Tenro cordeiro dos apriscos nossos
A miude ensopará. Como divisas,
As minhas vaccas permittiu que errassem,
E eu tangesse a prazer na agreste canna.
MEL. Não t'o invejo de certo, mas me espanto:
Tal vai por esses agros o alvoroto!
Afflicto eu mesmo, Tityro, as cabrinhas
Eis guio além, com pena esta conduzo;
Que de pouco entre as bastas avelleiras
Ah! sobre nua rocha uns gemeozinhos,
Esperança da grei, largou parida.
Muitas vezes (não fosse a mente avessa)
Lembra-me que este mal nos predisseram
Do ceo feridos os carvalhos, muitas
Da concava azinheira esquerda gralha.
Mas, Tityro, esse deus quem é nos conta.
TIT. A cidade que dizem Roma, estulto
A' nossa, ó Melibeu, cri similhante,
Para onde os ovelheiros costumamos
Levar os recentaes: qual os cachorros
Eu sabia ás cadellas similhavam,

Qual ás mães os cabritos; qual sohia
Ao que é pequeno comparar o grande.
Mas ella entre as cidades alça a frente,
Quanto os cyprestes entre os flexeis vimes.

MEL. E o que assim causa foi de veres Roma?

TIT. A liberdade, que inda olhou-me inerte,
Tarda, quando mais ruça ao tosquiar-se
Cahia a barba; olhou comtudo, e veio
Longo tempo depois, quando Amaryllis
Já nos tinha, e soltára Galatea.
Que emquanto Galatea me prendia,
Nem (confesso) esperava libertar-me,
Nem no meu cabedal punha o cuidado:
Bem que frequente a victima sahisse
Dos meus cercados, e á cidade ingrata
Pingue espremesse o queijo, á casa eu nunca
De cobre a mão pejada recolhia.

MEL. Pasmava-me invocares, Amaryllis,
Os deuses mesta, a quem no ramo a fructa
Pender soffresses. Fóra andava Tityro.
Estes pinheiros, Tityro, estas fontes,
Este arvoredo mesmo te chamava.

TIT. Que remedio! vedado era eximir-me
De escravo, e alhures tão presentes divos
Conhecer, Melibeu. Lá vi o joven
A quem seis duplos dias em cad'anno
Nossos altares fumam. Lá primeiro
Respondeu-me ao pedir; « Como antes, moços,
As vaccas pastorai, jungi os touros.

MEL. Ditoso velho! ficarão teus campos!
E a ti grandes assás, postoque em roda
Calva pedra, e o paul de limo e junco
Os pascigos alastre: nem prenhadas
Hão-de pastos insolitos tental-as,
Nem do gado visinho os maus contagios
As rezes empecer. Ditoso velho!
Aqui, dos notos rios, sacras fontes,
Emtorno, o fresco tomarás opaco.
Daqui, d'abelhas d'Hybla sempre as flores
Do salgueiral, pascida ha de ir a sebe
Do contiguo limite com sussurro

Leve induzindo-te a pegar no somno.
Dalli sob alta penha o canto ás auras
O esfolhador dará. Nem, teu cuidado,
Roucos trocazes, nem a rola emtanto
Cessará de gemer do aereo ulmeiro.

TIT. Antes ha de pastar no ethereo prado
Ligeiro cervo, e a marulhada os peixes
Nus na praia depor; ou antes, d'ambos
Divagados os fins, beber no exilio
O Partho o Arar, ou Germania o Tigre,
Que o vulto seu do peito nos decaia.

MEL. Nós, parte iremos aos sedentos Afros,
A' Scythia parte, e o rapido cretense
Oaxis buscaremos, e os Britanos
Do mais orbe de todo separados.
Quando será que eu vendo os patrios climas,
Pós longo espaço, admire e atrás d'algumas
Praganas os meus reinos, pobre colmo
Do tugurio de leiva accumulado?
Impio, de tanto amanho estes alqueives
Ha-de o soldado ter? estas searas
O barbaro gozar? Eis a discordia
Aonde os cidadãos arrastou miseros!
Eis para quem os agros semeámos!
Ora as pereiras, Melibeu, enxerta,
Os bacellos dispõe. Ide, meu gado,
De primeiro feliz, ide cabrinhas.
Não mais suspensas da brenhosa roca
No antro verde estirado hei-de avistar-vos.
Canções não cantarei: nem vós, cabrinhas,
Sendo eu pastor, codeço florecente,
Nem as salgueiras tosareis amaras.

TIT. Comtudo podes-me em virentes folhas
Hoje cá pernoitar. Macios pomos,
Castanhas molles, e do presso leite
Nós temos copia, e dos casaes fumegam
Já de longe as cumiadas; e maiores
Dos altos montes vem cahindo as sombras.

HOMILIA DE SANTO ISIDORO.

Quem á seu cargo tiver
Instruir o povo rude
Naquella doutrina santa,
Que desenvolve a virtude;
Releva dar o exemplo
Tão claro como sensivel,
Sendo em tudo illeso, santo,
Em tudo irreprehensivel.
Accusar suppõe fraqueza,
Que involve contradicção,
Quando no mesmo, que accusa,
Recahe a reprehensão.
Como é terrivel a instancia.
Que se te oppõe! si dominas,
Primeiro apprende, o que é recto,
Para saber, o que ensinas.
Aquelle, que se propõe
Ensinar a bem viver,
Comece pela virtude,
Que exemplifica o poder;
Prove em si mesmo, que em tudo
A todos póde illustrar,
Tanto nas leis de doutrina,
Como no modo de obrar.
O pastor, que de bom grado
Aspira ovelhas mais puras,
Seja interprete fiel
Das Sagradas Escripturas.
O santo e simples não póde
Curar da ovelha a ferida;
Porque não une a sciencia

Co' a sanctidade da vida.
Por isso o dom da palavra,
Que a erudicção descortina,
No bom pastor se reune
Co'a solidez da doutrina.
Desta arte o bispo consegue
Prompta e util correcção,
Dando aos contrarios o golpe,
Ao seu rebanho a instrucção.
D'outro modo é sempre inutil
A convicção da verdade;
Porque o simples facilmente,
Só de ouvir, se persuade.
Por tanto as palavras sejam
Tão puras, simples, e graves,
De intelligencia tão obvia,
Como honestas, e suaves,
A unção respire, tratando
Sobre o misterio da Lei,
E a Fé reclame a doutrina
Sobre os deveres da grey.
A disciplina, a virtude
Da continencia e justiça
Disponha o animo, exhorte,
A que deteste a cubiça.
Esta funcção, que differe
No mesmo espaço, qu'encheu,
Combina sempre de um modo,
Dando a todos o que é seu.
A qualidade, os costumes,
E a profissão regulando,
Conhece o toque, e pre-sente,
Como, a quem, o que, e o quando.
Mais que tudo aos bispos cumpre
A especial obrigação
De volver as Escripturas,
Interpretando a lição.
Sobre os Canones da Igreja
Meditando sem cessar,
Seguir a marcha dos santos,
O seu exemplo imitar.

Em vigilias, jejuando,
Sempre firme na oração,
A paz é o vinculo estreito
Da fraternal união.
Não desmembrar o que é pôdre ;
Não condemnar, nem punir,
Sem rever primeiro as provas,
Sem primeiro ao réo ouvir.
Não separar um só membro
Sem prever o que está são ;
Depois do réo convencido,
Fulmine-lhe a excomunhão.
Igualmente humilde, e prompto
Nas funcções da authoridade,
Nunca o poder seja austero,
Nem excessiva a humildade.
Moderação regular,
Que symboliza o poder,
Combatte o vicio, e consegue
Instruir, sem perverter.
Tanto mais cauto procede
Em discutir, e ordenar,
Quanto mais teme, que um Deus
Depois nos ha-de julgar,
Cumpre ter de charidade
O mais eminente ardor ;
Sem ella não ha virtude,
Nem leve sombra de amor.
É como um guarda fiel,
Que defende a castidade,
Firme no posto ella tem
Por sentinella a humildade ;
Mas deve ser eminente,
Por isso mesmo que é pura,
Entregue toda a um só Deus,
Sem detenção, nem mistura ;
De modo que livre, e isenta
Da carne, e da podridão
Os bens solicite, e espalhe
Sobre a humana geração.
Tome cuidado dos pobres,

Ao que tem fome, alimente,
Vista os nus, e ao peregrino
Receba alegre, e contente.
Cuide em remir os captivos,
Em dispensar com franqueza
Amparo á pobre viuva,
Ao orphão triste defesa.
Cumpre emfim que tenha em tudo
Cuidado tão providente,
Que accumúle á gloria o nome
De discreto e de prudente.
O dever mais justo, e santo
Foi sempre a hospitalidade;
Benigna a todos recebe,
É com todos charidade.
Si a multidão dos fieis,
Aquem vós mesmo ensinastes,
Deseja ouvir do Evangelho
— Eu pedi, vós me hospedastes. —
Quanto mais puro não deve
Ser de um bispo o coração!
Que deve acolher benigno
A todos, sem distinção,

OFFERECIDA A UM BISPO ELEITO.

Decima.

A Fé, Senhor, vos-envia
Saude, e zelo, e coragem
Nessa, que verto em linguagem,
A de Isidoro Homilia.
Sei que me falta a energia;
Que é tôsca, e pobre a dicção;
Si me incumbi da versão,
Foi mais ardor, que prudencia,
Eu fui écho da obediencia,
Como tal, vos bejo a mão.

Traducção de *José Eloi Ottoni.*

VARIEDADE.

OS ILLUMINADOS.

O CONDE DE CAYLUS, EL-REI DA PRUSSIA FREDERICO GUILHERME, E O COMEDIANTE FLEURY.

Pelos fins do seculo 18° a França appresentava claros symptomas d'uma sociedade, que proxima a acabar já se agita nas agonias da morte. O raciocinio, e o sarcasmo tinham destruido todas as antigas crenças de religião, de sciencia, e de politica. Soltas dos laços moraes, e percebendo a tempestade, que lhes estava imminente, as classes superiores lançavam-se freneticas aos gozos sensuaes, e pareciam haver adoptado por distinctivo a maxima de Luiz 15°, para o qual bastava que a sociedade não se dissolvesse durante a sua vida. Uma sinistra inquietação dominava o povo, que impellido para todos os lados por doutrinas contradictorias apalpava as trevas, e perguntava que mundo novo sahiria do cháos.

No meio das ruinas do passado todos lançavam as vistas para o futuro: tinham-se arrancado os alicerces do edificio social; outros eram procurados com ancia. Todo o innovador estava tanto mais seguro do bom exito de sua empreza quanto as suas opiniões eram menos razoaveis. As utopias mais extravagantes, o charlatanismo mais despejado, as theorias mais inverosimeis tinham adeptos, partidarios, enthusiastas. Do desprezo das ideias antigas nascia uma avidez sem limites de tudo o que mostrava character de cousa nova: o excesso d'incredulidade produzia o excesso contrario: e por isso mesmo, que em nada se accreditava, havia disposição para accreditar em tudo. A sociedade an-

tiga quasi a finar-se, ou antes a transformar-se tinha cahido em uma segunda infancia. . . . dava credito a feiticeiros.

Neste ensejo tão favoravel aos sonhadores de toda a especie appareceram os illuminados; e (circumstancia na verdade singular!) foi seu instituidor um mathematico, Manuel Swedenborg de Stockolmo, filho de um bispo lutherano de Skara na Vertrogothia. Depois de ter consagrado a mocidade ao estudo da geometria e da mechanica, por uma transição repentina, cahiu no mysticismo, e na theosophia, quando já tinha chegado aos annos em que o homem de ordinario renuncia ás illusões para occupar-se com a realidade. Contava 50 annos, quando publicou o seu tratado *De Cœlo et Inferno*. Ahi declarou elle, que obtivéra desprender o *homem interior* de todo o liame corporeo, e pôr-se em relação directa com o mundo dos espiritos. Affirma com o accento da convicção, que conversou com os anjos e com pessoas mortas suas conhecidas. Relata minuciosamente conversações que assevera ter tido com Socrates, Xenophonte, Luthero, Xisto 5°, Newton, e Luiz 14°.

Estas visões eram apenas um accessorio do systema theologico de Swedenborg, e a seita não passava de uma sociedade de christãos reformados, que adoptava as opiniões do mestre a respeito de Deus, dos anjos, das penas e recompensas eternas, da lithurgia, das orações, etc., e que não via nas conversações delle com os finados mais do que uma prova da santidade de sua missão. Porém um dos discipulos chamado Elias Aristo procurou reduzir a regras os meios de obter o que o mestre dizia ter alcançado. Aristo, homem do povo, nascêra pobre: mas a industria e a fortuna lhe haviam grangeado consideraveis riquezas. Swedenborg foi theorico, Aristo foi practico. Inventou este diversas ceremonias de iniciação, e cercou os adeptos com imagens fantasticas. Estabeleceu-se pois no anno de 1783 em Stockolmo uma sociedade de illuminados, da qual eram membros o duque de Sudermania, e o principe Carlos d'Hesse, sociedade, que procurou ligar o magnetismo com o Swedenborgismo, e empregar um como meio de chegar ao outro.

O illuminismo fez grandes progressos entre os franc-maçons nas lojas de S. João, Santo André, e outras; nos capitulos dos Templarios em Napoles, em Edimburgo, em Stockolmo, e em Pariz. José Balsamo, natural de Palermo, conhecido pelo titulo de conde de Cagliostro, grande sectario de Paracelso, alchimico, fabricante de elixires e de encantamentos, fundou em Pariz

a loja Egypciaca, e n'uma sessão phantasmagorica mostrou ao cardeal principe de Rohan os espectros de uma multidão de illustres personagens da antiguidade.

O conde de Saint-Germain foi tambem um dos propagadores das ideias dos illuminados. Era um aventureiro trazido da Allemanha pelo marechal de Belle-Isle, que o appresentou a Luiz 15°, e a Madame de Pompadour. Este homem, que andou em voga por um momento, e morreu na obscuridade em 1794, dava a entender que tinha muitos seculos de idade. Contando um successo da vida de Francisco 1°: — O rei (dizia elle) acabava de ser levado para o castello de Pizzighitone: eu. . . . quero dizer, o duque de Laval o acompanhou no captiveiro. O rei voltou-se para mim. . . . . »

Logo emendava promptamente o discurso como quem arrebatado pela conversação deixa fugir uma phrase que não quizéra ter pronunciado. Referia depois as suas practicas com Henrique 4°, Carlos 5°, Bayard, Leão 10°, e outros. Não só o accreditavam, mas exageravam o que elle dizia, chegando a imprimir, que Saint-Germain tinha sido amigo intimo de Jesus Christo.

O que nisto ha de verdadeiramente extraordinario é que nem todos os proselytos do illuminismo eram pessoas credulas; a maior parte pelo contrario eram *espiritos fortes*, pessoas de uma intelligencia superior. Tivemos repetidas occasiões de conversar a este respeito com Inglezes, e individuos de outras nações, que pessoalmente conheceram Cagliostro e o conde de Saint-Germain: o que nos habilita para referirmos uma aventura, que prova até que ponto a imaginação póde exaltar-se, quando influida pelos delirios metaphysicos.

Ouvimos narrar o facto no principio da revolução franceza a uma dama emigrada, que o tinha ouvido á condeça de Balbi, amante de Monsieur, depois Luiz 18°, irmão do rei, a qual si não devia á belleza de seu rosto a influencia que exercia sobre o principe, certamente a devia ao deleite da sua conversação. A condeça de Balbi tinha chegado de Pariz, onde sómente ouvira fallar de Roza-Cruzes, e de Illuminados. Um dia citou ella um exemplo notavel dos effeitos perigosos do illuminismo verificados no conde de Caylus, que perdêra não só o uso da razão, mas tambem a propria existencia. (*)

---

[*] O conde de Caylus tinha uma tal antipathia aos frades Barbadinhos,

O conde de Caylus era conhecido pelos seus não vulgares talentos, por obras litterarias, por suas investigações de antiquario, e por gravuras estampadas conforme a desenhos, que elle havia traçado. Este homem de uma intelligencia tão superior chegou a persuadir-se de que possuia a faculdade de evocar as sombras dos mortos.

Madame de Balbi disse, que a seguinte aventura lhe fôra relatada por Madame de Bonneuil, sua amiga, cazada com um criado de Monsieur (Luiz 18°). O conde de Caylus tinha muita intimidade com Madame de Bonneuil, e fallava-lhe frequentes vezes de seu prodigioso dominio sobre os espiritos, e das descobertas extraordinarias, que havia feito nas suas practicas com illustres personagens, que tinham deixado a habitação da terra. Ao mesmo passo dava o conde aos illuminados uma superioridade infinita acima dos outros homens.

Estas conversações tão repetidas, e com pessoa de tão elevado merito fizeram impressão no animo de Madame de Bonneuil. A' força de ouvir principiou por notar que o conde nenhum motivo tinha para dezejar illudil-a. Suscitou-se-lhe depois a idéa de que pelo grande poder do conde sobre os espiritos poderia ella gozar a fortuna de vêr, e conversar com uma amiga, que a morte lhe havia roubado. Commuuicou-lhe pois os seus dezejos, e instou para que os satisfizesse. Com repugnancia annuîu o conde sob condição de deixar-se em tudo guiar por elle, de se não desviar do logar onde a pozesse, e de guardar o mais profundo silencio, durante a cerimonia. Madame de Bonneuil consentiu, e anciosa aguardou a entrevista, que esperava ter com a sua amiga.

Pouco tempo depois designou-se o dia, e Madame de Bonneuil foi pontual no logar aprasado. Recebeu-a Monsieur de Caylus com gravidade fóra do seu costume, e todo vestido de

---

que se sentia incommodado sempre que avistava algum. Explicava elle um tal phenomeno contando, que n'um dia, em que se achava a jogar o gamão com um de seus amigos, pareceu lhe vêr nódoas de sangue nos dados, e que levantando os olhos viia uma cara de frade Barbadinho; o que lhe fizera exclamar: " Meu Deus! que annuncio! Meu irmão, que está no exercito, acaba de perecer em um combate! „ Accrescentava o conde, que dias depois um frade Barbadinho lhe trouxera a triste noticia, que elle havia previsto. O dia, e a hora da morte com a maior exactidão correspondia ao momento, em que o conde recebera o mysterioso aviso.

(*Litterary Panorama*, 1811)

preto. Lembrou-lhe em voz baixa, e quasi inintelligel a promessa, que ella havia feito, affirmando-lhe que a existencia de ambos dependia da observancia dessa promessa. Madame de Bonneuil reiterou a promessa, e declarou que em tudo seguiria as instrucções do conde. Então este a fez passar por duas, ou trez sallas armadas de preto, e tão mal allumiadas, que as luzes eram mais proprias para augmentar do que para dissipar a escuridão sepulchral da casa. A ultima salla, em que entrou, era mais escura, muito mais lugubre que as outras; e parecia preparada com intenção d'inspirar sentimentos d'horror. A' froxa luz d'uma lampada viam-se pelas paredes os tristes emblemas da mortalidade, craneos e ossos em cruz. Madame de Bonneuil estremeceu, e sentiu-se desfallecer: mas a presença do conde lhe deu animo, e, passados alguns minutos, julgou-se com força para assistir até ao fim, sinão com valor, de modo ao menos que não se lhe conhecesse medo. De mais, nada se exigia de offensivo á sua delicadeza. Bastava estar quieta e callada.

Depois de a ter conduzido ao logar que devia occupar, começou o conde a cerimonia, descrevendo com uma varinha um circulo ao redor della; lançou então os ingredientes do encantamento em um vazo para isso destinado, do qual sahiu fumo espêsso; murmurava entretanto certas palavras em voz baixa; e acabou por dar grandes gritos em tom imperativo, fazendo os gestos extravagantes, as contorsões horrendas de um possesso. Madame de Bonneuil perdeu o animo, e no momento em que se proferiam as mais terriveis vociferações, arrancou um grito involuntario, e desatinada precipitou-se pela salla fóra antes que o conde pensasse em impedir-lhe a saída. Atravessou as outras sallas correndo, lançou-se na sege, e chegou a casa doente. Tal foi o effeito do susto.

Por muitos dias, que durou a molestia, nada ouviu Madame de Bonneuil a respeito do conde. Longo tempo depois veio elle visital-a, porém tão mudado, que fazia pena. Tinha o semblante abatido, e sua conversação era melancholica. « Eu cedi, como sabeis (dizia elle) a vossas continuadas instancias, e usei do meu poder sobre os espiritos para vos servir. A confiança, que tinha em vós, me induziu a lançar mão dos mais fortes encantamentos, e a chamar em meu auxilio os demonios mais poderosos, que só podem ser sujeitados por uma inflexivel severidade. O que acconteceu? O vosso grito quebrou o encantamento; os demonios apoderaram-se de mim: e só com a vida expiarei o insulto feito ás potencias infernaes. »

Debalde Madame de Bonneuil sentida no ultimo ponto de ouvir fallar assim ao conde procurou desvanecer-lhe a illusão.

« É necessario dizer adeus ao mundo (proseguia elle, despedindo-se); na terra não tornaremos a ver-nos; pouco tempo tenho de vida; os demonios insultados por vós brevemente saciarão sua vingança sobre mim. »

Ou seja que o conde estivesse a esse tempo affectado da enfermidade, de que devia morrer, ou seja, que a loucura que o dominava, produzisse effeito sobre o physico, o certo é que algumas semanas depois desta visita, Madame de Bonneuil soube que o conde de Caylus era fallecido!

Um homem celebre por sua erudição, e seus talentos chegou a persuadir-se de que o Ente Supremo delegava ao sêr humano a faculdade de chamar os mortos para fóra do sepulchro, e de tornar os espiritos obedientes ao seu mandado. Cumpre todavia notar, que as testas coroadas se deixaram fascinar, como os homens de talento, e que os reis como os sabios eram illudidos pelo charlatanismo dos impostores. A prova desta asserção achar-se-há no seguinte facto, que referimos confiados na auctoridade de Beaumarchais.

Havia na Allemanha desde o seculo 14° uma sociedade intitulada *Confraria dos Rosa-Cruzes*, fundada por Christiano Rosencreuz, que tendo aprendido n'uma peregrinação a Jerusalém com os doutores chaldêus de Damasco diversos segredos de cabala e magia, tinha aggregado junto de si alguns iniciados. Frederico Guilherme 2° rei de Prussia tinha entrado nesta sociedade, e veio a ser grão-mestre da loja de Berlin. Na sua elevação ao throno (em 1786) nomeou ministro da Prussia a seu irmão Rosa-Cruz Birchoffswerd, cavalheiro saxonio, possuidor de uma panacéa universal, e partidista zeloso do illuminismo. Christovam de Wœlner, outro Rosa-Cruz, foi nomeado conselheiro de fazenda, e inspector dos edificios. O que então se passou póde fazer-nos comprehender como os sacerdotes do paganismo dirigiam as nações por meio dos oraculos. Fizeram apparecer diante do rei da Prussia Moysés, Jesus-Chrlsto, e Julio Cesar, que pela força de sortilegios foram constrangidos a responder ás perguntas de Frederico Guilherme. Os Rosa-Cruzes tornaram-se por este modo senhores da consciencia do rei, e dirigiram-o a seu bel-prazer.

Si accreditarmos o facto seguinte, a influencia das ideias mysticas sobre Frederico Guilherme não seria alheia ao exito da campanha de França em 1792.

Em 31 de agosto o duque de Brunswick-Luneburgo, commandante das forças alliadas do imperador d'Austria, e do rei da Prussia, fez intimar á cidade de Verdun, que se rendesse. Mr. de Beaurepaire, governador da praça, procurou em vão resolver os moradores á deffeza, e achando-se desamparado de todos, matou-se com um tiro em pleno conselho. A guarnição capitulou immediatamente, obtendo permissão de retirar-se para o interior da França, e as portas de Verdun foram abertas ao rei da Prussia, que entrou na cidade aos 2 de setembro de 1792 á frente do seu exercito.

A tomada de Verdun excitou a mais viva alegria nos realistas: suas mais agradaveis esperanças pareciam proximas de realisar-se, e elles esperavam que o rei da Prussia triumphando de todos os obstaculos entrasse em Pariz, libertasse o monarcha, de novo o collocasse no trono, destruisse o poder da assembléa nacional, e restituisse á França a paz, e a ordem, estribadas na authoridade monarchica. Os *leaes* habitantes de Verdun deram ao rei da Prussia, e ao duque de Brunswick um baile sumptuoso: e toda a nobresa de Verdun, o estado-maior do exercito Prussiano, e o dos emigrados assistiram a esta formosa reuião.

No meio do baile achava-se Frederico Guilherme conversando com alguns realistas á cerca das esperanças do seu partido, e da imminente ruina dos jacobinos, quando um homem vestido de preto aproximou-se delle, e fallou-lhe em voz baixa. Frederico estremecêu, ouvindo a palavra de *passe*, usada pelos rosa-cruzes. A um gesto do homem desconhecido elle o seguiu sem proferir palavra, e como dominado por uma potestade superior. Descêram ambos uma escada tortuosa, e entráram n'uma pequena salla de abobada, forrada de negro, e alumiada por chamas vermelhas e azues, que ardiam em vasos de trez pés. Frederico entrou precipitadamente nesta salla atraz do guia; mas este ao entrar desappareceu. O rei temeu ser victima de uma traição. Posto que affeito a scenas singulares, a solidão sinistra do logar causou-lhe susto, e dava passos para retirar-se, quando uma voz lhe gritou: «Detem-te; não saias daqui sem que me tenhas ouvido.» Voltou-se o rei, e á luz escassa dos fogos colorados viu (não sem terror) de pé, e parado no topo da salla a Frederico o Grande, seu tio! Era elle, as suas feições, o seu ar de corpo, a sua mameira de olhar, e o uniforme, que trouxêra durante a campanha da Silesia, tudo provava a identidade da pessôa.

« Conheces-me ! » disse o fantasma.

Não podia haver duvida : Frederico Guilherme não deu resposta.

O fantasma, cuja voz parecia um tanto tremula, continuou com um tom mais seguro :

« Quando tu conduziste de Baviera a Breslau o corpo de tropas, que te havia confiado, eu te apertei em meus braços, dizendo : Não , tu já não és meu sobrinho, tu és meu filho. Estás prompto a obedecer-me como filho ? »

« Dizei o que quereis, meu tio (respondeu o rei da Prussia, inclinando-se) : pois que vos permittem deixar a região dos mortos, eu devo executar as vossas ordens, e os vossos conselhos como de um enviado de Deus. »

« Pois bem (continuou o fantasma) ; volta para os teus estados ; foge do territorio francez ; põe termo a guerra d'iniquidade que emprehendeste. »

« Como, Senhor ? Devo desamparar o rei de França, que de mim espera a liberdade ; deverei desamparar os meus alliados ! »

« Teus alliados ! (exclamou Frederico o Grande de uma maneira energica) ousas tu dar esse epitheto ao cabeça da casa d'Austria, que eu sempre combatti, e aos soberanos, cujo poder é o unico embaraço á superioridade da Prussia sobre toda a Allemanha ? E fizeste um tratado ?. . . . . Contra quem ? Contra os Francezes, que eu sempre amei, cuja lingua fallava com preferencia a lingua materna, cujos grandes escriptores se correspondiam comigo, cuja philosophia tinha adoptado ? Contra os que te podem ser uteis fazes alliança com os que tolhem o teu engradecimento, e que aguardam a occasião opportuna de destruir-te o trono ainda ha pouco levantado. »

« Não era do meu dever a defeza da monarchia ? » perguntou o rei da Prussia.

« E tal defeza póde ser-lhe util ? Tens tu a faculdade de resuscitar um cadaver ? Sabe, meu filho, que ninguem póde sustar o curso das revoluções : o que pretender suspender-lhe a torrente será por ella arrebatado. As revoluções á maneira dos grandes cataclysmos renovam a face da terra : tem seu logar na ordem universal : e de mais, que pódes tu esperar ? Daqui a pouco tempo não terás ao menos a vantagem do numero. Kellerman está no Vitry Francez com 20,000 homens ; 90,000 homens occupam o bosque d'Argonne commandados por Dumouriez ; Beurnonville está-se acampando em Maulder ; o ge-

neral Hurville protege Reims ; La Bourdonaye reune um exercito na fronteira de Flandres ; o numero dos voluntarios augmenta ; a convenção vai succeder a uma assembléa, cuja falta d'energia deu alguma vantagem aos alliados. Rei da Prussia, eu venho repetir-te as palavras do espectro, que appareceu a Carlor 6.° : cavalga para atraz que te atraiçoam !. . . . »

Pronunciadas estas palavras com uma voz terrivel, o fantasma desappareceu. Frederico Guilherme fóra de si voltou á salla do baile, onde a sua ausencia começava a causar inquietação ; chamou pelo seu ministro Bischoffsverd ; e como elle teve uma larga conferencia.

Inquieto e duvidoso, Frederico Guilherme ficou em Verdun até 9 de setembro sem tomar resolução : antes porêm do fim do mez tinha ajustado uma convenção com Dumouriez, e deixava o seu quartel-general de Hans.

Soube-se que o rei da Prussia em vez de marchar sobre Pariz, como annunciára o manifesto do duque de Brunswick, couduzîra o seu exercito para a fronteira.

O pasmo, que tinha causado este boato, ainda não havia cessado, quando chegaram noticias positivas da retirada dos Prussianos. Foi um raio lançado sobre os realistas, que já saboreavam os ante-gostos da victoria. Todos ficáram sem animo principalmente os emigrados alistados debaixo dos estandartes do rei, Monsieur, e o conde d'Artois, e commandado pelo principe de Condé. Descendentes de familias illustres, senhores de consideraveis propriedades tinham-se alistado como soldados, sujeitando-se a durissimas privaçoes a fim de restabellecer completamente os privilegios da monarchia ; e era-lhes forçoso renunciar a essa esperança. Fizeram mil tentativas a fim de que o rei da Prussia revogasse as fataes ordens ; e não podendo commovêl-o, foram constrangidos a licencêar o seu pequeno exercito.

Fizeram-se mil conjecturas sem atinar com as rasões porque o rei da Prnssia abria mão de uma causa, que abraçára com enthusiasmo proprio para dar os melhores resultados. Os revolucionarios affirmaram, que a retirada tinha sido proposta em carta de Luiz 16.° ; mas é por ventura provavel, que o infeliz principe concorresse para tornar mais prolongado o seu captiveiro, sustando o passo de quem corrîa a libertal-o ? No caso d'elle ter escripto carta em tal sentido, não era claro que lhe teria sido dictada pelos seus carcereiros contra os sentimentos de seu proprio coração ? Deveria o rei da Prussia dar credito a

similhante carta? Ultimamente um emigrado, que estava de sentinella no pateo do palacio na noite do baile de Verdun, referiu em segredo a seus camaradas algumas expressões, que ouvira, accrescentando, que o defunto rei da Prussia tinha passado por junto d'elle. Espalhou-se pois o boato de que Frederico o Grande tinha apparecido a seu sobrinho, e lhe havia determinado que voltasse para traz.

Porêm nós sabemos pelo padre Sabbatier (este o ouvira a Beaumarchais) quem foi o individuo, que provavelmente se atreveu a abusar da credulidade d'el-rei da Prussia.

O padre Sabbatier conselheiro do parlamento de Pariz tinha representado um papel importante na luta do parlamento com o rei. Em 1787 havia dado o exemplo de recusar-se ao registro dos editos fiscaes, e uma ordem de prisão o havia mandado para o Monte de S. Miguel. Mas, como todos os que tinham começado a revolução sem prevêr-lhe as consequencias, perdeu logo a pouca popularidade, que devia ás perseguições da côrte, e foi constrangido a emigrar.

Beaumarchais veio a Inglaterra pelos fins de 1792, e o que elle contou a Sabbatier pareceu a este que em grande parte esplicava as causas da retirada fatal aos realistas. O conselheiro communicou tudo a muitos emigrados, que fizeram o mesmo juizo.

No começo de setembro de 1792, precisamente quando os emigrados occupavam Verdun, foi Beaumarchais visitar o comediante Fleury, com quem tinha intimidade. Só achou em casa uma sobrinha do actor de idade de 10 a 12 annos, que lhe abriu a porta, e perguntada pelo tio respondeu que estava no campo.

« Virá á manhã? » instou Beaumarchais.

« Oh! não! (continuou a menina) Antes de oito ou dez dias não estará de volta. Meu tio foi a Verdun. »

Retirou-se Beaumarchais pensando no motivo que teria conduzido Fleury a Verdun, pois que a conjunctura não era propria para exercitar alli o seu officio: e quando lhe pareceu que já estaria de volta foi fazer-lhe outra visita. Como havia intimidade entre elles, Fleury o recebeu com mostras de satisfação. Os Prussianos já não estavam em Verdun. Beaumarchais perguntou sem affectação ao seu amigo por que tinha deixado Pariz tão de repente, e que negocio o havia chamado a Verdun. Viu porêm com grande admiração, que Fleury, de ordinario mui

franco, illudia todas as perguntas relativas ao objecto da viagem, e guardava á cerca disso o mais perfeito segredo. Quanto mais Fleury evitava responder tanto mais Beaumarchais se persuadia de que a viagem tivera por motivo negocio mui transcendente: e tanto mais procurava todos os meios imaginarios d'arrancar ao comediante o seu segredo. Tudo foi inutil. A averiguação a mais minuciosa não pôde ministrar a Beaumarchais os mais insignificantes dados sobre a ida de Fleury a Verdun. Ninguem o tinha visto, ninguem tinha ouvido cousa alguma a respeito delle, nem ainda pronunciar-lhe o nome. Mas logo que chegou ao conhecimento de Beaumarchais o boato, que começava a grassar, occorreu-lhe que Fleury havia representado perfeitamente no theatro francez o papel de Frederico 2.° Não contente com pintar o semblante de modo que ficava mui parecido com o monarcha prussiano trazia uma farda velha, colete, botas e chapeo de Frederico. A illusão era completa.

O auctor ficou pois convencido de que o talento de Fleury tinha sido applicado a um fim politico, o de enganar o rei da Prussia. Era possivel que Frederico Guilherme, illudido pelos sonhos dos illuminados, imaginasse vêr a seu tio, e ouvir a ordem, que deu o golpe de morte a Luiz 16.°, á rainha, a sua irmã, e a seu filho. Um entendimento menos atilado, que o de Beaumarchais teria deduzido dos mesmos factos as mesmas consequencias. Si o rei da Prussia foi realmente illudido, é claro que um plano em ponto grande era necessario para isso. È todavia mui natural que Fleury representasse com effeito o primeiro papel em virtude da simelhança, que tinha, no semblante, nos gestos, e na voz, com o famoso Frederico 2.° Além de que deve notar-se que á frente dos negocios publicos estavam nesse tempo Danton, ministro da justiça, o duque d'Orleans, e outros, que sendo todos Franc-Maçons, não eram alheios ao conhecimento das opiniões de Swedenborg.

Finalmente a 15 de abril de 1795, Frederico Guilherme tratou com a republica franceza, e deixou as suas provincias da margem esquerda do Rheno.

Segundo o que levamos exposto contribuiu o illuminismo para firmar a victoria dos revolucionarios contra a alliança dos reis.

Si assim foi, este é o unico acto do illuminismo, que teve influencia nos destinos da Europa. O vasto movimento politico, que se seguiu, fêz bem depressa e cabalmente esquecidos os illuminados e os seus delirios. *(Monthly Magaziue)*

MISCELLANEA.

BIBLIOGRAPHIA.

MEMORIA AMALYTICA A'CERCA DO COMMERCIO DE ESCRAVOS, A'CERCA DOS MALES DA ESCRAVIDÃO DOMESTICA: POR *F. L. C. B.*

Da historia de todos os tempos se vê, que quando um povo ou nação conquista o terreno que outra occupa, reduz á escravidão os antigos povoadores, que por pouco guerreiros ou mal governados não poderam resistir á invasão estrangeira. Nem mesmo a superioridade de civilisação da parte dos vencidos tem sido bastante escudo para tão triste destino, bem como o experimentáram os Gregos quando conquistados pelos Turcos. Os conquistadores modernos, em apparencia menos barbaros, contentam-se com cobrar fortes imposições, que debilitam os povos conquistados, e os obrigam por annos a trabalhar para pagar a divida contrahida, constituindo-se assim em uma verdadeira escravidão temporaria: isto teve logar nas imposições postas pelo exercito de Napoleão aos estados da Europa, e por seu turno a França se viu fortemente imposta pelo exercito alliado.

Si tão frequentes tem sido as guerras; si tantas outras causas podem pôr o fraco á disposição do forte, o devedor á do credor, etc., não é para admirar que a escravidão fosse um dos estados em todos os reinos, imperios e republicas da antiguidade, sem que isso influisse sensivelmente sobre a fórma do governo, nem mesmo sobre os usos e costumes de muitos desses povos.

Estava reservado ao christianismo fazer conhecer a verdadeira liberdade, e ensinar aos homens, em these, que todos são iguaes,

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

e igualmente responsaveis pelos abusos commettidos para com seus semelhantes: a charidade não conhece estados, o céo está aberto para os justos de todas as classes, o inferno espera os máus de todas as cathegorias; os gozos e penas serão distribuidos na razão sómente do proceder do homem neste valle de provas.

Mas a religião tem sido muitas vezes desconhecida, e o homem fragil e perverso, em vez de abolir o uso da força, conhecendo que só ella é capaz de o conter nos seus deveres, em vez de estabelecer a liberdade e igualdade, que tão recommendada nos é pelo céo, regularisou o emprego da força, e deu-lhe certos preceitos geraes, murou de ferro o caminho que lhe pareceu conveniente, e ornou este abuso e regularisação da força com os nomes sagrados de *dever* e de *direito*. É pois este direito puramente convencional, logo que sáhe das primeiras transacções da sociedade nascente, e por isso não admira que a propriedade que tem um homem sobre outro homem seja tambem um *direito*. Tem pois o senhor sobre o escravo um direito, ao menos, tão bom como muitos outros que as differentes seitas politicas da sociedade reconhecem, em procurações de differentes generos passadas effectiva ou tacitamente aos governantes.

Quando os Portuguezes conquistáram o Brazil acharam-o pouco povoado, o estado de civilisação dos indigenas não permittia igualdade com homens muito mais adiantados e corajosos, seguia-se pois uma de duas, o exterminio ou a escravidão; infelizmente existiram ambos os males, e apezar das recommendações e ordens da côrte de Lisboa contra tantos excessos, os caboclos foram sujeitos á escravidão, e obrigados a trabalhar para seus duros vencedores. Os Portuguezes com a franqueza do tempo declararam que a terra era sua, que a tinham ganho com o seu sangue, e que os indios eram seus escravos; chegaram mesmo a desobedecer ás ordens do governo, e foi depois necessaria a força e o terror que inspirava o grande marquez de Pombal, para livrar os indios da escravidão, e assim mesmo foi mister pôl-os debaixo da tutella de agentes do governo. E' necessario com tudo concordar em que este direito de força, si não era mais verdadeiro, era ao menos mais generosamente expresso, do que esses tratados e vendas de terras que os nossos conterraneos dos Estados-Unidos tem feito com os seus indios, extorquidos pelo terror, consentidos pela embriaguez; esse nos parece ser o maior abuso da civilisação.

Como porém os indios fossem pouco activos para muitos generos de serviço, pouco susceptiveis de tomar os nossos costumes, e de apprender as nossas artes pelo modo porque as executamos: o paiz carecia de braços, a producção crescia em progressão espantosa, os proprietarios accumulavam capitaes sem poderem com elles intentar novas culturas; os Europeus não queriam, nem tão cêdo quererão, abandonar o arado no seu paiz natal para cavarem com a enxada a terra debaixo da zona torrida; lembraram-se por isso os nossos ascendentes de transplantarem da Africa os escravos que lá lhe sobravam, e de fertilisarem com o seu suor os bellos terrenos da America Meridional. Os Africanos acostumados de longo tempo á vida da guerra, ageitados ao ferreo despotismo de regulos, que exclusivamente os dominam, possuindo além disto muita facilidade de imitarem a civilisação européa, eram muito melhores escravos do que os indios, a quem o interesse não move, nem mesmo o leve castigo atemorisa. De facto é notavel a docilidade do Africano, o que junto á convicção de inferioridade de raça que todos tem, faz com que seja inpossivel uma reacção qualquer da sua parte, uma vez que não seja primitivamente dictada por homens de outra raça. A estes proclamadores de principios subversivos, seria bom remetter para os sertões africanos, para lá civilisarem os negros, e assim, pondo-os ao par dos povos da Europa e America culta, cortando o mal pela raiz, prohibido ficaria o commercio da escravatura.

O commercio da escravatura tem os seus deffensores, e os seus abolicionistas, e como parece partilha da humanidade a intolerancia religiosa e politica, ferindo até as opiniões e crenças dos individuos, aqui mais claramente se manifesta, formando em nosso paiz seitas implacaveis que se hostilisam abertamente. Dizem os partidistas do commercio da escravatura, que no estado actual das nossas leis e população, não é possivel obter o exacto cumprimento dos contractos com os colonos; que o serviço destes custa um preço tal, que não é possivel manter com elles a agricultura; que esses mesmos colonos não podem trabalhar por muito tempo debaixo da zona torrida, e que se lançam todos ao commercio; que o estado de escravidão dos negros é, termo medio, superior ao que gozam no seu paiz, porque passados alguns annos não querem mais voltar a elle; que os commodos e gozos dos trabalhadores das ultimas classes, em grande parte da Europa, são menores do que os dos nossos escravos

tratados medianamente; que, finalmente, aquelles são sujeitos a cahir em abandono por enfermidade ou outro qualquer motivo, o que não accontece com estes.

Os abolicionistas clamam que não ha direito algum de comprarmos e vendermos homens, que estão na sua terra debaixo de governos que, embora tyrannicos, são seus: que o estado de escravidão tende a introduzir uma desmoralisação domestica que deve influir sensivelmente sobre a nossa moral publica; que o serviço feito por escravos é muito inferior em qualidade e quantidade ao feito por homens livres; que si os escravos não querem voltar ao seu paiz é com receio de serem novamente captivados, ou porque tem adquirido os nossos vicios; que os escravos são um volcão terrivel debaixo dos nossos pés, ou espada de Damocles pendente de fragil fio sobre nossas cabeças; etc. Ha muito que dizer a umas e outras razões, tanto debaixo do ponto de vista moral, como politico e religioso, e o objecto á força de parecer claro a ambos os partidos, não tem sido discutido com a prudencia que convinha, e entre nós diatribes e injurias tem sido as armas do combatte. Cumpre porém observar que a opinião predominante entre nossa população, parece ser a da continuação do trafico da escravatura, e tanto que sempre que o nosso governo tem querido obstar a elle, tem buscado apoio fóra, por meio de tratados com estrangeiros, o que faz elogio á sua philantropia, mas não á sua politica, tornando assim impopular, como medida cujo apoio se acha em estranhos, a questão, que discutida comnosco talvez já tivesse, e com menos azedume, chegado a fixar uma opinião nacional conforme.

Felizmente para a questão, publicou o Sr. F. L. C. B. a sua memoria analytica; professa o mesmo Sr. os mais genuinos principios abolicionistas, mas procura chamar a questão á razão, e habilmente abstrahe de toda a intervenção estrangeira; muitos dos meios que propõe para a abolição successiva, e para a colonisação são dignos das serias meditações dos nossos compatriotas: o estylo é excellente, e ressumbra em toda a obra o mais ardente dezejo de vêr satisfeito o anhelo da sociedade moderna, a *igualdade civil*.

Honra seja pois feita ao distincto brazileiro que occupa os momentos que lhe sobram do estudo das variadas sciencias que professa, a discutir uma questão vital aos nossos interesses, e aos da sociedade e da religião em geral.

B.

ESTATISTICA.

ESTATISCA DOS EXERCITOS CARLISTA E CHRISTINO DA HESPANHA.

No momento, em que todos os olhos se dirigem para a Hespanha, ler-se-ha com bastante curiosidade e interesse os pormenores, que encontrámos no *Diario Mercantil de Valença*, acerca de todas as forças de Christina e D. Carlos, desde o principio da guerra civil até o dia de hoje.

Em 1834 — Tropas Carlistas — Haviam em Navarra, e nas provincias vascongadas, sob o commando de Zumalacarreguy, já morto — 6,000 homens — Em Castella, montanhas de Soria e Burgos, sob o commando de Merino — 1,500 — No baixo Aragão, capitaneados por El Serrador e Carnicer — 2,500 — Nas montanhas da Catalunha, sob o comando de Tristany — 2,000 — Total dos carlistas armados em 1834 — 12,000 homens.

Soldados Christinos — Nas provincias vascongadas — 16,000 homens. Na Castella, Soria, Burgos e Palencia — 4,000 — Nas montanhas de Valença e baixo Aragão — 5,000 — Na Catalunha 8,000 — por tudo em 1834 — 33,000 homens.

Em 1835 — Tropas carlistas — Nas provincias vascongadas e Navarra — 20,000 homens — Nas duas Castellas — 7,000 — No baixo Aragão e Valença 5,000 — Na Catalunha, e Alto Aragão — 20,000. Por tudo — 52,000 homens.

Soldados Christinos — Nas provincias vascongadas e Norte — 30,000 homens — Nas duas Castellas — 10,000 — No baixo Aragão e Valença 8,000 — Em Catalunha 20,000 — 68,000 homens.

Em 1836 — Carlistas — Nas provincias vascongadas — 24,000 homens. Nas duas Castellas 22,000. No baixo Aragão e Valença 10,000. Em Catalunha 16,000 — por tudo — 72,000 homens.

Christinos — Nas provincias vascongadas 52,000 homens. Em Castella 14,000 — Aragão e Valença 16,000 — E em Catalunha 30,000 — Total 112,000 homens.

Em 1837 — Carlistas — Nas provincias vascongadas 34,000 homens — No baixo Aragão e Valença — 14,000 — Em Catalunha 14,000 — Total 52,000 homens.

Christinos. Nas 4 provincias do Norte 40,000 homens — Nas

duas Castellas — 30,000 — No baixo Aragão e Valença—15,000 — Em Catalunha 20,000 — Total 105,000 homens.

Em 1838 — Carlistas — Nas provincias vascongadas 18,000 homens. Com Cabrera no centro 14,000. Com o conde de Hespanha em Catalunha 8,000 — Total 40,000 homens.

Christinos — Nas 4 provincias do norte e sob o commando de Luchana — 50,000 homens. Em Castella 20,000. Exercito do centro 25,000—Na Catalunha 20,000—Total 115,000 homens.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Pintura a oleo. — A pintura a oléo tem o inconveniente de escurecer com o tempo, o que é devido a carbonisação do oleo de linhaça e de nozes com que se misturam as tintas. M. *Valton* retratista famoso, emprega a seguinte receita, com que evita este defeito.

Tomem-se 4 onças de gomma elemi que se derretem em vasilha nova de barro vidrado em fogo brando, tendo o cuidado de mecher com uma espatula de páo até se derreter completamente: quando começar a ferver deitem-se-lhe de vagar 4 onças de essencia de lavanda, e 2 onças de oleo de papoulas. Em quanto esta mistura estiver inda quente côe-se por um panno fino e guarde-se em garrafa com rolha de vidro. Se a mistura não estiver na consistencia do oleo puro; ajunte-se-lhe mais porções iguaes de oleo de papoulas e de essencia de lavanda, até ficar na consistencia dita.

Com esta preparação se moem as tintas, e querendo-as tornar mais fluidas, emprega-se o oleo misturado com essencia de lavanda. Por este meio a colorido conserva inalteravel frescura.

Estrumes Jauffret. — O invento de que vamos fallar é talvez o mais importante de quantos tem enriquecido a agricultura. M. Jauffret, depois de repetidas tentativas para melhorar os estrumes, descobriu uma composição a qual tem o maravilhoso effeito de fazer fermentar as substancias as mais refractarias, convertendo-as em optimo estrume dentro de doze dias. Ha nove

annos que a efficacia do processo e a superior qualidade do estrume obtido por elle está plenamente verificada em Aix, na Provença, e seus contornos, e attestada pela declaração de muitos lavradores, jardineiros, proprietarios, funccionarios publicos. Todos reconhecem que este estrume custa ménos de metade do esterco animal, e tem igual energia fecundante, que conserva por muito tempo, achando-se no fim do terceiro anno da sua applicação apenas meio consumido, e isto em terras regadas a miudo. O fluido empregado por M. Jauffret faz apodrecer a palha, a cana do milho, carqueja, tojo grama, e até folhas de platano, dentro de tres a quatro dias, elevando-se a temperatura da massa a 45 Réaumur, e subindo depois a 60 e 65 R. No fim de dezembro de 1836 fez o inventor experiencias publicas em Neuilly, perto de Pariz, e grande numero de nacionaes e estrangeiros ficaram admirados e convencidos. O liquido que promove a fermentação torna tambem muito mais energico qualquer esterco de animaes, sendo derramado sobre estas materias. Qualquer cultivador poderá fazel-o na sua fazenda a pouco custo, e sem possuir gados ou comprar esterco. O autor affirma que até misturado com qualquer terra, ainda a mais esteril, a torna productiva.

M. Jauffret offerece aos cultivadores nacionaes e cstrangeiros communicar o segredo da composição de seu precioso invento, por um preço moderado, sendo sua tenção divulgal-a logo que tenha obtido uma somma de dinheiro que lhe segure honesta independencia, e compense os gastos e tempos que lhe tem custado. Dois ricos lavradores inglezes, que assistiram ás ultimas experiencias, estão em ajuste com M. Jauffret. O ministro do commercio nomeou uma commissão para assistir as novas experiencias e fazer um relatorio ao governo.

Outra vantagem notavel do estrume de M. Jauffret é que destroe efficazmente todos os vermes que encerra o esterco, e que desenvolvendo-se são tão nocivos as novidades.

Assucar extrahido das castanhas. — Em 1780 o celebre Parmentier publicou um tratado sobre a castanha, da qual fez uma analyse exacta. Valendo-se d'ella, publicou M. Guerrazi de Florença uma serie de observações e de experimentos relativos á extracção do assucar d'este fructo, dando como invento seu o que era sabido havia tantos annos, si bem que não posto em pratica. O processo do chimico italiano é fundado na pro-

priedade que tem o assucar da castanha, a albumina vegetal, e a materia extractiva d'este fructo de se dissolverem por simples infusão; e na disposição do liquido a se clarificar pela ebullição sem addição de outra substancia, e isso por effeito da coagulação da albumina; em fim sobre a propriedade crystallisavel do assucar, quando o liquido é reduzido á consistencia de xarope. A fabricação do assucar de castanha é muito mais simples que a do assucar de beterraba. Não carece de raspadoura. de prensa, nem de carvão animal Uma dorna, ou pipa sem tampa, um coador, e uma caldeira chata, é quanto basta.

M. Guerrazi prefere as castanhas piladas. De cem partes tirou sessenta de farinha e quarenta de xarope, do qual extrahiu dez a quatorze partes de assucar crystallisado. A farinha da castanha, misturada com um quinto de farinha de trigo, faz bom pão. O processo é mui simples, e a crystallisação nos tachos só requer agitação do liquido com uma escumadeira. Achando-me em Italia em 1812, fiz uso de assucar de castanha em pó tão bom como o areado da India ou do Brasil.

Modo de destruir as formigas. — Ponha-se no logar que as formigas frequentam um caixa coberta furada de buracos estreitos e um pouco compridos, em que se mete melaço ou mel ordinario. As formigas acodem logo em grande numero, e de duas em duas ou trez horas expõe-se a caixa á chama para matar os insectos, renovando de cada vez o melaço. Este meio é infallivel. A caixa não deverá ser muito grande: é melhor ter duas ou trez.

Meio de destruir a lagarta. — Duas libras de terebinthina fervida em 6 libras de agua é excellente meio de destruir a lagarta, que dá nas couves e em outras plantas. Borrifam-se as folhas com esta solução depois de esfriar, pelas quatro horas da tarde. Outro processo mais barato, e não menos efficaz, é o seguinte. Deite-se cousa de 12 libras de ferrugem de chaminé em 50 libras de agua; misture-se bem, agitando por quarenta e oito horas; então ajuntem-se 20 libras de agua fervendo, e uma de acido vitriolico (sulphurico). Borrifam-se as plantas atacadas da lagarta com este liquido de dois em dois dias por espaço de uma semana. Este meio destroe a lagarta sem causar damno ás plantas, e pode igualmente applicar ás arvores para destruir os

animaes que se lhe pegam e as definham, usando de uma pequena bomba de mão.

Meio de destruir o pulgão. — Um meio mui facil e efficaz de evitar o estrago que faz o pulgão nas hortas, é semear entre as couves e outra hortaliça alguns rabãos. O insecto, sumamente goloso das folhas d'esta planta, acode a ella deixando as outras; e como elle só devora as folhas dos rabãos, não se perde a raiz, unica parte que se come.

Extracção do assucar da cana. — Até aqui os processos da extracção do assucar da cana na America e na India eram tão imperfeitos, que, contendo esta planta perto de 90 por 100 de materia sacharina, só 48 se tiravam d'ella. Os aperfeiçoamentos que a fabricação do assucar de beterraba tem introduzido, ja aproveitaram a do assucar de cana; e hoje ja se tira 65 por 100 d'ella em assucar bruto. O principal melhoramento consiste na evaporação em tachos pouco profundos (de 4 a 5 pollegadas) e mui espaçosos.

Rutabaga. — O *nabo* de Suecia ou *rutabaga (brassica napus*, Lin.) obtido na Suecia pela cultura da couve-nabo de Laponia e da couve-nabo ordinaria, é excellente alimento para o gado. Requer terra ligeira e arenosa. A raiz tem um gosto agradavel; os bois, carneiros e porcos gostam muito d'ella, cortada em rodas. As vaccas nutridas com esta raiz dão leite abundante. Tambem é bom alimento para o homem, cosida, assim como para as aves. As melhores sementes são de côr escura, redondas, pesadas e luzidias. Para semear devem ter dois annos. D'ellas se extrahe bom azeite para luzes.

Ruiva dos tintureiros. — A cultura d'esta planta, que cresce em muitas partes de Portugal, seria mui proveitosa, visto o grande uso que d'ella se faz hoje em tinturaria.

Cultura da vinha. — Em alguns districtos da Hungria, e principalmente em OEdenburg (o antigo *Sympronium*), onde se faz vinho de excellente qualidade, as vinhas se plantam e cultivam da maneira seguinte.

Planta-se o bacelo a 3 pés de distancia em regos longitudinaes; em cada cova se enterram dois bacelos ou um só com dois

esgalhos: nos dois primeiros annos amanha-se a terra, e no terceiro corta-se acima do segundo gomo, e d'esta maneira se obtem quatro varas, duas de cada gomo; cortam-se os renovos inferiores inuteis, e monda-se, e no quarto anno podam-se duas das quatro varas acima do segundo gomo, e com as duas varas as mais fortes se formam dois arcos, um dirigido á direita, e o outro á esquerda. Dois quartos do ramo servirão a formar o arco, outro quarto se dobra e mergulha, e o ultimo quarto forma vara. Estes dois arcos e as duas varas que d'elle procedem, são os que dão fructo durante o anno, e a uva recebe o calor do sol e o do solo. Os quatro gomos deixados nos dois esporões preparam quatro varas para o anno seguinte. D'esta maneira se renova cada anno a mesma operação, isto é: os dois ramos mais vigorosos se mergulham para formar arcos que dão fructo. Na vindima colhe-se a uva do arco e da extremidade da vara; na primavera seguinte poda-se esta ramo junto ao nó pelo qual está unido á cepa; então se arrancam os ramos que tem lançado raizes na terra, para fazer bacelo, ou para queimar. Por este methodo evita-se a despesa de latadas, e conservam-se as parreiras baixas gozando do calor do sol e do da terra, particularmente nos outeiros ou encostas.

M. Lehrmann, que viajou seis annos pela Europa, encarregado pelo conde Ladislau Forestetier, proprietario do estabelecimento agronomico chamado *Georgicon*, na Austria, affirma que o melhor vinho de OEdenburg provêm de vinhas cultivadas pelo referido methodo; mas ajunta que é dispendioso, por não ser facil despojar os ramos dos renovos excedentes, e mergulhar as varas destinadas a formar arcos, tanto mais que é preciso fazêl-as acravar em bastante profundidade, para que a curvatura do arco se possa manter, e lançar raizes. A monda tambem custa caro. Estas vinhas duram muito tempo, sem diminuir a sua producção nem a qualidade da uva.

CURIOSIDADES.

Os brilhantes mais celebres por seu tamanho e formosura são 1.º o do *rajah de Mattan em Bornêo*, o maior de todos que se conhecem, pesa 300 quilates (2 onças e 1 grão). O 2.º é o do imperador do Mogol, e pesa 279 quilates e tem a forma de um

ovo transversalmente cortado. O 3.° é o do imperador da Russia e pesa 193 quilates, e era um dos olhos da famosa estatua de Sheringam no templo de Brama. O 4.° é o do imperador d'Austria e pesa 139 quilates. O 5.° é o do rei de Portugal, pesa 120 quilates. Segue-se em 6.° logar o celebre brilhante appellidado do *regente*, que é de todos o mais bello e formoso, estimado em 10 milhões de francos e quadrado. Os ultimos mais célebres são o famoso *Sancy* que pesa 55 quilates e o do Pachá do Egypto que pesa 490 quilates. Este custou 750.000 francos, isto é, 120:000$000 de réis em moeda forte.

A CADEIRA MAGICA.

Lê-se na Revista de Pariz, que Christiano 4.° Rei de Dinamarca tinha imaginado um meio singular de sabtrahir-se ás visitas dos importunos. Era uma cadeira de braços prêsa a uma roldana, e que do primeiro andar descia para o que ficava ao nivel do terreno. Quando sentia passos, sentava-se na cadeira, que logo corria para baixo; um alçapão fechava o logar da descida; os importunos entravam ninguem se achava; o rei estava no jardim.

JUDAS E O CAMPONEZ.

Em a mesma Revista de maio de 1838 lê-se o seguinte. Ha na Igreja da Academia Dinamarqueza de Sorœ um grande retabulo, em que está pintada a Ceia do Senhor. Conta-se que o pintor quiz tomar por modelos os professôres da Academia, mas que não se subjeitando algum delles a que o seu semblante representasse de Judas Iscariotes, recorrêra o pintor a varios camponezes, entre os quaes encontrou um assaz philosopho, e animoso para fazer o papel do discipulo traidor. Concluido porêm o quadro, appareceu-lhe uma noite o verdadeiro Judas, que apertando-lhe a mão agradeceu o obsequio do camponez: mas este, que não esperava por tal visita, assustou-se de maneira, que morreu dahi a dous dias.

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.

Rua do Hospicio n. 66.

SCIENCIA MEDICA.

DO REGIMEN DIETETICO E DE SUA INFLUENCIA SOBRE A SAUDE.

As relações intimas que unem o ente physico e o ente moral, as relações mais apreciaveis ainda, si não mais reaes, que se encontram entre a organisação humana, suas modificações, sua alteração, seu estado normal ou anormal, e as substancias alimentares que a renovam e sustentam, nos parecem ter sido até hoje submettidas apenas a uma analyse incompleta, a theorias vagas, a um estudo frivolo. Sabe-se, em geral, que o café excita e vivifica as operações do cérebro, que o chá facilita a digestão, que o uso das viandas desenvolve o systema muscular. Mas que influencia exercem o genero, a quantidade, a maior ou menor cocção, a quentura ou a frieza dos alimentos? De que maneira se modifica esta influencia em suas relações com tal ou tal temperamento? De que maneira as horas da comida, seu numero e sua distribuição durante o dia, estão em harmonia ou desharmonia com os differentes trabalhos a que se entregam os homens, com os sexos e com as idades? Si nem sempre tem sido negligenciada esta parte importante da arte medica, tem no emtanto (o que ainda é peior) soffrido as aviltantes impressões do charlatanismo. Tem-se, como diz Molière, prescripto o numero de pedrinhas de sal que deve levar um ôvo cozido, e o numero de passos que se deve dar no quarto, em comprimento ou em largura, durante o tempo da digestão. Muito melhor fôra que se tivesse investigado quaes os alimentos que mais convinham á vida maritima: não teriam tantos marinheiros morrido do escorbuto. Si se houvesse indagado por que razão um tão grande numero de litteratos e de artistas experimentam perturbações dolorosas

em suas funcções digestivas, ter-se-hia sabido encaminhar uns e outros na escolha de seus alimentos, e ensinar-lhes a não comprometterem sua saude e sua vida com o abuso dos estimulantes e dos tonicos. Si os medicos tivessem derramado, por todas as classes da população, conhecimentos mais precisos e adequados, o cholera, ao deixar as regiões putridas onde teve origem, não teria achado na Europa uma materia tão facil e tão disposta a receber todos os seus golpes e a propagar seu contagio. Ninguem póde duvidar que o systema dietetico de nossas cidades favoreceu o desenvolvimento da molestia: na Europa, como na Asia, ella atacou estomagos enfraquecidos e irritados, cançados de excessos e para os quaes os excessos eram todavia uma necessidade.

Maravilha que esta sciencia esteja tão pouco adiantada, e que apenas a linguagem ordinaria nos offereça um nome que lhe convenha com especialidade; para exprimirmos a nossa idéa, somos forçados a empregar o de *sciencia dietetica.*

Ella deveria tratar dos alimentos considerados como substancias necessarias á vida e como modificando a saude, isto é, dos objectos que mais vivamente interessam os homens. Dividí em duas classes os que se alimentam para não morrerem de fome e os que comem por deleite; todos elles têm igual interesse nos progressos da dietetica. O pobre aprenderia com ella qual o alimento que melhor contribue a reparar este gasto de força physica a que o adstringe sua condição; o rico, a evitar essas molestias chronicas que a ociosidade e o luxo geram e fomentam, para assim dizer, sob suas azas. Entretanto, ha bastantes seculos que existe o genero humano: mil systemas de dietetica têm pretendido estabelecer-lhe os principios, fixar-lhe as attribuições; todos têm offerecido idéas contradictorias e mui pouco têm contribuido á utilidade geral.

Primeiro que tudo se apresenta uma grave difficuldade. O homem é dotado de uma variedade quasi infinita de faculdades. A diversidade é seu character; seu temperamento, sua idade, seus habitos, seus costumes, o separam mais profundamente de tal outro individuo, pertencente á raça humana, do que o gato differe do tigre ou o morcego da ave: suas faculdades digestivas são pois susceptiveis de infinitas modificações, e a natureza que o dotou d'esta flexibilidade deu só a elle o poder de transformar em alimento quasi todos os entes da creação; as mesmas substancias mineraes, cujo veneno está espalhado nos liquidos e é neutralisado pelos reagentes, entram no dominio da materia

medica. A maior parte dos animaes são herbivoros ou carnivoros, seus orgãos não podem supportar sinão uma unica especie de alimentação; e si se exceptuam algumas raças isoladas cujo estomago é um abysmo que sorve tudo, até o ferro e o pau, sua esphera nutritiva é, si se póde fallar assim, limitada, especial e impossivel de ser transposta. O homem, pelo contrario, não sómente se alimenta das iguarias as mais differentes, como ainda multiplica a sua variedade com a cocção, com a mistura das substancias diversas, com os adubos que lhes applica. Em sua choça, no seio das florestas primitivas, até o selvagem modifica a sua alimentação por todos os meios que póde inventar. O homem não é, como dizia Platão, um animal de dous pés, sem pennas; é tambem um animal que sabe cozinhar.

Esta variedade de alimentos cresce com o progresso da civilisação. Uma aste de relva, que o gado desdenhava, se transforma em espiga de trigo. Vegetaes, em cujo seio circulava um succo venenoso, perderam, graças á cultura, sua qualidade morbifica e se tornaram saudaveis e succulentos. Todas as sementes que apparecem em nossas mesas são conquistas da agricultura e da gastronomia. No seu estado natural, impossivel houvera sido proval-as. As nossas cenouras, as nossas alcachofras, as nossas couves, não eram primitivamente sinão substancias lignosas, de sabor aspero, de dureza refractaria, e que hoje não quereriam comer os mendigos de Europa. Assim o homem, marchando de progresso em progresso, de invenção em invenção, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, variando os sabores, requintando seus deleites, sacrificando á sua sensualidade os interesses de sua saude e a simplicidade de suas comidas, acabou por alargar de uma maneira gigantesca e incrivel o circulo de suas fruições alimentares. Á força de provocar e de affagar esta sensualidade gastronomica, á força de multiplicar os meios de a satisfazer, á força de crear assim prazeres novos, novos padecimentos, novas alterações organicas, elle não soube mais nem o que devia comer, nem de que lhe convinha abster-se. Vieram então os argumentadores, os dissertadores, os commentadores que mais atrapalharam a materia, lançaram trevas sobre estas trevas, pretenderam descobrir um veneno na farinha que faz o pão, uma fonte de paralysia no uso do café, um principio nevralgico no uso do chá. Como sentar-se á mesa, depois de se terem lido as ameaçadoras asserções d'estes doutores!

O doutor Lamb queria reduzir-nos ao regimen pythagorico. « Viveriamos, dizia elle, tão sadios como as vaccas de nossas pastagens, si nos quizessemos alimentar como ellas.» Com venia do Snr. Lamb que nos mandava pastar, os animaes ruminantes tambem têm suas molestias. Os brachmanes, que só se alimentam com arroz, raça debil e sem energia, vão apenas até os sessenta annos ; a primeira molestia os leva : elles não supportariam as fadigas a que os Europeus resistem tão facilmente. Outros doutores affirmam que o nutrimento animal é o unico que nos póde convir : as molestias escorbuticas que este nutrimento determina quasi sempre não os desabusam. Ha alguns que, como Rousseau, pretendem reduzir-nos á dieta dos selvagens : os selvagens pouco vivem ; são frequentes entre elles as mortes repentinas.

Rousseau decide a difficuldade : « Vivei, nos diz elle, segundo a natureza. » O que é viver segundo a natureza ? Apenas tem o homem construido a sua choupana, esboça a civilisação, ensaia o luxo, preludia todos os vicios de que os philosophos accusam a sociedade. Um selvagem é tão comilão, tão dado á bebedice como um homem civilisado. Nem o regimen dos Iroquezes, nem o do Pythagorico Nabuchodonosor que vivia de raizes, nem o nutrimento animal que certos povos empregam quasi exclusivamente, nem o systema ichtyophagico, devem ser dados como exemplo. O homem é feito para se alimentar de carne e de peixe, de hervas e de fructas. Si se limitasse a uma unica especie de alimento, definhar-se-hia como essas plantas que, por deixarem de mudar de solo, ficam magras e pêcas. Transplantae-as, ellas se reanimarão : é preciso renovar-lhes os succos, é preciso que um sangue novo gire em seus ramos e folhas. Não busquem pois impôr-nos um regimen dietetico exclusivo ; examinem sim com cuidado as influencias de tal ou tal alimentação sobre tal ou tal organisação, d'estas iguarias sobre este temperamento, e a relação dos nossos habitos gastronomicos com os outros habitos da nossa vida.

Por se não ter observado esta variedade infinita de temperamentos, quiz-se estabelecer principios geraes, cuja contradicção é singular e cujo erro é manifesto. — Nunca esteja vasio o vosso estomago ! nos brada este doutor. — Tende muita cautela em não enchêl-o ! nos diz aquell'outro. — Poucos alimentos ! interrompe um terceiro ; mas sustente sua virtude estimulante a actividade do orgam! — Nada de estimulantes! replica um quar-

to: deixae o chylo no seu estado natural: nada perturbe a balsamica insipidez d'esta substancia a que deveis a saude. — Ao ver de uns, todas as substancias fermentadas são perniciosas; ao ver dos outros, ellas preparam admiravelmente bem a digestão. « Hippocrates diz *sim*, porêm Galeno diz *não*. » A qual dos dous dar credito ? A cada uma d'estas theorias se ligam factos que as abonam, e cuja lutta incoherente espanta o observador.

As regras dieteticas são innumeraveis, como as combinaçōes a que está subjeita a situação do homem social. Não se póde, a este respeito, estabelecer axioma absoluto. O soldado que se nutre de pão de rala e de carne de vacca, a mulher do mundo que subsiste contentando-se com uma pequena quantidade de succos alimentares, o Arabe que com algumas tamaras e um pouco de agua fria satisfaz sua fome e sêde, o Hollandez que n'um jantar consome muitas viandas, podem viver em bôa saude. Tudo, n'esta materia, é relativo. O alimento que vos seria salutar poderá matar o vosso visinho. Ao estomago estragado pela penuria e pobreza são necessarios manjares solidos e corroborantes; aos cançados por os excessos e pela plethora cumpre dar, pelo contrario, um alimento levemente estimulante. O douto e o mariola, o ancião e o mancebo, o individuo magro, bilioso, nervoso, e o individuo sanguineo, lymphatico, corpulento, não têm evidentemente precisão da mesma alimentação. Direi mais, o character moral de cada individuo deve ser posto em linha de conta; e si a medicina tivesse feito verdadeiros progressos, talvez não fôsse impossivel exercer, por meio da dieta, alguma influencia sobre as paixōes : tempo virá, talvez, em que o avarento e o duellista, o ambicioso e o amante, serão submettidos a um tratamento distincto e separado.

Não sómente as numerosas modificaçōes do sexo e da idade, da posição social, das paixōes e dos gostos devem determinar um regimen dietetico e especial, como tambem o medico que seriamente se quizesse occupar d'esta materia deveria não esquecer as idiosyncrasias; variedades caprichosas cuja singularidade não póde entrar em systema algum, mofa de todas as regras e depende de mysterios organicos impossiveis de serem estudados e profundados. Sem fallarmos d'essas raças selvagens que vivem de gordura de balêa preparada com a serradura de madeira, e a quem não tentariam o melhor pudim nem o pastel o mais succulento, não vemos entre nós pessôas que não podem

tolerar os alimentos os mais simplices e os mais saudaveis ? Fulano tem repugnancia ás amendoas, Sicrano aos ovos ; a este não daes um prato de batatas sem envenenal-o, est'outro detesta o pão e não se arrecêa de um pastel de figado gordo. Um estomago que póde digerir o salmão e a truta rejeitará os caranguejos, as ôstras e as lagostas. Conheci gente que não podia comer fructas sinão de manhãa. Sem duvida estes casos são extremos e estes exemplos raros ; mas, depois de haverem chegado á idade de quarenta annos, poucos homens ha que uma idiosyncrasia mais ou menos pronunciada não separe de seus semelhantes : e são precisamente estes os individuos que mais interesse têm em que a sciencia dietetica faça progressos, pois a mais leve alteração em seus habitos os aturde, os desmonta, por assim dizer, e os expõe á molestia e á morte.

Assim, quasi se não sabe qual é a disposição de cada um dos estomagos sobre os quaes devem os alimentos operar ; porêm, o que é mais maravilhoso, é que se não está mais adiantado, quanto á maneira por que se effectua a operação digestiva. A digestão e a sanguificação são ainda mysterios que a sciencia não dilucidou. Conseguiu-se, á força de observações, determinar as transformações que no estomago experimentam as materias nutritivas que lhe são confiadas; nada porêm sabemos absolutamente de sua potencia chymica e da maneira por que elle procede. Conhecemos o estomago como a grande manufactura do sangue e do chylo, como a fabrica geral onde se elaboram todos os humores e onde se preparam as forças que restabelecem quotidianamente a nossa organisação debilitada. Não ignoramos que os alimentos, triturados pelos dentes e transformados n'uma especie de pôlpa ou massa que os succos salivares tornam adherente, descem sob esta fórma para o estomago. O calor d'este orgam, junto a uma agitação mechanica e á acção de um succo poderoso chamado succo gastrico, metamorphosêa segunda vez esta massa em outra pôlpa assaz espessa, a que os medicos chamaram *chymo*. È este chymo, já tão pouco semelhante aos alimentos que o hão produzido, é esta nova substancia que, passando aos intestinos, ahi se mistura com o succo pancreatico e com a bile, e dá em resultado um leite claro e mui puro, o *chylo*. Absorvido por mil vasos, conduzido ás veias por um largo canal, elle atravessa depois os polmões, combina-se com o oxygeneo que lhe cede o ar atmospherico, e se converte em sangue. Immenso e milagroso processo, longa me-

tamorphose que forma e mantêm nossos musculos, nossos tendões, nossos ossos, nossa pelle! maravilha quotidiana que tem zombado de todos os microscopios e desafiado todos os analystas! «Paes da sciencia, diz em certa parte o grande physiologista Boerhaave, reuní-vos, pegae em pão e vinho, o que constitue o sangue e a carne do homem, substancias estas cuja assimilação ao corpo humano o desenvolve e o faz crescer; ensaiae todas as vossas combinações, exhauri os recursos da vossa arte, e não produzireis uma só gota de sangue: tanto é verdade que o acto o mais commum da natureza escapa aos esforços da nassa sciencia e ás suas mais habeis investigações!»

Sabe-se que o succo gastrico é um dissolvente, e que sem elle os diversos alimentos recebidos pelo estomago não se poderiam mudar em chylo. Pensa-se que se sabe que a emissão do succo gastrico é successiva e não instantanea, e que obra pouco a pouco sobre as diversas porções d'esta massa alimentar que já a mastigação tem elaborado. Não se ignora que poucas horas bastam para que toda esta massa fique reduzida a uma pasta parda e massiça, destinada a se converter em sangue depois de longas viagens a travéz do corpo. Experiencias recentes provaram que a parte fluida dos alimentos é absorvida e repellida do estomago, antes que a operação digestiva obre sobre a massa solida. Magendie demonstrou que esta expulsão se fazia, não pelo orificio inferior do estomago, ou *pyloro*, e sim por meio de alguns vasos ainda pouco conhecidos. Mais recentemente o Snr. de Blainville tambem demonstrou que não era de mister recorrer a vasos particulares para se explicar este phenomeno, mas que a absorpção das materias fluidas no estomago e do chylo nos intestinos se operava por um verdadeiro ensopamento a travéz da urdidura ou tecido que compõe as membranas d'estas partes. É assim que o leite, cahindo no estomago, ahi se coagula incontinente; a parte fluida é absorvida, depois o resto é subjeito ao processo da digestão. O mesmo succede com todos os liquidos, com o caldo, com a sôpa, até com o vinho e com os licores fermentados. Magendie deu a tomar a um cão, durante a sua digestão, uma certa porção de alcohol: meia hora depois, pela autopsia anatomica, não descobriu no estomago o mais leve vestigio de licor alcoholico, todo elle se achava misturado com o sangue; o cheiro que deitava era cheiro de alcohol, e depois de distillado, conseguiu-se extrahir uma porção consideravel. Parece tambem demonstrado que os alimentos, para se prestarem

facilmente á digestão, devem ter certo volume, e que as iguarias muito concentradas, como as geléas, as sôpas, os pudins, que, sob um pequeno volume, encerram muitos succos nutrientes, requerem, para serem digestiveis, que sejam misturadas com pão ou com outras substancias analogas.

É a isto, pouco mais ou menos, que se limitam os nossos conhecimentos sobre esta materia. Póde-se ainda estabelecer como principio que, compondo-se o corpo humano de *fibrina*, *albumina*, *gelatina*, *oleo*, *mucilagem*, os alimentos que contêm estas substancias sob sua fórma a mais natural são os mais faceis de digerir e os mais bem appropriados ao nosso uso diario. Tentae porêm passar estes limites, e não achareis sinão trevas. Dizei-nos, si podeis, como a sanguexuga extrahe um principio nutritivo da agua pura ou lodosa de que se nutre; ensinae-nos por que razão cenouras e feno engordam um cavallo, emquanto que nós, si nos contentassemos com o alimento vegetal, pereceriamos extenuados.

É antes o vigor do estomago do que a qualidade dos alimentos que contribue para a saude. Nem uma experiencia chymica póde servir de guia, nem uma experiencia positiva ou uniforme seria capaz de determinar as bases d'esta theoria. Entretanto, póde-se tentar esclarecer a materia, analysando-a. Muitos alimentos nutritivos são indigestos. Apezar de suas qualidades succulentas, o seu tecido, as suas combinações repugnam ao estomago e o fatigam em vez de o fortalecerem. Outros, ainda mais nutritivos, são de facil digestão. Uma grande quantidade d'estes ultimos nao causa embaraço algum ao estomago; basta, pelo contrario, uma mui pequena quantidade dos outros para pôl-o fóra de combate.

É portanto a primeira regra, ou antes, o primeiro principio fixo da sciencia dietetica, a distincção permanente e bem estabelecida entre os alimentos nutritivos e os alimentos de facil digestão.

É o homem feito para se alimentar de viandas ou de substancias farinaceas? Cremos que elle precisa de umas e outras, mas com esta differença, que um regimen exclusivamente carnivoro fal-o-hia infallivelmente cahir doente, e que elle poderia, seguindo o regimen contrario, manter a sua saude, si não o seu vigor. Quanto menos força muscular se despende, menos vianda se deve comer; e si os habitantes das cidades, cujos habitos são, em geral, sedentarios, adoptassem um modo de ali-

mento muito mais conforme com as leis de Pythagoras, não duvidamos que sua saude seria geralmente melhor. Supponde um homem que, sem se expôr ao ar, sem andar, sem fazer exercicio, augmenta, por um regimen escandecente e nutritivo, a massa de calor interno, de potencia de circulação e de vigor muscular que sua organisação reclama: este homem ha de padecer como essas plantas que, collocadas n'um terreno calido em demasia, vão seccando e morrem. O grande numero de molestias dyspepticas e biliosas, de gastrites e pseudo-gastrites, de gastro-enterites chronicas e febres agudas, que os medicos observam, não têm outra causa sinão esta má dieta, aggravada cada dia pela sciencia dos cozinheiros e pelas seducções dos donos das casas de pasto.

Os alimentos fritos cuja parte oleosa tão frequentes vezes se torna empyreumatica devem necessariamente ser contrarios a todos os estomagos. As viandas assadas com môlho são ao mesmo tempo as mais faceis de serem digeridas e aquellas que conservam maior quantidade de succos nutrientes. Assadas de forno, são indigestas: podem ser condemnadas no mesmo sentido e com tanta razão como as fritadas. Entre os peixes, aquelles que menos oleo contêm são leves e nutritivos, porêm muito menos do que a carne: as ôstras são de facil digestão; os outros mariscos de concha são perigosos, e poucos estomagos se accommodariam muito tempo com o salmão, cavalla, enguia, solho e arenque. Concentrar os alimentos sob um volume demasiado pequeno, em proporção de sua qualidade substancial, é (já o dissemos) tornal-os menos digestiveis: a carne de vacca se digere com mais facilidade do que a gelatina; por isso a cozinha franceza, fundada no principio da concentração dos alimentos e dos adubos saborosos, occasiona frequentes desordens na nossa economia. É sem duvida para se corrigirem seus maus effeitos que em França se come tanto pão, porquanto faz-se precisa uma substancia farinacea que estenda a massa d'estas materias nutritivas e permitta que o estomago exerça livremente suas funcções. Todos os oleos, todas as substancias gordurentas, a manteiga e o queijo sobretudo, nutrem muito, mas, em geral, cançam o estomago.

Depois das viandas cumpre collocar os alimentos farinaceos, pertencentes ao reino vegetal; alimentos extrahidos de sementes ou de raizes, melhorados pela cultura e saneados pela cocção. Nações inteiras, os Hindous, por exemplo, vivem assim. A cevada misturada com batatas e leite constitue o principal alimen-

to dos camponeos da Escossia: sabe-se que em mais de uma cabana irlandeza a batata faz as vezes de carne, pão, legumes e peixe. É no trigo que, entre os cereaes, mais abundam os principios nutritivos. A flôr de farinha se compõe de tres substancias: da farinha propriamente dita, de uma materia mucilaginosa e assucarada, e do gluten, cujas propriedades se approximam um pouco das que distinguem a materia animal. Amassando-se este pó com fermento e cozinhando-o n'um fôrno, fica elle bastantemente transformado para apagar e destruir os trez principios: já então não é mais do que uma materia homogenea, muito nutriente, facil de ser misturada com os liquidos, e de leve digestão. O pão muito fresco, tendo ainda de passar por um grau de fermentação, se azeda no estomago; por isso deve-se ter o cuidado de esperar, para comêl-o, que esteja executada esta ultima operação.

As viandas não são, como poderiam crer, a especie de alimentos que com mais facilidade se assimila ao corpo humano. Em geral, os alimentos farinaceos fatigam menos este orgam, aquecem-o menos, nutrem melhor e são de mais facil digestão. Eis-aqui, segundo as analyses dos Srs. Percy e Herring, o grau de suas propriedades nutritivas:

100 lib.	de lentilhas	contêm	94	lib. de materias nutritivas.
100 ,,	de favas	,,	93	,,
100 ,,	de feijões	,,	92	,,
100 ,,	de trigo	,,	80	,,
100 ,,	de batatas	,,	25	,,
100 ,,	de cenouras	,,	14	,,
100 ,,	de nabos	,,	8	,,

O pão feito de flôr de farinha, aquelle de que fazem uso as classes abastadas, é muito nutritivo, porêm menos saudavel do que o de segunda qualidade, em que a substancia alimentar está menos concentrada. Este principio parece invariavel: o estomago precisa elaborar o que se lhe confia, sua acção é mais facil quando se exerce sobre alimentos que têm certo volume; cumpre que elle possa escolher e rejeitar, e o seu trabalho se torna penoso si lhe não offereceis sinão substancias nutrientes. O biscouto é um pão não fermentado que convêm aos estoma-

gos que o fermento cançaria; mas, em geral, o fermento ajuda a digestão.

Póde-se fazer, com arroz, cevada, centeio, um pão que pouco diffira do pão de trigo. O que se fabrica com a farinha de sementes leguminosas, como ervilhas, feijões, favas, é muito indigesto. Estes legumes devem ser comidos na sua primeira sazão e no seu estado natural. As massas, cuja base é constituida por uma manteiga muitas vezes rançosa e por um azeite empyreumatico, deveriam ser proscriptas de todas as mesas das pessôas delicadas e fracas. As batatas, cuja fecula é infinitamente menos nutritiva do que a farinha de trigo, são saudaveis; tomado, porêm, em grande quantidade, este alimento se torna nocivo. Não se lhe acha o gluten que dá á farinha a sua potencia nutritiva, e sim unicamente a parte farinacea e uma porção consideravel de materia mucilaginosa e assucarada. Damos muito de conselho que se misture carne com as batatas. O pão que se extrahe d'este tuberculo contêm mui poucas substancias alimentares, e as classes pobres e laboriosas que vivessem exclusivamente d'esta farinha reduzida a massa não restabeleceriam suas forças.

As avelãas, as nozes, as amendoas, aliás assaz semelhantes ás plantas farinaceas, encerram muito oleo fixo para que não prejudiquem ao estomago, sobretudo si são comidas depois de jantar. Nas cenouras e nos nabos ha uma parte mucilaginosa e adocicada como nas batatas, mas bem pouca substancia nutritiva. As couves, as alcachofras e outros vegetaes da mesma natureza, pedem uma cocção bastante prolongada para que suas fibras amolleçam.

As fructas que ainda não estão maduras, aquellas que se comem depois de jantar, contrariam a digestão, misturando aos succos gastricos um azedume perigoso. De manhãa, no almôço, este regimen nos parece excellente; é uma alimentação que pesa muito pouco no estomago e que lhe deixa, durante o resto do dia, a liberdade de suas operações. As hervas e as saladas que são comidas crúas parecem-se muito com as fructas. É bom misturar-lhes um tempero estimulante, para que seja mitigada a sua crueza e favorecida a acção dos succos gastricos.

Póde-se considerar o leite como uma especie de termo medio entre os alimentos farinaceos e as substancias animaes. Logo que fica coagulado no estomago, o leite se digere sem

difficuldade. Mas, si a operação da coagulação tem logar antes, si é sob a fórma de queijo que o tomam, a digestão se torna difficultosa (*).

O reino mineral não offerece alimento algum propriamente dito. A carne dos animaes se digere facilmente, e aquelles que têm chegado á madureza da idade são com especialidade preferiveis. Quando os animaes estão muito novos, a vianda não está feita, as fibras estão coriaceas, o tecido das carnes apresenta uma resistencia que fatiga o estomago. O carneiro, em geral, é mais tenro do que o boi, e a veação proveniente de animaes cançados por longo exercicio é mais tenra do que a carne dos bois e dos carneiros sangrados pelo carniceiro. O genero de cocção modifica singularmente as substancias animaes que lhe são submettidas. A carne cozida perde o seu succo nutritivo, porêm torna-se leve e de facil digestão; assada, conserva muito mais força alimentar: mas a condensação das fibras, e a sua dureza, augmentada ainda por esta operação, são desfavoraveis ás funcções do estomago.

Parece provado que certos estimulantes são necessarios, não só ao homem, sinão aos animaes, para auxiliar a acção digestiva. Assim, os animaes herbivoros buscam com avidez certas hervas amargosas e aromaticas, cujo uso lhes augmenta sempre a saude, a gordura e o appetite. Na fallencia d'estas substancias estimulantes, o gado fica magro e pêco: as observações do Snr. Sinclair, célebre agronomo, apresentam um exemplo digno de reparo. Algumas vaccas, nutridas unicamente de cenouras amarellas que carecem inteiramente de principio aromatico, morreram d'ahi a dous ou tres mezes. Outras, que haviam sido alimentadas da mesma maneira por espaço de algumas semanas, procuraram instinctivamente o alimento estimulante que lhes faltava, acharam-o e se restabeleceram. O camponeo suisso obtem da genciana distillada um licor excessivamente amargo, que o alegra em suas montanhas e dá bastante força ao seu estomago para supportar o alimento grosseiro a qne é obrigado a recorrer. Em geral, quanto menos digestivel é um alimento, tanto mais util será mistural-o com plantas amargosas, e por uma singular providencia da natureza, as substancias vegetaes as mais indigestas, como o rábão de cavallo por exemplo, são

---

(*) Um chymico distincto, o Snr. Braconot, associando o coagulo fresco com carbonato de soda, em proporções convenientes fez um alimento agradavel e de facillima digestão.

tambem as mais aromaticas e as mais amargosas. Accrescentemos que a cultura, augmentando a potencia nutritiva da maior parte dos vegetaes, tornando-os mais aptos a serem digeridos, lhes tira o sabor acre e amargo que têm.

O sal, avidamente devorado pelos animaes, é de absoluta necessidade á alimentação do homem. Não se podia imaginar castigo mais horrivel do que aquelle que as antigas leis da Hollanda infligiam aos criminosos de estado: estes infelizes, condemnados a viverem só de pão, *sem sal*, morriam, depois de alguns mezes, n'um estado de espantosa putrefacção. Estamos longe de reprovar, como fazem varios medicos, o uso do sal, dos adubos e das especiarias. Si se abusar d'elles, póde sem duvida provir d'ahi a escandecencia do estomago e o compromettimento da saude; mas, como accessorios e como temperos, elles ajudam a chylificação, dão aos manjares um sabor picante e agradavel, e tornam a digestão completa e mais rapida ao mesmo tempo. N'esta classe de alimentos estimulantes collocaremos o vinagre e a pimenta, que, juntos ás hervas e ás raizes, previnem a sua fermentação acetosa: o sumo do limão e o de algumas plantas agras offerecem as mesmas vantagens.

Estes resultados geraes nada são ainda, e uma questão mais importante se apresenta. Será verdade, como o affirmam varios medicos, que nos devamos contentar, quanto possivel, com uma certa especie de iguarias em um só jantar? Ou, por outra, será a mistura de todas as substancias alimentares favoravel á digestão e á saude? Um dos nossos mais habeis doutores, aquelle que com mais constancia se occupou dos principios dieteticos, n'um paiz onde as molestias gastricas fazem tantos estragos, o doutor Paris, pronunciou-se abertamente contra este ultimo systema: « É uma especie de maravilha, diz elle, um jantar moderno. Começa-se por lançar-se no estomago a sôpa, alimento de difficil digestão; vem depois o peixe, acompanhado de môlhos que o tornam indigesto (*). As aves e as viandas chegam em seguimento. O reino vegetal, desde o na até o hyssopo, desde o coco até o cogumelo cryptogamo, apparece na mesa. A esta torre de Babel gastronomica juntae as invenções do confeiteiro, as pesadas manipulações do pasteleiro, a mistura de todos os vinhos, do licor e da cerveja. O remate d'este drama

---

(*) Em Inglaterra, serve-se o peixe antes da carne.

de tantas personagens é o café, o chá, algumas vezes sorvetes. De que maneira um homem, por mais vigoroso que possa ser, resistirá a este chaos de alimentos que combatem em seu seio?

« Não são os principes, os reis, os millionarios que por semelhante regimen estão expostos a esses estragos de estomago tão frequentes entre nós; são as classes medias, e até mesmo as inferiores. Nove pessôas entre dez começam por comer sôpa e peixe a ficarem fartas; entretanto, offerece-se-lhes um novo estimulante: costellas ou carne assada com môlho. Um presunto de Westphalia ou de Bayonna apparece na mesa, e provoca ainda esses appetites já embotados. Não é tudo: eis o momento da veação, que é seguida da sobremesa, coroada pelo queijo e pelos dôces. Uma multidão de massas indigestas, de confeitos de todas as côres, de fructas temporãas sahidas das estufas, de fructas exoticas e muitas vezes privadas de seu sabor, rematam a obra mortifera encetada por tantos alimentos diversos. Pergunto eu: um banquete d'este genero não é o caldeirão de Macbeth? E como então se admiram de todos esses achaques de estomago de que se queixam, que se vão cada dia aggravando, e que toda a arte de Esculapio não conseguiria curar? Um jantar composto de um ou dous pratos, ainda mesmo sendo consideravel a somma de alimentos consumidos, poderá não exercer sobre o orgam influencia alguma funesta; porêm, sobrecarregar o estomago com seis ou sete differentes comidas, é condemnal-o a uma rapida decadencia e gastar suas forças n'um combate inutil! »

« *Innumerabiles morbos non miraberis, coquos numera.* » Mas não se tomem as queixas do medico observador por uma contrafação vulgar das velhas diatribes que os philosophos têm lançado contra a glotoneria. Não nos elevamos aqui contra a exageração das faculdades digestivas, contra o abuso das iguarias e sua amontoação; é a sua variedade e sua mistura no estomago que condemnamos. A esta causa é que não receamos attribuir o mau estado de saude em que se acham a maior parte dos habitantes das grandes cidades.

« O estomago, diz o doutor Paris, não obra com a mesma força nem da mesma maneira sobre todos os alimentos: uns lhe pedem maior desenvolvimento de potencia digestiva, outros uma elaboração menos penosa, quer o succo gastrico mude de natureza segundo as substancias que está encarregado de transmutar, quer a sua quantidade proporcional se modifique con for-

me os differentes alimentos de que elle se apodera. Como quer que seja, a respeito d'este problema, que não tem nada de interessante e de necessario na nossa discussão actual, o certo é que, si dez minutos são indispensaveis a tal alimento para o trasformarem em *chylo*, outro não necessita mais de cinco. Supponde que vinte manjares differentes, exigindo todos um processo digestivo de diversa natureza, são accumulados na capacidade de um só estomago. Para terminar com successo um trabalho tão complicado, impossivel é que o orgam o não deixe imperfeito em alguma de suas partes. A digestão de tal alimento será perfeita, mas a de tal outro será incompleta; a de um terceiro principiará apenas, no momento em que a de um quarto findará. Admirem-se pois que os estomagos delicados e debeis succumbam a taes fadigas; admirem-se que os habitantes das cidades, já debilitados por seus costumes irregulares e por seus habitos de molleza, acabem por incapazes de digerir! »

Póde haver alguma cousa de verdadeiro n'esta pintura sombria, porêm nós cremos que o doutor Paris lhe deu uma côr muito carregada. Theoricamente, os seus principios parecem justos; na pratica, forçoso é confessar que seus resultados não se coadunam com os axiomas estabelecidos pelo doutor. Eu conheço pessôas que passam toda a sua vida em um estado de indigestão permanente, e que por esta indigestão são levadas á sepultura depois de noventa e seis annos de saude! Sem se fallar d'estes exemplos raros, não ha um grande numero de nossos concidadãos que jantam fóra de casa, de dous em dous dias, pelo menos? Adoptando-se a theoria do doutor, seria mister crer que cada um d'estes jantares gigantescos, d'estes banquetes multiplices, d'estas operações complexas e fataes impostas ao estomago, ceifa a mór parte da população gastronomica. Depois de um ou dous mezes d'este regimen, ver-se-hia si o doutor Paris fôsse admissivel na sua medonha argumentação, o sangue estufar todas as veias, a gordura annunciar-se de todas as partes, os musculos augmentarem de força; os succos gastricos se esgotariam, e o estomago, lasso de fabricar duas vezes mais chylo do que é necessario ao homem que goza saude perderia toda a sua energia. Nada d'isto acontece: as funcções se operam um pouco mais lentamente, com um pouco menos de facilidade. O comilão fóra de casa sente incommodo durante uma noite, e recomeça no outro dia, para renovar a sua experiencia até uma idade avançada. Os tres mais intrepidos convivas que o acaso me deu a conhecer, veteranos da gastronomia,

chegaram um a oitenta e quatro annos (foi o mais môço), os dous outros oitenta e cinco a oitenta e oito annos.

As consequencias de um regimen muito escadecente, muito variado, muito nutritivo, não são necessariamente aquelles que o doutor assignala como inevitaveis; mas um estomago debil, quando é todos os dias entregue a uma operação difficil, quando o peso dos alimentos o sobrecarrega e o relaxa, deve debilitar-se ainda mais: o tecido se torna mais frouxo, manifesta-se uma irritação constante e a organisação padece. Quanto ás explicações dadas por este medico ácerca dos processos digestivos e da superabundancia do chylo, são erroneas. O excesso das substancias nutritivas não se transforma em chymo, como elle crê, não se assimila ao nosso sangue e aos nossos musculos; o estomago não acceita sinão aquillo que lhe é preciso, e se desfaz do resto. O que o doutor Paris diz da variedade dos manjares e do perigo que após si acarreta sua aggregação incoherente não nos parece mais fundado em verdade nem em razão. Uma batata cozida e uma posta de carneiro assado podem muito bem descer de conserva ao estomago, sem exporem os dias ou a saude d'aquelle que as come. Todavia, é sabido que um d'estes alimentos é de digestão extremamente difficil, que o outro é de digestão extremamente facil. Conciliae, si poderdes e como quizerdes, os factos com a theoria e a theoria com os factos; não conseguireis deduzir estes ultimos, nem forçar-nos a deixar um habito cuja perfeita salubridade nos é indicada pela experiencia a mais commum, a mais frequente. Si assistissimos aos jantares do Snr. Paris, talvez o vissemos tomar a liberdade de transgredir frequentes vezes o seu systema, transgressoes que o não impedirão de chegar a uma madureza razoavel, e quiçá, si Deus quizer, de morrer centenario.

Abstenhamo-nos, portanto. de acreditar em todas as theorias exageradas, e volvamos a este principio incontestavel — que cada estomago differente reclama uma dieta particular, conforme ao temperamento do individuo, a seus habitos e ás suas forças. A natureza tem mais recursos e recursos mais mysteriosos do que commummente suppomos. Parece que, nos estomagos vigorosos, a cocção e a trituração das comidas as mais heterogeneas se podem operar sem custo e sem risco, em quanto que os individuos debeis nem mesmo chegam a digerir leite ou alguns legumes. Si a accumulação quotidiana de substancias inimigas no esophago é nociva a aquelles que se entregam a mui

frequentes excessos de mesa, seriamos levados a crer que uma variedade razoavel de alimentos produz um chylo melhor, mais completo e mais appropriado a todos os misteres do organismo.

Não experimentamos nós grande prazer em variar as iguarias de nossos banquetes? E não é logico pensar que este instincto, tão pronunciado em nós, corresponde a uma necessidade da nossa natureza? Si o fluido nutritivo de que tantas vezes temos fallado deve, só por si, renovar toda a contextura, todos os nervos, todas as veias, todo o sangue, todos os humores do nosso corpo, não é verosimil que, para estar em estado de executar um tão grande numero de funcções differentes, valeria mais o chylo composto de substancias multiplices do que o chylo extrahido de uma substancia unica? Conforme o mesmo principio, cuja verdade nos parece demonstrada, todos os herbivoros gostam de mudar de pasto, todas as aves que se nutrem de sementes se comprazem em achar para comer sementes de especie differente.

Os alimentos dos povos subjeitos a temperaturas diversas não são e nem devem ser os mesmos. O uso dos estimulantes nos climas quentes, a severa abstinencia dos Arabes, dos Hespanhoes e mesmo dos Italianos, o nutrimento substancial e animal dos povos septentrionaes, são os corollarios do nosso systema. Um Italiano que vem á França pela primeira vez se admira da voracidade universal. Um Francez que desembarca em Inglaterra se horrorisa d'esses montões de viandas vertendo sangue, que fazem gemer as nossas mesas. Um Inglez que penetra até a Islandia se assombra da selvagem glotoneria dos indigenas; si elle se aventura até os confins do polo, si se allonga até os gelados dominios dos Laponeos e dos Kamtschatkdales, esta glotoneria, esta absorpção de comidas as mais desplicentes, as menos digestivas, devoradas por estomagos gigantescos, lhe causam insuperavel nôjo. Não desconhecemos que cada paiz tem seus excessos. Em Inglaterra, o alimento animal e o uso da cerveja forte causam molestias plethoricas e dão ao corpo uma gordura ficticia. Em França, o numero quasi infinito de môlhos, de guizados, de pratos escandecentes, de invenções culinarias, destinadas a concentrar as substancias nutritivas, afim de realçar-lhes o sabor, devem originar um excesso de excitação perigoso e contrariar as funcções do estomago, apresentando-lhe alimentos muito elaborados, muito semelhantes ao mesmo chylo que d'elles deve ser extrahido.

Os nossos theoricos, irreconciliaveis inimigos dos grandes banquetes, não são menos hostis aos licores espirituosos. Sustentam que a unica beberagem saudavel, a unica que possa diluir os alimentos, sem misturar-lhes alguns principios lethaes, é a agua. Recommendam especialmente a agua a mais pura, a agua da fonte, e, podendo ser, a agua distillada, preferivel, quanto a elles, á agua de fonte e de rio. — Não bebaes mais de meia canada por dia, diz a eschola de Abernethy; esperae, para beberdes, que tenha começado a vossa digestão. — Bebei quando quizerdes, diz a eschola antiga, comtanto que seja bom o vosso vinho e o vosso estomago solido. — O exemplo de não pequeno numero de adeptos da eschola antiga, que não estão pela meia canada quotidiana nem pela agua pura do doutor Abernethy, e que vivem com alegria e saude, nos parece resolver a questão.

Si mister fôsse acreditar os mesmos autores, todo licor estimulante se tornaria fatal ao homem. Não ha duvida nenhuma que o excesso d'estes licores deve ser condemnado; não creio porêm que se possa, sem imprudencia e sem loucura, proscrever o seu uso moderado. As nações mais barbaras inventaram todas algum licor embriagante. A mais antiga das descobertas é a da fabricação do vinho. Herodoto nos informa que os Egypcios faziam com diversas sementes uma especie de cerveja. Os Celtas e os Escandinavos bebiam um licor extrahido da cevada e do trigo fermentados. Os Tartaros fazem uma aguardente detestavel com o leite de suas eguas e de suas vaccas. Os Chinas distillam o arroz e não se contentam com o seu chá, bebida estimulante e narcotica. Os habitantes das ilhas Sandwich enchem as suas cabaças de *cava*, licor mais embriagante do que a aguardente. Debaixo de qualquer nome que se apresentem as beberagens estimulantes, e seja qual fôr a severidade do anathema contra ellas lançado, nós estamos longe de as proscrever em massa e de imitar o puritanismo dos Abernethienses. Em nossa opinião, deve-se usar d'ellas como do sal e das outras substancias estimulantes, com parcimonia e circumspecção, porquanto o vinho, a cerveja, obram sobre a constituição humana quasi da mesma maneira que o sal e os alimentos amargos, ainda que a estes ultimos falleça o principio narcotico dominante nos licores. No vinho e na cerveja ha varios elementos: a mucilagem e o principio amargo, que a digestão póde transformar em substancia nutritiva, e não se sabe si mesmo o alcohol puro que estas be-

bidas contêm não é destinado a se decompôr e a entrar no systema alimentar. Si da theoria descermos até a experiencia a mais commum, reconheceremos a utilidade dos licores fermentados para os velhos e para as pessôas debeis, cuja energia vital vae começando a desfallecer.

O vinho tinto, na composição do qual entram ao mesmo tempo o sumo e a pellicula da uva, deve a esta ultima uma qualidade adstringente que convêm a certos estomagos e repugna a certos outros. O vinho branco, que não contêm sinão o caldo do cacho, é mais leve, menos tonico, e dotado de uma acção mais forte sobre os nervos. Cada especie de vinho possue, alêm d'isso, um sabor particular que os entendedores designam pelo nome de *perfume*, principio fugitivo e volatil que distingue entre si as diversas especies, e cuja natureza é pouco apreciavel pelos processos chimicos, ainda que o gosto a differencêe e a reconheça sem difficuldade. Nos vinhos meio fermentados, no vinho moscatel, por exemplo, e no vinho de Frontignan, é o sabor mesmo do fructo que se conserva e impregna no licor. Nos vinhos mais perfeitos, taes como os vinhos de Borgonha, da Ermitage e de Rivesaltes, o perfume não tem semelhança alguma com o sabor natural do cacho, e é unicamente devido a uma metamorphose chymica cujos effeitos nos são conhecidos, mas cujas causas e operação não penetramos. Si o alcohol contido no cacho constitue o principio do perfume, é tão fraca a quantidade d'este alcohol que não póde ser separada, e a maneira por que ella obra sobre o systema nervoso prova que ella se combina com outro elemento cuja potencia é extraordinaria. Sabe-se quanto o vinho de Borgonha alegra e exalta o bebedor: seguramente esta energia do perfume encerrado no vinho de Borgonha não tem relação alguma com a fraca proporção de licor alcoholico que elle inclue em si.

O Snr. Brand redigiu um mappa curioso, no qual a força relativa dos vinhos de especies differentes, avaliada por meios chimicos e por experiencias tão multiplicadas quão minuciosas, dá os seguintes resultados:

Especies de vinhos.	*Quantidade proporcional de alcohol que encerram.*
Vinho do Porto.	23 1/2 por cento.
,, da Madeira	23 1/4
,, de Constança.	19
,, do Cabo	18
,, de Cherry	17 1/2
,, de Bordeos, ou Clarete . . .	14 1/2
,, *Idem* branco . . .	12
,, de Champanhe, tinto	11
,, de Borgonha	11
Ale, ou cerveja forte.	8 a 9
Porter.	7 a 9

Os vinhos de Hespanha e de Portugal, taes quaes os recebemos, contêm, não só alcohol, sinão consideravel quantidade de aguardente no seu estado ordinario. Por isso é que estes vinhos são muito mais perigosos do que os outros, e os que d'elles fazem uso estão expostos a alteraçõcs organicas tão frequentes quanto funestas. O vinho de Bordéos fraco ou Clarete, contendo pouco alcohol, e tendo sua fermentação sido completa, é tido como saudavel. Os vinhos que fumegam e crepitam, como o vinho de Champanhe branco, devem esta effervescencia a uma combinação de forte dose de acido carbonico, e não são isentos de perigo.

O vinho contêm demais, alêm do alcohol e do aroma, uma porção de acido tartarico, cujo volume, na verdade, é muito pouco consideravel para que possa a saude ser atacada. Todos os dias nos acontece comermos fructas e lançarmos em nosso estomago dez vezes mais acido tartarico do que um beberrão poderia tragar em suas orgias. Entretanto, quando o vinho passa no estomago ao estado de fermentação acetosa, torna-se perigoso, e póde então este orgam debilitar-se e se depravar sob o peso d'esta influencia reiterada. A cerveja não se assemelha totalmente ao vinho: com menos alcohol e menos acido, ella é impregnada de mais mucilagem e de mais materia nutritiva. O lupulo lhe communica outro principio, o principio narcotico: longe de obrar como estimulante, a cerveja amortece e faz engordar. Todavia, a ninguem aconselharemos que se nutra unicamente de cerveja; é preciso que alimentos mais solidos a acompanhem.

O uso de beber, durante a comida, cerveja forte meio fermentada nos parece que deve ser reprovado pelas classes ricas que vivem na abundancia. A *ale* ou cerveja forte contêm demasiada substancia nutritiva ; a cerveja fraca, que vão principiando a desterrar das grandes casas, por não ser cara, é um excellente digestivo quando entra n'ella um pouco de lupulo, quando é nova e quando sua fermentação ha sido perfeita e completa. Sydenham, medico que tinha curiosamente profundado as variedades do systema dietetico, bebia, sempre que comia, um copo de cerveja fraca, e tinha esta precaução como um preservativo contra a pedra. Vêde porêm como são varias as sentenças da arte medica ! Erigiu-se recentemente em Londres uma seita de doutores, armada de viva indignação contra todos os licores extrahidos de grãos. Suas decisões foram escutadas por algumas pessôas credulas, e mais de uma familia ingleza cessou de beber cerveja.

Quanto aos licores ardentes, á aguardente e ao *rum*, não se póde duvidar da sua influencia lethifera sobre os estomagos irritaveis e sobre as pessôas nervosas. A mais robusta organisação não resiste ao abuso d'estas substancias. O ponche, por sua mistura e pela addição do assucar e do limão, é infinitamente preferivel. O chá e o café, substancias quasi analogas, produzem effeitos differentes. Ambos estimulam e excitam a organisação, obram sobre o systema nervoso, expellem o somno e acceleram a circulação do sangue. Muito se tem declamado contra estas beberagens; entretanto vae-se vivendo e morrendo, e as gerações se succedem pouco mais ou menos como outr'ora. Debalde o doutor Johnson e o doutor Hanway fizeram gemer os prelos com suas diatribes pró e contra o chá : as velhas continuam a encher seu bule, repetindo os pequenos escandalos da visinhança ; as raparigas não cessaram de deitar chá nas chicaras de seus primos e de seus irmãos, e este veneno contra o qual haviam surgido tantos clamores ainda não despovoou o globo.

O chá não encerra outro principio nutritivo alêm d'aquelle que lhe prestam o assucar e o leite que lhe misturam. Das duas especies de chá que giram no commercio, o chá verde e o chá preto, o chá verde é o que contêm mais forte quantidade de narcotico ; é esta especie de chá que communica aos nervos o mais violento abalo. O chá alegra, anima, exalta, porêm de um modo mui diverso do café. A circulação quasi não é augmentada, o sangue não corre mais rapidamente nas veias. Não é a

excitação tumultuosa, tempestuosa, causada pelo vinho, e sim uma excitação branda, benigna, quasi insensivel. A acção do coração se torna muito mais forte, a do cérebro toma uma energia passageira: esta leve e imperceptivel fracção de embriaguez vaporosa se torna indispensavel áquelles que a hão experimentado. Em geral, os apaixonados do chá são sobrios; o vinho lhes não agrada, e a bebedice é o vicio para o qual elles têm mais repugnancia. Antes de nos ter vindo da Asia esta beberagem, consumia-se muito mais vinho em Inglaterra. Em vez de se tomar o chá logo depois da comida, como usam algumas pessôas, deve-se ter o cuidado de deixar passar um quarto de hora ou meia hora. Depois d'este lapso de tempo, elle favorece a digestão, obra como diluente, estimula levemente o estomago e torna mais faceis todas as suas funcções; tomada mais cedo, poderia causar desordem na economia.

Os nossos visinhos do continente empregam o café pouco mais ou menos como nós empregamos o chá: é logo depois da comida e antes da digestão que o café é util. Elle contêm um principio amargo mucilaginoso e um pouco de empyreuma que deve á sua cocção. As pessôas que têm tendencia á aneurisma, e nas quaes a circulação do sangue é perturbada, não devem tomar chá e café sinão em pequenas dóses e com precaução. Estas beberagens aggravarão o seu estado, augmentando o movimento do sangue. Quanto aos estomagos ordinarios, o abuso do chocolate e do cacau, que são cheios de oleo muitas vezes rançoso, vir-lhes-hia a ser muito mais funesto. Vê-se que nenhumas regras geraes podem ser admittidas, e que, tomando por base da nossa theoria dietetica a relação dos alimentos com os individuos, havemos obrado judiciosamente.

As horas das comidas, bem como a escolha dos manjares, seu grau de cocção e sua salubridade, são um assumpto de interminaveis contendas. Nenhum povo do mundo está de accordo n'este ponto, nem com seus antepassados, nem com seus visinhos. No reinado de Elisabeth, a aristocracia jantava ás onze horas, ceava entre as cinco e as seis e se deitava ás dez. Hoje apenas acabamos de jantar á hora em que lord Bacon se entregava ao somno. Quanto ás massas populares e laboriosas, quasi que lhes não é licito mudarem de regimen: sempre tiveram por costume levantar-se ao amanhecer, almoçar pouco tempo depois de acordar, jantar ao meio dia e cear depois do seu trabalho. Estamos longe de dar importancia ás horas das comidas; no emtan-

to, pensamos que devem ser fixas estas horas, e que mudal-as frequentemente, isto é, almoçar, jantar e cear irregularmente e a todas as horas, é comprometter a propria saude. Somos filhos dos nossos habitos; uma successão de periodos regulares em todos os nossos actos é para nós uma necessidade primaria.

O doutor Temple assevera que nunca devemos deixar desempregado o nosso estomago. «E' um estudante, diz elle mui ridiculamente, que faz mal si lhe não daes nada que fazer.» Este raciocinio e esta comparação absurdos nos fazem lembrar Jeronymo Carden tentando provar que o mais absoluto descanço é a primeira condição dá saude: «Com effeito, diz elle, os animaes vivem menos tempo do que as arvores, as arvores duram menos tempo do que as pedras. Os animaes se movem, as plantas vegetam, os rochedos são immoveis e immortaes.» Segundo algumas pessôas, devemos contentar-nos com uma só comida por dia. Celso ordena duas; alguns medicos pretendem que, para se começar uma segunda comida, não se deve esperar que esteja terminada a digestão da primeira. «Oito libras de alimentos, tomadas em tres differentes vezes, carregam menos o corpo, diz Sanctorius, do que seis libras dos mesmos alimentos comidas de pancada; este ultimo systema é fatal, e toda a cautela para o evitar será pouca.»

Somos de parecer que tres comidas por dia, duas leves e uma solida, devem convir a todos os temperamentos. Uma dieta severa, tal como a que têm praticado certos individuos, e tal como a que a desgraça das circumstancias e a loucura de uma politica inhumana impozeram aos tres quartos da população da Irlanda, nos parece equivaler ao suicidio. Geraçōes impotentes, familias rachiticas nascem e se desenvolvem assim. Muita gente devora sem mastigar, costume mau que confia ao estomago alimentos mal triturados, sobre os quaes elle é obrigado a exercer uma acção muito continua e muito trabalhosa. Passear antes de comer, e tres ou quatro horas depois, é muito saudavel. Logo que está acabada a digestão, o systema muscular é mais energico. Jantando-se tarde, como actualmente fazemos, privamos-nos d'este util exercicio. Entretanto, si fôsse verdade o que diz Abernethy, a assimilação seria mais prompta, quando nos deitamos logo depois de jantar(*). De todas estas prescripçōes, só uma nos parece

(*) A indicação de descançar depois de jantar não pertence propriamente ao doutor Abernethy: todos os bons observadores, todos os physiologistas

importantissima: é aquella que recommenda um exercicio moderado. Essa multidão macilenta, sedentaria, doentia de nossas cidades não se dobraria sob o primeiro golpe da molestia, como a espiga sob a tempestade, si diariamente respirasse um ar livre, si seu systema muscular se corroborasse pelo exercicio, si o gaz oxygeneo, tão necessario á vida, reanimasse toda a organisação debilitada. Então a escolha dos alimentos seria objecto quasi indifferente, e poderiamos rir-nos das regras severas estabelecidas pelos membros da faculdade.

Não acontece assim. Combinamos tudo para enfraquecer o nosso organismo. Vivemos em estufas, não sahimos de nossos salões, de nossos camarins; depois, quando toda a machina está depravada, secca, languida, procuramos alental-a com estimulantes: os longos banquetes que o doutor Paris anathematisou vêm atear a chamma em corpos debeis. As agitações da alma e as emoções do theatro dão novo accrescimo a esta morbidez geral. O cérebro é vivamente excitado, o sangue afflue para o coração, e tudo contribue a augmentar o impotente melindre do estomago. Observou-se que, ha vinte annos a esta parte, as molestias de irritação se têm tornado mais numerosas: não parece difficil de explicar este resultado de um mau systema. Seria necessario que emfim a medicina se occupasse de conservar a saude dos homens; que dissesse á mulher do mundo: « Fazei exercicio, não abuseis do chá, do café, das massas; » que dissesse aos governantes: « Esta população, nutrida de batatas e de pessima aguardente distillada, viverá em um estado incuravel de miseria, de embriaguez e de crime. »

Verdade é que os medicos, diffundindo semelhantes principios, dariam um golpe fatal em sua sciencia e em seus honorarios. Não ha fonte mais fecunda para elles do que seja a das molestias causadas pelo mau regimen. Ellas influem sobre todo o systema, exercem sua acção sobre o cérebro, paralysam ou aviventam as partes da organisação que parecem ter menos relação com o estomago, porquanto, como diz Rabelais com esse estylo cynico que somos forçados a disfarçar um pouco, *a mastigação é o grande quicio da humanidade* (*).

(Edinburgh Review.)

---

pensam do mesmo modo. E' este um preceito da natureza. Todos os animaes cujo instincto não ha sido viciado pela educação, descançam e dormem depois de comer. Este descanço é necessario, porque permitte aos fluidos de se

accumnlarem para os orgãos intestináes, afim de fornecerem os succos necessarios á digestão.

(*) Depois de termos sido testemunha da nobre dedicação que todos os medicos da Europa mostraram n'estas ultimas circumstancias, não podemos deixar de declarar que as asserções do autor inglez nos parecem o mais injustas que é possivel, e que sobretu o não podem prejudicar aos medicos francezes. Em parte nenhuma a guerra é mais francamente declarada aos excessos de todo genero do que nas obras modernas escriptas em França. *Moderação em todas as cousas*, sem excepção, tal é, em resumo, a doutrina escripta em todos os livros de medicina de algum valor, e prégada por todos os medicos de algum merecimento. Não basta, porêm, lembrar aos homens e aphorismo da eschola de Salerno:

Pone gulæ metas, et erit tibi longior ætas,

cumpre igualmente que elles obedeçam á voz da razão. Nunca os ricos saberão pôr limites ás paixões que a sociabilidade faz fermentar entre elles. Por mais que os medicos repitam ás classes pobres que ellas seriam mais felizes, menos doentias, si tivessem um nutrimento mais abundante e mais sadio, vestidos mais quentes, si recebessem uma educação mais bem dirigida. Os pobres não lêem os livros de hygiene, e alêm d'isso não podem seguir os seus preceitos. O desgraçado a quem dizeis: " Come e veste-te, " vos responderá: " Dae-me pão e vestidos. " Os ricos, é verdade, compram o livro, mas não o lêem ou não seguem as prescripções que elle encerra; e é só quando experimentam algum desarranjo que recorrem tardiamente ao medico, cujos conselhos ainda ha pouco desdenhavam. Assim pois, é antes ao desmazelo do homem, ao vicio das nossas instituições politicas do que á ignorancia dos medicos, que se deve attribuir a renovação d'essas perturbações organicas que ainda affectam a especie humana.

HISTORIA.

QUATRO CAPITULOS INEDITOS DA CHRONICA DE D. AFFONSO HENRIQUES POR DUARTE GALVÃO.

A chronica de D. Affonso Henriques, por Duarte Galvão, foi estampada pela 1.ª vez em Lisboa no anno de 1726.

« O original d'esta chronica, diz Barboza, em sua Bibliotheca Lusitana, se conserva no archivo real da Torre do Tombo, da qual extrahiu uma *copia fiel* Miguel Lopes Ferreira, e a publicou em nossos tempos. »

A simples inspecção da mesma chronica impressa denuncia a incorrecção da asserção de que a copia fiel gozou da luz publica.

No prologo ao leitor falla Miguel Lopes Ferreira do modo seguinte: — « N'esta historia se acham alguns pontos encontrados com a verdade, o que de nenhum modo se deve attribuir á malicia do autor, sinão a que n'aquelle tempo devia de ser esta a tradição, que havia entre nós, mal fundada no principio e peior continuada na boca dos que a passavam a outros, em que, como é natural, cada dia se vae desfigurando e perdendo sua forma verdadeira. Estes descuidos emendou doutissimamente o Dr. Fr. Antonio Brandão, na 3.ª parte da Monarchia Lusitana, porque examinou a verdade no segredo dos cartorios em que estava sepultada. Algumas pessoas me aconselhavam que lhe fizesse notas; porém segui o parecer de outros, que assentáram, que, como esta chronica se imprimiu para os que sabem (*), elles não ignoram pela lição de Fr. An-

(*) Curiosa razão! Sómente os sabios deviam lêr a chronica; e não haveria ignorante que se quizesse instruir?

tonio Brandão o que é tradição errada. Sahe pois a chronica d'el-rei D. Affonso Henriques da sorte que a escreveu Duarte Galvão. »

Enganou-se Miguel Lopes Ferreira. Não foi tão brando em sua qualificação dos « pontos encontrados com a verdade » o censor regio por cuja alçada teve a chronica de passar, nem seguia elle systema de cura tão leniente e delicado. São suas palavras :

« Vi a Chronica d'el-rei D. Affonso Henriques, que compoz Duarte Galvão, e que quer mandar imprimir Miguel Lopes Ferreira. De um louvo o zelo em fazer publicar as chronicas dos nossos reis, que tantos tempos ha que se conservam manuscriptas, e do outro não posso deixar de lhe não accusar a negligencia com que se houve na composição d'esta chronica, porque parece que não fez exame algum para o que havia de escrever. Mas, *como vejo riscados n'ella alguns capitulos*, e tudo vejo reformado pelo Dr. Fr. Antonio Brandão, chronista mór do reino, no 3.° tomo da Monarchia Lusitana, bem se póde imprimir sem escrupulo..... *D José Barboza.* »

A mutilação da chronica foi, portanto, publicamente annunciada.

Mas já não estava na mão de D. José Barboza, ou de quem quer que foi que riscou esses capitulos, o privar a posteridade da gratificação de saber quaes esses effeitos da negligencia e nenhum exame do chronista, que el-rei D. Manuel encarregou de escrever a historia do fundador da monarchia portugueza.

Já em 1600 tinha Duarte Nunes de Leão impresso suas « Chronicas dos reis de Portugal » , e na vida e feitos de seu primeiro monarcha tinha elle dedicado um capitulo inteiro ao texto e á *refutação* das fabulas da *chronica velha* (*) de D. Affonso Henriques. Este texto encerra toda a substancia dos capitulos que hoje publicamos em sua fórma original.

Havia ainda outro autor em cujas obras (ineditas em 1726) tinha sido incorporada a materia dos capitulos riscados. Fallamos de Christovão Rodrigues Acenheiro, que escreveu em 1535 um summario das chronicas dos reis de Portugal, cuja publicação devemos á Academia real das sciencias de Lisboa. (Ineditos da historia portugueza, tomo 5.° — 1824.) Ahi encontramos esses impugnados feitos de D. Affonso Henriques, e

---

(*) Duarte Galvão morreu em 1517.

encontramos demais um juizo do compilador sobre elles muito mais franco, muito mais claro e muito menos mistico do que aquelle que quiz idear Duarte Galvão. « Devem bem de notar os reis e os principes christãos, » diz Acenheiro, « estas façanhas do cardeal e bispo, e quanto devem pugnar pela honra de suas pessoas e reino, quando com justiça e verdade o perseguem, como este catholico rei fazia e fez. »

Não é comtudo do nosso intento entrarmos na discussão da veracidade da narração do nosso chronista, que muito longe nos levaria e em empresa nos metteria para a qual não temos forças. Numerosas são as duvidas que obscurecem a historia dos começos da monarchia. A illegitimidade do nascimento da Sr.ª D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, — seu casamento com D. Fernando Peres de Trava, conde de Transtamara, que a seu proprio irmão D. Vermuim Peres (com quem já era casada), a usurpou (*), — suas desavenças com seu filho e guerras que contra elle suscitou, — a jornada que por causa do exito de uma d'estas D. Egas Moniz emprehendeu a Castella, — a prisão a que D. Affonso Henriques condemnou sua mãe e desavenças que por este respeito teve com o papa: — todos estes são pontos que tão tenazmente se tem affirmado, como fortemente combatido.

Todavia, a um e outro ponto já a bem instituida critica tem feito devida justiça; e a illegitimidade do nascimento e segundo casamento de D. Thereza (pelas doutas dissertações de Antonio Pereira de Figueiredo, no tomo 9.º das Memorias da Academia real das sciencias em Lisboa — 1825), assim como a jornada de Egas Moniz (pela descripção de seu tumulo, como ainda hoje se vê em Paço de Souza, o que tambem devemos á mesma Academia), são pontos já reconhecidos como demonstrados. Mas, tanto n'estes como nos assumptos que fazem o immediato objecto dos capitulos que ajuntamos, ha logar para contestação, na qual não quizeramos aqui entrar, por não termos outros fins em vista alêm da integração do texto de um dos nossos antigos Chronistas.

Não podemos, comtudo, deixar de apontar a infelicidade de

(*) Ainda mais. D. Vermuim, vendo seu irmão empossado de sua mulher, casou com uma filha d'este e do conde D. Henrique. Assim o diz o conde D. Pedro (em seu livro de Linhagens) e assim o repete Duarte Galvão. A este peccado, accrescentam, se deve a fundação do mosteiro de Sobrado.

Duarte Nunes de Leão na formula de seus argumentos. De todos os factos contenciosos que temos indicado forma elle uma cadêa, cuja mutua e necessaria dependencia julga intuitiva, e, contentando-se com expôr a falsidade das allegações de um só facto, pretende d'ahi inferir a falsidade de todos; e d'este modo de argumentar conclue que a Sr.ª D. Thereza nunca fôra segunda vez casada, nunca teve desavenças com seu filho, nunca suscitou o rei de Castella contra elle, e que nem Egas Moniz fôra offerecer-se a este com a corda ao pescoço, nem D. Affonso Henriques prendêra sua mãe, nem o papa tivera motivo algum para enviar um legado a Portugal. Mal estava Duarte Nunes si voltassemos o argumento contra si mesmo, e pela indubitabilidade do offerecido sacrificio do ayo de nosso primeiro rei, corroborassemos a verdade de toda a narrativa de Galvão.

Fraco arguente era o licenciado. O alto nascimento e as nobilissimas allianças de sangue da Sr.ª D. Thereza eram para ella effectiva salva-guarda em abono da virtude da mesma senhora; e comtudo, n'essa mesma pagina, não acha elle absurdo em traspassar todo esse montão d'infamias á propria *irmãa* d'essa mesma princeza. com quem igualava em nobreza!

Algumas das suas razões não deixam de ter seu xiste. « O dito Senhor D. Affonso (o 6.º de Castella) como catholico rei que era, quando lhe morria uma mulher, casava logo com outra! » E d'aqui funda elle motivo para se crer que D. Ximena Nunes de Gusmão (mãe de D. Thereza) fôra sua legitima esposa, que não concubina.

Quanto ás circumstancias que poderiam afiançar alguma exactidão em Duarte Galvão, contentar-nos-hemos com dizer que foi filho de um secretario de D. João I.º e de D. Affonso V, e irmão de um bispo de Coimbra, e escrivão da puridade do ultimo citado monarcha. Elle mesmo foi secretario de D. João II, e, alêm de chronista-mór, foi encarregado de varias missões importantes. Temos, portanto, que nem relações nem occasião pessoal lhe faltaram para certificar-se do que era verdade.

Sobre o bispo *negro* não deixa de parecer especiosa a explicação que offerece Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo em seu Elucidario :

« Muitos monges foram tirados dos mosteiros para encherem o logar de bispos; e como não depunham o habito monachal, que era preto, o clero se compunha á imitação de seu prelado. Deste tempo ficou na Sé de Coimbra a mal tramada fabula do

bispo negro. Este foi D. Bernardo, Francez de nação, monge de S. Bento e arcediago de Braga, feito por S. Giraldo, de quem escreveu elegantemente a vida. O principe D. Affonso Henriques (a despeito de sua mãe, a rainha D. Thereza, e todo o clero e povo de Coimbra, que postulavam para bispo d'aquella Sé o arcediago da mesma *D. Tello*) o nomeou bispo de Coimbra no anno de 1128. E como este monge nunca depoz o habito dos *negros*, como então chamavam aos que professavam a religião de S. Bento, e os conegos da Sé de Coimbra vestiam branco, em razão das grandes sobrepellizes que então usavam; os mal affectos diziam que tinham n'aquella Sé um *bispo negro*, para não dizerem, com maior indecencia e atrevimento, um *negro bispo*. » Elucidario, tomo 1.°, pagina 285.

Mas esta explicação, recebida com cautela emquanto aos factos allegados, não deve ter-se sinão em conta de conjectura.

A copia dos quatro capitulos que aqui offerecemos ao publico foi tirada sobre um nitidissimo exemplar, manuscripto em pergaminho, da chronica de Duarte Galvão que vimos em Santa Cruz de Coimbra, e que deve hoje existir na bibliotheca publica portuense. Este exemplar era coetaneo dos tempos do chronista-mór, e na encadernação (*) e riqueza das iniciaes illuminadas inculcava ter pertencido a pessoa ou repartição real; e coincide, na descripção que fez Pedro de Mariz no prologo á sua intentada edição da chronica de D. Affonso IV por Rui de Pina com os codices que se guardavam na Torre do Tomo.

A copia é verbal, mas não julgamos conveniente conservar a orthographia d'aquelles tempos.

Acautelamos os menos versados contra muita copia espuria da chronica de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão, que se encontra nas bibliothecas manuscriptas. A maior parte são compilações.

Igual advertencia fazemos emquanto ás copias que por ahi andam (e algumas de pessoas doutas) d'estes mesmos capitulos.

(*) As armas reaes em metal são affixadas á capa:

CAPITULO XXI.

Do recado e embaixada que o papa mandou pelo bispo de Coimbra a el-rei D. Affonso Henriques sobre a prisão de sua mãe, e o que n'isso passou com o bispo.

Depois d'isto, estando el-rei D. Affonso Henriques em Coimbra, sua mãe se enviou muito querelar ao Santo Padre da prisão em que a tinha seu filho tantos tempos havia; e o Padre Santo teve aquella cousa por estranha e muito mal feita, e determinou de mandar a Portugal sobre isto o bispo de Coimbra, que então lá estava em Roma, dando-lhe cartas e grandes mandados para el-rei D. Affonso que tirasse sua mãe da prisão, e, não o querendo assim cumprir, fôsse interdicto posto em todo o reino.

Partiu-se o bispo para Portugal, e veio a el-rei, ao qual depois de dar lettras do Santo Padre e dizer sua embaixada, el-rei disse ao bispo: « Que tinha o Santo Padre de fazer em elle ter sua mãe presa? Que fôsse bem certo que, nem por mandado do Papa nem de outro nenhum elle em modo algum a soltaria, porque o havia assim por mais serviço de Deus e bem de seu reino. » Quando o bispo viu que outro recado não podia nem esperava achar em el-rei, trabalhou-se de cumprir o que o Santo Padre lhe tinha mandado, e então excommungou toda a terra e partiu-se de novo fugindo.

Quando veio pela manhãa, disseram a el-rei que era excommungado e toda sua terra, do que sendo mui irado, se foi á Sé e fez entrar todos os conegos na claustra em cabido, e disse-lhes: « D'entre todos me dae um bispo. » Elles responderam todos: « Bispo temos; como vos daremos outro bispo? » Disse el-rei: « Esse que vós dizeis nunca aqui será bispo em todos meus dias; mas, pois assim é, sahi-vos todos pela porta fóra, e eu catarei quem faça bispo, » Elles sahiram-se, e el-rei, vindo pela claustra, viu vir um clerigo que era negro, e disse-lhe: « Como has nome? » O clerigo respondeu: « Hei nome Martim. » — E teu pae como se chamava? » — « Çolleima » disse elle. El-rei perguntou-lhe: « És bom clerigo, ou sabes bem o officio da igreja? » E elle respondeu: « Não ha ahi melhores dous na

Hespanha, nem que o melhor saibam. » Então disse el-rei: « Tu serás bispo D. Çolleima, e ordena logo como me digas missa. » — « Senhor, » disse elle, « eu não sou ordenado como bispo, para vol-a poder dizer. » Acudiu el-rei: « Eu te ordeno como bispo que m'a possas dizer, e apparelha-te como logo m'a digas, si não eu te cortarei a cabeça com esta espada. » E o clerigo, com medo, revestiu-se para dizer missa solemnemente como bispo.

Sabido este feito em Roma, cuidaram que el-rei era herege, e enviou-lhe o Papa um cardeal que lhe ensinasse a fé.

CAPITULO XXII.

Aqui falla Duarte Galvão, autor, como este feito d'el-rei D. Affonso Henriques, e outros semelhantes, nos bons principes devem ser julgados.

A novidade que esta cousa assim feita por el-rei D. Affonso Henriques assim poderá parecer a quem quer que a ler e ouvir, como pareceu n'aquelle tempo, me faz haver por necessario, antes que mais por ella prosiga, fazer alguma salva d'este caso, por trazer comsigo mostra de exorbitancia. No que, certo, assim como se não póde negar cousas de tal modo feitas serem fóra do que os homens devem, assim se não póde deixar de confessar o modo e maneira do rei ser mui fóra dos outros homens; que o rei não é rei per si nem para si, e para obrar e se salvar, outro ha de ser o caminho do rei, outro o do frade. E pois o coração do rei é na mão de Deus e onde Deus quer o inclina, segundo diz a Sagrada Escriptura, como se deve crer nem cuidar que rei catholico e virtuoso faça nenhuma cousa semelhante fora da vontade e querer de Deus, ainda que seja fóra da vontade e parecer dos homens? Que assim como Deus, sem nosso saber, nos leva muitas vezes por onde não queremos ao que mais devemos querer, assim é de cuidar que dispensa occultamente, sempre porêm justamente, como se faça ás vezes o que parece que não deve ser, por que venhamos ao que elle quer e ordena que seja.

Ordenava Deus e queria constituir e estabelecer Portugal reino

para muito mysterio de seu serviço e exalçamento da Santa Fé: como Elle seja louvado se manifestou e cada vez mais manifesta, no que com muita razão póde tambem entrar este feito d'el-rei D. Affonso Henriques em fazer assim este bispo como figura já então prognosticada do grande mysterio, que só por mão de seus successores Nosso Senhor adiante ordenava que as gentes tinctas das Ethiopias e Indias, e outras terras novamente por sua navegação e conquista achadas, viessem a entrar e ser mettidas na fé de Christo; e isto tanto pela ventura por Deus querido e figurado então n'este um negro assim tomado e mettido no seio da Santa Madre Igreja, — quanto agora a seu muito louvor se vê manifestado e cumprido em mui e muitos outros, por mão dos successores de quem aquillo fez. Assim que era el-rei D. Affonso posto então nos começos destas cousas, tendo Castella por contraria e pelo seu respeito por ventura o Papa, e pois lhe Deus para isso tirava e desfazia os impedimentos, e chegava todos os bens e ajudas, como não creremos que, dispensando com a ordem que deu geralmente entre os homens, inspirasse no coração de el-rei D. Affonso que houvesse por bem fazer assim por então aquellas cousas, e as fizesse; quanto mais perseverando elle depois no preposito d'ellas sem mostrança de arrependimento, como cousa que assim mais cumpria ao mysterio que se de Portugal ordenava, que era constituir-se reino, e constituido accrescentar-se, e accrescentado conservar-se, sem ter de ver com impedimentos humanos contrarios a tal disposição e juiz divino?

Tem a Igreja por santas e faz festa a certas mulheres que se mataram, por em seus corpos não consentirem corrompimento, e ha por salvo Santo Sansão, que tambem se matou, e outros muitos comsigo; havendo a Igreja por certo que o virtuoso coração d'estes não podia obrar tamanho mal, como é matar-se, sinão pelo instincto de Deus inspirado. Quanto mais deve cuidar e crer em menos erro de reis virtuosos por Deus mui ajudados e prosperados, sendo pessoas publicas postas nos reinos para bem dos reinos por Deus, e nas mãos de Deus mais que nenhuns outros homens; e posto que por ventura se veja ou leia que cousas assim feitas não careceram neste mundo de alguma punição, é de cuidar que ordena Deus isso por que se conserve todavia proposito e exemplo do que geralmente mandou que se fizesse, maiormente não sendo as tribulações e penas d'este mundo condemnação para o outro, mas provação ou mezinha

por de um muito bom rei fazerem ainda melhor, dando-lhe azo e causa de mais lembrança e conhecimento de Deus e da virtude. Porque, como diz S. Gregorio, os males que n'este mundo nos apressam para Deus nos empuxam; pelo qual os semelhantes casos em principes catholicos e virtuosos, como era el-rei D. Affonso Henriques, não os queiramos assim ligeiramente julgar, que não remettamos o intrinseco d'elles áquelle Supremo Saber do Senhor Deus, por cuja providencia se não faz nada neste mundo sem causa, e assim não nos fará novidade nem espanto lêl-os nem ouvil-os.

CAPITULO XXIII.

Como o papa mandou um cardeal a D. Affonso Henriques sobre a prisão de sua mãe e sobre o bispo que elle fizera, e do que entre elles se passou em Coimbra.

Quando as novas chegaram ao Santo Padre de como el-rei D. Affonso Henriques não queria obedecer ás suas cartas e mandados para soltar sua mãe, e fizera assim aquelle bispo da maneira que se disse, o Santo Padre, e toda a côrte, teve que elle era herege, e propozeram de lhe enviar um cardeal, que o ensinasse e mostrasse a fé e corrigisse de quaesquer erros que tivesse. O qual veio pelas côrtes dos reis de Hespanha, que sahiam a recebêl-o mui honradamente. E vindo já o cardeal perto de Coimbra onde el-rei estava, vieram alguns fidalgos a el-rei e disseram-lhe: « Senhor, aqui vos vem um cardeal de Roma, por estardes em desprazer e descontentamento do Papa por este bispo que fizestes. » Disse el-rei: « Ainda me não arrependo. » Elles, proseguindo mais avante pela nova do cardeal, disseram: « Senhor, todos os reis por cujas terras vem, segundo se diz, lhe fazem quanta honra podem, e provam para lhe beijarem a mão. » Disse então el-rei: « Não sei cardeal nem Papa que a Coimbra viesse, e me tendesse a mão para lh'a beijar em minha casa, que lhe eu não cortasse o braço pelo cotovello com esta espada, e d'isto não podia escapar. »

Estas palavras soube o cardeal em chegando a Coimbra, e tomou grande receio, e el-rei não quiz sahir fóra a recebêl-o.

O que logo o cardeal teve a mau signal; e, portanto, em chegando se foi direito a Alcaçova onde el-rei pousava. Alli o recebeu el-rei mui bem, e disse-lhe: « Pois, cardeal, a que viestes a esta terra, ou que riquezas me trazeis de Roma para estas hostes que tão a miudo faço de dia e de noite contra Mouros? D. cardeal amigo! si vós por ventura me trazeis algo que me deis, dae-m'o e si me não trazeis nada, tornae-vos vossa via. » « Senhor, » disse o cardeal, « eu sou vindo a vós da parte do Santo Padre para vos ensinar a fé de Christo. » Respondeu então el-rei: « Certo, assim temos nós outros cá bons da fé n'esta terra como vós lá em Roma, e portanto bem sabemos como o Filho de Deus encarnou na Virgem Maria e d'ella nasceu, e isto por obra do Espirito Santo, e como morreu na cruz por remir a geração humanal, e descendeu aos infernos, e ao terceiro dia resurgiu não mortal, e que o Padre e o Filho e o Espirito Santo são tres pessoas realmente distinctas em uma só essencia. Esta fé temos e cremos firmemente tão bem como vós lá em Roma; pelo qual não havemos por agora mister de vós outra doutrina nem ensino. Mas dêem-vos agora essas cousas que houverdes mister, e de manhãa, si Deus quizer, eu e vós fallaremos. »

Foi-se então o cardeal para a pousada, e mandou logo pôr cevada ás bêstas, e tanto que foi meia-noite mandou chamar todos os clerigos da cidade e excommungou a cidade e todo o reino, e cavalgou, e foi-se da guisa que ante manhãa andou duas leguas.

CAPITULO XXIV.

Como el-rei D. Affonso Henriques, sabendo a partida do cardeal escondida, cavalgou após elle, e do que depois de alcançado com elle passou.

Levantou-se el-rei ao outro dia pela manhãa, e disse a seus cavalleiros: « Vamos ver o cardeal. » Disseram elles: « Senhor, ante manhãa se foi d'aqui, e deixou excommungado a vós e a toda vossa terra. » Disse assim el-rei: « Sellem-me á pressa tal cavallo; » e cingiu sua espada, e cavalgou a grande pressa

quanto pôde após elle. Seguiam-o todos; mas elle, segundo era melancholico, não quiz esperar por ninguem, e foi alcançar o cardeal em um logar que chamam a Vimieira, a par de Poiares, caminho da Beira; e como chegou a elle lançou-lhe mão do cabeção, e com a outra tirou a espada, e alçou o braço com ella, dizendo: « Dá a cabeça, traidor, » querendo lh'a cortar. Disseram quatro cavalleiros, que ahi chegaram com elle: « Senhor, por mercê não queiraes tal fazer, que, si matardes este cardeal, cuidarão de todo em todo que sois herege. » Disse então el-rei: « Por essa palavra que ora dissestes, vós lhe daes a cabeça; mas, pois assim é, disse el-rei, D. cardeal, ou vós desfazei quanto fizestes, ou cá vos ficará todavia a cabeça. »—« Senhor, » disse o cardeal, « não me queiraes fazer mal, e toda a cousa que vós quizerdes eu a farei de boa mente. »—« O que eu quero que vós, » disse el-rei, « façaes, é que descommungaes quanto excommungastes, e que não leveis d'aqui ouro, nem prata, nem bêstas, sinão tres que vos abastarão, e mais que me envieis uma lettra de Roma que nunca eu nem Portugal em meus dias seja excommungado, que eu o ganhei com esta minha espada. E isto quero de vós por agora, e porêm vós deixareis aqui este vosso sobrinho, filho de vossa irmãa, em prenda até que a lettra tenha, e si ella até quatro mezes aqui não fôr, que eu lhe corte a cabeça. » A tudo disse o cardeal que lhe aprazia, e assim ficou de fazer. Então lhe tomou el-rei quanta prata e ouro lhe achou, e bêstas, e não lhe deixando mais de tres que levasse, e disse-lhe: « Ora, D. cardeal, ide-vos ahi vosso caminho, que este é o serviço que eu de vós quero, e todavia venha a lettra. » E isto acabado, ante que se o cardeal partisse tirou el-rei a capa pelle, e despiu-se todo, e mostrou muitos signaes de feridas que tinha pelo corpo, e disse: « Cardeal, como eu sou herege bem se mostra por estes signaes, que eu houve estas em tal peleja e tal, e estas em tal cidade ou villa que tomei, e todas por serviço de Deus contra os inimigos de nossa fé; e para isto levar adiante vos tomo este ouro e prata, porque estou muito mingoado e me faz mister para mim e para os meus. » Foi-se então o cardeal, e el-rei tornou-se a Coimbra. Por estas muitas feridas que el-rei assim mostrou ao cardeal, se póde conhecer quanto maiores foram seus feitos e valentia do que se acham escriptos, porque em nenhum cabo faz a historia menção que fôsse ferido nem uma só vez de tantas, nem em que logar.

Mandou el-rei logo um escudeiro á côrte de Roma a saber lá

o mais encobertamente que podesse que era o que o Papa e cardeaes lá diziam d'elle por estas cousas que fazia. E o escudeiro partiu e andou de tal pressa, que chegou primeiro que o cardeal. A cabo de dias escreveu este escudeiro a el-rei D. Affonso um carta que elle mostrou e fez ler a esses do seu conselho, na qual dizia que, quando o cardeal chegára de Portugal e o Papa soubéra como ia, lhe perguntou como passára com el-rei D. Affonso; e o cardeal lhe contou como lhe acontecêra com elle, e como lhe ficára de lhe enviar a lettra ácima dita. O Papa lhe reprehendêra muito por isto, dizendo que tal cousa como aquella lhe não pertencia, sómente á Sé Apostolica, nem era dado a elle nem a outro nenhum prometter nem ficar por tal caso. — « Senhor Santo Padre! » disse o cardeal, « eu não digo lettra, mas, si a cadeira de S. Pedro fôra minha, eu lh'a deixára e déra de boa mente por escapar de suas mãos; que, si vós vireis sobre vós um cavalleiro, tão forte e tão espantoso como elle é, ter-vos uma mão no cabeção e outra alçada para vos cortar a cabeça, e o seu cavallo não menos alvoraçado, ora com uma mão, ora com outra, cavando a terra, parecendo que já me fazia a cova, vós dereis a lettra e o papado por escapardes da morte, e portanto me não deveis de culpar. » Então lhe outorgou o papa a lettra na maneira que o cardeal quiz, e mandou a el-rei antes dos quatro mezes. E el-rei lhe mandou seu sobrinho mui honradamente, como cumpria, dando-lhe muito. E por causa d'isto foi depois este cardeal sempre tanto amigo d'el-rei D. Affonso, que todas as cousas que elle havia mister da côrte lh'as fazia e acabava com o Papa.

E fez el-rei D. Affonso, emquanto viveu, arcebispos e bispos em sua terra quaes elle quiz; e a carta que lhe enviou o seu escudeiro mandou ao seu escrivão que assentasse e escrevesse no livro das historias.

Ora torna a historia a el-rei Ismar que veio a tomar Leiria.

D'esta fórma se vê que Duarte Galvão escreveu sua chronica de D. Affonso Henriques em 60 capitulos, e não em 56, como indica a chronica impressa. Outras menos importantes differenças entre esta e as copias manuscriptas poderamos indicar, mas julgamol-o alheio ao nosso intento presente.

ECONOMIA POLITICA.

CONTOS DE M.me MARCET, (*)

III.

OS TRES GIGANTES.

Sentado estava á porta da pobre casa, á noite, e fumando no seu cachimbo o bom João Hopkins, cercado dos filhos, quando chegou um mascate já idoso e lhe offereceu das suas fazendas: poucas foram as compras, porque a bolsa andava leve; mas, notando que o mascate estava cançado, lhe offereceu assento e algum refresco.

« Tenho andado muito hoje, lhe disse o velho, e estou bem cançado; por isso vos rogo o favor de me ensinardes algum logar onde possa achar pousada por esta noite.

— Não vol-a posso offerecer bôa, como desejára, porque somos muitos e a casa pequena; mas nos fundos tenho um telheiro, onde vos farei uma cama de palha fresca, e vos darei bôa cobertura, si quizerdes. — Aceito por grande favor, que agradeço, e, si me daes licença, divertirei os vossos meninos, contando-lhes uma historia.

— Uma historia! repetiram as creanças em côro, venha ella, e se chegaram todas para o velho mascate.

— Ha de ser bem bonita, disse Tomazinho, teremos gigantes, fadas: não he assim?

— Não gosto d'isso, observou Joanninha, tomára eu que seja uma historia de verdade.

— Seja como fôr, disse Hopkins, quer falsa, quer verdadeira, será bôa, si nella aprendermos alguma cousa util.

(*) Vid. o numero antecedente.

— Ouviu! disse Isabelinha, quero uma historia bem bonita, como tenho no meu livro das fabulas; mas não diga a moral do fim, que he tão aborrecida!

— O negocio está intrincado, disse o bom velho, e fazer a vontade a todos não é cousa muito facil: um quer uma historia verdadeira, outro maravilhosa, est'outro a quer proveitosa, e finalmente a pequena diz que não quer moralidade. Veremos, farei por contentar a todos, como poder. Lá vai.

Tossiu e escarrou para temperar a garganta, e começou d'este modo:

Em tempos antigos, que não eram melhores do que o nosso, havia um lavrador pobre sobre carregado de numerosa familia e que se chamava Jobson: o pobre homem, vendo que na patria não arranjava fortuna, resolveu emigrar, e, embarcando-se com a familia, buscar outra terra onde melhorasse de sorte. Para isso vendeu o pouco que possuia, e ajustou-se com outros visinhos para o mesmo fim, contando todos, com esse pouco que apuravam, comprar bôas e largas terras nas colonias onde são tão baratas, e dirigiram-se todos para o porto de Liverpool, afim de embarcarem para um logar de que me não lembro, nem vem ao caso, porque os coitados nunca lá chegaram. Semanas depois de embarcados, estando já muito longe da patria, lhes sobreveio uma grande tormenta, que durou por muitos dias e noites successivas, e com tão avantajado furor, que finalmente deu com o navio em uns penêdos e o despedaçou. Bem custou aos pobres passageiros e tripulação a salvar-se d'este naufragio, mas quando se viram em terra firme deram graças a Deus: estavam em uma Ilha deserta.

« Valha-nos isso, disseram alguns, ao menos seremos donos e senhores, e viveremos tão bem como em qualquer colonia; assim tivessemos nós salvado alguma ferramenta e roupa.

— E algumas panellas e cassarólas para se fazer a comida, » disseram as mulheres.

Então os naufragos trataram de aproveitar do navio encalhado, e acharam ainda muita cousa util, por tal fórma, que, para encurtarmos razões, em menos de um anno, cada familia tinha o seu casal e horta. A natureza prodigamente recompensava o trabalho do lavrador, e os fructos naturaes eram muitos, e os figos, as bananas, os côcos e as batatas abasteciam a nova colonia, emquanto a sementeira do trigo não offertava a primeira novidade: como paiz era quente, em breve veio esta; mas

eil-os impossibilitados de moer o trigo e fazer pão, porque o trabalho de o moer entre dois seixos era muito longo e penoso: a Jabson, que tinha numerosa familia que sustentar lhe não fazia isto bom cabello.

« Meu velho, disse Tomazinho, esta historia não é bonita: não ha fadas nem gigantes!

—De vagar se vae ao longe, disse o mascate; é necessario ter paciencia com os velhos, que são cançados, e não podem correr como vossês, que são creanças. Attendei-me, que eu continúo.

Engolfado n'este pensamento andava Jobson, desejando vêr já os filhos crescidos para o ajudarem na faina da moedura do trigo; passeava em logar apartado, e insensivelmente se achou em um valle sombrio e ornado de lindo arvoredo. Pareceu-lhe este logar tão aprazivel, que ahi se demorou por algum tempo embebido em tão agradavel vista, quando repentinamente a seus olhos cahiram sobre um objecto que o fez estremecer e recuar.

— Agora sim, exclamou Tomazinho, vamos a vêr o que é! Fada não póde ser, porque essas não mettem mêdo.

— Tens razão, continuou o mascate; não era uma fada, mas um enormissimo gigante estendido pelo chão a fio comprido. Jobson vacillava no caminho por onde havia de fugir, quando reparou que o gigante dormia e que não era mal encarado, e por isso se demorou um tanto a contemplal-o. As vestes do gigante brilhavam e repetiam em reflexo a agradavel verdura das plantas circumdantes, de modo que parecia vestido de uma sêda verde cambiante ou furtacôr. Emquanto Jobson attentava em tão extranho individuo, o gigante abriu os olhos, e com vista tão pacifica que Jobson não se assustou muito.

— Pelo que vejo, não era gigante máu, disse Isabelinha.

— Assim foi; mas assim mesmo o bom lavrador se ia apartando d'elle, quando o gigante, sem se mover, para o não assustar, chamou por elle com voz tão mansa e agradavel, que o bom do homem parou. « Não tenhas medo de mim; é verdade que sou forte e poderoso, mas d'ahi não se segue que seja cruel, nem te queira fazer mal algum. »

Jobson vacillava no que faria; mas o gigante parecia tão manso, que a final chegou-se outra vez para elle pouco a pouco.

« Porque tens mêdo de mim, lhe disse o gigante, é por meu tamanho? Por certo que a collina que ali vês é mais alta, e no emtanto não te mette mêdo.

— Assim é; mas vós sois vivo, e eu tenho lido muita somma

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

de historias de gigantes, que por seus feitos não os acreditam: é verdade que até esta data ainda os não tinha visto, e julgava que eram contos de creanças.

— Tambem estou por isso; mas a natureza tem verdadeiros gigantes, que, bem longe de serem propensos ao mal, são dispostos a fazer aos homens todo o bem que podem, e eu sou um d'estes.

— Pelo que vejo, deveis poder fazer grande serviço, porque deveis ter mais força do que Sansão. »

E reflectindo que lhe seria bem vantajoso que o gigante o quizesse ajudar nos seus trabalhos, atreveu-se a propôr-lh'o. O gigante lhe respondeu que estava prompto a fazer o que elle quizesse: « Mas, ajuntou elle, como não estou acostumado a trabalhar aqui n'esta ilha deserta, será necessario que me dês as tuas direcções.

— Não haja duvida, que eu vos ensinarei bem depressa.

N'isto lhe veio a lembrança que o gigante havia de querer um salario proporcionado ao trabalho que fizesse, e perguntou-lhe ancioso quanto queria de jornal. « Jornal? não peço isso, e mesmo nem sei o que isso seja. »

Não cabia o pobre Jobson em si com tanta fortuna, e queria ir a correr dar parte á familia de tão bôa achada como a de um trabalhador que fazia serviço por cem e não queria jornal, quando o gigante se offereceu para o conduzir, no que levaria menos tempo e não chegaria cançado.

O lavrador ainda tinha algum receio; mas, para não escandalisar um tão bom amigo, conveio, ainda que com algum temor.

« O que é necessario, disse-lhe o gigante, é que tu me ensines como te devo carregar, porque até agora ainda não carreguei ninguem.

— Bom é, dizia comsigo Jobson, que elle seja assim tão simples e amigo de aprender.

—Queres montar nas minhas costas, ou queres que te leve ao collo? »

Jobson, que, como de razão, preferiu ir a cavallo, e mesmo tinha mêdo de vêr o gigante em pé, apanhou alguns pedaços de pau de que fez uma sella que poz no costado do gigante, e, tendo tomado uma vara comprida para o que fôsse preciso, entregou-se á ventura, e pediu ao gigante que o conduzisse para a casa.

Obedeceu logo o gigante: não corria nem andava, mas es-

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

corregava tão macio que o bom lavrador ia perfeitamente a seu commodo, e em breve tempo chegou a casa triumphante.

Grande foi o espanto e mêdo que se apoderou da mulher e mais familia de Jobson, ao vêl-o sobre um tão estupendo animal: os meninos deitaram a fugir soltando grandes brados, a mulher afflicta e desesperada lançou-se aos pés do gigante para lhe rogar que restituisse a liberdade ao querido esposo.

« Eu não o captivei, lhe respondeu o gigante, o que fiz foi sómente conduzil-o até aqui, e si tendes alguma cousa que me dar a fazer que seja do vosso agrado, disponde de mim, porque o que desejo é ter que fazer. »

Ainda tremula de susto agradeceu a boa mulher ao gigante, e limpando as lagrimas, tentou surrir-se, o que fez de mau geito, porque não podia voltar do susto que tivera á vista de tão enorme bicho. Por outra parte, afigurava-se-lhe o que se passava como um sonho, á vista da mansidão do monstruoso gigante, e do que seu marido lhe contava.

Pouco a pouco a confiança se foi estabelecendo, e mesmo os minos que fugiram espavoridos, voltavam, a exemplo dos paes, a praticar amigavelmente com o gigante: cada um examinava attentamente o novo hospede: « Que pernas tão compridas, dizia Joãozinho, si elle estivesse em pé, a minha cabeça não lhe chegava ao artelho: como seria bom para apanhar os côcos de que nós tanto gostamos?

Estas e outras cousas diziam os pequenos, sempre a mêdo, e agarrando-se uns aos outros; mas vendo a benignidade do gigante, e a familiaridade com que praticavam com elle seus paes, não duvidaram chegar-se mais, e mesmo passaram a trepar em cima do gigante e brincar com elle ao que de bom grado se prestou. Em quanto isto occorria, Jobson e a mulher consultavam a maneira de dar casa e alimento a tão grande animal, e quando se lembravam de que lhe seria necessario um quarto maior que toda a sua casa, e que em cada comida daria cabo, ao menos, de um canteiro de couves e de quarto de rez, iam já desanimando da vantagem que tal trabalhador lhe faria; então convieram em perguntar ao gigante de que constava o seu alimento. — De agua fria, respondeu o gigante. — Isto é que se chama sobriedade, disse Jobson, pois meu amigo, nem cerveja, nem espirito? — Mas o que comeis, lhe perguntou a dona da casa, que temia que na comida se desforrasse da bebida. — Nada como, respondeu o gigante, tão forte como sou não ca-

reço de outro nutrimento; estáe socegados quanto á meza, e pelo que respeita á casa e cama, não uso disso, e quando não tenho que fazer, estendo-me pelo campo, ou em qualquer parte.

Então é que foram alegrias; pois ter um tão bom trabalhador, tão forte, e que de mais a mais não comia nem bebia cousa que custasse, era uma fortuna inaudita. Começaram então os planos de fartura e socego do pobre Jobson, e antolhou-se-lhe um futuro lisongeiro, livre da penuria e alliviado de grande trabalho que lhe causava a mantença de tão numerosa familia. A gratidão apoderou-se do feliz casal, e disseram ao gigante que elle só trabalharia emquanto isso lhe conviesse, mas que não queriam que o fizesse quando estivesse cançado.

» Fazei o que vos parecer, porque isso está nas vossas mãos, porque eu não sei o que é ficar cançado.

—Com effeito, diz Jobson maravilhado, pois vós não dormis de noite?

—Não uso disso, e trabalho as 24 horas do mesmo modo e com a mesma vontade como um minuto no dia. »

Contente o bom lavrador, com tanta ventura, como a de ter um trabalhador que não comia, não dormia e não cançava de trabalhar, entregou-lhe as pedras com que moia o trigo, e foi um apice em quanto o gigante deu conta da mão. Viu então elle que, si podesse obter umas pedras grandes, faria melhor arranjo; mas embaraçava-o o transporte, a que o gigante se offereceu. Eil-o de novo ás costas do gigante preparado com caixa de ferramenta, e chegando a remota pedreira, ajudado de seu novo amigo, cortou duas grandes mós que vieram para casa ás costas do gigante com o feliz lavrador. Collocadas as pedras em logar e disposição proprios, começou o gigante a trabalhar como si toda a sua vida não tivesse feito outra cousa. A' noite o casal lhe pediu que descançasse, e elle não consentiu n'isso; e deitaram-se contentes, agradecendo a Deus o precioso presente de um obreiro que trabalhava de noite e de dia, que não comia, nem tão pouco descançava.

« Meu velho, interrompeu Tomazinho, faz favor de me dizer como se chamava o tal gigante.

— Aquafluens.

— Que nome tão rabioso, disse Isabelinha.

— Os gigantes, minha filha, não costumam ter nomes como os nossos; e quanto a este, tende por certo que é bem significativo. Porém deixae-me continuar com a minha historia.

De noite acordava a familia ao estrepito do improbo trabalho do caridoso gigante, o que não deixava de causar seu susto ás creanças ; mas a bôa mulher, quando via descançado seu marido junto a si e livre de um trabalho tão penoso, não acabava de dar graças e de pedir fervorosamente ao cêo mil bençãos para o novo amigo de sua familia.

Em o seguinte dia, Aquafluens, tendo acabado de moer todo o trigo do bom lavrador, pedio que fazer, e emquanto Jobson lhe preparava mais séria occupação, poz-se a lavar a casa e a limpal-a; depois conduziu os meninos, levou-os á borda d'agua, brincou com elles, ensinou-os a nadar : quando voltaram para casa, vinham fortes e satisfeitos com o bom companheiro.

No entanto pensava Jobsou no que havia dar que fazer ao seu novo operario, e como havia muito tempo que desejava dividir em taboas uma arvore do visinho bosque que o vento havia derribado, a fim de assoalhar a sua casa, que em algumas estações do anno era humida e doentia , então atravessou a arvore ás costas do gigante, condusiu-a para casa ; depois lhe ensinou Jobson a maneira de servir-se da serra, o que o gigante fez com muito geito, força e celeridade. Vendo o até então pobre lavrador, que as forças do gigante eram para muito maior trabalho, observou que o poderia fazer trabalhar com oito ou dez serras, que muito adiantariam o trabalho serrando outras tantas taboas ao mesmo tempo : Jobson não tinha sinão uma folha de serra, mas foi-se ter com os visinhos e lhe pediu as que tinham, dando-lhes em paga taboas já serradas. Ora como a fama do gigante se tinha espalhado por toda a ilha, em breve cada um tratou de appresentar a sua serra, para colher em paga o produto do seu trabalho.

Um dos colonos era carpinteiro e formou uma maneira de emparelhar as folhas das serras; outros fizeram a casa, e em pouco tempo se assentou uma grande maquina de serrar, em que o gigante se poz a trabalhar de tão bôa feição que no fim do dia estava toda a arvore desfeita em bellas taboas lisas o desempenadas. Pagou então Jobson aos seus visinhos em genero, e ainda lhe ficou bastante taboado para assolhar a casa , fazer uma porta nova, uma meza, e algumas taboinhas de miudezas : e além disso pagou ao carpinteiro que lhe trabalhou n'estes objectos, com dar o seu trigo a moer ao gigante, o que era vantajoso trato para ambos.

O novo feito do util gigante, despertou em muitos colonos a

vontade de possuirem d'aquellas excellentes taboas para seus commodos e regalos, e davam-as a Jobson que as fazia conduzir e serrar pelo seu gigante, e por aluguel recebia já uma parte das taboas, ja outros generos, que a elles sobravam, e lhe eram necessarios. Um trasia peixe, outro caçá rasteira e do ar, outro pelles, outro fructos, de modo que a casa de Jobson era a morada da abundancia, do aceio e do regalo. Finalmente um dos colonos lhe trouxe uma bolsa cheia de dinheiro que havia salvado do naufragio, para pagar o serviço que lhe prestasse o gigante, em especie; ao que o bom Jobson disse. « Ah meu amigo, que heide fazer aqui de dinheiro, que de nada me pode servir? Todavia, como tenho armazens cheios para muitos dias, e agora não careço de outra cousa que ahi haja, receberei o dinheiro, por que talvez ainda um dia me sirva.

Veio depois uma pobre viuva que tinha perdido o marido depois do naufragio, carecia de umas taboas para a sua cabana, a fim de pôr os filhos a secco, por que o logar era humido; mas, coitada, não tinha mais para dar por paga, do que um cestinho de batatas tiradas da sua hortasinha. « Martha, lhe disse Jobson, não quero essas batatas, tornai a leval-as — Ai de mim, que nada mais tenho que offerecer-vos possa: Jackson prometteu de cortar uma arvore no matto, mas para isso é necessario que o vosso gigante tome conta d'ella, e espero que o carpinteiro, me fará por amor de Deus o estrado de que preciso — E então eu, Martha, serei o unico que negue soccorro á minha pobre visinha? disse Jobson, um pouco enfadado. Ide-vos boa mulher, e disei a Jackson que corte a arvore, porque Aquafluens vos fará o que desejaes.

A pobre mulher se foi, chorando de gratidão, e bem contente por tornar a levar as batatas que serviriam para o jantar dos filhinhos.

Pouco depois vieram rondar por perto da casa de Jobson dois vadios, que nao tinham nada que dar, por que eram preguiçosos, mas que queriam ver si a custa da barba longa viviam á sombra de Jobsou. « É melhor que vos vades embora, lhes disse Jobson, o gigante não trabalha para alimentar a madraços. — E o que havemos fazer de nós, respondeu um d'elles, si não temos para nós quanto mais para vos dar? — Trabalhai que tendes bons braços para isso, então tereis que trazer, para gozardes do trabalho do gigante.

A mulher de Jobson, sabendo que eram ambos casados,

compadeceu-se das suas pobres mulheres, e lhes disse « Si quereis trabalhar para nós, talvez que meu marido consinta que o gigante trabalhe tambem para vós.

— Que heide eu fazer d'estes homens, uma vez que tenho o gigante ás minhas ordens. — Meu Jobson tu bem sabes que ha cousas que Aquafluens não pode fazer; vejo-te sempre tão afadigado em procurar que fazer para o gigante, que não descanças, é melhor que repartas esse trabalho com um destes senhores.

— Tambem pode isso ser, uma vez que estoubem, devo trabalhar, mas não me devo matar; mas o que não sei é si me poderei fiar n'estes preguiçosos.

— Ficalisa e ordena o seu trabalho, que sempre hão de fazer algum serviço: agora necessito eu de alguns cestos para guardar as boas cousas que nos tem trasido os nossos visinhos.

Convieram então em que os dois homens seriam empregados nos serviços que Jobson lhes quisesse dar, e que o gigante moeria o trigo para elles. Destacou um para derribar e descascar uma arvore, e outro foi apanhar sipós para fazer os cestos desejados.

Seria não acabar de dar noticia das vantagens e regalos, que fez na ilha o trabalho do gigante; mas como Jobson era o que mais approveitava, sempre que algum dos colonos tinha dia de folga, ia passear em os logares mais remotos da ilha para ver se encontrava algum outro gigante. Perguntavam alguns habitantes a Aquafluens si acaso tinha elle algum irmão.

— Tenho um respondeu o gigante, mas não nos damos, elle gosta de morar pelos altos, e eu gosto de me demorar pelos vales. Poderá elle trabalhar tanto como vós? — Sim, mas quando está para isso, porque é de genio variavel, e muitas vezes colerico: accontece mesmo, por vezes, que elle me importuna, e então fico furioso.

Por longo tempo buscaram os colonos este irmão tão poderoso, e inutilmente, ate que um dia Jackson, trepando em um rochedo ao alcance de um cabrito, divisou uma bella figura sobre o cume. Apenas pôde a principio distinguir sua forma, tanto era o esplendor que espalhava, e o que mais o admirou foi ver-lhe duas dilatadas azas, tão leves e transparentes como as de um mosquito, e tamanhas como velas de navio.

Jackson logo viu que este havia de ser o irmão de Aquafluens; porem temia fallar-lhe por que sabia do seu mau genio, quando o gigante se surriu de modo tão lisongeiro que o animou a che-

gar-se e perguntar-lhe quem era e si queria entrar no seu serviço. — Chamo-me Ventosus, bradou o gigante alado, e estou pronto para trabalhar por tua conta, uma vez que me promettas que não hasde contradizer-me. Não tenho a humilde compleição de meu irmão que viaja laboriosamente sempre pelos mesmos logares: muitas vezes zombo do seu vagar, e não poucas vezes me divirto em contrastal-o, para o enfurecer e tiral-o da sua apathia; frequentemente lhe presto o meu adjutorio, quando transporta algum peso grande; então recosto-me em seu seio, estendo as azas, e ando tão veloz que quasi que o levanto do chão.

Surprehendido Jackson de vêr Aquafluens capitulado por preguiçoso, disse a Ventosus a prodigiosa quantidade de trabalho que tinha seu irmão feito na colonia.

— Em comparação de mim é uma lesma» exclamou Ventosus, que por vezes elevava a voz de modo que mettia medo; e para mostrar a rapidez da sua carreira, abriu as azas e desappareceu.

Temeu por um pouco Jackson que elle fizesse a viagem do fumo, mas em breve tornou a apparecer: conveio então em acomponhal-o e servil-o, com condicção de lhe dar morada em logar alto. — A minha casa está sobre uma collina, por-vos-hei no cume d'ella. — Muito bem: arranja-me um par de mós, e verás como trabalho, moendo em uma hora, o trigo que Aquafluens móe em dias. Não quero tambem salario, nem comida, mas sou de genio independente, não posso estar fechado, heide trabalhar quando e muito bem quizer, e não estou disposto a fazer a vontade aos outros.

— Este gigante, disse Jackson com os seus botões, não é tão pacifico como o irmão, porem é ainda mais forte: portanto devo tratal-o o melhor que poder» Então começou a trabalhar, e lhe construiu uma casa no alto da collina para ahi moer o seu trigo. Em quanto este trabalho se fazia, desceu Ventosus á baixada, para ver seu irmão, a quem achou occupado em transportar umas taboas que tinha serrado. Os dois irmãos se abraçaram, e Ventosus, estando de bom humor, perguntou ao outro si queria que o ajudasse, disendo: Meu irmão, d'este modo, tarde ou nunca chegas. — Com effeito, disseram admirados os rapazes que iam em cima das taboas; pois é vagar andar quatro vezes como um homem? — Assim é, disse Ventosus, mas cá nós não somos pigmeus como voces». Disse e assentando-se

ao lado dos meninos, desdobrou as azas e partiu com tal velocidade, que ao principio espantou os rapazes; porém vendo que não havia perigo, acharam a viagem divertida. Logo que chegaram, descarregaram se as taboas, e Aquafluens pediu ao irmão que continuasse a ajudal-o.

— Nada, respondeu Ventosus, tenho mais que fazer: se queres vem commigo, quando não, adeus.

Achou o irmão estas palavras descortezes, queixou-se, o outro replicou, e depois de alguma altercação pegaram-se e brigaram, e começou Ventosus a berrar, como um bicho do matto, e Aquafluens a deitar escuma como um damnado. Os rapazes pozeram-se de parte a vêr a contenda, desconhecendo e temendo o seu bom amigo, que ha pouco tambem os tratava, e que parecia agora querer engolil-os. Finalmente, Ventosus safou-se dos braços do irmão e desappareceu; mas ainda por algum tempo se ouviram seus suspiros e gemidos.

Aquafluens, depois de se ter queixado de seu caprichoso irmão, pouco a pouco amansou, tornou a tomar os rapazes, e voltou socegadamente com elles para casa.

Andava então Jackson á procura de Ventosus, e quando os rapazes lhe contaram o que havia passado, começava a perder a esperança de o encontrar, o que lhe era bem penoso, porque lhe havia preparado bem que fazer; mas o gigante veio á tarde, e quando Jackson se ergueo da cama em o seguinte dia, jámais da metade do trigo estava moido.

Esta celeridade de trabalho era muito bôa, mas nem por isso Ventosus dava mostras de ser tão util á colonia como o irmão. È verdade que transportava os generos com uma rapidez admiravel; porém era quando e como bem lhe parecia, sendo necessario estar sempre á espreita do logar para onde queria ir, para lhe confiar os objectos: não poucas vezes accontecia, que em meio do caminho mudava de rumo e levava as cousas para outro logar, sendo inconstante por natureza, e não menos desapparecia quando era mais desejado, e deixava os transportes no meio do caminho.

Todos estes inconvenientes, não deixavam de fazer os dois irmãos muito interessantes á colonia, porque cada cazal tinha moveis, estava reparado contra o tempo, a farinha era abundante, e tanto os homens como as mulheres mais alliviados já do pesado trabalho de conducção, de moagem e outros, podiam mais facilmente entregar-se a outras industrias que começavam a exercer com um notavel augmento e perfeição.

Pelo exposto se vê qual seria o desejo de descobrir outro gigante que aguilhoava os colonos, e um dia perguntaram a Aquafluens si havia mais alguem da sua familia na ilha.

« Tenho um filho, disse o gigante, que ha muito me deixou, e não sei por onde anda ; sua mãe era do paiz das Salamandras, e sempre se deu melhor com a familia d'ella: um dia de verão em que estava tomando banho ao sol, desappareceu dos olhos, e não soube mais d'elle. »

Watson, que era emprehendedor e tenaz, fez tenção de encontrar o novo gigante, e, á força de novas perguntas, veio a saber que elle poderia talvez estar pela ilha ; que antigamente habitava a opposta parte á colonia em um riacho de aguas thermaes : « por que, accrescentou elle, este meu filho não póde viver sinão em logares quentes, e quanto maior calor sente, mais forças tem.

— Será acaso tão bom trabalhador como vós? perguntou Watson.

— Segundo o que tenho ouvido, elle deve trabalhar mais do que eu e meu irmão juntos: o caso está em agarral-o e prendêl-o, pois não trabalha sinão fechado ; e alêm d'isso é necessario sustental-o bem.

— D'esse modo, tem um merecimento de menos e bem importante, porque, si elle fôr do vosso tamanho, com vontade de comer á proporção, bem podem os gastos do seu sustento dar cabo dos ganhos que se tirarem do seu trabalho.

— Não tanto assim, porque o seu alimento é lenha e carvão que engole em brasa, e quauto mais lhe derem, mais ha de trabalhar ; mas o que é necessario, é fechal-o bem.

— Mas onde acharemos um vaso tamanho que o possa conter?

— Ainda que pareça chegar com a cabeça ás nuvens, póde ser fechado em pequeno espaço, e quanto mais apertado estiver, mais ha de trabalhar.

— De certo que não será por seu gosto que elle ha de estar assim fechado.

— Assim é, e por isso todo o seu trabalho é para recobrar a liberdade que tanto préza como Ventosus. »

Então Watson convidou Aquafluens para irem á caça do novo gigante, e mediante licença de Jobson, que recebeu em paga um excellente presunto, convieram de ir no dia seguinte á expedição.

Watson, assentado nas costas do gigante, ia seguíndo a viagem, perguntando-lhe de que modo apanhariam o filho, e Aquafluens lhe mostrou uma garrafa que levava; o que bem fez rir o colono. Chegados que foram ao riacho quente, viram um denso vapor que se elevava ao ar.

« Olha, eil-o lá está, » exclamou Aquafluens; porêm Watson não v'u ao principio mais do que uma nuvem que pouco a pouco se foi elevando, tomou a fórma de um enorme gigante, subin, subin, e desappareceu.

« Foi-se, e talvez não volte, disse Watson.

— Não tenhas cuidado, por que uma vez que sabemos quaes logares frequenta, em outro dia seremos mais felizes. »

Com effeito, em a seguinte manhãa voltaram ao logar, e não viram ainda o gigante. « Tanto melhor, disse Aquafluens, que temos tempo de nos preparar para o apanharmos. Toma esta garrafa, conserva-a com a bocca para baixo sobre a agua, e toma esta rolha, e, quando vires a garrafa cheia de vapor, tapa-a. »

Por pouco que Watson não desatou a rir com a idéa de encerrar um gigante dentro de uma garrafa; porêm, como a conveniencia do feliz exito era caso serio, calou-se e poz-se á espera.

Não esperou muito tempo, que em breve o vapor começou a elevar-se e a encher a garrafa; então Watson arrolhou-a bem, e achou-se na posse do precioso thesouro, e disse:

« Excellentemente, si está cá dentro, ao menos aguente com bom humor o seu destino, e parece-me que é manso como um cordeiro.

— Não ha que fiar: agora está manso, mas talvez que isto não dure, » advertiu Aquafluens.

Voltaram para casa com a leve carga do precioso thesouro, e o gigante poz a garrafa dentro de uma panella que com agua estava ao lume e a ferver; mas eis que de repente, com grande magoa de Watson, a rolha saltou fóra, o gigante sahiu, e foi-se pela chaminé.

— Não te desconsoles, meu amigo, lhe disse Aquafluens; mas é necessario que apromptes uma panella bem forte de cobre ou de ferro, que é para apertar o gigante, e que tenha bocca pequena que se possa bem arrolhar.

— Agora esta está bem forte, disse Watson apresentando um vaso proprio ao gigante; d'aqui desafio-o que saia.

— Talvez que assim mesmo faça saltar a rolha; porêm, como a abertura é muito pequena, não póde sahir por ella, e ser-

virá para abrandar o seu furor e contêl-o nos limites que desejares. »

De facto, em o seguinte dia foram ao logar, apanharam Vaporifer, que assim se chamava o novo soccorro da colonia; e, quando se viu apanhado e bem fechado, capitulou com seu novo senhor, e obrigou-se a bem servil-o, mas observou-lhe que era humildade empregal-o em moer trigo ou em outros misteres grosseiros, porque era capaz de fazer andar um tear de lãa ou de algodão, ou o trabalho de uma mina de carvão.

« Quanto ao carvão de pedra, dispenso, disse Watson, porque temos cá lenha bastante para pensarmos n'isso, que seria faina de mais para nós; mas, si fôsse possivel arranjar um tear de algodão, era um grande negocio para esta terra, porque ha aqui bastante, e andamos faltos de roupa. Vou tratar com os outros colonos, para ver si podemos fazer isso. »

Tão util e agradavel foi esta noticia aos colonos, que em breve tempo improvisaram uma fiação e hum tear, e trabalhando cada qual como pôde, poucos dias foram bastantes para se obter o desejado. De certo que um machinista habil houvera zombado das informes e mal compassadas peças de que se compunham as machinas; mas nem por isso deixavam de ser muito preciosas á pequena colonia, já muito augmentada e prospera còm o trabalho dos dous gigantes e crescente industria que d'ahi resultou, de modo que se póde dizer qne eram ricos.

« Ricos? interrompeu Thomazinho ao mascate; pois vós não dissestes que não podiam fazer uso do dinheiro, e que por isso não o queriam?

— Assim é, respondeu o mascate, mas *ouro é o que ouro vale*, e bem ricos são os que têm abundancia de trigo, gado e legumes, bôas casas commodas e bem mobiliadas, barcas para apanhar quanto peixe precisam, e todas as cousas que se costumam, entre nós, a comprar com dinheiro. Assim aconteceu na colonia, e em poucos annos tinha ahi tudo mudado de face; e ainda que fôsse tudo principalmente devido ao trabalho dos gigantes, nem por isso os colonos se entregavam á preguiça, porque era necessario preparar-lhes que fazer e dar destino ás cousas que elles faziam.

—E as mulheres, disse Isabelinha, quando poderam ter panno, cortaram e fizeram roupa para os seus filhinhos: não é assim?

—Isso mesmo, disse o velho, e as meninas ajudavam suas mães

no trabalho, e já então havia na ilha uma eschola onde ellas aprendiam a coser, ler e escrever. Fez-se uma linda igreja, onde iam os colonos fazer oração a Nosso Senhor, e dar-lhe sinceramente graças dos beneficios que Sua Mão Poderosa lhes havia outorgado.

Finalmente, os colonos emprehenderam fabricar, e com effeito fizeram um navio, e os tres gigantes pleiteavam quem o conduziria.

« Sem mim não póde elle andar, disse Aquafluens.

—Ha de viajar tão depressa como uma preguiça, replicou Ventosus: eu sim é que, si me collocar em cima do navio, encher-lhe-hei as vélas, e hão de ver como corre pelos mares.

—O mau está, disse Vaporifer, que comvosco viajará a Deus e á ventura, sem governo; e no entretanto, eu posso conduzil-o a despeito das vossas forças juntas. »

Finalmente, assentou-se em que Aquafluens cedesse d'esta empresa, porque o seu trabalho productivo em rio ou ribeira, não servia para o mar largo: os outros dous gigantes convencionaram amigavelmente que Ventosus seria o capitão do navio emquanto estivesse de animo de dirigil-o para o seu destino; mas que, logo que começasse a asnear e a fazer-se travesso, Vaporifer tomaria o commando.

Achavam-se então os colonos em estado de voltar á mãe patria, ou de procurar a terra para onde antigamente quizeram emigrar; mas, depois de vinte annos de moradia em uma ilha que tinham cultivado e ornado, tinham-lhe creado amizade, e nenhum dos antigos quiz lá voltar: quanto aos rapazes, esses, como muitas vezes tinham aos velhos ouvido fallar em o seu paiz natal, tiveram curiosidade de ver a velha Inglaterra, e embarcaram-se com grosso carregamento de generos da colonia, que lá venderam por bom preço, e trouxeram mercadorias de que careciam.

Assim estabelecido o commercio entre a nova ilha e a Europa, a colonia attingiu ao mais elevado ponto de prosperidade: o commodo, a riqueza foi a partilha dos habitantes virtuosos e trabalhadores. E aqui dou fim ao meu conto.

» Como é tão lindo! disse Thomazinho.

—O que eu quero saber, observou Hopkins, é qual seja a utilidade d'esta historia? Deus não manda cá gigantes em nosso soccorro, e este caso não serve sinão para fazer crear agua na bocca.

—E estaes bem certo, disse o mascate, de que os gigantes mencionados n'este conto não existem entre nós? Pois sempre vos vou dar algumas explicações que vos porão ao facto da veracidade do meu conto; porêm, como Isabelinha ha de dizer que ahi vem a insipida moralidade da historia, dizei aos pequenos que se vão deitar. »

Os dous mais môços foram para a cama, e os mais velhos pediram para ficar.

» Com effeito, continuou o mascate, acaso não tem a natureza poderes gigantescos que ajudam o homem nos trabalhos?

(N'este logar estavam os meninos com os cinco sentidos apurados, á espera de ver algum gigante.) Dizei-me: quem faz rodar o moinho que serra o taboado na matta visinha?

—Ninguem; é o rio que faz girar a roda.

—E este rio, bom Hopkins, pede-nos salario, cama e mesa?

—E' verdade, disse o lavrador coçando a cabeça, não tinha attingido o caso.

—Pois bem, este é Aquafluens.

—Agora entendo, disse Joanninha, como elle limpou a casa, lavou os meninos e os ensinou a nadar. Mas como conduzia elle a gente?

—Como? gritou Thomazinho, n'um barco: pois não te lembra a caixa que lhe ia em cima do lombo? pois era esse barco.

—Agora sim, e a vara que tirou do matto era o remo: não é assim?

—Confesso, disse Hopkins, que ha mais verdade n'este conto do que eu cuidava.

—E Ventosus?.... perguntou o mascate.

—Esperem, interrompeu Thomazinho, deixem-me adivinhar. Parece-me que Ventosus é o vento, que, quando briga com Aquafluens, faz arrebentar e levantar as ondas, e que faz andar á roda as vélas do moinho que faz farinha de trigo.

—Com effeito, disse Hopkins, o vento é outra potencia gigantesca da natureza, a que devemos bem favores. Reconheço, meu amigo, que o vosso conto me ensina a appreciar os beneficios da Provi dencia, e bem assim a ser grato a elles. Mas quem é esse terceiro gigante, mais forte do que ambos os outros.

—E' aquelle que conheceis menos: é o vapor, que, comprimido no cylindro de huma machina, põe em actividade uma fabrica inteira; e como seja elle produzido pela agua fervendo, chamei-o, por isso, filho da agua e do fogo. Vós sabeis que ha

annos tem sido applicado á navegação, e que, com o soccorro de uma machina de vapor, um navio póde viajar regularmente contra vento e maré. Observae, comtudo, que, apezar de tão poderosos auxiliares, os homens se vêem obrigados a trabalhar, e que quanto mais as manufacturas se multiplicam. mais ha que dar que fazer aos obreiros. Vaporifer, introduzindo na colonia as machinas de fiar e tecer o algodão, deu muito que fazer aos habitantes; e si Ventosus não fizesse trabalhar os moinhos de vento, a farinha não chegaria a tão baixo preço, nem o trigo a tão alto: muitas padarias se estabeleceram, e um homem faz pão para muitos, o que não acontecia quando o trigo era moido á mão entre dous seixos.

—Tambem, disse Thomazinho, sem o bom serrador do Aquafluens, os colonos não teriam as suas casas tão bem mobiliadas e arranjadas. »

A mulher de Hopkins, que estava muito occupada no arranjo da casa, não tinha ouvido todo o conto, nem estava inteirada da sua moralidade economica, e disse:

» Ora, si os taes gigantes nos fazem trabalhar mais, não vejo o bem que nos vireram cá fazer.

—Como? lhe replicou o marido, pois nós o que queremos é estar a mandriar? Nada: o que queremos é adquirir pelo nosso trabalho huma honesta e commoda subsistencia, e he o que não teriamos feito sem o soccorro dos tres gigantes, e sem elle estariamos privados de muitas cousas agradaveis que recrêam e arranjam.

—Sem Vaporifer, mamãe, eu não teria um vestido tão lindo de chita, nem Thomazinho umas camisas tão alvas, disse Joanninha.

—Muito bem, disse Hopkins, sinto um cheiro que me dá parte de que minha mulher tratou da nossa cêa.

—E eu só é que a fiz, que nenhum dos taes gigantes aqui teve a bondade de me ajudar.

—Com o devido respeito, atalhou o mercador, estaes enganada. Estas batatas cosidas não seriam tão gostosas sem o soccorro do vapor; e só não houvessem machinas de vapor, não terieis essa excellente panella de ferro.

—O tal gigante mais môço é o vosso querido, observou Hopkins.

—Mas não quando está em ocio ou vagabundo; que, quando elle se dá ao trabalho, vence aos outros, isso é fóra de duvida.

—Mamãe, disse um dos pequenos muito contente, quem moeu o trigo de que se fez o pão?

—Tambem estou certo, advertiu Hophins, que, si temos aqui o gostoso assucar que nos vem de tão longe, talvez que Ventosu s tenha alguma culpa d'isso.

—Pois bem, venham cear, » disse a dona da casa, que estava um tanto envergonhada de não ter entendido a historia que tanto havia recreado o resto da familia.

Assentaram-se então alegremente em derredor da mesa, e, apezar dos argumentos da mulher de Hopkins, mostraram-lhe, claro como o dia, que sem a ajuda dos tres gigantes não teria podido arranjar-lhes uma tão bôa cêa.

POESIA.

SEPHORA

POEMA DO CONDE ALFREDO DE VIGNY.

TRADUSIDO DO FRANCEZ.

Nec verbum verbo ....

I.

« De meu leito recende o aloes, e a myrrha ;
« Molles tapetes perfumados tenho
« De cinamomo e nardo de Palmyra.
« Rico adereço brilha-me na frente.
« Vem ó querido, em gozos affogar-me
« Até que a luz aos sacrificios chame.
« Remoto destes sitios o consorte,
« Que noite de prazeres nos aguarda! »

— De cima do terraço acobertado
Por verde larangeira assim fallava
Huma linda mulher, e debruçada
Amostra escusa porta, que rangia
Mollemente impellida por que entrasse
O suspirado, venturoso amante.
Entrou: fechada a porta, estas palavras
Da casa revoaram pelos tectos:
« E os olhos vejo que minha alma adora:
« Teu rosto é como o lirio desses valles:
« De teus labios se exhala sempre a roza:
« A voz tão meiga meigo amor compete;
« Oh! deixa que d'enfeites eu te dispa. »
— Pelo orvalho da noite os teus cabellos
Humedecidos foram: devo eu mesma
Enchugal-os de prompto pois dei causa
A que gelasse o frio a tua fronte.
— « Arde o peito: d'amor nas chamas arde:
« Ante os teus olhos o que importam riscos?
« O que vale da noite o duro sôpro,
« Si vou colher d'amor os doces fructos,
« Si ao tocal-os co' a mão pouco segura
« Estremecer os sinto?..... Mas que escuto!
« Ouvi bradar!.... e passos não distantes.....
— Um dos filhos d'Arão ao templo chama
O povo d'Israel.....
— « Mas do semblante
« Porque te foge a côr? Oh! que este heijo,
« Que este beijo de fogo nos abraze,
« Que lance para longe os vis temores,
« Que ardor igual ao meu em ti desperte.
— Calaram-se, e nas lampadas de brnze
A mal nutrida luz morreu de todo.

II.

Os raios diffundia o sol nascente
Pelos campos, e pelo sacro monte
Das verdes oliveiras; do deserto
Os camellos voltavam carregados;
Ao ver os arreboes da madrugada

O singello pastor abria a tenda
Os filhos despertando, e a cara esposa
Que horas são de saudar com sons devotos
A luz que surge, o Deus, donde ella emana:
E o seductor folgando com seu crime
Os prazeres deixava enfastiado.
Ah! com elles a victima deixava!
Desamparada, immovel, sobre as faces
Já do remorso a pallidez lhe assoma.
Bem quizera ıeter dá noite o giro;
Traz a primeira punição a aurora:
O leito profanado, o crime horrendo
Com horror de si mesma encara absorta,
E na crença de Dens vacilla, hesita.
Juntas as mãos, silenciosa, e quêda,
Os olhos fitos na escondida porta,
Dá signaes de que vive por que o pranto
Da dôr indicio pelo rosto desce.
Assim mulher insana foi outrora
Ferida pela mão do Omnipotente,
Quando celeste abrasadora chamma
Dous povos consumîra; e seus palacios
Mergulhavam nas ondas empestadas.
Do Senhor o prɔɔeito desprezando,
Ella quiz penetrar altos mysterios,
Ou á patria lançar ultima vista:
Eis que seus membros permanecem fixos;
Do rosto perde as encarnadas rozas,
Em estatua de sal se transfigura;
E o justo velho, que Segor demanda,
Debalde escuta os passos, que não ouve.

❀

Tal se antolhava a desleal espoza:
Mas nisto para ella o tenro filho
Os mal seguros passos dirigindo
Porque lagrimas vê choroso corre;
Ao collo quer lançar-lhe o meigo abraço;
Nos descorados labios quer beijal-a.
Como suaves são, e deleitosas

As caricias da prole! Mas na face,
Na face do innocente está pintada
Do injuriado pae a copia viva.
No logar tantas vezes testemunha
Dos honestos segredos do consorcio,
No logar, onde ha, pouco ouviste attenta
De criminoso amor falsos protestos,
Como ousarás os labios do adulterio
Aos puros labios ajuntar do filho?
O maternal amor afia o gume
Do remorso, que o seio lhe traspassa:
Quer fallar, mas apenas balbucia
Mal acabadas, confundidas vozes;
Mas solta apenas dos arcanos d'alma
Entranhavel suspiro, que disséras
Levar comsigo a derradeira vida.
De si repelle o filho! De tal modo
D'essa infeliz o pejo se apodera!
A porta vae abrir, e cae por terra
Qual estatua da base derrubada.

III.

Em alegres idéas occupado
Do deserto voltava d'esse dia
De Sephora o marido: d'alvo linho
As cargas preciosas traz cobertas
Guiados pelo ferro d'uma lança
Preguiçosos camellos, e o jumento,
Que a cafila conduz, vem opprimidos
Com desmedido peso: doze escravos
Pela estreita vereda encaminhados
A escura frente dobram carregada
Com grossos fardos de formosas sedas
De purpuras reaes. — « A terna esposa
(Consigo diz atraiçoado esposo)
Pelo horisonte rastreando a visto
Debalde me procura; agora mesmo
Talvez chorando exclama: « Oh! como tarda!
« E o sol já doura os plainos do deserto;
« Seu extremoso amor figura acaso

« Que morta eu sou. » Mas eil-a que se lança
Nos braços do consorte : Longe, oh bella,
Longe, ó querida, o timido receio ;
D'alegrias cuidemos, e prazeres.
Molles tapetes, sedas preciosas,
A purpura estimada, ambar cheiroso
Os espelhos de ti tão desejados,
E' tudo só para offertar-se, ó cara,
Taes imagens na mente revolvendo
Já da sancta Sião a largos passos
Mal alinhadas ruas atravessa.

IV.

Sazão era de festa : para o templo
De povo sobem agitadas ondas :
Os velhos, os meninos, as mulheres
Penitentes em pranto debulhadas
Ou eivadas de mal occulto, e lento
O clamoroso cego, o coixo tremulo,
Esse impuro leproso, asco da terra,
A portentosa cura relatando
Do Salvador aos pés jazem prostrados ;
E o Salvador adoram que nascido
No meio ás dores, rei dos infelizes
Com fertil mão portentos esparzia
E com voz magestosa altos mysterios
Ao mundo revelava. Dos humanos
Quiz elle suportar a vil miseria,
E dos pobres a par se collocára.
De sua eschola divinal sahidos
Alguns varões singelos, e grosseiros,
Mas fortes co' a palavra de seu Mestre,
De luz divina as frontes corôadas
A passo lento o seguem meditando.

❀

Pelas soltas madeixas empolgada
Uma debil mulher arrasta o povo
Feroz soltando brados de vingança.

A triste para o céo levanta os olhos,
Os olhos porque os braços desnudados
De pesadas cadêas vêm cingidos.
Ante o Filho do Homem pára a turba:
E dos escribas um assim lhe falla,
Insultos, e ciladas preparando:
« D'este crime tão grave julga, ó Mestre:
« A desleal consorte surprehendida
« No crime foi: ao povo o que compete
« Em cumprimento á lei obrar agora? »
A desleal consorte aguarda em tanto;
E com a vista incerta inda procura
Alguem por estes sitios: mas a turba
Já com pedras na mão s'excita e clama:
« Eis a perjura; apedrejae; punido
« Já foi o seductor: elle é já morto.
E Sephora chorou: porêm o Mestre
« A primeira pedrada (lhes dizia)
« D'entre vós arremesse o que se julga. »
« Sem mancha de peccado em sua vida: »
E d'elles affastando-se, na arêa
Em sanctos caracteres, desenhados
Nos archivos do céo, curvado escreve
Lingua vedada a labios dos humanos.....
O Mestre levantou-se; a varia turba
Pelas divinas vozes aclamada
Já de todo por fim se dissipára.

* * *

Lyras.

Em virgem matta
Uma pombinha
Seus tenros filhos
Occultos tinha.

Em vão procuram
Mãe carinhosa;
Ausente está
A desditosa.

Mas, oh desgraça!
Os fracos sente
E o ninho avista
Uma serpente.

Abana a cauda
A venenosa,
E sem piedade
Os traga irosa.

Já pelos ares
Branquinha vem
Quem os filhinhos
Julga que tem.

Materno furto
Traz no biquinho,
Busca apressada
O charo ninho.

Á rubra côr
Do verde leito
Palpitar sente
O terno peito.

Eis não encontra
Os seus implumes:
Louca esvoaça,
Chama por numes.

Fere os ouvidos
De Jove eterno
Justo clamor,
Clamor materno!

Desponta ao longe
Um caçador,
E d'avezinha
O vingador.

Chega e devisa
De sangue quente
Que mostra Jove
A vil serpente.

Um tiro estoira:
A serpe o escuta;
Mas já co'a morte
Em balde luta...

O malfeitor
Pratica o mal,
Mas sempre encontra
Premio fatal.

A rosea Aurora,
Deixando o leito,
Vigor imprime
No humano peito.

Os campos doira
Seu rubro manto,
E á natureza
Dá novo encanto.

Ao avistal-a,
Pula contente
O carneirinho
Terno, innocente.

Dôce avezinha
Vôa, gorgêa,
Sua alegria
Lhe patentêa.

Já murmurando
Brilha o regato,
Do fresco valle
Lindo apparato.

Campestre frauta
No prado sôa;
Ao longe o monte
O canto echôa.

Suspende o collo
A tenra flôr,
Busca saudal-a
Cheia de amôr.

Foge a tristeza,
Deixa a campina
Que leda torna
A matutina.

Essa Deidade
Que tudo anima,
Bella e querida,
Ès tu, Zulima.

Meu peito, ao ver-te,
Sinto abrasado,
Deixo a triteza,
Fico animado.

Por J. J. Teixeira.

VARIEDADE.

DIARIO D'UM MEDICO. (*)

IIII.

O Hypocondriaco.

Jano, como se sabe, tem duas caras: uma velha, outra moça; uma triste, outra alegre. A hypocondria, molestia singular e pouco conhecida, muito se parece com esse deus da Fabula: apresenta-se á observação sob um ponto de vista ora comico, ora tragico. A idiosyncrasia do doente determina a côr que deve tomar esta extraordinaria enfermidade. Nos individuos flegmaticos ou melancholicos é uma tristeza profunda, um desgosto da vida, uma inclinação ás idéas mais sombrias, aos par-

(1) Vid. Revista n. 4 do 1.º Tomo, e n. 1.º do 2.º

tidos mais desesperados : si a solidão vem azedar o marasmo, debalde buscareis os meios de cural-o. Uma misanthropia feroz, um fanatismo incuravel se assenhorêam do infeliz. Muitas vezes os homens de genio são presa sem remedio d'esta affecção que lança lugubre crepe em sua vida e em suas obras. João Jacques, Cowper, Byron eram hypocondriacos sublimes. É uma enfermidade do baço e do figado que ha povoado as cellas dos anachoretas, dictado a mor parte dos systemas de philosophia ascetica, fundado a inquisição, acendido suas fogueiras, e prestado á musa alguns de seus mais tragicos accentos. É raro, mesmo entre os homens vulgares, que um hypocondriaco moroso consiga dissipar os vapores de que o cerca seu mal. Podem distrahil-o; mas arrancal-o a essa dôr em que o sepulta uma organisação incompleta, regeneral-o, fazer-lhe dôce e facil a vida, excede todas as forças, toda a habilidade, todos os recursos do medico.

A hypocondria alegre (si posso aventurar esta expressão não consagrada pela sciencia) offerece mais provaveis meios de curativo. Si a enfermidade se apodera de um individuo sanguineo ou bilioso, de um temperamento vigoroso ou ardente, tudo muda. Em vez das sombrias concepções com que a hypocondria offusca a imaginação do melancholico, achaes por symptomas da mesma affecção, diversamente modificada, as chimeras mais incriveis e as hallucinações mais divertidas, uma loucura momentanea, uma destruição total, mas pouco duradoira, da intelligencia. O homem que se acreditava transformado em bule, e que, pondo a mão na ilharga e dobrando o cotovello para formar a aza do bule, estendia o outro braço para figurar o bico e o gargalo, era um hypocondriaco da segunda especie. Uma illusão extravagante se havia apossado de seu pensamento; o testemunho de seus sentidos havia perdido toda a força : si não houvessem conseguido desenganal-o, completa insanidade tivéra succedido a seu delirio passageiro.

Tenho observado mais de uma enfermidade d'este genero, e sempre hei reconhecido nos doentes os mesmos symptomas. Sua convicção é inabalavel: elles tem fé em sua chimera; e si procuraes destruil-a, vos fareis objecto de seu odio. Consequentes comsigo mesmos, de um principio absurdo tiram deducções logicas. Assim o homem-bule começava por engulir folhas de chá em seu estado natural, e depois bebia agua afim de operar a infusão, Grotesca e deploravel reviravolta do cerebro, triste prova da fraqueza de nossas faculdades tão orgulhosas de sua extensão, tão faceis de se desorganisarem !

Entre minhas observaçōes d'este genero, escolherei, não a mais absurda e maravilhosa, porêm uma das mais notaveis. O heroe da anecdota era um homem de talento, conhecido por algumas obras sabias, onde a finura e alegria da imaginação se juntam á profundidade das observaçōes. Já não vive; bem que julgo não dever nomeal-o, não duvido que a mor parte de seus amigos o reconhecerão pela originalidade charateristica com que tantas vezes nos divertimos.

N. . . tinha recebido da natureza, com faculdades distinctas, toda a physionomia de um erudito. Em seu rosto liam-se a ironia aspera e a alegria interna que fazem apparecer os ridiculos alheios. Seus olhos pretos com grandes pupillas vos advertiam, fitando-se em vossa pessôa, seu poder e o supplicio que facilmente vos podia fazer soffrer. Suas feiçōes cortadas em angulos agudos, suas sobrancelhas ossecas cuja proeminenta lhe cobria, sem eclipsar seus raios, olhos contidos antes em duas cavernas do que em duas orbitas; seus labios informes, seu nariz irregularmente talhado; a irregularidade de sua fronte desigual e coberta de protuberancias que desafiavam a sciencia phrenologica, o assignalavam á zombaria; mas seu olhar cheio de intelligencia, de fogo e de sarcasmo, atalhavam o riso com que pretendieis acabrunhal-o. Havia tambem n'esse rosto anomalo capricho e singularidade, uma fantasia inconstante, extraordinaria, alguma cousa de burlesco e extravagante. Era rico, maniaco, celibatario, systematico, ardente e desenfreado em seus estudos e trabalhos, irritavel, susceptivel, crepitante em ditos imprevistos, misanthropo por essencia e jovial por accesos. Brilhante imaginação brincava sob o sombrio tecido de seus pensamentos, como o clarão de um pharol sobre as ondas nocturnas. Nunca se ria, luttava contra sua alegria interna; e, pelo franzir de suas sobrancelhas, pelo apertar de seus labios, pela contracção de sua fronte, pelo brilho de seus olhos, tomava a mais grotesca physionomia com que jámais esculptor gothico haja adornado a carranca collocada por cima de uma porta. Era Momo com aspecto solemne; era Rabelais doutrinando suas ovelhas e mofando d'ellas, ao passo que lhes prégava sermões. Seus ditos mais engenhosos e mais picantes eram pronunciados com tom de psalmodia e de contricção; conviva admiravel, cuja melancholica gravidade vos espantava a principio, e cujos relampagos inesperados faziam brilhar em torno d'elle uma alegria tanto mais viva quanto era imprevista. Sorrir, era um crime de que elle

se não teria tornado réo sob nemum pretexto. Entretanto, seus labios deixavam algumas vezes escapar uma explosão repentina, insolita, que era immediatamente acompanhada de profundo silencio. Antes da catastrophe, tudo está calmo; depois, tudo torna a ficar quieto. Si por acaso não olhaveis para elle no momento d'este grande e extraordinario acontecimento, nunca houvereis conjecturado d'ahi a um instante que physionomia tão singular e tão melancholica tinha podido ser capaz de uma gargalhada. Lançaveis os olhos em derredor de vós, e, voltando-os para elle, o achaveis mais sombrio e menos risonho que nunca.

Quem não conheceu estas manias? seu amor pelo chá, pelo silencio e pelo fogo de casa? os estranhos serões que em sua casa passavamos, olhando fixamente uns para os outros, esvasiando nossa chavena sem dizer palavra, e retirando-nos depois de uma hora d'esta innocente conferencia? Quando um de seus novos amigos fallava muito alto, quem o não viu levantar-se de repente, exclamar com tom queixoso e como uma creança mal creada: *Vou-me embora!* pedir seu chapéo e deixar seus visitadores de posse do salão? Toda a bôa sociedade de Londres adivinhará o nome do meu amigo N. . . e se recordará de seus caprichos, de seus talentos, de seu espirito, de sua causticidade, de sua fealdade.

Uma manhãa, entrou-me pela porta dentro o seu criado negro, no momento que eu ia sahir. Em suas feições se pintava o espanto, e o vago gaguejar que se unia á sua pronuncia exotica e africana me impediu de comprehender uma palavra si quer do que elle me queria dizer.

« Oh!... doutor... vem ver amo... mal... muito mal... medonho... vem ver amo!

— Nada comprehendo de tuas palavras. Explica-te melhor, falla mais lentamente e com mais clareza; não tenho tempo que perder.

— Oh! amo, muito mal... elle muito ruim... cabeça vira... elle muito celebre... elle padecendo muito...

— Elle! Elle! Teu amo?

— Amo... sim, doutor... elle vira cabeça!... (e o negro battia na testa com a palma da mão).

— Ah! ah! tornei eu, imitando este aceno manual, comprehendo, Nambo; a cabeça lhe anda á roda.

— Sim, sim, doutor; cabeça d'elle vira... muito ruim, oh! muito terrivel!

— Ora pois, Nambo, que motivo te faz crer que a cabeça de teu amo está virada; e onde está elle agora?

— Amo, na cama, estendido... um pouco melhor todavia... mas cabeça d'elle vira...

— Como o sabes?

— Elle, diz a mim... elle, grita: « Nambo! Nambo! cabeça de mim virada! »

Eu principiava a crer que o nosso pobre N... tinha ficado doido; o que porêm me admirava era o ter elle communicado ao seu preto que a cabeça lhe andava á roda. Continuei meu interrogatorio:

« Pois está doido teu amo? disse a Nambo, já não sabe o que faz?

— Oh! não doido... não doido, doutor! Elle... cabeça assim... cabeça vira... »

O pobre Nambo tinha tomado a cabeça com ambas as mãos; volvia-a e revolvia-a como si tivesse querido deslocal-a, fazer passar seu queixo por cima dos hombros, e metamorphosear-se n'um d'esses pobres condemnados descriptos por Dante, cuja nuca correspondia ao peito e os olhos ao espinhaço, e que não podiam olhar para ninguem sem darem as costas a seu interlocutor.

Nao podia deixar de me rir, admirando a singular figura do preto, e desfazia-me em vãos esforços para ver si o comprehendia. Incapaz de o conseguir, disse-lhe que fôsse participar a seu amo que a elle seria a minha primeira visita. Em caminho, eu me perguntava o que podia significar a linguagem muda de Nambo. Teria o pobre N..., cuja cabeça desde algum tempo estava muito desarranjada, perdido o seu bom senso? Era sómente o torcicollo que o preto, por sua expressiva pantomima, queria indicar-me? Estava N... realmente doente? Ou não era sinão uma d'essas semi-loucuras tão conhecidas no mundo, e que se chamam caprichos, extravagancias, singularidades? Sabia o quanto N... era propenso a taes achaques; e, p sto que nunca se tivesse queixado a mim da hypocondria propriamente dita, muitas vezes tinha eu pensado que, de todos os meus amigos, era elle o mais bem organisado para ser d'ella atacado. Chego entretanto; Nambo atravessa os corredores e a escada, annuncia-me, e eis-me junto ao leito do meu enfermo.

Nada de extraordinario na alcova, da qual se tinham fechado as janellas para desviar um claridade muito viva. O doente se tinha agitado muito, como o comprovava o estado de desordem em que se achava seu leito. Tinha os braços cruzados sobre o peito, a cabeça inclinada para o hombro esquerdo e enterrada no travesseiro. Seu rosto pallido e desfigurado, seu ar de prostração e de padecimento, me fizeram viva impressão: não se mexeu; mas, fitando em mim um olhar prolongado, me disse:

« Doutor, ó meu charo doutor, que cousa medonha! que horrivel situação! É hediondissimo, não é assim?

— Hediondo, horrivel, medonho! E que quereis dizer, em nome do céo? que situação? Que vos aconteceu? Estaes doente?

— Eu vol-o pergunto!... si estou doente!... » Parou um instante e tornou: « Foi no emtanto esta manhãa ás oito horas que senti o primeiro symptoma.

— Si fallaes por enigma, não poderei, meu charo, nem curar-vos, nem comprehender-vos.

— A's oito horas, continuou o doente sem me escutar; pois que! não achaes a cousa curiosa e a observação digna de figurar no vosso livrinho de lembrança? Que effeito produzi sobre vós, no momento que entrastes? Tinheis vontade de zombar de mim ou de me lastimar? É uma pergunta de mera curiosidade que vos dirijo.

— Quanto a mim, perguntar-vos-hei si é para zombar de mim que me mandastes aqui vir. Ando muito occupado, meu charo, não abuseis do meu tempo.

— Zombar de vós! Estaes brincando? Que! já não tendes olhos? Estaes cego esta manhãa? Pois não vêdes a estranha, a horrivel metamorphose que hei soffrido? Não o vêdes!

— Vejo que vossas palavras são de um louco ou de um febricitante; vejamos, dae-me o vosso pulso.

— Eu, louco! Pela honra, vós é que o sois, ou vindes aqui para me insultar.

— Tal não é minha intenção.

— Não vêdes a minha cabeça?...

— Pois bem, vossa cabeça?...

— Não está mais no seu logar; minha cabeça virou. »

Dizendo estas palavras, N..., cujo tom revelára a colera e cuja indignação contra mim subira de ponto, me olhava fixa-

mente e com expressão de extremo descontentamento. Não pude conter a vontade de rir que me dominava.

« Ah ! ah ! ah !... nunca tive doente mais habil em descrever os verdadeiros symptomas de sua molestia... A cabeça se vos virou ; em verdade, é o que reconheci logo que aqui puz o pé.

— Doutor ! nada de graças pesadas ! Esse tom é extremamente intempestivo. Não hei de tolerar que insultem meus padecimentos ! Pois não basta, proseguiu elle, chorando amargamente, não basta resignar-me ás horriveis sensações que experimento ? »

Sentei-me tranquillamente á cabeceira de seu leito.

« Que molestia é a vossa, Snr. N... ? »

Seu furor augmentou ; assentou-se na cama, e ardendo em colera :

« Que molestia é a minha ? que molestia é a minha ? Far-me-heis louco ! Não o vêdes, não vêdes, que meu craneo mudou de logar, que minha cabeça virou, que minha barba descança actualmente sobre minhas costas, que meu sinciput e meu occiput trocaram suas respectivas posições, que minha testa se acha para traz e minha nuca para diante ? Horrivel ! horrivel ! »

E occultou a cabeça nos lençóes ; eu ria-me ás gargalhadas. Elle se levantou mais encolerisado.

« Doutor, é tempo que nos separemos !

— Porque ?

— Porque me ultrajaes !

— Ainda uma vez, não quero nem ultrajar-vos nem desprazer-vos.

— Que ! mando-vos chamar, para vos pedir conselhos e soccorros a respeito de um dos mais horrorosos, dos mais deploraveis accidentes de que possa um homem ser victima ; vós vêdes a minha desgraça, e, sendo a vossa profissão o alliviar os males de vossos semelhantes, os aggravaes com vossas risadas impertinentes ! Ainda uma vez, quereis tratar-me ? quereis curar-me ? Acabareis com essas gargalhadas ridiculas e que me irritam ? Respondei-me, ou fazei-me o obsequio de sahir de minha casa ! »

Reconheci que elle fallava seriamente e que estava bem disposto a pôr em execução suas ameaças. Evidente era que uma loucura momentanea, porêm imperiosa, insuperavel, o dominava. Em vez de o contrariar, resolvi-me a entrar em suas idéas ; e, impondo silencio á minha emoção, compondo o meu

semblante, mudei de tom e me dirigi a elle da maneira a mais calma, a mais grave.

« Bem, meu charo N..., agora vejo do que se trata...

— Estimo muito!

— O caso é que, dês que entrei na vossa alcova, notei a vossa enfermidade. Sómente, é tão extraordinaria a cousa, o accidente é tão pouco commum, que, conhecendo as vossas fantasias e vossas idéas singulares, julguei que querieis gracejar.

— Gracejar!

— E que vos divertieis a virar a cabeça d'esta maneira para divertir-vos um pouco...

— Ai de mim! não; é pura realidade.

— Pura realidade; estaes certo d'isso?

— Si estou certo!

— E este estranho estado não depende exclusivamente de vossa vontade?

— Por minha vida, é de mais! pensaes que me quero desfigurar para sempre e viver em supplicio?

— Não, vejo que é um phenomeno... uma anomalia.. O caso é raro... mas emfim tem-se visto iguaes: ás vezes o pesadêlo produz este accidente.

— Doutor, acaso me tomaes por uma creança? interrompeu o pobre N... Julgaes que me illudo ácerca de vossa intenção ironica? Enganaes-vos; e repito, é grande sem razão vossa escarnecer assim de mim. Favorecei a um desgraçado. Estou de sangue frio, minha cabeça está sãa, raciocino melhor do que nunca, gozo de todas as minhas faculdades, e por isso sinto melhor a horrivel novidade do facto que indico á vossa attenção, recommendando-me ao vosso bom coração e ao vosso saber. Este facto é muito real, muito verdadeiro. Minha cabeça virou, como já tive a dôr de vol-o o dizer.

— Bem o vejo, respondi com o tom mais sentimental que me era possivel. Pois que o incrivel accidente de que vos queixaes é, como dizeis, muito real, resta-nos destruir seus infelizes effeitos. Trata-se de repôr cada cousa em seu logar, e não desespero:

L'accident est horrible, épouvantable, affreux;
Mais il n'est pas plus grand que la bonté des dieux (1).

(1) Versos de Ducis (Hamlet).

— Sempre ironia, doutor; previno-vos...

— Vamos, meu charo N..., em vez de vos enfadardes commigo, instruí o vosso medico da maneira por que se operou esta revolução de vossa cabeça. Quaes foram os primeiros symptomas? Foram dolorosos? Sentistes vosso craneo rolar violentamente sobre o tronco; ou foi lento e progressivo o phenomeno?

— Ides saber tudo. Esta noite, ou antes esta manhãa, eu sonhava que estava nas Barbadas: não ignoraes que lá possuo algum patrimonio, plantações, herança de meu tio. Ia visitar (ou pelo menos julgava-o) uma d'essas plantações, e me achava rodeado de meus escravos negros, quando do nordeste soprou violenta borrasca. Arvores, homens, animaes, o mesmo solo que me sustentava, tudo foi varrido em um instante. Quiz voltar a cabeça para contemplar este desastre. Então o vento, redobrando de furor, me constrangeu á singular evolução de que vêdes o resultado Tentei restituir aos membros de meu corpo a primeira regularidade de sua respectiva posição; foi debalde. Acordei. Que espanto foi o meu! Reconheci que minha cabeça estava posta ás avessas: implorei a misericordia do céo, pedi-lhe que arredasse de mim este flagello; porêm não o pude conseguir: tudo permaneceu na mesma situação. Ah! doutor! que calamidade! Estou bem hediondo, não é assim?

— Sem duvida: mas ha um remedio para tudo..., Mostrae-me a vossa lingua... Quero ainda tomar-vos o pulso!... Oh! mas... um pouco de febre!... Não admira ... »

Examinei-lhe depois com cuidado, e com uma apparencia de gravidade que o illudiu, o pescoço, a cabeça, as costas, o peito, e n'este exame consagrei consideravel espaço de tempo. Prolonguei minha operação, afim de mais tempo guardar silencio e de não revelar, pela commoção de minha voz, a involuntaria alegria a que me não queria entregar.

« Como tão cruel deslocação me não matou? perguntou o doente.

— Provêm isso, respondi, da flexibilidade das cartilagens.

— E operar-se-hão ainda todas as minhas funcções?

— Como si nada houvesse.

— Temo que seja perigosa e cruel a operação necessaria ao meu restabelecimento. »

Não tive força de responder. Meus labios se comprimiram para não deixarem passagem ao riso, e eu procurava algum meio de

curar com effeito tão extravagante hallucinação. Sahi de minha distracção e exclamei como Archimedes:

« Achei! achei!

— O que?

— O remedio que procurava!

— De veras?

— Si ha remedio capaz de aproveitar, é aquelle em que penso. Vossa cabeça tornará a seu logar ordinario e gozará de suas faculdades costumadas.

— Prometteis-m'o?

— Respondo pelo bom resultado, comtanto que sigaes meus conselhos.

— Ah! charo doutor, de que modo vos provarei minha gratidão? Serviço tão essencial excede toda recompensa possivel. Cem libras e terlinas não me custarão, si conseguirdes arrancar-me a este flagello que causa a minha desesperação.

— Apezar da certeza quasi completa de uma feliz cura, não quizera embalar-vos com uma esperança vãa. Si nao executasseis ponto por ponto as minhas prescripçoes, poderiam minhas tentativas ficar sem successo. Para termos maior segurança do nosso negocio, deixaremos o remedio operar durante um dia inteiro. Ficareis de cama, cortinas e janellas hermeticamente fechadas: prometteis-m'o?

— Certamente. Mas em que consiste esse remedio? Dizei-m'o.

— Isso é inutil, e minha revelação poderia até vir a ser perigosa no momento.

— Devo aguardar violenta dôr? Supportal-a-hei; preferiria a morte ao meu ac ual estado.

— Nada temaes: paciencia, docilidade; nada mais

— Mas emfim, esse remedio...

— Eu me comprometto pela honra a instruir-vos completamente quando estiverdes curado.

— Deve elle operar interior ou exteriormen'e?

— De ambas as maneiras: o remedio interior só será preparatorio; ao remedio exterior está reservada a efficacia da cura. »

Ora, este remedio (bom é prevenir o leitor) nem era perigoso nem cruel. Tres pilulas de farinha de trigo, por hora; uma cataplasma de miolo de pão, applicada ao pescôço e destinada a mollificar as partes circumdantes; algumas gotas de laudano para procurar descanço ao doente: eis o meu modo de cura, a bri-

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

lhante descoberta que fiz esse dia. Sydenham e seus rivaes nunca inventaram nada igual. Vivamente apertado com perguntas, tomei um tom ainda mais solemne, tossi, interrompi-me, dissertei longamente, e deixei o meu doente na mais completa persuasão de que em breve teria a cabeça collocada como os outros homens e perpendicular ao peito. Eu esperava que a sensação de humidade causada pela cataplasma, junta ás minhas pilulas religiosamente engulidas de vinte em vinte minutos, produziria sobre este cérebro morbido o effeito que desejava, e prometti voltar no outro dia de manhãa. Quando sahi de casa de N..., ria-me ás gargalhadas; este espasmo longo tempo comprimido rompia a meu pezar. Ia andando a rir-me. Uma senhora do meu conhecimento que me encontrou não deixou de espalhar entre a minha clientela o charidoso boato de que eu zombava de meus doentes, e que seus padecimentos excitavam minha alegria.

Os philosophos que expliquem, si poderem, esta incrivel illusão; que nos digam como póde um homem desarrazoar tão logicamente, fazer vir o medico por um molestia que não tem, resistir á evidencia, ao testemunho mesmo de seus sentidos, e crer que sua cabeça está á direita quando se acha á esquerda. Os physiologistas que nol-o ensinem. O meu homem de pescoço torcido nada tinha de desarranjado no apparelho da visão: seu nervo optico não estava transtornado, sua saude alêm disso era prospera e vigorosa; a hypocondria de que era accommettido não se manifestava sinão de uma unica maneira, não se revelava sinão por esta singular falta de senso.

No dia seguinte, pelas onze horas, eu estava em casa de N... Encontrei primeiro o preto Nambo. Seus grandes olhos brancos lhe scintillavam de alegria sobre a negra cara, os musculos de seu rosto estavam esticados; vi que o pobre doente exercia a mesma influencia sobre todos aquelles que o cercavam, e que o preto não podia a ella resistir.

« Ah! ah! exclamou Nambo, tendando rir-se devagar e incapaz de conter-se inteiramente; amo!... tudo virado... Cabeça á direita, vestidos á esquerda... Celebre, celebre, celebre! »

Volvia e revolvia as abas de sua casaca, abotoava-a com violencia e não conseguia fazer-me comprehender o que queria dizer. Entrei em casa de N... e o mais comico dos espectaculos me poz ao facto do que se passára.

Tinha o almoço sido servido sobre uma mesa collocada diante do fogo. Um dos amigos de N..., distincto jurisconsulto, es-

tava sentado a esta mesa e se achava defronte da porta de entrada. O hypocondriaco dava as costas á porta. Em vez de se vestir como costumava, tinha inventado para seu uso um modo incommodo, inteiramente em harmonia com o estado de sua cabeça, virada, como se sabe, pelo furacão da Jamaica. Calças, colete, meias, casaca, até o lenço, tudo se achava as avessas: os botões da frente se cruzavam nas costas, e o laço do lenço, engenhosamente formado, ostentava sua elegante alvura sobre a nuca do padecente. De ambos os lados, era admiravel a metamorphose e o disfarce sublime. Os quatro botões e as abas trazeiras do fraque se desenvolviam e brilhavam por diante; as calças, vestidas do avesso, se empapuçavam nos joelhos; a camisa patenteava seus bofes sobre a espinha dorsal de N..., e o collarinho se elevava de baixo de suas orelhas. Eis o que Nambo tinha sido obrigado a executar, e o bello trajo sob o qual o nosso amigo se apresentou a meus olhos.

O convidado de N... tinha os olhos fitos na grade do fogão; não ousava olhar para o doente, e o cuidado que tomava em conservar-se serio o inchava, por assim dizer. Approximei-me gravemente e em silencio; os dous amigos se levantaram para me receberem: a profunda tristeza de N..., a caricatura que me offerecia, o duplo esforço que faziamos para conservarmos nossa solemnidade, compunham uma scena de que me não hei-de esquecer. Sabe-se quanto é contagioso o riso: eu rebentava; leve ruido, uma especie de suspiro que me arrancou um constrangimento violento e longo em demasia foi o signal de uma duplice explosão, que offendeu singularmente o infeliz objecto de nossa irresistivel e vehemente alegria. Em balde me mordia o labio inferior e reconhecia a necessidade de comedir-me; as longas gargalhadas do conviva provocavam as minhas: a figura de N... ahi estava sempre, e este duos burlescos durou mais de trez minutos. N... levantou-se furioso.

« Que significa, Snrs., exclamou elle, tão extraordinario procedimento? »

Perdido nas convulsões de inextinguivel riso, nada respondi, e me contentei com apontar para o estranho vestuario que o cobria. Esta apologia esteve longe de o satisfazer. Ficou transportado de incrivel colera, e, battendo com o pé no chão, puchou furiosamente o cordão da campainha. Entrou Nambo. Com nossa alegria continuavam as imprecações de que N... nos cobria.

« Nambo! acompanhae estes senhores, acompanhae-os até a porta; não espereis que os expulse de minha casa!... »

O preto poz-se a rir mais alto do que nós: N... o houvera espancado, si a incommoda disposição de seus vestidos lhe não tivesse tolhido os movimentos. Emfim, sentámo-nos: as mais ardentes emoções se acalmam exhaustas por seu excesso. Tremia-me o corpo todo; meus nervos, agitados pelo abalo que lhes haviam imprimido estes violentos espasmos, ainda estremeciam. Principiou uma singular conversação.

« Sois uma gente habil, vós outros doutores! exclamou N... com o accento do mais vivo descontentamento.

— De que vos queixaes, meu charo N...?

— Da vossa maldita cataplasma, das vossas pilulas de farinha, charlatanismo ridiculo que me não fez nenhum bem. Tinha vontade de forçar o meu preto a comêl-a; o malvado morria de riso quando a assentava. A medicina é uma farça, os medicos são uns embaidores, e eu sou um tôlo em me fiar d'elles. »

Então tornou a cahir em porfunda melancholia.

« Como hei-de fazer? bradou de repente. Eu constituo um problema curioso e triste de physiologia e de pathologia. Achando-se minha cabeça, como vêdes, posta ás avessas, continuamente as apparencias me enganarão; minha vontade luttará contra minhas acções: quando quizer avançar, hei-de recuar. Já não ha perspectiva para o vosso infeliz amigo. Minha existencia não será mais que um eterno retrospecto. Si minha cabeça quizer que ande para diante, meus pés me levarão para traz, duplo movimento que a si mesmo se neutralisará por sua contrariedade, e me reduzirá a esse estado de circumvolução que constitue o supplicio dos patos e dos perús que hao tido a infelicidade de perder uma de suas azas. Sensações, percepções, tudo portanto se achará baralhado, invertido, confundido. Onde estou? que vae ser de mim? O apostolo S. Paulo fallou de mim quando disse: « Eu vejo a lei de meus membros entrar em combate com a lei de meu espirito. »

— Vossa erudição não padece de vossa enfermidade, disse eu rindo-me.

— Mas como, continuou elle, como poderão effectuar-se minhas funcções ordinarias? Como se accommodarão os orgãos cerebraes e os orgãos digestivos com esta perversão extravagante de todas as minhas faculdades? Sou por ventura um paradoxo incarnado, uma mentira vivente, um monstro que depois de morto serei mergulhado em alcohol, para ser offerecido á curiosidade dos basbaques? »

Eu estava summamente maravilhado de ver tanto engenho associado a tanta loucura, e um homem tão profundamente hallucinado deduzir tão precisas consequencias de um absurdo evidente. Puz-lhe um de meus dedos sobre o nariz, a outra mão na barriga, e, constrangendo-o a ficar de pé, disse-lhe:

« Estão ambas as minhas mãos perpendiculares uma á outra?

— Estão.

— Não está uma encostada no vosso abdomen e a outra na ponta de vosso nariz?

— Está.

— Pois bem, estando vosso nariz no meio de vossa cara, não he claro...

— Deixae-me! não me fatigueis mais. Ha uma hora que meobrigaes a conservar a cabeça voltada por cima do hombro, sómente para de mim zombardes. Porque vos obstinaes em escarnecer-me? É demasiada crueldade. »

Elle cahiu sobre sua poltrona como um homem a quem longos esforços hão desalentado; seus olhos se fitaram no fogão; depois soltou uma grande risada. Julguei que recobrava o uso de seus sentidos.

« De que vos rides?

— De uma idéa. Si eu perpetrasse algum crime digno da forca, como fariam para me enforcar? Que bello espectaculo! como a canalha riria! O algoz nao teria animo de executar suas funcçoes. Supponde tambem que queriam administrar-me açoites: a superintendencia das operaçoes me seria facil... Oh! que dizeis? Penso igualmente na engraçada figura que faria a cavallo; e si me desse na cabeça ser namorado, si a hora do carvoeiro soasse para mim...

— Vamos, não vos demoreis sobre isso, não fixeis vossas vistas sobre o mau lado das cousas!

— Assim é preciso; o mau lado é o unico que posso considerar. »

Não pôde deixar de rir-se comnosco; depois, como tinha precisão de seu lenço, executou machinalmente este movimento com a mão direita, acostumada a dirigir-se n'esta operação para a algibeira de traz. Isto o admirou. Procurou o lenço na algibeira que o continha e que lhe descançava na côxa.

« É tão forte o habito! exclamou elle; mas hei-de conseguil-o: oh! saberei conter-me, assim será preciso »

Levantei-me; elle me seguiu, estendeu-me a mão, e, ainda

que atrapalhado como estava em suas vestes singularmente dispostas, me acompanhou até a porta.

« Muito bem, lhe disse eu; para um homem que anda para traz, tendes admiravel facilidade de movimentos, não é verdade? »

Reflectiu um instante, e respondeu com ar triste:

« Não é sem custo que me amoldo a estes novos habitos: não sabeis que esforços faço; porêm cumpre resignar-me. »

Deixei-o. Esta loucura durou um mez inteiro. Foram inuteis todos os meus raciocinios. todos os meus remedios. Prodigalisei-lhe banhos, defumações, emborcações, nada aproveitou. Emfim o acaso fez cahir em minhas mãos um livro velho de medicina, cujo autor referia uma cura operada por elle n'um doente não menos extravagante do que o meu amigo N... Esse doente era um rei que cria que seu nariz, colossalmente crescido, se tinha tornado maior do que todo o seu corpo. A cura fôra devida a uma commoção violenta. Determinei encarecer sobre o medico velho e submetter o meu padecente a um choque electrico. Combatti seus argumentos, desfiz seus escrupulos, persuadi-lhe que, para repôr sua cabeça sobre seus hombros, em posição commoda e natural, o unico remedio praticavel era a machina electrica. Cedeu ás minhas razões, tão extravagantes quanto o era sua loucura. Marcámos dia para a operação.

Figurae-vos o salão d'este pobre N..., allumiado por duas bugias que em roda de si derramavam fraca claridade: o preto Nambo, já terrorisado por estes preparativos, ajudando-nos a pôr tudo em ordem; um cirurgião meu amigo occupado commigo a carregar a machina; e o doente estirado em seu canapé, lançando um olhar espantado sobre a roda de cristal, e seus accessorios. Conseguimos, não sem difficuldades, amarrar-lhe os braços e vendar-lhe os olhos; precauções necessarias, lhe diziamos, para o impedir de se mexer involuntariamente e para assegurar a efficacia da commoção. Nambo, vendo-nos sorrir, principiou a perder sua gravidade. Teria deitado a perder o negocio; fizemol-o sahir.

Eis carragada a machina: ella faisca, estronda, brilha; N..., commovido da pancada, se arroja, e eu não tive tempo de lhe dar ao pescoço o movimento violento que devia curar sua imaginação ferida. Entretanto elle se apalpa e torna ao seu logar.

« Alguma cousa se despegou, exclama; isto vae a melhor.

— Animo, e não se bula! »

Carregamos novamente a machina e amarramos com mais solidez os braços do padecente. O conductor é applicado á parte enferma, ou áquella que N... crê enferma. A faisca parte; o meu ajudante dá uma pancada assaz violenta no occiput de N...: aproveito esse momento para fazer girar sua cabeça sobre os hombros, de maneira a lhe causar uma sensação dolorosa sem o ferir.

« Ah! exclamámos a um tempo.

— Está acabado? balbuciou N...

— Está, a metamorphose é completa.

— Louvado seja Deus! Quero ver-me! depressa um espelho! Ah! meus amigos! que serviço! que felicidade! »

Elle se deitou, ficou dous dias de cama, e foi curado.

(Blackwood's Magazine.)

MISCELLANEA.

BIBLIOGRAPHIA.

RELAÇÕES COMMERCIAES ENTRE O BRAZIL E A FRANÇA, *por H. Say* — 1 VOL.

Tal é o titulo de uma nova publicação do filho do grande economista francez João Baptista Say. Este escripto prova que as lições do pae fielmente se guardaram na memoria do Snr. Horacio Say, que seus estudos foram por elle aproveitados, e que o mesmo desejo, aquelle desejo tão nobre e santo que animava o autor do *Curso de Economia Politica*, anima ainda hoje o seu descendente.

As relações commerciaes de um com outro povo constituem

os mais valiosos titulos que elles possam hoje ter para sua recommendação e renome. No estado de civilisação em que está o seculo, na marcha de verdadeiro progresso industrial e mercantil que levamos de seguida, uma obra, que aos olhos de todos descubra os laços commerciaes que unem o Brazil á França, que compare a estatistica proporcional do augmento de alguns annos a esta parte da importação para o primeiro d'estes paizes de fazendas e mercadorias do segundo, é, si nao necessaria, ao menos utilissima a aquelles que desejam sinceramente a prosperidade de ambas as naçoes.

O Snr. Horacio Say esteve alguns annos no Brazil, estudou-o o melhor que pôde, e é um d'aquelles extrangeiros que, aportando a nossas plagas, não levaram comsigo de volta tristes preconceitos e atrozes calumnias; não é um miseravel como o Snr. Victor Jacquemont e outros mentirosos, que, para se fazerem lêr e procurar na Europa, pensam dever lançar mão de quantas falsidades lhes ministra sua esquentada e louca phantasia. O Snr. Say, retirando-se para França, continuou a relacionar-se com alguns Brazileiros estabelecidos, ou na capital do imperio, ou em outras cidades maritimas do Brazil, não só litterariamente, sinão tambem commercialmente. O fructo de suas relaçoes, de seus estudos e trabalhos acerca do commercio do Brazil com a França, do desenvolvimento que progressivamente vae elle ganhando, e de suas actuaes necessidades, — eil-o aqui n'esse excellente livro, que acaba o Snr. Say de publicar em Pariz com o titulo acima mencionado.

O Sr. Say, publicando esta obra, não teve em vista unicamente, como elle mesmo nol-o diz no seu prefacio, fazer de todos conhecidas essas relaçoes commerciaes que uniam os dous povos, tão distantes um do outro, separados em mais de duas mil leguas, e para quem o Oceano, em vez de inexpugnavel barreira, tornou-se meio facil e commodo de communicação. Levou tambem em mira o defender os interesses do Brazil perante as camaras francezas, que, com o falso intuito de recorrerem e auxiliarem a industria de suas colonias, têm sobrecarregado de enormes direitos os generos de producção brazileira que lá para França se remettem. É esta a razão principal por que a pauta da exportação dos generos do Brazil para a França não está ao nivel da de importação de suas mercadorias para este vasto territorio.

Ao Snr. Horacio Say sejamos pois agradecidos por esse mutuo

serviço, que elle intenta fazer á nossa agricultura, assim como tambem ao seu paiz. Dizemos mutuo serviço, porque, ao passo que ganhar o Brazil com a livre entrada dos generos de sua producção nas alfandegas de França, apenas gravada com leves direitos, ganhará tambem este paiz na diminuição do preço d'aquelles que lhe importam para o mercado suas colonias, as quaes não encontrando concurrencia alguma, elevam os preços até a exorbitancia.

Para exemplo traremos nós o assucar e o café. Nas alfandegas francezas do Hâvre, Marselha, Bordéos e Nantes, por onde entra a mór parte dos generos coloniaes, que vão da Martinica, Ilhas de S. Luiz e Bourbon e Guadelupe, estes pagam muito diminutos direitos de importação, emquanto que os do Brazil, que só por si poderia supprir com immensas quantidades a toda a França, soffrem direitos sextuplos, a ponto que, não podendo fazer concurrencia no mercado, nenhuma conta faz aos negociantes remettêl-os para alli; e aquelles são vendidos por preço exorbitante, dão um lucro enorme aos productores, e fazem o povo francez pagar muito caro o desejo de coadjuvar colonias que não acham concurrencia nos seus mercados.

O Snr. Horacio Say, discutindo esta these e firmando-a com factos, apresenta á luz as mais claras e terminantes provas contra este monopolio lesivo aos interesses até do proprio povo francez. Os verdadeiros principios de economia politica e industrial são tratados e applicados aos factos com uma rara clareza, que não deixaria de ambicionar seu proprio pae. Ha na sua phrase um agradavel colorido, no desenvolvimento de sua materia logica cerrada, e nas suas idéas um desejo nobre e justo de estender as luzes e conhecimentos acerca do objecto de que trata.

Este volume torna-se por conseguinte muito recommendavel a todos aquelles individuos que, imbuidos das idéas modernas, sabem reconhecer e aproveitar o elemento industrial e commercial, que no nosso seculo parece querer ganhar a primazia sobre todos os outros, que com elle formam e constituem o grande facto da civilisação de um povo. Nós o recommendamos aos Brazileiros, como obra de um digno e honrado Francez.

P. da S.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Depuração, e clarificação do azeite de peixe e das gorduras animaes. — A quantidade de gordura ou de azeite que se quer depurar, ajunte-te 1/20 do seu peso de potassa ou de soda caustica dissolvida em agua fervendo. De outra parte toma-se uma quantidade de chlorureto de cal, igual em peso á quarta parte da maneira oleosa; depois de dissolvido em agua fria transvasa-se o liquido e lança-se ás gottas na solução quente de gordura e de potassa mexendo continuamente. Terminada a operação, deita-se a materia branqueada em uma caldeira de ferro estanho, e faz-se ferver misturando-lhe acido vitriolico (sulphurico) diluido em trinta partes de agua; este acido precipita as partes alcaninas ou calcarias em combinação, e separa-se depois da gordura, lavando em agua quente.

Meio de obter grude das escamas de peixe. — Tomem-se 4 libras de escamas frescas, leveu-se bem até que a agua se não turve, fervam-se por quatro horas ao banho-maria, ou, o que é perferivel, em uma marmita de capin; côe-se, clarifique-se com duas claras de ovo, côe-se outra vez, e misture-se este cuzimento com 12 libras de gelatina extrahida de ossos; reduza-se a um terço fazendo evaporar ao banho-maria, lance-se, a colla fervendo em vasos de pao, deixe-se secar ao ar livre.

Processo para dar a côr de ganga aos tecidos de algodão. — Ponham-se de infusão pregos velhos ou ferro enferrujado em bom vinagre por espaço de quinze dias, e esfregue-se o tecido com uma escova bem molhada n'esta solução. A côr se torna mais intensa a cada lavagem, o que não sucede á ganga da China.

ARTE VETERINARIA.

Meio seguro e simples de curar as vaccas que perdem o leite. — Uma cataplasma de barro e vinagre applicada ás tetas cura promptamente esta doença, ás vezes dentro de um os dois dias. Continua-se a applicação por alguns dias consecutivos, examinando o estado das tetas.

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio n. 66.

MORAL.

A ALTA CIVILISAÇÃO, SUAS PRETENÇÕES E SEUS RESULTADOS (*).

Todos os seculos têm seu estribilho; o estribilho do nosso é *civilisação*, *progresso*. Progredir, nada é mais sublime. Mas para que ponto? Civilisar-se é admiravel. E não é isso tornar-se o homem melhor, aperfeiçoar-se augmentar a somma de suas virtudes e fruições? Assim resoam ao ouvido embaido estas palavras prestigiosas. Será uma resonancia ouca e vasia? Tem essas palavras outra accepção verdadeira? E' enganadora a accepção apparente? Que valia propria cumpre attribuir aos filhos da alta civilisação? Onde estão suas verdadeiras acquisições? Contemol-as:

O homem, logo que se civilisa reconhece a Deus: o attributo distincto e particular da nossa especie, o que a separa dos bru-

(*) Alguns dos intentos e observações contidos n'este ensaio, que extractamos do *New Monthly Magazine*, são igualmente applicaveis á Inglaterra e á França, isto é, ao movimento geral da civilisação que arrebata ao mesmo tempo estas duas conductoras das novas sociedades: outros se applicam exclusivamente ao actual estado da Gran-Bretanha. Debaixo de ambos estes pontos de vista, deviamos offerecer a nossos leitores um resumo sagaz, muitas vezes luminoso, cheio de factos, isento de misanthropia assim como de optimismo, e que indica com rara clareza a elevação actual, o nivel, a superficie e as profundezas d'esta civilisação alternativamente gabada ou calumniada, mas que se esquecem de apreciar. Conhecer-se ha sem difficuldade a situação equivoca e militante d'essa velha aristocracia ingleza resguardada em seus ultimos entrincheiramentos, e que se não quer deixar vencer. A posição respectiva, as relações e as tendencias da sociedade não se desenham com menos clareza n'este resumo analytico, que é ao mesmo tempo um mappa de épochas e um ensino de futuro.

tos, é a idéa da divindade e da alma. A' medida que a civilisação progride, a idéa de Deus se vae depurando. Si a mais alta civilisação vem a ser attingida; deve a idéa de Deus ser completa e geral. Eis, portanto, um culto universal, destruido o fetichismo; o codigo moral relacionado com o codigo civil, acceita por toda a parte a unidade da adoração, o fanatismo banido com o atheismo, o povo feliz por uma crença illustrada, os grandes da terra professando uma fé sincera. Civilisação, são estes os teus productos? Ah! na nossa sociedade civilisada, não ha dous homens que estejam concordes em materia de fé. Continuamente se vão multiplicando os pontos em litigio: cada doutrina se fracciona em mil doutrinas inimigas, que se subdividem igualmente todas ao infinito. Os theologos sabem que de heresias ha no mundo; são mais numerosas do que os homens. Cada um de nós encerra em seu pensamento uma duzia de crenças em que pouco acredita. Resultado esplendido, problema maravilhosamente resolvido!

Estão acaso as materias fóra do alcance dos homens? Abandono o reino celestial, cinjo-me á moralidade unicamente; deixo que pleitêem aquelles a quem Montaigne gracejando chamava *cérebros philosophicos*: Bossuet contra Fénélon, Cumberland contra Cudworth, Leibnitz contra Mallebranche, Butler contra Buffier, sem contar Epicuro, Hobbes, Brown, Clarke, Shaftesbury, Edwards, Hutcheson, Hume, Smith, Price, Harley, Tucker, Paley, Bentham, Reid, Steward, Brown, Brougham, athletas infatigaveis. Procuremos a moral, não nas doutrinas, e sim nas acções. Adeus theorias; vejamos a moral nos registos do Estado.

A polygamia está roprovada, a prostituição infamada, a libertinagem é vergonhosa. Eis-aqui porêm o que diz a estatistica. Em 1830, a proporção entre os filhos bastardos e os filhos legitimos, em França, era como um está para treze; em Inglaterra, comprehendido o Paiz de Galles, como um está para dezenove. Em 1835, Londres contava 2,084,520 almas, 1,390,000 das quaes eram mulhes; e, n'este numero, só 695,000 mulheres entradas na vida real das mulheres, isto é, ácima de dezeseis annos. Dando que, sobre cinco familias, tres se componham do marido e da mulher, achamos 240,000 mulheres casadas e 455,000 não casadas. A população de Londres tem consideravelmente crescido desde a época em que Colquhoun publicava o seu *Tratado sobre a policia da metropoli*. Elle avaliava então

em 50,000 o numero das mulheres publicas. Adoptemos este algarismo; sobre cinco mulheres, uma é prostituta. E, si fôsse mister metter em linha de conta a ruina moral e parcial das mulheres que não pertencem a todos, o sigillo dos amores clandestinos, o mysterio das corrupçõoes, o dédalo das faltas occultas, o que seria? Entre 619 individuos, em Inglaterra, um é levado á cadêa por crime. Aquelles que a lei não fere devem pelo menos triplicar este numero. Progressos da sociedade, associaçõoes charidosas, discursos philanthropicos, affastae-vos; permitti-nos que vejamos o que occultaes; meza de jogo, lupanar, taverna, corridas de cavallos, banca-rota, cadêa, calceta! A alta civilisação que reconheça seus filhos!

Mas ella tem uma filha de que se ensoberbece: é a Honra, mãe do duello, que ainda rege soberanamente a Inglaterra e a França. Todos os nossos homens bem educados se exercitam á pistola; no decimo sexto século, todo o gentilhomem era habil na esgrima. Não ha quinze dias, um lord e um capitão bebiam juntos vinho de Madeira, occupação innocente: sua opinião differe ácerca da qualidade do vinho; injuriaram-se.

« Porque não arranjar a pendencia? diz uma testemunha.

— É muito conhecida a nossa força á pistola: « exclamou um d'elles.

Brigam: um cadaver é levado. Pouco depois (fallo de factos verdadeiros e recentes) um coronel encontra-se com um capitão seu amigo. O cão de um morde o cão do outro. Um recebe uma bala na cabeça e o outro na coxa.

Deixae este cadaver e este invalido, entrae na camara dos communs: aqui tendes disputas muito mais violentas, palavras muito mais asperas, imputaçõoes muito mais escandalosas. Este ministro é um ladrão, aquelle está vendido, este terceiro procura vender-se. A canalha povôa os bancos dos torys, e o opprobrio chove sobre a fronte dos whigs. É cousa admiravel o estoicismo antigo e romano com que tudo isto é escutado. A civilisação quer calma. Nada de colera, nem um movimento, nem um gesto. Ninguem pestaneja. Mas este nobre gentilhomem, a quem chamaram salteador, se levanta, e, com tom cheio de indolencia:

« Foi ao homem ou ao ministro que se dirigiu o honrado membro? pergunta elle; a injuria é pessoal?

— Pessoal! nem levemente. Não ha nada de mais vil do que o ministro, sustento-o; porêm a honra do homem está intacta! »

Distincções justas, explicações satisfactorias. O honrado ministro torna a sentar-se e conversa com seus visinhos.

Nada é mais completamente civilisado do que tudo isto. Que influencia exerce o progresso da época sobre nossas relações com as mulheres? Qual é a nossa moralidade a este respeito? Em Londres é conhecido um homem *de successo*, modelo da sua casta, célebre pelo numero de mulheres que tem deshonrado. Tem ferido tantas familias no que a honra tem de mais sensivel e delicado, que não ha circulo que lhe seja interdicto e fechado. Um lord meu amigo, cujo character é singular, depois de o haver recebido algum tempo, cessou de convidal-o.

« Porque esta exclusão? lhe perguntei.

— Porque todas as mulheres a quem elle se aproxima são tidas como infamadas, e eu não estou para que minha mulher e minha filha passem pelo mesmo flagello. »

Si o coronel tivesse sabido d'estas palavras, teria morto o capitão. Teria feito bem: tal é a lei da civilisação.

Perguntava eu a este mesmo lord porque levava elle poucas vezes sua mulher ás sociedades, sendo ella rica, bella, espirituosa, agradavel?

« Ella não estaria á moda, me respondeu elle, e seu amor proprio padeceria. Os dispensadores das graças nos salões são pessoas viciosas e mal reputadas. Admittil-os a uma intimidade que nodôa quando não corrompe, repugna-me. »

È um barbaro este lord!

A alta civilisação fez do matrimonio uma especie de singularidade. O matrimonio se reduz a um negocio de conveniencia; n'elle se busca bem estar physico, accrescimo de fortuna e o menor tedio possivel. A pergunta ordinaria é: « *Com quanto casas?* » Sympathias, affeições, pensamentos religiosos, moraes, intimos, consoladores ou apaixonados, são alheios ao matrimonio. Que ha de commum entre a moralidade e o matrimonio? Londres possue um theatro, chamado *Theatro do Rei*, onde os maridos titulados levam suas nobres esposas. Ahi, todo o fidalgo escolhe sua amante na scena. O amphitheatro e os camarotes encerram a presa dos mais humildes. Amizade, distracção, habito, licença, como quizerem chamal-o, este uso se acha estabelecido. O espectaculo d'esta sollicitação é publico, d'elle se não admira mulher alguma legitima formada pela alta civilisação. A causa é conhecida, convinda, necessaria; si não vem escripta no contracto de matrimonio, é por decencia ou hypocrisia.

Assim habil em multiplicar os gozos, a alta civilisação restitue ao matrimonio os direitos do celibato: nobre invenção, absolutamente nova. Ha logares onde, por pouco dinheiro, achaes um palacio que vos pertence, excellente cozinheiro, conversação brilhante, uma bibliotheca escolhida, a flôr da sociedade, tudo o que em vossa casa não tendes e o que a riqueza vos não poderia dar: estes logares chamam-se *clubs*. Elles destroem os salões e tornam desertos os bailes, fazem reinar o gozo egoista e a delicadeza do bem estar individual. «Já não temos nos bailes, me dizia uma condeça, sinão estudantes de dezeseis annos.» Foco domestico, intimidade de familia, onde estaes? Todos tomam direcções differentes; cada qual se affasta de seu domicilio: querem estar a seu commodo e gozar sós. Si se reunem algumas vezes, é ainda para se isolarem; a sociedade torna-se um *sauve qui peut*.

Fallemos só da Inglaterra. O gentilhomem de provincia está destruido; seu descendente economisa nove mezes no campo, afim de passar tres em Londres. Então vem apagar a sede n'esta grande fonte de prazeres e agitação. Aprende a concentrar em sua vida a maior variedade de gozos que é possivel, saberá brevemente como se alimenta e se renova a sensualidade; uma existencia privada de estimulantes lhe pareeerá pobre e nulla. Triste metamorphose! De gentilhomem proprietario fazer-se-ha *viveur*. Uma pessôa de bôa sociedade póde contar em Londres cem familias de seu conhecimento; muitas vezes este numero se estende até mil. Duas mil pessôas foram recentemente convidadas para o grande festejo de lady Jersey. Tomemos um meio termo, formemos nossa lista de quinhentas pessôas cujas visitas devem ser recebidas e pagas. Chega do campo uma familia e passa tres mezes em Londres: tres horas para se enfeitar, doze para os negocios, compoem um total de quinze horas de que dispõe a gente polida. Eis-aqui um milheiro de horas, entre as quaes se trata de repartir todos os deveres, todos os empenhos, todas as comidas, todos os prazeres: o relampago não é mais rapido do que cada uma das acções da vida. O homem fascina, brilha, murcha; as affeições não têm tempo de nascer. Arrojar-se de uma casa a outra, correr de visita em visita; da coutada ao jantar, do jantar ao *rout*, do *rout* ao baile; apparecer na opera, mostrar sua figura no concerto: vida de precipitação e de assalto; nada de serio, nada de completo, nenhum descanço: um amalgama de pequenas acções sem intuito, sem fito e

sem ligação. A saude se deteriora, o sangue se arrefece, a bolça se exhaure; tudo quanto ha de mais frivolo rouba milhões.

« Caso-me e vou economisar, dizia um joven barão a seu amigo.

— Em que? lhe perguntaram.

— Em luvas.

— E de que maneira?

— São-me precisos cinco pares por dia, de toda necessidade.

— Como podeis sujar cinco pares de luvas?

— Saio a pé, estrago um par; passeio a cavallo, sujo outro par; vou jantar preciso levar outro par; e o baile exige dous pelo menos. »

N'esta profissão violenta, a força se esvahe, apaga-se a energia, o coração se embota, a reflexão é substituida por uma actividade de machina, a compleição se arruina. Recorre-se ao vinho, ao opio e aos licores; cada qual faz da noite dia, o que acaba de arruinar a compleição. « Por que rasão, perguntaes vós, vêm os gentilhomens das provincias passar em Londres, não o inverno, e sim a bella estação? Deixar o campo quando está verdejante, quando o céo está puro, a relva viçosa! » Assim o exige a saude dos cavallos: si mister fôsse, durante as noites de inverno, deixal-os estacionar ou galopar pelas ruas, das nove horas da noite ás cinco da manhãa, todas as familias se arruinariam em cavallos.

Esta vida ficticia e violenta constitue precisamente a alta civilisação. Por ella desapparecem as distancias; quinze leguas de hoje, equivalem trez de outr'ora. Viaja-se como o vento: está para sempre abandonada essa pesada carruagem em que se amontoavam, como em uma arca de Noé, primos, primas, passarinhos, papagaios, animaes domesticos, e até instrumentos de cozinha; bagagem que em caminho encontrava tantos accidentes dramaticos. Um membro da camara dos lords, cujo castello estava situado o cento e vinte milhas de Londres, ia regularmente jantar todos os sabbados em casa de um fidalgo que habitava na capital.

« Quanto tempo vos é necessario para virdes aqui? lhe perguntou seu hospede.

— Eu o sei, com differença de alguns segundos; na vespera, escrevo a todos os donos de posta da estrada que hajam de ter arreados e promptos a partir a certa hora; parto ás cinco horas da manhãa, chego exactamente a cada muda no momento prefi-

xo. A's seis horas ou seis horas e dez minutos, estou em Londres. »

A aguia, pelos ares, viaja com menos presteza. Este privilegio não é só partilha da aristocracia. O plebeu atravessa a Inglaterra em todo o seu diametro pela somma redonda de 36 schellings, e quanto muito 55.

Maravilhamo-nos d'este resultado: a madeira, o ferro e o fumo dão azas ao homem. É bella tanta rapidez; mas eu quizera um pouco de felicidade. Esta vida nomada, que despedaça todos os laços naturaes, torna os deveres muito faceis de serem illudidos; a precisão da mudança, o amor da excitação, a necessidade da despeza, o desejo de imitar e igualar aquelles que dirigem a moda, o ardor de brilhar, o furor de lançar milhões ao vento, rematam a esplendida desgraça a que o homem se condemna. « Estou desolado, me dizia um fidalgo de segunda ordem, de não poder cultivar a amizade do duque de R... ; minha fortuna não dá para tanto. Outro dia, convidei-o para uma batida ; trouxe-me, sem mais ceremonia, onze criados, nove cavallos, tres carruagens e sessenta cães. »

O suprasummum da civilisação é arruinarmos nosso hospede pelo esplendor de nossa comitiva. Fazemos timbre em receber como fômos recebidos. Devemos dar o mesmo jantar; o salão deve ser tão esplendido, os convivas tão numerosos, os muzicos tão distinctos. A baroneza não ha de tolerar que a duqueza traga diamantes mais bellos que os seus, e a mulher do banqueiro tomar-se-há de nobre emulação ao vêr passar a viscondeça. Todos os graus de fortuna tentarão attingir o mesmo nivel: falsa igualdade que accarretará a ruina do maior numero. Porque está deserto este magnifico castello? Que é feito da nobre familia de quem aqui só resta o brazão? Esconde-se em Touraine ou no Languedoc. Lá, vae vivendo de economias, repara a brecha feita por essas despesas excessivas que exige a alta civilisação. O orgulho offendido dos Inglezes sepulta-se em alguma provincia estrangeira e abandona á admiração dos Tourangenses ou Provençaes o enigma d'essas familias baroniaes, tão altivas, tão elevadas, tão pobres, tão miseraveis.

Fallemos da intelligencia: todos sabem que é a civilisação quem a amamenta. Observemos a situação intellectual nas classes aristocraticas de nosso paiz. Traz-se do collegio um pouco de grego e de latim, talvez o gosto das letras, certamente uma moralidade destruida e a ruina de todos os principios. De dez a

quatorze annos começa no collegio a educação do vicio: de quatorze a vinte, a theoria se torna pratica. A servidão é especialmente ensinada em Inglaterra. O systema do *fagging*, particular aos collegios de nosso paiz, consiste em do mais fraco fazer-se o escravo, o criado e a victima do mais forte. Feliz disposição que infunde o saber do cozinheiro nos conhecimentos do *groom*, e que com as profundas observações do couteiro mistura a erudição do despenseiro! Assim é que se educa o gentilhomem da civilisação.

Eis-aqui o *budget* de um dia de castello; tenho passado mais de cem d'esta especie. Almoçam ás dez horas: chá, café, licores, linguas recheadas, presuntos de Bayonna, pasteis de Périgord; o almôço se prolonga até meio dia. Reunem-se para a caçada ou para a pescaria; e esperam pela hora em que se devem vestir. Vem o jantar, que consta de tres cobertas. As fructas mais delicadas, as mais custosas viandas, o oiro e a prata doirada cobrem a meza. No meio dos raios lançados por mil bugias, resplandece um exercito de criados bordados. Jantaes como um sátrapa. Escapaes sem duvida aos grosseiros excessos; porêm chegaes á plithora. Satisfazeis a essa sensualidade avida e perigosa, que incessantemente sollicita novos requintes. As cartas, o bilhar, o concerto e a intriga amorosa completam o serão. Que resta á intelligencia? Germinará o pensamento n'esses estomagos repletos de iguarias? Já é bastante, de certo, poderem elles digerir. O apaixonado do whist é o unico que conserva sufficiente actividade intellectual para combinar os lances de seus ganhos. A' meia noite separam-se, algumas vezes ás onze horas, segundo as usanças da casa ou o desalento dos convivas. Os homens vão fumar seu charuto no quarto do mais libertino da companhia, e as senhoras, que têm aprendido a não adormecer sinão pela madrugada, prestam ouvidos á moral loquacidade de suas criadas graves, quando não se poem a ler a ultima novella para terem somno.

Si sois capazes, fallae a essas pessôas do desenvolvimento da intelligencia, do amor das artes, do culto do espirito, das conquistas do pensamento. Em suas bibliothecas, que encerram os mais nobres monumentos do espirito humano, nem um livro se acha deslocado: é uma catacumba de obras primas, onde os volumes estão ordenados como cadaveres. Esta vasta habitação, que se não esvasia desde novembro até fevereiro, e que recebe alternativamente os nomes mais famosos do reino, não resôa si

quer com uma conversação litteraria. Ninguem acha um minuto que consagre aos gozos intellectuaes. Conversam de cousa mui diversa. A conversação vive de escandalo, de anecdotas inventadas sobre as familias do condado, suas allianças e suas esperanças; a litteratura e as artes estão em esquecimento: percorrem-se talvez algumas novas viagens, algumas novellas da moda; eis-ahi tudo. Um dia jantava eu em casa de lord C.: sua mulher, que tem engenho, imaginou suscitar uma questão interessante, e esta discussão principiava a me agradar. Mas que se faria? haviam ahi vinte e sete pessôas convidadas a quem interessava mediocremente esta conversação. « Esperae, me disse o dono da casa, estes senhores vão adormecer. » D'ahi a pouco levantam-se da mesa as senhoras; os homens consultam as garrafas de vinho de Champagne e de Alicante. Os vinte convivas do genero masculino succumbem, e a conversação se trava entre mim e meu hospede. No meio de nossa discussão, a palavra *eleitor* foi pronunciada. Ella retinne ao ouvido de um dos dormidores, e este accento magico produz seu effeito. A conversação entra n'este novo leito e n'elle se conserva. O diccionario do bom tom contem cinco ou seis palavras inintelligiveis que commovem: *eleição*, *cavallo parelheiro*, *bouillotte*, *écarté*, *matrimonio de dinheiro*, *ministerio*. Si quereis ser comprehendidos, não vos arredeis d'ahi.

Mesmo as eleições, qual é a sua moralidade? Contae os membros do parlamento que a elle chegam por outras vias que as da corrupção e intriga! Perigoso exemplo, miseravel principio da vida politica. Conheço alguns juizes, personagens graves e virtuosas, cuja vida esteve a ponto de ficar deshonrada depois de uma admissão á camara dos communs, admissão preparada por insolente venalidade. Por ventura a civilisação offerece um estimulo real á violação das leis moraes? Seriamos tentados a crêl-o. Meditae sobre a theoria das dividas na alta sociedade. Quem não está individado? Ninguem se admira d'isso. Quem se importa de saber si o visconde fulano balancêa exactamente seu passivo por seu activo? Só uma cousa se exige de vós: pagae vossas dividas de honra, os empenhos da mesa de jogo, isto é, aquelles que foram contrahidos pelo estouvamento e prodigalidade; alêm d'isso, ahi estão as cadêas, e a banca-rota responde a tudo. O homem brilhante nada alguns minutos n'esta voragem: depois desapparece, some-se; não se sabe que fim levou. Escutae seus amigos mais intimos fazerem succintamente o epitaphio de sua gloria e fortuna:

« Pobre F.....! exclama um conviva, ao passar ante o castello d'este ultimo, no condado de Cambridge : aqui está seu palacio abandonado; ahi passei alguns dos mais bellos mezes de minha vida! » Eis-tudo.

« Que é feito d'elle? perguntei a este sensivel amigo.

— Diabos me levem si sei alguma cousa! Arruinado, creio; afferrolhado sem duvida! »

Não se póde mais expeditamente aviar a gratidão.

Temos esgotado o capitulo dos costumes da alta civilisação: comecemos a esboçar o das maneiras; merece ser estudado. A grande base dos principios que a alta civilisação ostenta é procurar cada qual seu prazer por toda a parte sem estorvar o prazer dos outros: egoismos que se encontram e se poupam. Um pacto entre todas as personalidades para gozarem da vida sem se prejudicarem; fazer pouca bulha, occupar pouco logar; ter considerações por aquelles que estão presentes, e especialmente por seus visinhos; tratar tudo superficialmente sem em nada insistir; indicar tudo sem provocar nenhuma discussão violenta; parecer indifferente a tudo, e mesmo um pouco enfastiado de tudo, desfazer este artificio sob apparente ingenuidade, sob uma perfeita facilidade de commercio: tal é a sociedade, taes seus preceitos e sua pratica. Confesso que ha alguma cousa de interessante n'esta voluntaria e tacita subjeição as leis da sociedade geral. È o que Burke chama mui bem uma altiva e honrosa subordinação.

Porêm o arbitrario d'estas leis me fez algumas vezes pasmar; e quanto mais se sobe a escala da grande civilisação, tanto mais extravagante parece o seu capricho. A singulares delicadezas se misturam grosserias convencionadas, que são o typo da ordem e como que o symbolo da alta civilisação. Ora é uma giria especial que ao mesmo tempo offende a decencia e o bom gosto, ora é uma multidão de pequenos usos displicentes e incivis, cuja baixeza buscam elevar sómente para se distinguirem do vulgo.

Quererão acreditar-me quando affirmo que uma joven senhora da classe mais elevada se compraz, quando conversa com as duquezas e condeças que recebe, em alliviar, esfregando violentamenta as costas, o prurido que lhe causa a extrema delicadeza de sua cutis? Ella estava entregue a esta agradavel occupação, quando em sua presença se serviram das seguintes expressões: « O homem de que fallaes casou-se com uma mulher encantadora. »

Ella estremeceu, suas sobrancelhas se encresparam, todos os

nervos se lhe arripiaram: terieis dito que ella acabava de pisar sobre uma serpente. Na bôa sociedade, as palavras *homem* e *mulher* são proscriptas; deve-se dizer uma *pessôa*. As singulares convenções que brotam do meio d'este costumes ficticios vos prohibem hoje, por exemplo, de meterdes, quando comeis, vossa faca na bôcca e vos permittem que encosteis os cotovêlos sobre a mesa, assim como eu via recentemente praticarem duas honradas personagens que vinham de passar tres mezes em casa do rei da moda e mestre actual do bom tom.

« Reparastes para elles? perguntou o dono da casa, que ainda não tinha chegado ao mesmo grau de requinte social.

— Reparei, os cotovêlos sobre a mesa desde a sôpa até a sobremesa, é uma moda nova importada da casa de lord ***. »

Tres dias depois, duas outras personagens que sahiam do mesmo foco de civilisação passaram uma hora em casa de um respeitavel ecclesiastico sem tirarem o chapéo: nova moda vinda do mesmo logar, importada do mesmo centro. Uma algarevia singular, que todos os mezes muda, compõe, para uzo da gente civilisada, um diccionario, ou, antes, uma giria que os caracterisa tanto melhor quanto é mais trivial. Ha certas vogaes que se não devem pronunciar, certos epithetos grosseiros que se adoptam, certos proverbios de que cumpre fazer uso; este é o cunho do bom tom.

Passemos ás classes secundarias. A civilisação as affecta diversamente. Em vez de fazeal-as adoptar algumas pequenas usanças exclusivas, exalta-as, engrandece-as e enche-as de riquezas. Imprime-lhes um movimento de ascensão permanente. Antes de se depravarem como os habitantes das regiões superiores, cumpre que se elevem a seu nivel. Para isso grande lutta, concurrencia formidavel. Varios cahem e se precipitam n'um abismo sem fundo. Outros se elevam e ficam ricos, poderosos, gente da moda. Qnanto mais se aperfeiçôa a civilisação, tanto mais a accumulação dos capitaes, o accrescimo da habilidade mechanica, o aperfeiçoamento dos meios, a extensão do credito, a variedade dos methodos de fabricação ou dos modos de commercio, influem sobre as classes medias, aquellas que, em vez de viverem de suas terras ou de seu reddito, vivem do interesse do capital.

A fermentação social é portanto muito activa. N'uma tal época, para as regiões superiores, trata-se de improvisar os prazeres e de os multiplicar, variando-os; para as classes medias, trata-se de grangear fortuna na carreira, afim de em bre-

ve se conseguirem os mesmos gozos reservados ao pequeno número. A modesta lentidão do antigo commercio é substituida pela violencia da especulação arriscada: o commercio de outro tempo era cousa honesta e paciente; a especulação de hoje é, ou uma velhacaria expedita, ou um lance de dados brilhante. A prudencia do commercio assegura lucros mediocres; a especulação promette beneficios eventuaes, porêm immensos: é a avidez do commercio misturada ao furor do jogo. Não espereis do especulador, commerciante aleatorio, o cuidado de bem comprar e bem vender. A perfeita probidade, calculo excellente para se alcançar o credito, a escolha dos objectos vendidos e a moderação no beneficio total não lhe pertencem. Deixae ao pequeno negocio do outro tempo essa marcha lenta e essa pesada bagagem de escrupulos incommodos. Nós caminhamos com muito maior presteza.

O negocio mesmo assenta hoje sobre nova base. O negociante, transformado em jogador, lança sobre a mesa de jogo todo o seu capital; e não é tudo, joga ainda o futuro de seus lucros possiveis. Um dos processos sobre que tem girado o commercio em Inglaterra merece ser referido. André saca sobre Clemente e Clemente sobre André, obrigando-se ambos a resgatar suas letras no dia do vencimento, a acceital-as como dinheiro de contado, ou a pagar a differença si a houver. O valor ficticio que elles hão assim creado lhes aproveita a ambos um momento. Os banqueiros são com isso illudidos, as lettras circulam, não são protestadas, o credito se estabelece, a especulação abre suas vastas azas, não ha mais limites ao capital de que se dispõe. Uns ganham milhões, os outros se perdem e se arruinam. Conheci duas casas de commercio que assim se emprestavam mutuamente a enorme somma de 40,000 lib. por anno: uma d'ellas dava 750 lib. de ordenado ao caixeiro encarregado de pôr em acção esta formidavel alavanca; quebrou: a outra chegou á opulencia. Universalmente reprovado, este meio universalmente empregado, fez mais que prejudicar ao commercio. Introduzindo n'elle a fraude, destruiu a bôa fè, o respeito do commercio por si mesmo e a moralidade do negocio: o jogo invadiu tudo. Extensão forçada, desenvolvimento ficticio, ainda alguma actividade por uma concurrencia violenta levada até o furor.

Verdade é que se levantaram gigantescas fortunas. O que é hoje a aristocracia? onde está ella? mostrem-m'a! Este pequeno aristocrata, filho de um baronete, vale acaso o homem que dis-

põe, graças ao commercio, de um capital que faria viver um rei? Em 1835, o dividendo de uma só casa de commercio de Londres foi de 200,000 lib. Conheço uma que vende por dia 14,000 lib. de generos. Um dos numerosos socios de uma fabrica de cerveja da capital tira d'esta empresa 40,000 lib., anno commum; um fabricante de pianos de Londres ganhou n'um anno, pagas todas as despesas, a somma de 90,000 lib. É esta a aristocracia do dinheiro, dizei-me? Entre os gozos que se compram, haverá um que esses homens não possam pagar? Por ventura o nobre de nascimento dispõe das forças prodigiosas que o senhor suzerano da riqueza deve á accumulaçao do capital, á potencia mechanica, á rapidez do locomoção, á facilidade de adquirir e augmentar seus conhecimentos industriaes? O que è hoje o aristocrata opulento comparado com o aristocrata da opulencia? O parlamento se abre a este ultimo; elle tem seu palacio no bairro nobre, seu castello na provincia, faz sua viagem annual á Italia, toma as aguas de Bade ou de Tœplitz, possue um cozinheiro admiravel, esplendidos salões, alfaias de custo, e dá magnificos banquetes.

Que falta aos festejos do mercador que ha fundado sua fortuna ou que cura de fundal-a? Eis-aqui: um ou dous *exclusivos*, isto é, o pequeno numero de pessôas de que fallámos, e que tem por profissão e se vangloriam de não dizer sinão certas palavras, de não fazer sinão certos gestos e de não frequentar sinão certas casas. A linha de demarcação se estabelece sobre miseraveis differenças pouco sensiveis, sobre pequenas maneiras que se não podem adquirir no balcão nem na praça do commercio. Entretanto, duas cohortes inimigas disputam entre si a precedencia: uma com effeito mais poderosa e mais activa; a outra mais desdenhosa e mais invejada. Todo aquelle que não recebeu dos acontecimentos e de seu nascimento a verdadeira educação aristocratica tentará de balde salvar o circulo imaginario da antiga aristocracia, a muralha de bronze com que se circumda a nobreza de raça. As duas classes se approximam, mas para se odiarem, não para se confundirem. O verdadeiro fidalgo é um regulo que tem sua côrte, seu trem de casa, seus aduladores, que só vê a seus iguaes, diante do qual os outros se prostram, que é sempre escutado quando falla. Joga sobre veludo; só o seu titulo o iguala ao mais poderoso. Tratado com deferencia pelos homens de sua classe, paga-lhes attenções com attenções. Sua vida não é huma lutta, e sim uma victoria. Perdoar-lhe-hão a profussão e estouvamento, não

a avidez e avareza: permittir-lhe-hão que intrigue, não que enthesoure.

A vida do mercador não è a mesma. Elle tem o lucro por fito; combate de rijo para alcançal-o. Todas as suas conversações são luttas de interesse; seja elle honrado, é tudo quanto d'elle podem exigir; generoso, ficaria perdido. O ganho, que resume a idéa de todos os gozos positivos, o absorve inteiramente. Seu tempo é precioso. Perderá elle seus minutos que são oiro? gastal-os-ha em vãas conversações, em prazeres elegantes, porêm custosos? Sua moralidade não será peior, mas suas maneiras tem sempre o cheiro do armazem e do balcão. Tive, a este respeito, uma conversação assaz picante com um celebre viajante.

« Nunca, me dizia elle, conheci mercador ou homem de negocios que fôsse, como dizem, *homem polido.*»

— Permetti que vos cite F. B., que tem interesse n'uma casa de banco, e cuja cortezia me parece perfeita.

— É um engano. A semana passada jantei com elle; na vespera tinha jantado em casa do marquez de S..... Durante o jantar que nos dava este ultimo, um joven advogado achou excellente a lebre, e fez o mais pathetico elogio da caça do marquez. « William, disse immediatamente o nosso hospede, voltando-se para o seu mordomo, tereis cuidado de mandar ao Sr. Willby lebres de minha caçada e de bem escolhêl-as. » O advogado, com effeito, recebeu suas duas lebres por semana durante toda a estação. Que teria feito o nosso amigo F. B., o meu amphitryão do dia seguinte? Teria computado o valor das duas lebres por semana, e houvera chegado a este resultado mui judicioso, que 4 schellings todos os oito dias equivalem a 10 lib. 8 schellings por anno. « Snr., lhe dizia um dia seu jardineiro, temos duas vezes mais damascos, pêras, e avelãas do que carecemos; que devo fazer d'isto? — Vendêl-os-hemos, respondeu elle logo: quanto póde isso produzir? » O marquez não teria deixado de dizer: «Escolhereis os mais bellos para o Snr. conde de..... e lh'os mandareis, etc., etc., etc. »

Tal é a influencia dos habitos; é indelevel. As novas idéas liberaes não têm podido operar a fusão ou mesmo a alliança dos dous principios. O commercio tem feito usurpações á nobreza, sem lhe tomar seus characteres distinctivos; o espirito de negocio tem penetrado a aristocracia, sem lhe dar as qualidades do mercador. As substancias se misturaram como n'uma operação chimica, sem se poderem transformar n'uma substan-

cia homogenea. As classes superiores se abaixaram, sem que as classes inferiores se tenham elevado. Duas insolencias contradictorias, a dos avós e a do dinheiro, ergueram a cabeça a um tempo. As liçōes da revolução franceza foram perdidas. A educação tem augmentado sem interrupção o poderio das classes medias; capitaes accumulados têm provocado o luxo e impellido os homens aos gozos rapidos e passageiros. A paz reduziu o valor dos objectos e alentou este movimento: viu-se nascer um modo de sociedade de que não tinha tido exemplos a Inglaterra. Tudo estava transtornado sem mudança apparente, sem abalo; porêm tudo vacillava nas profundidades sociaes.

Os esforços dos grandes negociantes se dirigiram então para a imitação das classes nobres; imitação incompleta e impossivel. O commercio secundario os seguiu de perto. Observae a vida do logista que arranja bem seus negocios: deixa o balcão para se pôr á mesa; o jantar para ir á opera ou ao concerto. Seus filhos e filhas são educados quasi como os filhos do aristocrata e do banqueiro. Os filhos tornam-se activos, vigilantes, methodicos, interesseiros, acerbos; sabem vender e comprar, calculam, combinam: sua intelligencia, aguçada para o commercio, se occupa pouco de litteratura e de artes. Quando n'isso fallam, não é mais que algaravia; a mór parte se recrêam no theatro ou jantando bem. Entre as mulheres da mesma classe encontraes infinitamente mais gosto, mais conformidades: não são absorvidas pelo negocio, fallam muitas vezes tres ou quatro linguas, e recebem liçōes dos mesmos mestres que formaram as duquezas e viscondeças. Muitas vezes estes mestres cultivam os talentos das mulheres da loja com muito maior desvelo do que os das mulheres nobres. Estas ultimas se prestam com uma paciencia que é resultado de seus habitos, das idéas de familia, do seu desejo de brilharem: esta é sua unica distincção. Os artistas, que se acham mais ao nivel com ellas, lhes dão liçōes mais proveitosas. O orgulho das pessôas da loja é feliz com esta educação aristocratica: ellas comparam exactamente, podeis crêl-o, o gosto da cantoria e as pinturas da marqueza com as obras e talentos das plebéas.

« Como pódem elles julgar-nos, dizia um dia certo visconde moço, elles que tão miseravel e vivamente declamam contra nós? Que sabem elles de nossos costumes e idéas?

— Muito mais do que pensaes, lhe respondi. Fallaes na camara dos communs, e elles sabem que instrucção tendes, até

onde se estende, onde se limita. Encontram-vos no mundo e vos contemplam nos logares publicos. As menores circumstancias de vossos dias e noites são registradas nos jornaes, vossos nomes e discursos lhes chegam incessantemente aos ouvidos. Conhecem-vos melhor do que vós mesmos vos conheceis. »

A aristocracia vae-se destruindo por si mesma. Cada profissão quer elevar-se, está descontente do logar que occupa e aspira a uma posição superior. Uma longa serie de avós, heroicos antepassados, uma riqueza bem adquirida por serviços publicos, por façanhas militares, pela probidade da familia, principiam a occupar pouco logar verdadeiro n'uma sociedade que cede á influencia democratica. Dous valores servem agora de medida á capacidade de um homem: o merecimento pessoal e a fortuna. Compara-se o homem da classe media com o homem da classe aristocratica, que em presença de uma ociosidade frivola e de uma altiva incapacidade ponha seus esforços perseverantes, o habil emprego que fez de seus recursos e a lutta que ha sustentado: julga-se degradado. O desprezo, a inveja, o descontentamento, se apoderam de seu coração. Não ha mais laço entre as subdivisões da sociedade. Tudo se torna ajuste, compra, luvas. Trata-se de tomar cada qual todas as suas vantagens, de enganar, si é preciso, mas sobretudo de adquirir. Tudo se avalia, tudo tem sua tarifa. Podeis arruinar-vos ou fazer fortuna: fazei fortuna, estará provado o merecimento. O que é hoje para nós um homem de talentos, si este talento é pobre? O que é mesmo um arcebispo, si ao respeito moral inspirado por sua profissão não unir esse respeito, muito mais solido, que se estende sobre os degraus de cinco, dez e quinze mil libras sterling de renda?

Ha trezentos annos um monarcha apenas tinha camisas; sua mobilia era esplendida e incommoda. Os ladrilhos de seus palacios eram juncados de folhagens verdes. Ha hoje mercadores que possuem mais oiro do que esse pequeno soberano possuia cobre, e que se rodêam de gozos que seu reino inteiro não houvera comprado. Assim tende a riqueza a desthronisar a aristocracia. Onde se deterá sua conquista?

Temos fidalgos que podem despender mil libras sterling por dia. Recentemente, o filho de um fabricante de rodas de carruagem, estabelecido n'uma cidade de provincia, legou um milhão de libras sterling a seu filho, bravo official da marinha real. A influencia d'estes exemplos os torna mais frequentes: procura-se concentrar a opulencia sobre uma só cabeça e crear

grandes casas. Um ministro reformador convinha, ha dias, « que era de mister conceder ao rei de Inglaterra uma lista civil de duas mil libras sterlinas por dia, para que a magestade real se não abattesse abaixo das fortunas particulares. » A administração e emprego d'estes immensos redditos absorverão necessariamente um espaço de tempo, uma somma de attenções e vigilias que têm de ser subtrahidas aos trabalhos do pensamanto, ao amor das artes, ás investigações intellectuaes. Todo o mundo não se assemelha ao philosopho Cavendish, simples em seus gostos e pouco cuidoso de sua immensa fortuna. Um dia, vae seu banqueiro ter com elle em seu laboratorio de chimica, e lhe diz:

« Tenho, que vos pertencem, sommas consideraveis e que dormem desde muito tempo. Que farei d'ellas? Devo empregal-as? — Empregal-as?.... Empregae-as! »

E voltou a seus fornos.

Completemos a observação d'estes phenomenos, descendo até as classes inferiores. *Saber é poder*, disseram-lhes; e esta lição, elles já a sabem de cór. Bastou-lhes, para d'isso se certificarem, lançar os olhos pela lista dos ministros que têm governado o estado de sessenta annos para cá. *Pitt*, *Dundas*, *Jenkinson*, *Perceval*, *Peel*, *Canning*, *Spring-Rice*, não se elevaram sinão pela força da intelligencia, não pela influencia da aristocracia. Si não é raro encontrar filhas de mercadores sabendo musica, pintura, francez e italiano, é igualmente commum ver operarios instruidos e illustrados, leitores assiduos dos debates parlamentares, conhecendo seu valor e sabendo usar d'elle. A consciencia d'esta importancia redobra sua força. Elles não ignoram que, em muitas circumstancias, sua acção é positiva e poderosa, e augmentam-a todos os dias. N'uma de nossas cidades manufactureiras, os operarios fiandeiros não estavam de intelligencia sobre o salario com os manufactureiros. Houve processo: os chefes da manufactura pediram ao advogado escolhido pelos operarios que viesse conferenciar com elles, afim de conhecer suas intenções precisas, seus argumentos e suas provas. O advogado escuta-os, redige com cuidado o resumo das proposições, submette-lh'o e o commuuica a dous dos principaes operarios. Estes ultimos levam comsigo o documento; tres dias depois, entregam nas mãos do conciliador um memorial de seus motivos, tão claro, tão elegantemente escripto, tão forte de raciocinios, apezar da energica simplicidade que attestava a authenticidade de seu tra-

balho, que os donos foram obrigados o subjeitar-se a estas razões. Acceitaram as condições dos operarios, e confessaram que só elles haviam estabelecido a questão debaixo de seu verdadeiro ponto de vista. Tudo pois se arranjou amigavelmente; ambas as partes adversas cederam: depois d'esta época, a fabrica não tem cessado de prosperar.

Este desenvolvimento democratico foi ainda ajudado pelo bill da reforma. O respeito das raças se extingue: aprecia-se tamsómente a fortuna, ou a intelligencia applicada á acquisição da fortuna. Tudo induz os membros da aristocracia a adormecerem e se enervarem; tudo estimula as classes medias e as excita a se esclarecerem, a se elevarem, a se instruirem. O que me admira, já não é ver estes ultimos conseguirem a consideração e o poder, é sim observar a energia defensiva da nobreza, sua resistencia obstinada e a fronte ameaçadora que oppõe a seu inimigo. O impulso intellectual é immenso, e dá entretanto mediocres resultados. Sabe-se tudo e não se sabe nada: a ignorancia é vergonhosa e o profundo saber se torna raro. Em todas as subdivisões dos conhecimentos humanos achaes tantas cousas que aprender, tão numerosas conquistas que fazer, tão grande montão de materiaes que revolver, que vos fallece o animo. Muitas vezes nos satisfazemos com um ramo que cultivamos, com um veeiro que percorremos. Este profunda os lepidopteros, ou se applica toda a sua vida ao conhecimento dos gurgulhos. Ha homens a quem a machina de vapor absorve, outros que vivem na etymologia e nas raizes saxonicas. Os homens mais notaveis sentem a necessidade de reunir todas as doutrinas e todos os factos em alguns pontos geraes e culminantes, de abraçar o todo e penetrar as relações. Estes ultimos trepam a montanha e descobrem todo o horisonte; mas qual o olhar de aguia que abarcaria os pormenores, collocando-se sobre cima tão elevada?

Quanto á massa, ella falla de tudo, porêm superficialmente; lê tudo, porêm rapidamente: os costumes se tornam brandos e pacificos, porêm a difficuldade de governar cresce. Todos se civilisam e se esclarecem, perguntam, interrogam, discutem, informam-se. A aquelles que dirigem a sociedade apenas é concedida a liberdade de um só movimento; uma vez destruida a autoridade suprema, sómente resta, para se apreciarem as cousas, um unico criterio: o capricho ou juizo pessoal. Não ha mais verdades acceitas, não ha mais axiomas admittidos. A conversação é um circo franqueado a todos os paradoxos: que digo? nada é paradoxo,

pois que nada é verdade. Póde-se pensar tudo, dizer tudo e julgar tudo, rever todas as sentenças e atacar todas as doutrinas. Novos casuistas despertam incessantemente novas súbtilezas. Que vôo e que movimento dado a todos os pensamentos! que agitação brilhante e confusa! que febre de pretenções e desejos! Os espiritos se atiram para tudo quanto os seduz, as almas orgulhosas pedem continuamente novos gozos de vaidade; poucas pessôas desejam ou acceitam um posto tranquillo, um emprego serio, uma occupação grave e pacifica. Cumpre andar sempre e andar depressa: assim rolam, com uma energia e precipitação que se augmenta de continuo, as vagas de uma civilisação cujo pendor e curso se vão tornando mais rapidos e violentos, á medida que fogem os séculos.

O resultado mais singular da situação é que cada qual, por suas luzes e sobretudo por seus desejos, está dous ou tres graus ácima da situação que occupa. Todo o mundo quer tirar a sorte grande na loteria da vida humana. Esta rapariga de pés pesados, mãos largas, costas arqueadas, olhos vesgos, talhe deforme, aprende piano, composição, pintura, talvez algebra, para desposar um lord e ter sua caleça: é uma plebéa, e sua familia nunca possuiu 200 lib. de renda. D'ahi, essa população de velhas solteiras que entulham a Inglaterra: poderieis formar uma colonia. Quem casará sua filha com um homem de merecimento, mas pobre? Ninguem. Esperam: as horas arrebatam os annos, e a rapariga nunca se casa. Tal organisação social é fecunda em descontentamentos, em dôres secretas; esta lei de progressão a que todo o mundo obedece, em vez de dar paz e virtude, traz comsigo cuidados e vicios. Os philosophos que tentem resolver este doloroso enigma.

É certo que hoje o homem se affadiga mais e não vive menos, como si o metal de que é feito se gastasse muito mais ainda pela ferrugem e ociosidade do que pela actividade e emprego. Não ha certeza de que a situação moral do homem se tenha tornado melhor; mas as artes da vida, a parte material de nossa existencia, têm-se maravilhosamente desenvolvido. Podemos ser menos felizes, estar mais inquietos, mais enojados; porêm, seguramente, vivemos melhor: nosso deitar é mais dôce, nossas carruagens mais bem suspensas, nossos gozos physicos têm augmentado. As massas, dirigindo-se para um mesmo fim, emquanto os individuos consagravam toda a sua energia no cumprimento

de um dever especial, deram ao bem-estar gigantesca progressão.

Em 1688, o reddito da nação se elevava a 43,000,000 lib.; em 1812, Colquhoun o avaliava em 420,000,000: provavelmente hoje consta de mais de 620,000,000. Davenant, no reinado de Jacques II, levava o imposto a 2,000,000 lib., e accrescentava que o commercio e as manufacturas não eram capazes de sustentar mais pesado fardo. Pelo fim da ultima guerra, o nosso imposto era quarenta vezes maior que esta somma; supprimimos a metade, e o nosso paiz parece mais descontente do que então estava. Contradicção apparente: um imposto leve parece mui pesado a uma nação constrangida em seus negocios; um imposto pesado não é nada, quando superabunda o dinheiro: a riqueza superflua é quem deve fornecer o imposto. «Na época da revolução de 1688, como mui bem diz Sinclair, causava-se mais damno ao povo com o exigir-se d'elle um só schellim por libra sterlina, do que hoje com prival-o de quatro schellins sobre a mesma libra.» É pórque, na èpocha de que fallamos, todo o dinheiro de um cidadão era consagrado aos misteres da vida; o imposto o obrigava a uma privação real: hoje a privação é ficticia e o padecimento apenas sentido. Si ha queixas, é sobretudo por causa da propagação das novas doutrinas, que fazem considerar todo o governo como um ladrão e toda administração como espoliadora; é tambem entre nós uma consequencia d'esses velhos odios religiosos que nada tem podido apagar. «Porque, pergunta com bastante razão o *dissenter*, serei eu forçado a pagar um ministro anglicano, cujas doutrinas me são odiosas e que me não serve para nada?»

A educação tão gabada hoje, tão geralmente diffundida, o que tem ella produzido? Tem, como ácima vimos, augmentado a somma de intelligencia e a decencia exterior das classes secundarias. Esse é o unico resultado visivel d'este grande movimento civilisador. A força está substituida pela astucia; ha mais cautela e menos affoiteza. Até o presente, esta diffusão dos conhecimentos tem augmentado a astucia e os recursos das ultimas classes, derramado a inveja, o descontentamento e a raiva na classe immediatamente superior; emfim, tem executado essa fatal desunião de todas as ordens sociaes. Confesso a potencia da imprensa; não convenho porêm que seja ella sempre salutar. Creio poder affirmar que um capital de cem mil libras sterlinas alimenta em Londres a publicação de livros obscenos, com es-

tampas dignas d'esses livros, que se vendem muito em conta, e que agradam principalmente á classe de que acabo de fallar, e cuja educação rematam.

Sendo a intelligencia um poder e a fortuna um alvo, milhares de semi-sabios se fazem autores; um grande numero de filhas de mercadores e operarios, elevadas ácima de sua profissão, fazem-se mestras, damas de companhia, aias novelleiras. O grande numero de mulheres educadas para as artes liberaes, e reduzidas por sua carencia de fortuna a procurar meios de existencia em seus conhecimentos pessoaes, entulham a estrada commum em que se lançam. Conheci mestras a quem se davam cem libras sterlinas por mez; conheci outras a quem apenas se davam mesa e cama, e que se não achavam assim ao nivel de um bom criado. Ellas não podiam deixar de comparar sua situação com seu saber, suas pretenções com sua educação. Que amargor derramado em sua vida por tão doloroso contraste! A sensibilidade se exalta, a altivez cresce, as esperanças são brilhantes; em breve a vida se lhes obscurece: apoderam-se d'ellas o tedio, a consumpção, o desgosto. Resultado terrivel do estado de sociedade em que vivemos são por certo esses milhares de descontentos produzidos pela desproporção entre as necessidades e os desejos, entre o passado e o presente.

Attribuo tambem muita influencia á falta de nexo entre os amos e criados, entre os subalternos e chefes. Estes pagam e mandam, aquelles recebem e obedecem; porêm a autoridade moral está destruida, já não existem a confiança e vigilancia. Despedimo-nos do ultimo destroço da vida patriarchal. O rendeiro mesmo vive separado da gente que emprega. O mercador se separa de seus aprendizes: uma vez quebrada esta cadêa importante e moral, nada retem os homens dedicados á condição domestica; suas horas vagas são livres e consagradas ao vicio. D'ahi essa insolencia, esse desdem pela decencia e pelos deveres, essas depredações, essa violencia que characterisa a classe de que fallamos. Ella figura em primeiro logar na lista dos delictos; a indifferença do amo engendra o mau comportamento do servidor. Ha grande numero de criados muito instruidos, si tomaes a palavra *instrucção* no sentido vulgar; mas essa instrucção nada é sem os agentes moraes que a desenvolvem e tornam proveitosa: em vez de produzir beneficio, produz damno; em vez de ser util, é perigosa.

Si o criado se affasta do amo pela insubordinação, approxi-

ma-se-lhe pelo trajo. Todo o mundo veste da mesma maneira: não se póde advinhar o logar occupado por cada um dos membros da sociedade. A grande fecundidade da producção lança no mercado uma multidão de vestuarios de acaso, ainda quasi novos, que o povo torna a comprar, e que dos hombros de um principe passam aos de um plebleu; por isso a ordem, na sociedade actual, se revela muito menos pelo trajo do que pelo modo de o trazer. Ha criadas graves que se não differençam de suas amas. Todos os dias se lê nas folhas publicas: « Uma môca, muito bem vestida, acaba de ser presa pela policia; é suspeitada de furto ou de cumplicidade. » No domingo, todas as classes que se acotovelam em Hyde-Park estão vestidas da mesma maneira. A elegancia dos enfeites, a escolha dos trajos, exercem sem duvida nenhuma uma feliz influencia sobre os costúmes e idéas. Estes se adoçam; o homem é mais sociavel, menos arrogante, mais disposto a agradar. Quasi não imagino um homem que jogue o socco em mangas de camisa de renda e colete de setim, nem uma mulher que grite como uma regateira sob a manta de seda que lhe cobre os hombros. O esmero no trajo sympathisa muito melhor com o artificio e gatunice do que com o homicidio e violencia; por isso é que os vicios que emanam de força bruta são hoje muito menos frequentes do que aquelles que têm por movel a astucia e a perfidia. « Deseja-se muito e obtem-se muito, » segundo a definição que da felicidade publica deu Burke. Mas tambem, para ser contrapesada esta vantagem, mister é accrescentar que se furta muito; e os progressos do commercio e do espirito de lucro estão longe de corrigir esta tendencia.

Qual é o resultado definitivo? Uma melhoria moral até aqui muito incerta; um desenvolvimento intellectual incontestavel, porêm que se applica muito mais aos cuidados da fortuna do que á philosophia e cultura das artes; o accrescimo incalculavel das riquezas e da marcha sempre progressiva que a industria, o bem-estar, o commercio, os gozos, os deleites, não poderão deixar de seguir. Varios escriptores modernos, maravilhados d'esta marcha ascendente, traçaram o retrato do futuro com côres tão brilhantes, que o esplendor e magnificencia dos quadros de Martin teriam difficuldade em igualal-as. Recentemente, o Snr. Morgan, em uma novella intitulada *a Revolta das Abelhas*, fez a utopia completa das futuras idades taes quaes as deve um dia fazer a industria. Os recursos da magia não têm

nada de mais brilhante do que esta magia natural, resultado dos esforços e dos capitaes de varios seculos; porêm, quanto mais melhorada houver sido a condição physica do homem, tanto mais necessario se tornará augmentar sua moralidade. Até agora, multiplicando nossa capacidade de gozos, não temos achado o segredo de fazer com que nossa capacidade de felicidade siga igual proporção: porquanto os gozos são uma excitação e não um estado permanente; uma febre, e não um estado de saude. Quanto mais o homem se embriaga com esta beberagem, tanto mais exposto se deixa ás dôres da vida. Quanto mais se lhe ha dado, mais elle exige; e assim como o instrumento musical que se acha guarnecido de innumeraveis cordas, dando vibraçõe mais multiplicadas, conserva menos facilmente a consonancia, póde-se tambem dizer que a nova sociedade, possuindo muito mais recursos, offerece ao homem politico e ao philosopho um phenomeno muito mais complexo e de mais difficil resolução.

(New-Monthly Magazine.)

POLITICA.

IDÉAS A'CERCA DA ORGANISAÇÃO E CONVENIENCIA DE UM EXERCITO PERMANENTE NO BRAZIL.

A QUESTÃO da conveniencia de um exercito permanente é reputada como resolvida pelos governos em geral; mas os differentes escriptores e politicos restringem mais ou menos a força d'esse exercito, e mesmo alguns vão até negar a conveniencia da força armada permanente e assoldadada: estas

differentes opiniões, com especial applicação ao Brazil, trataremos de elucidar brevemente.

A' medida que as artes e sciencias se vão aperfeiçoando, vae apparecendo a conveniencia, e mesmo a necessidade de restringir a applicação especial de cada individuo, formando assim, até nas ultimas divisões industriaes, o grande e geralmente reconhecido principio da divisão do trabalho: esta divisão do trabalho torna os homens, mesmo os de mais acanhada intelligencia, habeis para a execução de muitos objectos importantes, ou ao menos para a sua confeição rapida e perfeita, por tal modo que um homem mais intelligente e industrioso debalde tentaria concorrer em execução, uma vez que se desse habitualmente a trabalhos de differente natureza. Alêm d'isto, o uso de fazer ou de fabricar um limitado numero de cousas dá uma pericia e economia de tempo, desconhecida nas manufacturas ou misteres multiplos.

Estes principios de verdade incontestavel e geralmente conhecidos são cada dia mais applicaveis á profissão das armas, que forma um officio especial que nenhuma analogia tem em seus meios com os pacificos exercicios industriaes, nem tão pouco em sua disciplina com outras profissões, aliás tambem arriscadas. Com effeito, si os grandes principios da arte da guerra têm sido, são e provavelmente serão sempre os mesmos, como muito judiciosamente observa o general *Jomini*, os meios que se empregam para se chegar á applicação d'esses principios estão em constante variação: as artes e sciencias, prestando o seu soccorro ás armas, aperfeiçôam diariamente os meios de aggressão e de defensa, de modo que é necessario que uma profissão especial archive, regularise e execute os inventos que com tanto trabalho foram achados no seio da paz, ou descobertos com tanto perigo no campo de batalha. Do exposto fica bem visto que, se ha possibilidade de guerra, a existencia de um exercito permanente é elemento indispensavel da existencia de uma nação.

Argumentam muitos que a existencia de um exercito permanente, forte em seu pessoal, material, e organisação é mais uma probabilidade de guerra, e nós diremos com outros, que ao contrario é elle um fiador da existencia da mesma paz. Com effeito, si uma politica, toda interna, nos não tivesse feito vilipendiar, desmoralisar, e finalmente pulverisar o nosso exercito, teriamos nós tão longas e deshonrosas negociaçoes com a

França, ácerca da occupação do Oyapock? negociações, que continuando esse systema destructor, não poderiam deixar de nos levar ao abandono de uma parte do nosso territorio, até que o quizessem todo, ou a uma guerra, que nesse caso não poderia ser feliz, si é que ha guerra feliz! Querem organisar um exercito, porém todos os meios são tardios, e mesmo infructiferos, quando o cidadão que se dedica ás armas, sabe que uma conveniencia momentanea o chama e anima na occasião do perigo, mas que muitos desses mesmos que hoje o festejam, tem o principio de que a existencia de um exercito permanente em tempos ordinarios é perigosa; quando a nossa legislação tem successivamente quebrado os encantos que ligavam tantos ao officio de offerecer sua vida pela patria; quando finalmente os poucos meios que se dão aos militares, condemnam á penuria os defensores da nação. Ora, como é necessario mais tempo, força, capacidade e perseverança para organisar, do que para destruir as obras dos homens, tememos que os principios de justiça, conservação, e conveniencia do estado sejam ainda por muito tempo desprezados. Um exercito não se organisa em dias e mesmo em poucos annos, mesmo em populações numerosas dadas ás armas e endurecidas por trabalhos asperos na paz; o que diremos do nosso paiz? Aqui só as honras, a consideração dos governantes e do povo, é que podem levar á nobre profissão da guerra os homens robustos, que tão facilmente ganhariam honesta subsistencia no trabalho da paz, e os moços intelligentes e determinados, que nas letras ou no commercio teriam uma vida mais lucrativa e socegada.

Si o exposto é indisputavelmente verdadeiro para o exercito em geral, ainda mais importante se torna para as armas denominadas especiaes, que são as scientificas e a cavallaria: a disciplina, difficil de aprender a ponto de se tornar um habito, é um estado violento, que portanto só se póde adquirir com o tempo, com o estimulo e com a honra. Em um povo civilisado não é facil achar quem, pelo simples attractivo do modico soldo, arrisque a cada momento a vida e passe uma existencia isolada, cercada de trabalhos duros e de privações,

> Soffrendo os torpes frios no regaço
> Do sul, e regiões de abrigo nuas;
> Engolindo o corrupto mantimento
> Temperado com arduo soffrimento. *(Cam.)*

Ha tambem quem affirme que, em occasião necessaria, se poderão mobilisar as milicias, ou guarda nacional; mas quem não vê a enorme perturbação que isto deve occasionar em toda a industria do paiz, privando as transacções, entorpecendo o commercio, despovoando as manufacturas: e tudo isto quando? quando o estado carece de desenvolver os seus maiores recursos, quando bem bastam os males de uma guerra. Mas dir-se-ha que assim se fará com que os governos, vendo ante si tantos males provenientes da guerra, não darão o passo de a fazer sem vantagem incontestavel, sinão quando, pesando na balança o pró e o contra, vierem no claro e evidente conhecimento de que tal guerra é vantajosa; mas quem será o juiz, na população, da verdade e certeza d'este como saldo de conta commercial? Os corpos legislativos? Esses são sempre juizes, porque a guerra com tropas, não se podendo fazer sem despesas extraordinarias, negal-as-hão, quando ella não fôr justa, com mais senso e pausa do que uma reacção popular. Demais, quem não vê que tal perda ou quebra, que, considerada em si só, não valeria tal sacrificio, poderia ser causa de maiores males, a que já enfraquecidos e quebrantados não poderiamos oppôr resistencia proficua? Mil homens bem commandados e disciplinados teriam poupado ao Brasil a sua affronta no Oyapock, ao passo que 3 ou 4 mil cidadãos arrancados ás familias, á industria, ao commercio, ás suas relações de toda a especie, seriam ceifados pelas enfermidades inherentes á mudança de clima e de genero de vida, e provavelmente ir-se-hiam fazer vencer por 200 soldados francezes cortados das sesões, mas defendendo-se no seu posto com militar obediencia.

Citam os partidistas da guarda nacional, como unica força armada, os exemplos da historia antiga e moderna em que tropas novas, ou antes levas de cidadãos armados, têm vencido as velhas legiões de generaes experimentados; mas d'estes exemplos são muito raros os que provam a favor de tal opinião, porque as poucas vantagens que se tem obtido só têm sido devidas a acasos felices da guerra, ao apoio de tropa regular, ou a sacrificios enormes da parte das nações.

Nas guerras antigas, vemos que Pyrrho com poucos soldados, mas bem disciplinados, deu longamente que fazer aos Romanos, que só o venceram depois de aprenderem com elle a combater; e note-se que os Romanos eram então um povo semi-barbaro, e como tal dado á guerra. Mas veio o tempo em que estes se disciplinaram, e então nem os mangues e bosques germanicos,

nem o valor dos Gallos, nem os Pyrenneus, nem a indomavel braveza dos Bretões, poderam resistir ás legiões romanas.

Passando á historia moderna: na independencia dos Estados-Unidos, as campanhas dos patriotas foram campanhas desastrosas, ferteis em derrotas, e os Inglezes foram mais quebrantados das victorias que desfeitos nas batalhas; e mesmo, apezar da difficuldade de soccorros da parte d'estes, concordam os historiadores militares que, si não fôsse o auxilio das potencias continentaes da Europa, a America viria um dia a ser independente, mas depois de mais longa lutta, depois de devastado todo o seu territorio, enfraquecida a sua população, e depois que cançados de tão caras victorias os Inglezes cedessem á sua conveniencia: os Estados-Unidos levariam mais tempo em reparar as injurias e estragos da guerra, e não chegariam tão de pressa ao estado em que se acham.

A França, dizem outros, sustentou com seus cidadãos armados a guerra contra as velhas legiões do Norte; mas todos os povos são os guerreiros francezes? Na occasião opportuna haverá esse enthusiasmo de um povo em revolução, esse errado plano dos ignorantes generaes alliados? Assim mesmo corramos ás paginas da historia d'essas campanhas, traçadas pelos mesmos Francezes, e veremos que foram uma serie quasi não interrompida de desastres, de que não souberam aproveitar-se os generaes inimigos, e que as poucas victorias que então se alcançaram foram devidas ao apoio da antiga tropa franceza e dos velhos generaes Dumouriez, Moreau e outros. Só depois que os conscriptos, por mais de uma campanha, adquiriram a disciplina de tropas regulares é que a Europa viu os prodigios que emparelharam a gloria de César, de Annibal e de Alexandre. Soldados aguerridos em cem combates levavam á victoria os novos conscriptos, e decidiam das acções que o ardor dos novos militares encetava. E tudo isto porque? pelo prestigio irresistivel do maior capitão do seculo; mas, quando em Waterloo entestou com a disciplina inabalavel do exercito alliado, commandado por um general habil, cedeu, porque o ardor dos novos conscriptos não pôde ser secundado efficazmente pelas velhas legiões, já diminuidas e envoltas no recuo da onda impetuosa.

Quando os Francezes penetraram na Peninsula, a Hespanha lhes fez a guerra com tropas irregulares, ou ao menos, mal disciplinadas; o campo da batalha ficou sempre aos Francezes. Portugal, á sombra das forças inglezas, ressuscitou a velha e ri-

gida disciplina do conde de Lippe, marchou ao combate em ordem, e as legiões até então invenciveis cederam-lhe sempre o terreno. A Hespanha perdeu mais filhos, viu mais cidades abrasadas, mais campos devastados, com centenares de mil homens em armas para defendêl-a, do que Portugal com diminutas forças, mas bem organisadas, e a gloria da salvação da Peninsula só lhe achou companheiros felizes nos disciplinados Inglezes: retirou-se Massena, o anjo da victoria; eclipsou-se a feliz estrella de Soult, e appareceram os precursores da ruina do colosso moderno.

Demais, onde se achariam os generaes que levassem essas forças tumultuosas de povo indisciplinado á victoria?

O raciocinio e a historia conspiram em provar que o emprego de tropas regulares bem disciplinadas não póde ser contrabalançado por povo armado, sinão em circumstancias muito especiaes, e assim mesmo com sacrificios enormes; e que, em geral, o emprego de taes tropas é indispensavel para uma guerra estrangeira. *E' portanto indispensavel, para a conservação e segurança da independencia nacional, a existencia de um exercito permanente, disciplinado e convenientemente organisado.*

Objecta-se á existencia de um exercito permanente forte, que elle póde ser empregado pelos governantes contra as liberdades patrias; mas diremos, antes de entrarmos em mais desenvolvimento, que a primeira necessidade de uma nação é a sua independencia, e que, emquanto esta se conserva illesa, não ha mal sem remedio. Mas si, ao sentir d'esses escriptores e politicos, o povo armado é bom exercito para fazer guerra ao inimigo nas fronteiras, não será elle muito melhor para, ao abrigo dos seus lares, uniforme em seus sentimentos de indignação vencer seus irmãos perversos ou illudidos? Os delirios de Carlos X acharam obedientes por muito tempo as tropas francezas? Os soldados são nacionaes, e quando as instituições que regem o paiz são conformes ao voto nacional e ás conveniencias do estado, não haja o temor de que elles as derribem, porque foram do povo e hão de ainda tornar a sêl-o, salvo o caso em que as tropas são indisciplinadas ou desmoralisadas, caso que não consideramos, nem se póde dar em um governo regular de qualquer especie.

Pelo que deixamos dito, não se pense que é nossa opinião, ou antes dos scientes e experimentados, que se sustente no seio da paz, em seu estado completo, o exercito numeroso que será necessario em tempo de guerra: isso seria um dispendio de luxo

damnoso ; mas que elle se possa completar facilmente logo que a guerra tenha logar, e então a disciplina dos novos militares muito facilmente se radicará á sombra dos velhos.

Aqui é que tem logar o emprego da guarda nacional, ou dos (tão judiciosamente assim chamados outr'ora) auxiliares. Em logar do exercito recrutar entre homens inteiramente extranhos aos exercicios militares, deve fazêl-o na guarda nacional, porque d'este modo já os obtem com uma idéa do serviço militar e da disciplina, e que, portanto, em menos algum tempo se poderão constituir bons soldados ; mas mobilisar com todos os seus vicios, com os seus officiaes ignorantes da guerra, com a indisciplina que lhes é propria, é ir entregar vidas á espada do inimigo. A guarda nacional póde fornecer soldados para os corpos de linha, e melhores do que o recrutamento ordinario; mas os seus officiaes são, em geral, inhabeis para o respectivo exercicio em campanha, são proprietarios, negociantes, empregados publicos, tirados ordinariamente d'entre os mais abastados e acostumados a consumir no regalo pingues rendimentos, e portanto, em geral, incapazes de arriscar a vida por um officio que não é o seu, e em que são como *curiosos*. É necessario que nada perturbe o militar de fileira no seu genero de vida, é necessario que certas idéas o dominem, é indispensavel, apartal-o de toda a idéa de querer ser rico ; o que tiver familia deve o governo, por qualquer modo, tomar conta d'ella : em uma palavra, o soldado corre o risco pela patria, e é indispensavel que corra tambem inteiramente por conta d'ella.

No que dissemos, não temos em vista excluir inteiramente a guarda nacional dos trabalhos da guerra, mas unicamente formar com ella cospos de reserva que podem prestar grandes serviços, sem tamanhos sacrificios.

Tem querido alguns, e é noção corrente entre os politicos de certa seita, que o exercito de linha não deva ser applicado para a repressão da desordem interna: não sabemos qual seja a causa da preferencia dada á guarda nacional para este fim. Em um dos passados numeros d'esta Revista se acha a traducção de um curioso artigo estatistico-politico ácerca da conta corrente das sedições que vêm em nosso soccorro : si o armamento e mobilisação da guarda nacional acompanhar cada um dos movimentos populares ou perturbações de ordem, estas perturbações tenderão a perpetuar-se, porque, sendo, geralmente, a miseria a causa ou ao menos o meio d'essas desordens, quanto mais se per-

turbar o cidadão industrioso, etc., no desempenho de seus misteres, mais ella crescerá; alêm d'isto, tornamos a repetil-o, o exercito não é tambem nacional? D'onde vem pois o receio dos nossos compatriotas militares? Acaso, em tempos de desordens, convirá dar a alçada da justiça civil a juizes illetrados? Não vemos ao contrario que muitas desordens têm, entre nós, nascido e se tem mantido por falta desses mesmos juizes letrados? A repressão feita por paisanos armados e sem disciplina não deve acarretar comsigo mais excessos? Comparemos os excessos dos soldados de linha com os dos nacionaes que têm sido empregados nas nossas guerras civis, e abstenhamos-no de apresentar exemplos que podem escandalisar alguem, e que todos conhecemos.

Em um paiz como o nosso, em que a fronteira se acha quasi totalmente despovoada, e portanto á mercê dos nossos visinhos, tem lembrado a muito bons patriotas o estabelecimento das colonias militares, e pedimos venia para sustentarmos que para estas colonias guardáramos nós os estrangeiros, excluindo-os inteiramente do exercito de linha, que, segundo o que fica exposto, deve ser totalmente nacional. Poderiamos bem fazer colonias militares compostas de casaes dos nossos indigenas e mestiços commandados por officiaes intelligentes, e para isso seriam muito proprios os engenheiros a quem se dessem certas terras e facilidades de transporte; e seus corpos coloniaes seriam adaptados ás nossas fronteiras do Norte e do Occidente. Quanto ás do Sul, a experiencia nos tem mostrado que seria extraordinaria a vantagem do emprego de casaes de colonos allemães, que nos parece serem os Europes de que a colonisação no Brazil traz mais vantagens: nacionalisam-se facilmente, são moralisados, obedientes, trabalhadores industriosos, ao mesmo passo que faceis de disciplinar e de levar ao combate. Em cada uma d'estas colonias, deveriam haver aulas de primeiras lettras, de desenho geometrico e de moral christãa: tambem seria conveniente estabelecer officinas, para que, regorgitando a producção, se podesse manter a communicação commercial com o resto da população.

Reduzindo a poucas palavras o que ha de essencial para nos constituirmos em estado de defesa, diremos que:

1.º Um exercito permanente, bem organisado e disciplinado, é um encargo do estado; mas que lhe evita damnos maiores, e, com um diminuto sacrificio constante, obsta ás occurrencias de guerra e a mantem com o menor abalo da indusria e riqueza do paiz.

2.° A guarda nacional deve ser empregada sómente nos casos de falta de tropas regulares, ou como auxiliares a estas tropas.

3.° As fronteiras devem ser guardadas e vigiadas por colonias militares, que devem formar corpos regulares, e que devem estabelecer pontos fortificados, que a todo o tempo se converterão em praças fortes e cidades populosas e commerciantes. A resistencia d'estas colonias dará tempo á marcha das tropas regulares para esses pontos.

B.

VIAGENS.

A COVA DE GUACHARA.

No dia 1.° de fevereiro cheguei á pequena aldêa de Caripe, pertencente á provincia de Cumaná, que está 961 varas ácima do nivel do mar, em 10° 10' 14" de latitude septentrional, e 3° 35' 45" a leste do meridiano de Caracas. A sua temperatura é suave e deliciosa no verão e no inverno, em cujas estações se conserva o thermometro centigrado entre 18 e 20 graus de dia, e entre 12 e 14 de noite. A igreja cujas paredes são de pedra solta, e duas compridas fileiras de casebres cobertos de telha, e alguns de palha, compoem a aldêa e fazem recordar os exforços que os Franciscanos aragonezes fizeram, para domesticar á vida social os indigenas que vagavam pelos bosques sem domicilio fixo. O antigo convento onde se reunia o grande capitulo está arruinado, e só existe em pé a portaria.

A aldêa de Caripe, cuja vista é mui pitoresca, está situada em um valle longitudenal, ameno e frondoso, fertilisado pelo rio do mesmo nome que desagua no Golfo Triste, depois de se ter reunido com o canal de S. João. As montanhas de S. Bonifacio e Guacarapo, que ostentam todo o luxo da vegetação equinoxial, e as estereis que circundam o monticulo da Guarda S. Agostinho formam uma carreira pelo lado do norte, emquanto pela parte do sul é terminado pelas serranias escarpadas de Chirigueri e da Cimorronera, das quaes descem rios numerosos cujas vertentes estão abrigadas por grupos de arvores que contrastam admiravelmente com a aridez de seus flancos. As montanhas de Guachara e do Periquito fecham o valle pelo occidente, e por detraz d'ellas se eleva o pico sem vegetação chamado do Purgatorio, que está a 1825 varas ácima do nivel do mar. O tabaco, a hortelãa, a macella e a borragem são produzidos espontaneamente, e nas mais ferteis campinas ha café de um aroma exqnisito, e as outras producções dos tropicos, sem que comtudo deixem de ser miseraveis seus moradores, que, sendo Indios descendentes dos Chaimas, partilham a inercia e preguiça charact·risticas de todos os indigenas.

No dia 2, fiz algumas observaçoes, deixando para o seguinte a visita da Cova de Guachara.

Para allumiar a sua parte obscura, mandei cortar nas faldas do serro do Purgatorio a arvore chamada Palmiche, que é inteiramente differente da conhecida pelo mesmo nome nas outras provincias, de que se fazem faxos. Esta arvore cresce até a altura de vinte pés, com 3 a 4 polegadas de diametro; sendo mui singular que exista unicamente nas circumvisinhanças de uma caverna tenebrosa, que não poderia ser explorada pelo homem, sem anxilio de luz artificial. Os Indios despem a arvore da cortiça, e, com o amago que é fibroso e compacto, fazem fasquias de meia polegada de grossura, e de duas e tres varas de comprimento: são depois postas a seccar em uns fogões que para esse fim construem no vestibulo mesmo da cova e, atando-as com vimes, formam faxos de 6 polegadas de diametro. Cada um d'elles dura uma hora a arder; a sua luz é formosa e clara, e o gaz que exhala é inodoro e sufficiente para a combustão.

No dia 3, ao amanhecer, me puz em marcha, acompanhado pelo juiz de paz o snr. José Lopes, e pelos meus dois companheiros. Durante toda a noite anterior, não tinha cessado de chover um momento: o céo conservava-se ainda enneyoado; choviscava, e

pouco haviamos andado quando cahiu um aguaceiro. O caminho é de duas leguas colombianas na direcção do Poente, contendo a serra do Guacharo: no seu transito passa-se tres vezes o corrego de Caripe; e, logo que se estreita o esteiro entre a mencionada serra e a do Periquito, serpentêa acompanhando a corrente por meio de um monte espesso e quebrado. A final apresentou-se-nos inesperadamente a grandiosa entrada da cova, cuja vista excitou em nós um sentimento de surpreza e de admiração. Os Indios nos esperavam com os seus faxos: fiz descarregar os meus instrumentos; preparei-me com uma corda de 25 varas de comprimento, e ás oito e meia da manhãa comecei as minhas observações.

Em geral as grutas grandes e espaçosas são characteristicas das montanhas calcarias, e por isso não é estranho que uma d'ellas seja a de Guacharo. A serra d'este nome não é de formação primitiva, mas secundaria, e faz parte da cadêa que se estende desde a mesita do Bergantim até á extremidade da costa de Paria, e a sua composição é de rocha calcaria, misturada ora com a argila ora com o calcario alpino ou do Jura. Pela parte do Norte, se encosta na mesita da Guarda de S. Agostinho; ao N. E. um bosque sombrio a liga com a serra do Purgatorio; e pelos lados de Leste e S. O., apresenta faldas suaves, emquanto as do Sul são asperas e escarpadas. Até aos dois terços da sua altura, se vê uma massa inteiriça, coberta de palha, mesclada com grupos de arvores, e se parecem distinguir pedaços de paredes, uns quasi verticaes, e outros parallelos ou em direcções divergentes: no outro terço se observam quebradas, umas esbranquiçadas, e outras azuladas, mais on menos cobertas de verdura, e no cume se eleva um cone despido pelas partes do Ocaso, e do Meio-dia, e coberto pelos lados oppostos de frondosas arvores, das quaes as mais elevadas estão 1739 varas ácima do nivel do mar.

A latitude da entrada d'este espaçoso subterraneo é de 10° 11' Norte, e a sua longitude de 3° 32' ao oriente do meridiano de Caracas. Está 1180 varas superior ao nivel do mar, e excede por conseguinte em 220 varas a altura da aldêa de Caripe. A entrada demora quasi ao S. S. O., e a direcção da galeria corresponde ao N. N. E., tem 31 varas de largura; e encostado á abobada de Oeste, sahe um riacho que se junta alli mesmo com outro que desce da serra do Purgatorio, e juntos formam a nascente do rio Charipe. A figura da cova é de uma meia abobada

perfeita, cuja parte externa está coroada de arvores colossaes; na parede interna lateral do Poente não ha incrustações, emquanto na opposta ha numerosas petrificações, que formam cavidades sobrepostas em amphitheatro, que se elevam quasi verticalmente desde a base. Esta é lisa e humida, mas produz um certo numero de plantas herbaceas nas margens da agua, e outras estão penduradas das incrustações calcarias. De todo o tecto da abobada se desprendem grandes e antigas stalactites de 12 a 14 pés de comprido, e de 3 a 4 de largo, interpoladas por algumas pequenas. É agradavel observal-as com vagar, porque as ha ovaes, circulares, ponteagudas, e outras pendem com a configuração de grinaldas, lavradas com tanta elegancia que parecem antes obras da artes, do que caprichos da natureza.

Caminhando 115 varas, passámos a primeira vez a corrente, cujo fundo é um pouco pantanoso, e já a largura da cova se achava reduzida a 25 varas, e a altura a 22, conservando o mesmo rumo e estructura. Os raios da luz solar, posto que extremamente enfraquecidos, penetram até a distancia de 167 varas, e podémos chegar até as 179 com só um faxo acceso; porêm n'este ponto era tão absoluta a escuridão, que nos não viamos uns aos outros, e foi mister accender cinco. O canto agudo e lastimoso dos passaros nocturnos retumbava já no mais recondito do subterraneo, e não pude deixar de recordar-me de ter este logar tenebroso servido de asilo por espaço de um mez, aos primeiros Franciscanos aragonezes que penetraram as montanhas de Caripe depois de conquista, contra os ataques de um chefe bellicoso dos Tuapucanos, que se acampáva nas margens do rio da dita aldea; e que com a luz dos faxos, e sobre as pedras, se tinham celebrado os sacrosantos mysterios da nossa religião.

Uma grande mesa de petrificações separa este salão do immediato, que é em tudo parecido ao primeiro, e se passa segunda vez o arroio, deixando-o á esquerda. N'este logar desapparece toda a vegetação, e o solo está coberto da fructa já podre com que se alimenta o Guacharo, chamada pelos Indios Mataca.

Estas aves sahem de noite dos seus ninhos em busca d'esta fructa, que produz uma arvore direita e alta das serras immediatas á caverna, e voltam com ella para alimentar os filhitos. A côr da fructa he rosada, e dizem que, depois de haverem os passaros feito a digestão da sua parte carnosa, expellem a pevide dividida em duas partes iguaes, adquirindo, depois de

receber esta preparação estomachal, a virtude de excellente remedio para as dores de estomago, espasmos, colicas e febres intermittentes. Os Indios apanham as pevides em tempo opportuna, enfiam-as em rêdes nas cozinhas para as defumar e seccar depressa, e desta fórma conservam o seu cheiro e virtude medica. Mastigam duas ou tres, ou as dissolvem bem pulverisadas em agua morna, e é essa a dose que costumam tomar.

Continuámos observando e medindo a gruta: Guacharos alvoroçados com as nossas luzes, faziam com os seus agúdos guinxos e esvoaçamento um ruído espantoso. Quando chegámos ás 240 varas, começámos a subir por um plano inclinado de 25°, e tão desigual que formava uma especie de degráus de pedra calcaria; e nas 325 descemos por um terreno suavemente inclinado e enlameado, resultado da putrefacção das frutas de mataca, e do excremento dos passaros, tal é a abundancia que d'elles ha. A plumagem do Guacharo é de uma côr castanha clara, ou parda escura, mesclada de listas e pontos pretos; a cabeça, azas e pescoço são marchetados com pequenas manchas brancas com um risco preto. O tamanho é pouco maior que o de uma pomba: o semblante é triste, e os seus olhos pequenos e azuis não podem supportar a impressão da luz; o bico é curto, curvo, e tem duas andainas de dentes: os pés carecem as membranas que unem as extremidades dos dedos.

Pelas festas de S. João matam os habitantes milhares dos filhos destes passaros, para extrahir-lhes a manteiga, que é um pouco liquida, transparente, sem cheiro, e tão pura que dura mais de um anno em bom estado. Encontrámos uma especie de escada de que se servem os Indios para os apanhar, e que chamam andaime, formado por um pau de mataca posto quasi verticalmente, com outros pausitos atravessados, de cuja extremidade superior pende um vime que atam ás petrificações mais solidas, figurando e servindo de maromba.

Os Indios, logo que tocam na abobada, firmam os pés no vime, e, segurando-se com uma mão ás stalactites e incrustações, tiram com a outra os passarinhos dos ninhos, que têm a figura de um funil.

A cova conserva quasi igual direcção, altura e largura, variando sómente nos multiplicados effeitos das filtrações e petrificações. Pela terceira vez passámos o arroio, que pouco antes se perdêra á direita, por entre umas massas ôcas e petrifica-

das, parecendo, pelo ruido remoto que se ouvia, que se ia precipitando por uma cascata subterranea. Achei que a temperatura do ar interno era de 18, 5 e 19, do termometro centigrado, tendo deixado a atmosphera externa em 17°, 5: á entrada da cova sustinha-se o thermometro em 78 ao ar, e submergindo-o diversas occasiõess na agua do corrego, dava-me sempre uma differença de 2° mais fria a agua que o ar. O barão de Humboldt, no mez de setembro de 1800, encontrou a temperatura do ar interno entre 18, 4 e 18, 9; a externa de 16, 2, e a da agua de 16, 8; accrescentando que estas observações offereciam muito interesse, si se considerasse que o calor tendia a equilibrar-se com as aguas, o ar e a terra.

E na verdade, a agua, passando por entre cobertas pedregosas ou filtrando-se pelas rochas, adquire a temperatura das localidades; emquanto o ar, apezar de encerrado nas grutas, sempre se communica com a atmosphera externa, e o augmento de temperatura d'aquelle é pouco mais ou menos proporcional ao das temperaturas medias d'esta. A agua não póde equilibrar-se com o calor do ambiente do subterraneo, porque não fica n'elle estacionaria, mas passa rapidamente.

No ponto de 570 varas, o terreno se eleva repentinamente com uma inclinação de 60°, sendo este o logar em que Humboldt parou por causa do medo dos Indios que o acompanhavam, os quaes, intimidados pelo aspecto horroroso da cova, pelos guinchos de milhares de aves que se tornam mais agudos, á proporção que se estreita a abobada, e, o que é mais, pela preoccupação em que estavam a'é então de que mais para a o fundo repousavam as almas de seus antepassados, não quizeram avançar mais, ainda que os Padres Capuchinhos que acompanhavam o viajante interpozessem para isso toda a sua autoridade, e aquelle exgotasse as promessas e rogativas. « As trevas, diz Humboldt, se ligam por todas as partes á idéa da morte; a gruta de Caripe é o Tartaro dos Gregos, e os Guacharos que esvoaçam sobre a torrente, lançando gritos lamentaveis, recordam as aves da Estyge. » Actualmente os Indios pensam differentemente, e, posto que em silencio, me seguiam; abandonei as pegadas d'este celebre naturalista, e, trepando por uns penhascos empinados sobrepostos em desordem, cheguei ao ponto de 652 varas, onde termina a subida.

A cova agora tinha sómente dez varas de largura e 13 de altura, a sua configuração a mesma, e a direcção sempre para

NE. Tornámos a encontrar o arroio, que se dirigia para uns penhascos destroçados, perdendo-se por fendas diversas, e passando por cascatas successivas e subterraneas, até chegar ao terreno que acabamos de atravessar.

Para seguir adiante tivemos de caminhar pelo mesmo leito do corrego, pois, sendo a gruta por um lado cortada a pique, e cheia pelo outro de petrificações verticaes, não franqueava passagem mais accessivel. Quando chegámos ás 647 varas, alargou-se de repente a gruta, a qual se via sustentada por uma infinidade de columnas e covas pequenas para a direita, conservando-se abobadada da parte esquerda. O solo estava coberto de estalagnitas, e o tecto adornado de grinaldas petrificadas, stalactites caprichosas e nichos tão lisos e regulares na estructura, que á primeira vista parece difficil acreditar-se que a acção lenta da agua tenha podido formar figuras tão perfeitas: alli se enxergam abobadas da cúpula, cylindricas e cónicas, de todas as dimensões.

Difficil é formar uma idéa do numero consideravel de Guacharos que sahiam aqui dos intersticios reconditos da cova: deslumbrados pelos nossos faxos e espantados com a nossa presença, giravam em redemoinho sobre nossas cabeças, fazendo alarido agudo que se repetia pelo écho de mil concavidades, de fórma tal que impossivel era que nos entendessemos. Ficava-nos á direita o corrego, e o terreno coberto de esterco pulverisado ia sensivelmente subindo, á medida que a gruta tomava a largura de 22 varas, e se elevava outras tantas. As suas partes lateraes se formavam de grupos grotescos, e a abobada estava cheia de mil figuras extravagantes. Chegando ás 855 varas, perdemos outra vez o leito do corrego, cujas aguas se sumiam sem estrepito por entre rochas de cal *estratiformes*. Depois de perdido este riacho, que tinha tido constantemente no seu alveo de 5 a 8 varas de largura e 2 pés de agua, ficou a gruta com um terreno alto, perfeitamente plano e coberto de um pó grosso formado pelo excremento das aves nocturnas; porêm, tocando ás 950 varas, se tornou de repente pedregoso, com grandes massas, cuja petrificação era o resultado da dissolução das materias calcarias, que se haviam depositado á medida que as despegava o fluido que as arrastrava, o qual parecia ter-se precipitado por cascatas successivas: o conjuncto d'estas petrificações formava uma inclinação de 70 varas. Parece que até aqui havia penetrado, antes de Humboldt, um bispo de

Guayana, segundo aquelle refere, pois diz que este chegou a medir 960 varas desde a embocadura até ao sitio em que parou; e accrescenta que ainda se prolongava a cova, passando em silencio a razão por que o dito bispo não avançou mais.

Si os Choimas de 45 annos passados tinham receio de introduzir-se até a distancia de 570 varas para apanhar os Guacharos, os de hoje não temem fazél-o até as 950, porque alli se via ainda uma escada levantada havia pouco tempo para esse fim. Subi por aquellas petrificações até encontrar-me com a propria abobada; e, estendendo a corda, medimos mais de 25 varas, e examinando por todas as partes não pude encontrar sahida alguma.

Observei o barometro, e estavamos na altura de 225 varas sobre o nivel do vestibulo da cova: desci d'aquelles precipicios, e pouco depois encontrei, para a parte de Leste, um buraco oval de 2 a 5 varas de diametro, 10 de profundidade, e com paredes verticaes: applicámos os faxos, e podia ver-se uma estreita abertura que ia na direcção do Norte. Tinha já pensado em empregar a escada para descer áquelle novo subterraneo em busca do riacho que se havia perdido; porém, retrocedendo 25 varas, encontrei um estreito de uma vara quadrada, pelo qual baixava o terreno com uma inclinação de 40°: estava coberto de esterco pulverisado, sobre o qual se distinguiam impressas, pegadas de animaes que não podemos reconhecer. Nenhum dos Indios que nos acompanhavam tinha entrado por alli, e recusaram proseguir. A estreiteza da entrada, seu rapido declivio, os indicios de animaes, um silencio sepulchral que reinava n'aquelle buraco, a idéa de não saber aonde iriamos parar, tudo infundia um grande temor nos Indios.

Introduzi-me agachado no agulheiro, com os pés para diante, agarrando-me com uma mão, e segurando na outra o faxo que me allumiava.

Andei assim mais de seis varas, e outras tantas de joelhos, até que se alargou a abobada, e pude pôr-me de pé. Então seguiram o juiz de paz Lopes e meus dois criados, cada um com um faxo, e levando a bussola, o barometro e thermometro. Alargava-se progressivamente o subterraneo, e o terreno descia com rapidez até 24 varas, onde encontrámos o riacho perdido.

Aqui nos achámos sós, porque os Indios que levavam os faxos tinham ficado na caverna grande: cançámo-nos de chamal-os, e para que descessem quatro, teve de retroceder o indi-

gena Lopes e servir-se de sua autoridade para obrigal-os. Outros tantos quizeram antes ficar no meio d'aquellas trevas e do ruido espantoso dos guacharos só com dois faxos, do que seguir-nos. Calculadas as luzes consumidas e as que restavam, vimos que ainda tinhamos bastantes para caminhar longo espaço, e proseguimos nossa marcha. O arroio era estreito, tinha quatro pés de agua, e o fundo um pouco solido: suas margens escarpadas e escorregadiças nos deram algum trabalho para passar para o outro lado.

Já aqui a cova era de outro aspecto; não tinha sinão 12 varas de largura e 4 de altura: não se viam petrificações nem incrustações, não existia a rocha calcaria, e tudo era uma massa de greda argilosa, que, por causa da sua muita solubilidade na agua, tinha formado esta concavidade. Não havia passaro algum, e no solo gredoso se viam as pegadas de animaes que reconhecemos ser de *Lapos:* um silencio lugubre reinava n'aquelle tenebroso subterraneo, e nem ao menos se ouvia o ruido da agua, que placidamente corria para um buraco apenas petrificado.

Si a grande cova que acabavamos de atravessar se podia chamar um bello horror, esta deve apellidar-se a mansão da morte. Fomos costeando um terreno escorregadio com a configuração de uma faca, até a distancia de 50 varas, e tivemos de entrar no leito mesmo do arroio, porque a gruta não dava outra passagem.

Por um estreito corredor de 1 a 2 varas de largura e 2 a 3 de altura, com agua pela cintura, andámos o espaço de 25 varas: felizmente a agua era transparente, e o fundo solido coberto de um cascalho meudo. Começou depois a alargar-se até as 3 varas e a elevar-se até as 5; porêm não havia absolutamente outro modo de ir avante sinão pelo curso mesmo d'agua, que descia da parte do N. por um plano suavemente inclinado pelo meio de um terreno petrificado. Andámos por este canal 125 varas com agua sempre pelo joelho ou cintura, e tivemos de parar por causa de um pôço ovalado de 2 varas de fundo, 4 de cumprido e 2 de largo, com fundo de lama: via-se sahir a agua por um pequeno buraco que estava sobre a superficie do poço, mas não era possivel penetrar por elle. Foram inuteis nossas pesquizas para buscar alli o modo de seguir esta caverna que tinha no todo 225 varas: o thermometro marcava 19°, e posto n'agua mantinha-se em 18° 5, e estavamos na altura de 192 varas acima do nivel do vestibulo da cova.

Regressámos examinando si havia alguma abertura que nos levasse a outra caverna, e, andando25 varas, encontrámos uma fenda vertical de 2 varas de altura e 1 de largura, da qual filtravam algumas aguas, e a sua direcção era para o N. N. O. Introduzimo-nos por ella, e pelas 5 varas alargou, apresentando uma subida sobre um angulo de 45°, formada por um terreno calcario cheio de incrustações.

Subimos coisa de 12 varas, e logo estreitou-se consideravelmente: tivemos de andar ajoelhados umas 3 varas; mas qual foi nossa admiração quando nos vimos em um formoso salão com tres largas abobadas, uma para o Oeste outra para o Sul, e outra para o Nord-Este. Aqui já se não podia dizer que era um bello horror, nem uma mansão da morte, e sim um grande espectaculo da natureza, que se apresenta revestido de todos os primores da petrificação subterranea. A abobada parecia de cristal lavrado maravilhosamente, e d'ella pendiam stalactites tão raras em structura, como brilhantes nas suas composições: as levantadas stalagmitas, já unidas com as stalactites, e ja separados, formavam columnas, pyramides, obeliscos, uns brancos, outros com veias encarnadas, e outros côr de chumbo, arremedando o bronze, o alabastro e o marmore salpicados de brilhantes. O solo estava tapeçado de primorosas petrificações a qual mais bella, parecendo uma dellas formada de diamantes. Estas petrificações se succediam como por degraus, e as stalagmitas repousavam sobre ellas como outras tantas estatuas abrilhantadas. Eram recentes todas as filtrações, e o esplendor que conservavam as partes petrificadas realçava este sumptuoso salão, no meio do qual se levantava sobre degraus semicirculares uma especie de tabernaculo redondo, branco como o alabastro, reluzente como a prata, e de 3 varas de altura. Uma meia laranja, tão perfeita como a poderia fazer um artifice, cobria a parte superior, no meio da qual havia um globo imperfeito, sobre o qual descançava uma pequena pyramide truncada. Ao lado esquerdo d'esta primorosa petrificação, se enxergavam duas columnas sustentando uma portada: as columnas eram semelhantes ás da ordem jonica, tão iguaes que pareciam feitas de proposito e brancas como a neve; os capiteis e pedestaes eram côr de chumbo.

Do lado opposto ao monumento branco, se distinguiam por entre columnas em desordem, brancas e côr de chumbo, um comprido salão cheio de stalactites e stalagmitas cristalisadas.

Cada um de nós ficou extatico e como surprehendido por

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

grande espaço. Ao ver eu aquelles Indios e meus criados immoveis e admirados d'aquella magnificencia; a palida luz dos fachos, cujos raios se estendiam em varias direcções sobre os differentes objectos dignos de serem descriptos por pennas amestradas, e que o pincel humano não poderia imitar: o brilho que cada um lançava do logar em que a luz o feria; as sombras que estes mesmos deitavam sobre outros que se deixavam ver mais apagados, a medida que á obscuridade escondia multidão d'elles; e o fumo que por falta de vento se elevava dos faxos em columnas perpendiculares para a silenciosa abobada; tudo, tudo causava uma impressão grandiosa nas faculdades do espectador, a quem parecia estar em uma munsão encantada. Passada aquella primeira e forte impressão, cada um correu como por um impulso simultaneo, pura as petrificações que pareciam mais bellas pelo seu brilho, arrancando pedaços para levar aos seus amigos, como prova authentica do que tinham visto.

Caminhámos na direcção de N E, e certo numero de degraus semicirculares nos conduziam para cima, sempre por entre columnas que sustentava a abobada, de stalactites que a adornavam, e stalagmitas que se empinavam sobre o terreno. A caverna tem 18 varas de altura e como 14 de largura: aqui não ha guacharos nem torrentes, e sómente *Lapos* que vivem escondidos nos baixos intersticios da cova. Tudo é silencio: porêm não aquelle silencio que offerece encanto e tranquillidade, mas sim o das trevas que inspira profunda meditação. Aqui se observam todas as idades das filtrações e petrificações, desde a sua formação primaria; de modo que o espectador, presenciando a queda da gota, em mui poucos instantes a vê converter-se de liquida em solida, quer representando pequenos tubos ou contas de vidro, quer aquella figura que a casualidade quiz dar-lhe no momento de se desprenderem os fluidos das materias n'elles dissolvidas, as quaes, formando duas capas extremamente delgadas, adquirem a configuração do objecto sobre que cahem, ou aque lhes dá o impulso que recebem na queda, ou emfim a que lhes imprime o ar no momento de coagular-se, quer ao cahir, quer depois de cahida a gota.

Andámos absortos ou como em um extasis encantador e variado 45 varas, ponto em que termina a cova com uma multidão de petrificações recentissimas que não davam logar sinão para avançar de joelhos. Andámos n'esta posição ainda dez varas, e não podémos proseguir por causa da mul-

tidão de filtraçōes que cahiam de todas as partes, e tinham obstruido inteiramente a passagem. Eu sou de opinião que estas ultimas dez varas poderão estar inteiramente intransitaveis d'aqui a alguns annos, o que não succederá porêm ao resto do grande salão. Retrocedemos e avançámos na direcção de Oeste, porêm ás 30 varas nos fez estacar uma porção de stalactites estalagmitas unidas que formavam grandes massas.

Introduzimo-nos pelo Sul, e alli não havia sinão grandes incrustaçōes cahidas e sobrepostas umas ás outras pyramides truncadas, e uma branca e grande com a inclinação de 45° para Oeste, que parecia estar para cahir, encostando-se simplesmente um angulo d'ella sobre uma enorme massa petrificada de 6 varas de altura. Esta cova subia por penhascos calcarios destroçados, que na elevação de 40 varas se confundiam com uma abobada irregular. Conforme a situação e direcção d'esta caverna, póde affirmar-se que o fôsso ovalado que se deixou na grande cova no ponto das 950 varas, em cujo fundo se observa um pequeno buraco para o Norte, deve ter communicação com esta, a qual se não observou por estar occulta, sem duvida, no meio dos penhascos ácima descriptos.

Retrocedemos pois pelo mesmo caminho, e, tendo chegado ao acanhado estreito do riacho, o encontrámos ainda cheio do fumo de nossos faxos, qne ficava estacionario sem poder sahir, pois que o ar que entrava pelo buraco por que tinhamos descido o embaraçava de sahir por alli, e parecia não haver outro vehiculo. Chegando á grande caverna, encontrámos os quatro Indios que nos esperavam, e todos juntos chegámos ao vestibulo da cova ás onze e meia, bem molhados, sujos e um pouco fatigados. Emquanto se seccavam nossas roupas, pude fazer a observação solar no proprio vestibulo da cova, para encontrar a posição astronomica d'esta célebre cova, cuja visita é incommoda por causa da corrente; mas presumo que a quantidade de agua que havia era devida aos aguaceiros que precederam a nossa entrada, de maneira que em tempo secco deve existir mui pouca agua.

A cova deve considerar-se dividida em 3 grandes ramos: o primeiro tem 975 varas, é composto de petrificaçōes antigas e habitado pelos guacharos que dão o nome á gruta; retrocederam-se 25 varas para penetrar no segundo, que é formado, e se compõe de uma greda argilosa endurecida, banhado constantemente pelo riacho, sem aves nem algum outro

vivente, e é de 225 varas a sua extensão: regressámos d'aqui 25 para achar o ultimo que he habitado pelos *Lapos*, o qual tem 135 varas, sendo este a parte mais bella, pitoresca e admiravel do subterraneo, de maneira que a extensão d'estas tres divisões reunidas sobe á totalidade de 1285 varas que tem a famosa Cova de Guacharo, que se póde chamar uma das maravilhas da natureza, a primeira de Venezuela, e a mais estupenda das rochas calcarias conhecidas do orbe inteiro.

Agostinho Codazzi.

LITTERATURA.

VIAGEM PELA ALLEMANHA.

1836.

Tinhamos deixado a Prussia, e percorriamos a Saxonia. Já nossos olhos não avistavam aquellas immensas planicies, que desappareciam no horisonte, despovoadas de arvores, sem animação, sem vida, parecendo terrenos arenosos desamparados pelo mar. Triste e singular paiz é esse Norte da Allemanha! Que differença da nossa patria, aonde a natureza dos tropicos é tão risonha, as florestas tão magestosas, os rios tão pittorescos, e á cada passo montanhas florescentes se erguem da terra, e perdem seus cumes nos ares, appresentando os mais lindos aspectos, as mais bellas scenas, já nas suas formas brilhantes, já nos seus declives engraçados, e já emfim nas suas posições gigantescas. No Norte da Europa percorrem-se leguas e leguas de terreno argiloso, e apenas de distancia em distancia, á perder de vista, se descobrem

alguns elevados pinheiros, formando pequenos bosques sombrios e merencorios, aonde talvez os antigos habitantes vinham celebrar seus mythos. Apenas de distancia em distancia se descortina uma longa seára de trigo, que dobrando suas debeis vergonteas ao sopro humido do frio Norte, parece um campo de oiro em pó. Os rios não tem escarpadas margens, não tem leitos magestosos: suas aguas não rolam com estrepito, com violencia, como as do Parahiba, e Iguassú: pelo contrario deslisam-se com indolencia ao nivel do solo, sem que uma collina siquer denuncie sua existencia, sem que uma arvore annuncie sua proximidade. E para harmonisar com este sombrio paiz, gyra ali sempre uma athmosphera fria, escura, nebulosa. Parece que o sol tem vergonha de illumina-lo, e o paiz com isso ganha. O esplendor do rei dos astros, seus raios brilhantes, sua luz magestosa, só se adaptam ás famosas terras meridionaes. Uma cathedral gothica é mais bella nas trevas, de noite, aos raios tremulos e opacos de uma lampada, que morre, ao brilho monotono e surdo da lua. O norte da Allemanha pode ser comparado com justiça á uma cathedral gothica.

Leipsic tinha começado sua famosa feira de S. Miguel em setembro de 1836. Mil barracas se elevavam pelas praças, cheias de toda a especie de mercadorias. A cidade estava alegre, contente, animada. O velho rei da Saxonia havia na vespera chegado de Dresda para assistir á festa. Os hoteis e estallagens estavam atopetados de gente: subditos de todas as naçoes se abalroavam por toda a parte, nas ruas, nos *boulevards*, no jardim de Rheichenbach, e nos passeios fora da cidade: as religiões, e os paises se confundiam, e se davam as mãos; Turcos Hespanhóes, Russos, Judeus, Franceses, Mouros, Italiannos, Ingleses Arabes, e Americanos. Leipsic é um vasto basar de Allemanha. Ali tudo se encontra, tudo se vende, sciencia, industria, generos da China, do Japão, do Chile, do Grão Pará; mercadorias da Italia, da França, de Odessa e de Portugal E como se não fora bastante para surprehender e alegrar o viajor uma tão completa variedade de objectos, um expectaculo tão pittoresco, a historia abria em torno de Leipsic suas paginas brilhantes, parecendo querer contrabalançar com a reminiscencia de heroicos feitos o egoismo material do commercio, a que se entrega todo aquelle povo. Na distancia de seis milhas, na estrada de Iena, está o logar, em que o grande Gustavo Adolpho da Suecia ganhou victoria memoravel, e morreu morte de heróe. Ali

perto em Bautzen venceu Napoleão pela ultima vez na Allemanha. O berço e tumulo de Luthero existem em Wittemberg: e não longe em um dos braços do Elba affogou-se o celebre Polaco Poniatowski: e não longe tambem expirou o bravo Principe Mauricio, que enganou á Carlos 5.°, o maior enganador do mundo. A historia é ali grande e bella, ella tudo revolve, tudo anima.

Eis ali Weimar, a Ferrara da Allemanha, aonde viveram e morreram os seus maiores genios, Schiller, Goethe, Wieland e Herder. Que differença faz ella hoje d'aquella Weimar tão elegante, descripta na immortal obra de Madame de Stael! Então havia hum governo ducal instruido e illustrado, que chamava e attrahia á sua pequena corte um numero immenso de litteratos e artistas. Tudo está inanimado hoje; nas ruas quasi ninguem se encontra; no bello jardim do palacio do duque reinante, no lindo Belvedero, ninguem vem já respirar a saudavel athmosphera das arvores, ver correr estrepitoso um pequeno regato, que banha os muros da cidade. Já não vai hoje o viajor visitar Weimar pelo praser de reconhecer uma cidade da Allemanha: quem ahi o leva, é o desejo de ver os tumulos dos dous mais gloriosos filhos da velha Germania, cujos restos se acham preciosamente guardados em caixões de ferro depositados no subterraneo da pequena capella do cemiterio. Mil coroas de perpetuas, mil grinaldas de flores os cobrem. Weimar vive e se sustenta agora com os tumulos de Schiller e de Goethe.

O primeiro nasceu no pittoresco Reino de Wurttemberg, em uma pequena aldôa, chamada — *Marbach* —, e situada entre lindas e florentes montanhas na estrada de Ulm para Stuttgard, no dia 10 de novembro de 1756.

O segundo teve seu berço na industriosa e commerciante cidade livre de Francfort, nas ribas do Meno, um dos ramos principaes do magestozo Rheno, em 1749.

Até os fins do seculo 18.° a Allemanha não possuia litteratura propria e nacional. Aos poêmas heroicos do seculo dos Hehenstauffens, que tanto floresceram, aos Minnesængers, e Niebelungs, que tamanho renome lhe deram, succedeu o gosto perversor da litteratura franceza, que Frederico 2.° adquirira do seu commercio com Voltaire, e do estudo dos encyclopedistas do seculo 18. Frederico tanto se deixava dominar pelo poeta de Ferney, que prohibia o uso da lingua allemãa na sua corte, e a intitulava publicamente barbara, desdenhando fallal-a e escrevel-a.

« — Não teve a musa germanica — diz Schiller — o seculo de Augusto, nêm lhe sorriram as graças dos Medicis; não foi mimoseada pela gloria, nêm entre-abriu suas flores aos raios de reaes favores. Sem protecção e sem honra elevou-se ella perto do trono do *mais gloriozo filho da Allemanha*, do grande Frederico. Póde portanto com orgulho dizer o Allemão, e sua alma mais fortemente palpitar nutrida por este pensamento, que o que elle tem de nobre e de grande, á si o deve. »

À Klopstock cabe a gloria da regeneração da Litteratura Allemãe. Foi elle quem a creou, por assim dizer. Lessing, Winkelmann, e Jacobi não foram mais que seus discipulos. Schiller e Goethe a levaram á seu apogeu de gloria.

Estes dous homens, differentes em caracter, diversos em genio, viveram entretanto sempre na mais estreita intimidade. Goethe amava o fogo impetuozo, a inspiração ardente de Schiller, e este respeitava e admirava a tranquillidade e doçura da alma d'aquelle. Goethe era superior á Schiller pela universalidade de seus conhecimentos, pela amplidão de suas luzes e estudos, e por sua imaginação forte variada, e algumas vezes extravagante. Schiller vencia-o pelo sentimento, pela paixão, pela descripção da dôr e da melancholia, que ressumbram em todos os seus escriptos.

« O poeta—diz Platão—é um ente de natureza, pura, e sagrada; voltei á roda das fontes dedicadas ás Musas, e nos seus floridos jardins colhe o mais puro mel, e sobre o brilhante carro da harmonia se abandona ao Deus, que o possue, até que o divino sopro o desampáre. » Eis-aqui o fiel retrato de Goethe, genio fecundo e raro, variado e harmoniozo como a natureza, original e profundo nas suas concepções, fino, e penetrante nos seus juizos. Goethe se identifica com todos os objectos, que tenta cantar; ouve resoar o echo delicioso dos Hellenas sob as abobadas do Parthenon com a mesma facilidade com que descreve o suspiro do vento frio do Norte, por entre os ramos desfolhados dos pinheiros da Prussia, ou a voz funebre do orgam por entre os vidros coloridos e gothicos do mosteiro: elle se inspira á sombra das palmeiras da Palestina, e se exalta no seio das abrasadoras areias dos desertos de Bagdad. Elle é poeta classico e romantico, antigo e moderno, pastoril e elegiaco, dramatico e heroico, é tudo ao mesmo tempo, sem que se tenha tempo de perceber a transição. Goethe é o genio mais raro da Allemanha, e seus canticos, seus idilios, e balladas, percorrem com a rapidez do raio todas as regiões, em que domina a lingua germanica. As

ribas do Elba, do Danubio, do Rheno, do Oder, desde Dantzick e Kœnisberg até Carlsruhe e Munich, ouvem-se continuamente repetir as lindas cantigas do auctor de Werther. Elle une a graça e a doçura de Gonzaga, a expressão maviosa de Virgilio á força energica de Tasso, e á variedade pittoresca de Ariosto.

Schiller tem uma imaginação de fogo, semelhante á lava do Vesuvio; uma alma ardente, contemplativa, melancholica; um coração sensivel e enthusiasta: ha sempre n'elle um pensamento religioso e moral, que purifica suas idéas, ennobrece sua dicção, e, como o Rei Midas da fabula, converte em oiro tudo o que toca; é o prisma, que recebe a luz, palida e sem côr, e a transmitte brilhante e pura.

Si Goethe ganhou talvez mais popularidade pelos numerosos canticos, que compoz, pela diversidade de objectos, que o inspiraram, Schiller para os homens pensadores, para os philosophos, tornou-se escriptor necessario, eminentemente patriotico, eminentemente religioso.

Pouca cousa os encantos da natura
São p'ra os grandes, p'ra os Reis, p'ra os poderosos;
Ao humildc mortal porém agradam...
Oh meu Deus! A natura tu nos deste,
Da-lhes o mundo, e á mim a poesia.

Por estes versos conhece-se o fim do poeta, o seu alvo, a sua mira: excellente homem de bem, escriptor sublime, elle só respira o bello e o verdadeiro..

Oh nobres almas, despegai-vos prestes
Da vã rasão do mundo; fé segura
Tende, n'ella só confiai. . . . .
O que não ouve o ouvido,
O que o olho nao vê — eis o que é bello,
Eis somente a verdade. . . . Em nós existe
Mas dentro, mas eterna!

Estes dous homens, na nossa opinião, são os dous pontos que reunem, e individualisam toda a poesia, toda a literatura comtemporanea do seu paiz. E assim como diversos são seus characteres, differentes seus genios, assim tambem muito diversos foram os primeiros passos que deram nas carreira das letras.

Schiller, entregando-se desde sua idade mais tenra a leitura de Klopstock, de Milton, de Shakspeare, e da Biblia, quiz, ao principio abraçar a vida monastica, que mais tranquilla e poeticamente lhe sorria. Tendo-se opposto seus parentes corajosamente á taes designios, estudou medicina, e na idade de 22 annos compoz um drama em 5 actos, que tem por titulo — Os ladrões — Die Rauber. — O fanatismo religioso e politico o inspirou n'esta primeira composição sua, que revéla vistas exageredas e chimericas de melhoramento do genero humano. Este drama é um verdadeiro manifesto de horror e de indignação contra os vicios da sociedade, e da civilisação, d'onde, segundo o poeta, emanam todos os males da humanidade. Um triumpho extraordinario conseguio sua obra, não só nas representações theatráes, sinão tambem pelo effeito que produziu sobre os animos dos estudantes seus comtemporaneos que, levados pelo prestigio seductor de um estylo brilhante, e pela magia das idéas extravagantes, que n'elle se amontoam, desampararam muitos as univerdades, deixaram os professores, fugiram das cidades, e, como o heróe do drama Carlos Moor, amaldiçoando a sociedade, formáram reuniões de bandidos, aonde julgáram ter conseguido plena liberdade.

Goethe porém começou sua carreira, descrevendo aquillo que viam seus olhos, e os sentimentos que assaltavam sua alma. Mais tranquillo e socegado, diz elle nas suas Memorias. — Aus meine Leben : « — Tomei o partido de procurar em mim, no que me fornecesse minha sensibilidade ou reflexão, a materia de minhas producções, de realisar em quadro, em drama, o que me tiver dado prazer ou dôr, e de unicamente pintar o que tiver sentido. » Por estas palavras se chega ao conhecimento perfeito da regra e norma, que elle teve sempre em vista ; cada uma de suas obras corresponde á uma dispossição de sua alma ou do seu espirito : o resumo d'ellas é a historia completa dos successos de sua vida, e dos sentimentos que o occupáram. Sua primeira composição é o romance de Werther.

Goethe havia amado uma donzella, e não podendo conseguir casar-se com ella, por a haverem obrigado seus pais á unir sua vida a de outro homem, cahiu em um sombrio abatimento, que profundamente lhe augmentáram as continuadas leituras de Rousseau. A idéa do suicidio lhe veio ao espirito, durante algum tempo o dominou; faltou-lhe porêm energia sufficiente para executar seu fatal e criminoso projecto. Viveu dous annos vida de angustias

e paixão: a solidão lhe era desagradavel, a sociedade odiosa, o mundo lhe parecia um vacuo de duvida, de desesperação e de soffrimentos: teve por seu turno a misantropia–fugia dos homens. Felizmente salvou–o o dezejo de pintar todos os seus sentimentos, descrever toda a sua paixão, todas as suas magoas e penas: compoz o romance de Werther, que é a apologia do suicidio, a apotheose do amor, e o quadro mais fiel das inquietações e dôres de uma vida monotona, sem actividade exterior, porém violentamente agitada por tudo o que com mais força agita o coração humano, por tudo o que produz essa sensibilidade exaltada, que tantos males tem occasionado no mundo. O poeta curou–se publicando o que soffrera.

Schiller, como poeta dramatico, elevou–se muito acima de Goethe. Suas tragedias de — *Maria Stuard*, — *Guilherme Tell*, — *D. Carlos*, — *Joanna d'Arc*, — e *Wallerstein*, constituem seus mais bellos titulos de gloria. Goethe, nos seus dramas, não tem sistema nem-um. Parece que o escriptor horrorisa–se com a idéa de exclusivo. Compoz primeiramente um drama inteiramente moderno, eminentemente romantico, como disemos hoje, — *Goetz de Berlinchingen* — que é um vasto esboço da idade media no seu derradeiro suspiro. Pode–se dizer sem receio de errar, qne é a idade media o verdadeiro heróe da drama; é ella que se vê viver e obrar, é com ella que se interessa o expectador. A idade media respira toda inteira em *Goetz mão de ferro*, com sua força, sua lealdade e sua independencia; falla por sua bocca, defende–se com seu braço, snccumbe e morre com elle. *Goetz de Berlinchingen* era um cavalheiro bravo e guerreiro, que tinha perdido a mão direita na guerra do Eleitor da Baviera com o Palatinato, e que tinha uma mão de ferro, com que brandia a espada tão facilmente, como si mão natural tivera. N'esta personnagem interessante personnificou Goethe a vida cavalheresca e feudal dos barões, no tempo, em que cada castello era uma fortaleza, cada senhor um soberano. O autor denuncia nas suas memorias o fim, á que se propoz, escrevendo este drama.

«— Tinha grande desejo de executar emfim um plano havia muito concebido de uma obra dramatica. Meu enthusiasmo perserverante pelo auctor de — *Hamlet* — alargou o circulo de minhas idéas. O theatro me parecia muito estreito e a duração ordinaria de uma peça muito curta, sinão n'ella impossivel o encerrar–se o desenvolvimento de uma grande obra. Eu queria,

pondo em scena o bravo *Goetz de Berlinchingen*, conservar á sua vida por elle mesmo escripta todo o seu interresse historico, e por isso ultrapassei todas as formas dramaticas, e quasi que fiz um drama romance. »

E é este mesmo homem quem depois em outra tragedia leva ao ultimo apuro as regras estabelecidas por Aristoteles, e sancionadas por Horacio e Boileau para as composições dramaticas! — Parece zombar do mundo. É romantico exagerado em *Goetz de Berlinchingen*, romantico puro no—*Conde de Egmont* —dramaturgo no—*Clavijo*—á maneira de *Diderot* e *Lachaussée*, e poeta classico, rivalisando com Sophocles e Racine, na linguagem, no pensamento, na observação dos preceitos estabelecidos, em *Ipigenia* — e em *Torquato Tasso*. Schiller ao menos é mais constante, tem um systema fixo, tem principios, porque seguia sempre.

Schiller no meio de seus estudos historicos, escreveu tambem alguns canticos, que respiram a elegancia e a força de um apurado talento lyrico; alguns d'elles ouve o viajor estrangeiro cantar por todos os cantos da Allemanha. Pelo menos nós uma vez em alta noite — atravessando uma pequena aldeia na estrada de Dresda á Meissen — ouvimos uma voz deliciosa, que accompanhava o brando som de uma harpa, echoando os celebres versos de Schiller em honra do — *Sino da Igreja*. — Debaixo das manipulações technicas das artes appresenta elle o variado quadro das scenas da vida humana, e da ordem da sociedade. Essa musica echoada como no meio de um deserto, e essa harmonia dos anjos, que quebrava o silencio da noite, e interrompia as horas dedicadas ao descanço, produsiu sobre nós uma impressão tão forte, que é ainda hoje duradoira: a nossa carroagem rolava pela estrada, e aquella voz divina, aquelle canto sonoro, nos repercutia ao ouvido, e nos accompanhava na viagem, como o anjo da nossa guarda.

O caracter das poesias soltas de Schiller é o sentimento mistico e religioso, que liga umas ás outras, e parece formar uma cadeia indestructivel. Aproveitámos a occasião para dár n'este logar a traducção de um cantico seu, intitulado o—*Mergulhador*, feita por um nosso amigo, que recebeu da natureza os mais bellos dotes, e o mais brilhante talento de poeta. Este cantico tem extraordinaria acceitação na Allemanha, e sua bella traducção, merecedora das glorias do original, sem duvida que entre nós o popularisará.

CANTICO DO MERGULHADOR.

« Qual d'entre vós mergulhará ousado
» No fundo desse pégo ?
» Eis d'ouro um vaso; ás ondas o arremesso :
» O negro abysmo o enguliu d'um sorvo.
» Quem fôr buscal-o que o guarde; é d'elle. »
Do pico d'alta rocha sobranceira
De Charybdes ás vagas irritadas
D'est'arte o rei fallava.
« Qual dentre vós (de novo eu vos pergunto)
» Ha de sondar o abysmo ? »
Os nobres e escudeiros, toda a côrte
Em silencio escutou estas palavras:
No mar fitando a mal segura vista,
Ninguem se atreve a affrontar-lhe as iras;
E já terceira vez o rei bradava:
« Qual d'entre vós mergulhará ousado
» No fundo d'esse pégo ? »

Emquanto mudos permanecem todos,
Com seguro ademan, rosto sereno
Um mancêbo gentil avança os passos;
Dos hombros larga o manto, e tira o cinto,
Crava os olhos nas ondas, que, inquietas,
Ora procuram rapidas sumir-se
Nas profundas cavernas, ora surgem
Com feroz estampido, sacudindo
Pelos rochedos a nevada espuma.
Ferve o mar! Disséras que atro fogo
Lhe atormenta as entranhas; encapellam-se
Uma sobre outra as incessantes vagas.

Mas do bravo elemento a louca furia
Pouco a pouco socega; a branca espuma
Deixa entrever escancarada fauce
Do tenebroso abysmo, que semelha
Negra voragem do medonho Averno:
E antes que as furias voltem redobradas,
C'o pensamento em Deus, eil-o d'um salto. . .

Atrevido mancebo !..... Pela praia
Um grito resoou de horror e espanto.
No turbilhão das aguas arrastado
Quem pôde vêl-o ainda ? O feio monstro
D'um só golpe o tragou !... Adormecidas
Como jazeram brandamente as ondas !
Apenas corta os ares murmurando
Um confuso bramido mal distincto,
Do infausto môço a desastrosa sorte
A' porfia lamentam : « Valor tanto
» Sem fructo esperdiçado ! » Esse bramido
Que do seio dos mares vem sahindo,
Mais surdamente sôa, e quasi morre.

Bem podéras agora o sceptro, e a c'rôa
Arrojar, ó monarcha ao vasto pégo;
Bem podéras dizer : « Quem fôr tiral-os
» O sceptro empunhe e a corôa cinja,
» Impere em meu logar, que o throno eu deixo,
» De seu denodo em premio. »

Os mysterios que encerra o torvo abysmo
Ninguem ha de trazer á luz do dia.
De naufrago baixel arrebatado
No vortice das aguas quantas vezes
Apenas despejaste, ó fatal Syrte,
Restos quebrados, miseros destroços !
E cresce o rouco som, as ondas bramem.
. . . . . .
Mas entre as negras ondas lá deviso
Alvos braços da côr do alvo cysne.
Esforçado mancebo, és tu que lutas
Peito a peito co'a morte : a rica taça
Na mão sinistra ácima d'agua erguida
Com mostras de prazer como elle ostenta !
Saúda a luz do sol : o peito anciado
Respira a longos tragos; clamam todos :
« Eil-o ! é vivo ; o môço valeroso
» O sepulchro venceu, zombou do abysmo. »

Para o rei se encaminha : e a turba alegre

De um lado e outro o cerca: ante o Monarcha
O mancebo gentil curva o joelho,
E o vaso lhe apresenta. A um leve aceno
Do respeitado pai, linda princeza
De licor generoso enchêra a taça.
« Viva o rei! (disse o joven) Que ventura
» Não sinto respirando aura celeste!
» Ah! nunca o homem queira penetral-os
» Os segredos que esconde o mar profundo!
» Seria a Deus tentar, pois que elle occulta
» De nossos olhos as terriveis scenas.
» Qual o raio das nuvens despedido
» Na força da torrente impetuosa,
» Ao abysmo desci; nova torrente
» Do largo sorvedouro arremessada
» Vem bater sobre mim. Vistes acaso
» Como, impellido pela fraca dextra,
» Rapido gira o infantil brinquedo!
» Tal me sentia revolver no abysmo:
» A Deus invoco então; elle m'indica
» A ponta d'um rochedo: eu d'ella travo
» Com a tremula mão; á morte escapo,
» E sobre um ramo de coral deparo
» Co'a preciosa taça! Oh! que assombros,
» Atravéz do clarão abrazeado,
» Que esses sitios de morte allumiava
» Meus olhos distinguiram! Tremo ainda!
» No continuo silencio que alli reina
» Eu nada ouvia; mas (ó Deus, que horrores!)
» As negras phocas, torpes, hediondas,
» Salamandras enormes, asquerosas,
» Serpes horrendas, os dragões ferozes
» A mente me figura, ainda os vejo
» No boqueirão do inferno retouçando!
» Que densa multidão lá se agitava
» De nunca vistos, não sabidos monstros!
» E o voraz tubarão, lôbo dos mares,
» Os aguçados dentes amostrando....
» Entre a vida e a morte suspendido
» No meio de taes monstros solitario,
» Sem soccorro esperar de peito humano

» N'esse deserto espantoso d'aguas,
» Onde a voz do mortal jámais penetra,
» O perigoso lance avaliava,
» Quando os terriveis monstros a milhares
» Se abalançam de golpe a devorar-me:
» Estremeci de susto; largo a rocha,
» A que me segurava: em tal ensejo,
» A torrente subindo accelerada,
» Traz-me de rojo: e nisso esteve a dita,
» Que dest'arte surgi do fundo abysmo. »
No semblante do rei, a seu mau grado,
De pasmo transluzira um leve assomo.
» A taça é tua (diz), e eu te destino
» Este que vês annel tão primoroso.
» Si vás de novo, devassando o abysmo,
» De novo descobrir a mim e ao mundo
» Segredos portentosos.
« Ah! basta já, Senhor! » (c'um brando riso
A princesa dizia commovida
Da pintura do caso que passára
O denodado môço aventureiro)
« Que barbaro recreio! Este mancebo
» Por comprazer-te expoz a propria vida:
» Excedam cavalleiros destemidos
» Do pagem o valor, si por ventura
» O teu desejo refrear não pódes. »

Disse; e o rei c'um gesto desabrido
A taça lança ao mar, e assim prosegue:
« Si a trazes outra vez, eu te proclamo
» Dos cavalleiros por o mais valente,
» E dou-te esposa a timida donzella
» De quem soubeste penhorar cuidados,
» O' mui ditoso joven! »
A taes palavras, mais que humana força
Do peito se apodera do mancebo:
Brilha em seus olhos o valor, a audacia;
Vê pallida cahir desfallecida
A mimosa princeza: « Ah! possuil-a,
Possuil-a ou morrer, » comsigo disse,
E do rochedo ás ondas se despenha,

A's ondas que o cobriram, rebramando
Até que as vagas sobrepuja e nada
Para de novo n'ellas sepultar-se.
Rouca voz de trovão se ouviu ao longe:
Do vasto abysmo á beira acodem todos:
Avidos lançam cobiçosas vistas;
Sobem, recrescem de continuo as aguas;
Do pélago profundo vêm rugindo:
Mas o môço infeliz ao claro dia,
Ah! nunca mais trouxeram!

Esta Allemanha moderna offerece ao viajor um expetaculo variado e confuzo de mil povos diversos, fallando todos a mesma lingua, e entretanto subditos de extranhos governos, dominados por differentes instituições desde as liberaes constituições de Baden e Wurttemberg até o absolutismo puro da Austria, desde o sistema colonial do Rheno, até o governo militar da Prussia, desde a liberdade republicana de Francfort, Hamburgo, Bremen e Lubeck até a tyrania da Bohemia e da Hungria. A Grecia antiga, com suas innumeras divisões de pequenos estados encerrados entre o OEta e o Pindo, associando a Atica, o Peloponeso, a Megarida, a Beocia, a Phocida, e mil ilhas semeadas no mar, é a unica nação que nos parece appresentar a mesma variedade, e ao mesmo passo rivalidade identica. Em Sparta fallava-se a mesma lingua que em Athenas; entretanto diversas eram as instituições, porque se governavam estas republicas: Delos seguia differentes principios da Thessalia. Assim tambem procede a Allemanha, collocada no centro da Europa, como para servir de medianeira entre a conquista da Russia, e o enthusiasmo da França, e tendo ainda esta analogia com a Grecia antiga, que era o baluarte da Europa contra as violencias da Asia: entretanto o Brandeburguez destesta tanto ao Bavaro, como o Austriaco ao Hanoverianno, e ao Suabio. Si essa Allemanha se unisse sob um governo unico — si um só pensamento n'ella predominasse, si uma idéa patriotica conseguisse colligar tantos fragmentos discordes e confusos, certamente que seria a primeira nação da Europa. A antiguidade de sua historia, e a força que actualmente possue, lhe affiançariam esperançoso porvir. A Prussia lhe prestaria seus brilhantes exercitos, a Austria as tradições do Imperio dos Cesares, a Saxonia a fé virente da reforma, e a Baviera a poesia de um catholicismo quasi

Italianno. A novidade da monarquia de Frederico, a antiguidade da casa de Habsburgo, o protestantismo de Luthero, e o catholicismo meridional, unidos, ligados por uma só cadeia, por um só pensamento, formariam a mais brilhante e poderosa nação da terra. Que descesse então a Russia do Caucaso, que arrancasse seus exercitos da Siberia, e os precipitasse sobre a Europa, a Allemanha ali estaria em pé e forte como um gigante para sobrestar-lhes a marcha.

Goethe e Schiller comprehendiam admiravelmente esta necessidade de união na Allemanha. O primeiro tinha o instincto dos grandes estadistas, este instincto perspicáz e severo, que não perde o menor acontecimento, que aproveita a mais pequena circumstancia. As suas maximas publicadas depois da sua morte, confirmam esta verdade: na qualidade de camarista mór do Grão-Duque de Saxonia Weimar pareceu convergir seu pensamento á esse ponto, dirigi-lo para essa mira. E Schiller, já como professor na Universidade de Iena, já com a publicação da sua historia da — *Guerra dos trinta annos* — e da *Revolução dos Paizes-Baixos* — desenvolveu idéas analogas, emittiu identicos principios.

Quem vai á Weimar, é impossivel que não tenha vontade de visitar as duas casas, aonde moráram estes dous homens. A de Schiller é um pequeno sobradinho, em uma pequena rua, que dá sobre a praça, aonde se acha edificado o Theatro de Weimar. É hoje habitada por uma familia: o que tem de notavel é o quarto, em que trabalhava o poeta, ainda revestido dos mesmos trastes, que em sua vida ali se achavam, — algumas velhas cadeiras, uma meza pequena já velha, um leito no fundo, e um tinteiro de paú já bem despedaçado.

A casa do camarista é bella, elegante, immensa — tém um jardim matisado de flores, coberto de arvores frondosas. Acha-se feixada por ordem do governo; Goethe a legou á cidade de Weimar, visto que fora ella que da mesma lhe fizera presente, para a habitar. Abre-se aos extrangeiros, que a desejam visitar. A entrada principal tem no chão gravada com pedrinhas coloridas a palavra latina: — SALVE, como uma saudação á quem entra. O manuscripto do famoso drama do *Doutor Fausto* ali existe como curioso ornamento. Alguns grandes quadros de Roma antiga e moderna escondem as paredes da sala interna da casa. Alguns livros antigos allemães, uma velha biblia commentada por Goethe, eis o resto de bibliotheca, que ali deixou o governo, que tudo o mais foi para a galeria do Belvedero.

Já que fallámos no *Doutor Fausto*, eis duas palavras á seu respeito. Para nós temos que esse poema, drama, cantata, ou como o quizerem chamar, não merece muita attenção da parte dos povos meridionaes, porque passam quasi sempre de leve sobre as cousas da vida; para os Allemães porem, e para todos os mais povos do Norte, *Fausto* é tudo o que ha sido produsido pela imaginação humana de mais sublime, superior ao *Paraizo Perdido* de Milton, á *Divina Comedia* do Dante, ao *Juizo Universal* de Miguel Angelo, que é em si um poema inteiro.

Fausto é o modelo de todos os estylos desde a mais grosseira comedia até a poesia lyrica a mais elevada: é a pintura fiel de todos os sentimentos humanos horriveis e ternos, sombrios e doces, dolorosos e risonhos. O heróe é um homem desesperado de muita sciencia, e ao mesmo tempo de pouca.

Des Lebens Fackel wollen wir entzunden,
Ein feurmeer unschlingt uns, welche'ein feur ?
Ist's Lieb ? Ist's Hass ?

« Queremos nós excitar o archote da vida — Um mar de fogo nós rodeia. E que fogo? È ámor? É odio ? »

Tudo sabe o doutor Fausto, e entretanto falta-lhe alguma cousa, que elle quereria saber. Interroga os astros, as estrellas, o céo, o mar e a terra, e ninguem lhe responde. O suplicio da duvida o persegue, como um phantasma, e então lhe vem a idéa de appelar para o mundo *sobrenatural* e de *invisives potencias*, entrando por este modo no intrincavel cahos dos mysterios.

« A sabedoria, diz elle, sabe procurar o que ha de mais profundo. »

Doch Weisheit weiss das Tiefste herzuschaffen.

O diabo lhe apparece então, sob o nome de *Mephistopheles*, e procura tental-o, chamando em seu soccorro os espiritos infernaes.

Willkommen, willkommen
Du alten Patron,
Wir schwben und summen
Und kennen dich schon.

Eis aqui como o saúdam os espiritos, intitulando-o *seu velho patrão*. Ora *Mephistopheles* é um diabo bem feito, peralta,

vestido á ultima moda, bem fallante, amador do bello sexo — é um diabo *sui generis*, muito differente do que pintavam os poetas da media idade, muito diverso do que creáram as imaginações exaltadas de Calderon, Dante e Milton. Fausto deixa-se conduzir por elle, e perde-se para sempre. Ha n'este drama extravagante uma creação divina, é a bella figura de Margarida, amante de Fausto, e que por elle se deixa morrer: tal personagem tão candida e angelica sustenta o pensamento do leitor durante toda essa fiada de scenas ora sublimes, ora extravagantes, que enchem um grande volume. Este drama explica a luta do materialismo e do espiritualismo, dos interesses positivos e do infinito. E' o mundo, que em scena se apresenta, com todos os seus vicios e virtudes, suas opiniões politicas e philosophicas, suas crenças e hyprocrisia. Fausto já tem dado á luz longa descendencia. Sem irmos mais longe, bastanos citar seu mais illustre filho — *Manfredo* — de lord Byron.

Representava-se no theatro de Weimar em a noite, em que lá passámos a tragedia de Schiller, intitulada *Wallerstein*. — Um comico celebre tinha chegado de Stuttgard, e se encarregava da parte do heróe da guerra dos trinta annos. Chamava-se Seidelmann. A's onze horas tudo se havia finalisado, e nós voltavamos para nossa hospedaria de — *Goldne Elephant* — passando pela rua aonde morava o author da tragedia, que o povo acaba de applaudir com todas as suas forças. A' noite estava brilhante; um luar admiravel a esclarecia. O espectaculo da morte de Wallerstein trouxe-nos ao espirito a de Schiller, que teve logar em 9 de maio de 1805. Alguns minutos antes de soltar o derradeiro suspiro da vida, respondia elle á uma senhora, que lhe perguntava como se achava — *cada vez mais tranquillo*. Foi essa a historia de sua vida, inspirada sempre pela virtude, e como elle dizia — *cada vez mais tranquillo*.

« — É, diz Barante, a pomba, que depois de haver deixado a arca, e errado sobre as aguas do abysmo, não encontrando logar algum, aonde possa pousar, revolve á morada celeste. »

E a lua, que então nos allumiava, era uma reminiscencia solemne d'aquella, que o saudou pela ultima vez. — « A' noite, diz Goethe nas suas memorias, foi o corpo de Schiller conduzido ao ultimo jasigo, seguido porque seus amigos e todos os estudantes da Universidade de Jena, que de proposito deixaram as aulas, e o acompanharam repetindo seus hymnos

e canticos. Durante a funebre marcha, o céo estava enlutado e coberto de sombrias nuvens; e no momento, em que seu cadaver foi deposto na sepultura, a lua de repente reappareceu, e esclareceu com seus palidos raios o sepulchro do Poeta. »

A ultima composição de Schiller, feita dias antes de sua morte, foi a cantata dos *Mysterios d'Eleusis*, cuja traducção, devida á habil penna de um nosso amigo, aqui mesmo transcrevemos.

Vinde commigo celebrar, pastores,
D'Eleusis os mysterios sacrosanctos;
Tecei verdes capellas; enfeitai-vos
Com douradas espigas: entôemos
Alegres hymnos em louvor da deusa,
Que d'asperas selvas, das incultas brenhas
Tirou primeira os miseros humanos.
—Vagava nessas eras pelo mundo
Ceres em busca da perdida filha:
Nestes então inhospitos paizes
Vêm alfim aportar: e chora, e geme
Com dôr dos homens, que semelham feras,
Nas occultas cavernas escondidos,
Ou pelo espêsso emmaranhado bosque
Errando á caça de mesquinha preia,
Ou mal segura, movediça tenda
Daqui alli transpondo. Verdes campos
Hospitaleiro tecto, alto zimborio
D'algum templo não vê por mais que ao longe
Estenda aguda vista: só descobre
Calvos rochedos, aridas charnecas,
E n'um cruento altar uns brancos ossos.

CERES.

» O' deuses immortaes, ao desamparo
Vêdes sem pejo a raça dos humanos
Do vosso eterno ser imagens vivas!
São senhores da terra qual monarcha
Pelas mãos de rebeldes despojado
D'avita herança, e que perdeu com ella
A patria, os filhos, a querida esposa.
Tem numes bronzeo peito? Ah! não lhes peza

O mal que não os fere? Dentro n'alma
O' prole sem ventura, ó malfadados,
Cruamente me pungem vossos males.
— Ao solo, que vos gera, e que vos nutre
D'um pacto d'alliança vou prender-vos,
E mostrar-vos as leis, que permanente
Na immensidão do espaço os astros regem.
— Em vosso peito Promotheu outr'ora
Soube a chamma atear divina e pura,
Que o pai da luz pelo universo esparge;
Sob as cinzas do crime, e vicio torpe
Amortecido jaz o sancto lume:
C'um sôpro animador eis o desperto,
E vós cobrai, mortais, a essencia d'homens. »

———

Desta arte falla a deusa: a nuvem rompe,
Que da barbara gente a nega aos olhos,
E qual no etherio assento fulgurava,
Tal se lhe amostra magestosa Ceres.
— Mão fratrecida aos labios lhe apresenta
Taça, que espuma em borbotões de sangue.
De si o monstro horrorisada affasta.

CERES.

« Aos numes não apraz sangue innocente:
Folgam si flores lhe offertaes mimosas,
Ou recendentes, saborosos pommos. »
Das mãos arranca ao impio sacerdote
O ferro acicalado: á dura terra
As veias rasga, e nos abertos sulcos
Das espigas, com que cingira a frente,
Portentosa semente vai lançando,
Que em breve nasce, e cresce, e já se ostenta
Fertil ceara pelo campo immenso.
— Serve d'altar a deusa um verde combro;
N'elle depõem primicias da colheita:

CERES.

« O' Jove omnipotente, ó pai dos numes,
Seja-te acceito o puro sacrificio.
C'um prodigio desfaz a densa treva,
Que teu divino ser esconde á mente
Desta misera prole. » — Jove attende
Da irmã querida a fervorosa prece;
E, sem que tolde o ar de feias nuvens,
Arroja com fragor um raio á terra;
Accende n'ara o sacrosancto fogo,
Que aos ceos remonta crepitante chamma
Envolta em rolos de ligeiro fumo.
Batendo então as azas estendidas
Vêm sobre ella pairar aguia soberba.
—De prodigio tamanho arrebatada,
Lançando para longe as duras armas,
Ante a deusa se prostra a féra turba,
E absorta escuta providos dictames.
—Neste ensejo os celicolas potentes
Da luminosa estancia á terra descem:
Primeiro assoma Themis, que na dextra
Empunha da justiça o sceptro augusto;
E pelo campo erguendo altas balizas
Do Averno invoca as negras protestades.
Apoz ella Vulcano coxeando
Vêm aos homens mostrar a forja ardente,
O rijo malho, os folles engelhados,
E na rapida roda lhes fabrica
De fragil barro primorosa taça.
Co'a lança em punho a todos sobranceira
Minerva solta a voz sonóra e forte;
A' rude gente sabias leis ensina,
E quer povo d'irmãos em todo o orbe.
De Pallas os vestigios vêm trilhando
O deus, que os marcos planta nesses campos,
Agora sobe da collina ao cimo,
Agora á margem pára d'um ribeiro,
Voz em grita, lá vêm pulando alegres
Da formosa Diana as castas nymphas;
Aos repetidos golpes estalado

O duro pinho escacha, quebra, e cahe.
Levantando das ondas verde-negras
A frente d'espadanas coroada,
O deus do rio impelle para a praia
O tronco antigo, o ancião da selva,
Que ás destras mãos das açodadas Horas
A primeira rudeza larga, e perde.
Das entranhas arranca á madre terra,
C'o tridente, Neptuno o marmor duro,
Que sôpeza na dextra poderosa.
De Mercurio ajudado lança, e firma
Do novo templo os largos alicerces.
Ao som da lyra d'ouro Apollo chama
A suave Harmonia: o lindo chôro
Das donzellas gentis desprende o canto,
E c'o mago poder das meigas vozes
Uma sobre outra vão pousando as pedras.
Crava Cybelle a forte fechadura
Na chapeada porta. Os atrios enche
A multidão, que em jubilos transborda.
Juno de verdes, de cheirosos myrtos
O mais formoso par corôa e une;
No consorte feliz, na terna esposa
Venus requinta magicos encantos;
De preciosos dons os numes todos
Contentes os colmáram. Bipartidas
Portas abrindo o templo em si recolhe
A recente nação. Sagrados ritos
Mal Ceres os findou, assim fallava:

CERES.

« Amam na terra a doce liberdade
As féras pelos matos embrenhadas:
Gozam nos céos a doce liberdade
Os numes, que só regem seus affectos,
Pelo firme padrão da natureza.
Si amais a liberdade, ó gente humana,
Fraterno laço d'união sagrada
Com insoluvel nó vos prenda, e ligue. . . . »

Vinde commigo celebrar, pastores,
D'Eleusis os mysterios sacrosanctos;
Tecei verdes capellas, enfeitai-vos
Com douradas espigas: entôemos
Alegres hymnos em louvor da deusa,
Que d'asp'ras selvas, das incultas brenhas,
Trirou primeira os miseros humanos,
E primeiro lhes deu altar, e patria.
Ceres é nossa māi: louvor eterno
De grato coraçāo dêmos a Ceres.

Goethe ficou só, isolado. Elle havia precedido a Schiller no mundo, e seu amigo o havia precedido no sepulchro. Sua alma resistiu com resignação ao golpe fatal. Goethe foi o primeiro e o derradeiro na gloria litteraria de seu paiz; colheu as primeiras flôres e os ultimos fructos. Tudo viu, tudo fez. Poder-lhe-iamos com razão applicar estes tres bellos versos de Shakspeare.

His life was gentle; and the elements
So mix'd in him, that nature might up stand
And say to all the word — This was a man.

« Sua vida foi calma, e os seus elementos tão bem combinados, que a natureza podera levantar-se e dizer ao mundo inteiro: — *Eis ahi um homem.*

Em 1832 morreu Goethe, tendo de idade 84 annos.

No dia 2 de oitubro continuámos nossa viagem para Coburgo e Nuremberg por Erfurt e Gotha; foi a estrada que seguiu Napoleão na sua retirada. . . .

P. DA S.

VARIEDADE.

O COPO D'AGUA COM ASSUCAR.

Antes de hontem, ou melhor fallando, hontem entrou M. de Surville em sua casa a uma hora da manhãa, com a cabeça esquentada por uma discussão mui singular que tivera tido com seu amigo M. de Mareil, discussão que havia terminado por uma aposta.

—Jorge, disse elle a seu criado logo que esteve em seu gabinete, onde está minha mulher?

—A Senhora retirou-se para seu quarto á meia noite.

—Muito bem; pódes te ir deitar: esta noite não preciso mais de ti. . . . Ah! dá-me o meu copo d'água.

Jorge correu á sala de jantar, e preparou o que se lhe pedia com o desvello d'um criado de boa casa. Quando o assucar ficou dissolvido, elle deitou no copo algumas gôtas d'agua de flor de laranja, e levou a seu amo a agua assim aromatisada. Este bebeu-a, e com um gesto despedio seu criado. Alguns momentos depois Jorge voltou.

—Senhor, disse, aqui está uma carta que o Porteiro trouxe agora mesmo.

—Eu te agradeço, respondeu Surville escrevendo suas notas do dia em seu livrinho de lembrança.

A carta foi posta sobre a secretária, e Surville ficou só. Alguns momentos depois lançon os olhos para a carta, pegou n'ella, e depois de lhe ter dado diversas voltas com a mais perfeita indifferença, abriu-a, e leu o que se segue:

« Senhor, si tendes um pouco de amor á vida, não bebaes nem comaes em vossa casa, até amanhãa de manhãa; mais tarde vos seráõ dadas todas as provas que exigirdes; mas em nome do Céo, segui o conselho que vos dá uma pessoa que teme por vossos dias. »

— Por meus dias! esclamou Surville assombrado, veneno em minha casa! no meio de meus criados, aos olhos de minha mulher! é impossivel!

Elle atirou com a carta com desprezo. De repente lembrou-se que acabava de beber agua: era um costume que tinha desde a infancia, cousa que fazia todas as noites; mas entretanto perguntou a si mesmo o que faria si houvesse recebido mais cedo este aviso, si o porteiro o houvesse esperado e lhe tivesse entregado a carta quando entrára, em vez de a dar a Jorge. Depois de alguns momentos de reflexão, depois d'uma lutta entre sua consciencia e a verdade, confessou que não teria bebido a agua. Não tinha inimigos, não obstava á fortuna de quem quer que fôsse.

— Quem póde entretanto, disse apanhando a carta fatal, quem póde lisongear-se de não impedir alguma paixão, de não occupar um logar desejado por outro homem?

Lembrava-se com certo desprazer da celeridade com que Jorge lhe trouxera o cópo d'agua, e, pondo alternativamente a lingua em todos os pontos de seu paladar, procurava um sabôr perdido; era-lhe suspeito o perfume da flor de laranja; teria por fim esse luxo, que elle não havia pedido, occultar algum gosto estranho? Tornava a ler a carta, depois machucava-a nas mãos, e, passeando por seu gabinete com grandes passadas, a si mesmo dizia:

— Sou um louco: suspeitar de Jorge! que interesse tem elle na minha morte? Por outro lado, este aviso. . . .

Com effeito, nenhum interesse tinha Jorge em sua morte: não era criado antigo; apenas o servia fazia seis mezes. Conhecia-o elle perfeitamente, estava certo de sua affeição, de sua dedicação? não. Não seria possivel que a esperança de uma forte recompensa o fizesse cumplice e executor d'um crime?

Estas terriveis probabilidades agitavam o pensamento de M. Surville, sua imaginação escandecia-se e inflammava-se, sua cabeça se abrasava; o pulso estava irregular, a afflicção de que era victima causava-lhe febre. A morte que talvez se continha em seu seio, as dôres que iam sem duvida despedaçar-lhe o peito, as angustias, a proxima agonia que o esperava, tudo lançava em seu espirito os germens das mais odiosas suspeitas. Quem podia ser o instigador do crime? Sua mulher! . . . Seus cabellos se erriçavam de horror só com este pensamento. Todavia, n'esse momento supremo, em que já não tinha illusões,

em que a verdade lhe apparecia descarnada, via-se obrigado a convir comsigo mesmo que, si se tinha casado por amor, M.me de Surville havia casado por exigencias sociaes. Ella não tinha cousa alguma quando se casaram, elle era rico e seu amor tinha-se mostrado generoso e até prodigo; si elle morresse, sua mulher herdaria toda sua fortuna, e ficava livre! Era sem duvida uma mulher mui bem nascida, uma alma muito elevada, e nenhum motivo de cobiça a poderia desvairar; mas amava-o ella? Não sabia elle que havia tres annos, quando desposára Julia, seu primo Alfredo Dennecourt desejava a mão de sua prima? Esse joven Alfredo tinha sido educado com sua mulher; ambos se amavam desde a infancia, e era verdade que suas familias sempre projectaram sua união. A pouca fortuna de Alfredo fizera preterir este casamento por outro mais vantajoso: Alfredo, official de infanteria, estava de guarnição em Pariz, e via familiarmente sua prima. Si essa antiga paixão não estivesse extincta no coração do official, si M.me de Surville a partilhasse, a que excessos não os podia levar um amor insensato? Uma mulher honrada e virtuosa até então, um official francez, descerem ambos ao uso do veneno! Não era verdade, não era possivel. Surville, desesperado com taes suspeitas, procurou dissipal-as e fazel-as desvanecer pelo meio mais natural a essa hora da noite; foi para seu quarto e deitou-se. Não teve somno, a cabeça não achava commodo no travesseiro; em vão se punha em sua posição habitual. Levanta-se, veste seu roupão, e accende a véla. A idéa de sua mulher culpada, de sua mulher adultera e envenenadora o perseguia a seu pezar.

—Que fará ella agora? Que pensamentos a agitarão? Deve estar em vigilia como eu: o crime, da mesma fórma que a agonia, desconhece o repouso. Infeliz! como Macbeth, matou o somno.

Decidiu-se a ir ao quarto de sua mulher; approximando-se da chaminé para pegar no castiçal, lança os olhos para o espelho, e percebe estremecendo que tem pallido o rosto, descompostas as feições. Penetra no quarto de sua mulher: as cortinas do leito estão abertas; M.me de Surville dormia tranquillamente. Seu lindo rosto estava socegado e sómente animado por esse calor brando que colora as feições durante o somno: ella parecia sorrir-se a algum sonho gracioso. A vista d'esta tranquillidade innocente, d'esse rosto, espelho de uma consciencia pura, Surville indignou-se contra si mesmo, envergonhou-se de suas

suspeitas. No mesmo momento, M.me de Surville agitou-se em seu leito, seu rosto empallideceu; um riso sardonico e cruel contrahiu-lhe a boca; suas sobrancelhas cruzaram-se, e ella pronunciou a principio algumas palavras inarticuladas, depois Surville ouviu distinctamente:

— Está acabado.... sim, está acabado.... Estou decidida, torno a dizer.

Depois d'estas palavras, ella estendeu-se na cama e sem acordar voltou-se para o lado da parede. Deveria M. de Surville acordal-a para pedir-lhe conta d'essas palavras entrecortadas? Póde-se por ventura dizer a uma mulher sempre fiel e que ainda ha pouco vos encheu de caricias:

— Olhae bem para mim, senhora; estou envenenado, eis-aqui vossa obra?

Surville, apezar de sua perturbação e das dôres surdas que elle julgava estar sentindo, não se atreveu fazêl-o. Deixou o quarto de sua mulher, para ir a uma sala pequena unida a seu quarto, onde dormia seu criado.

— Jorge, Jorge, disse estendendo as mãos para a cama do criado.

Na cama não havia pessôa alguma, e ainda estava feita; Jorge não estava ahi. Oh! então Surville julgou-se perdido.

— O miseravel, pensou elle, deu o golpe e fugiu.

Quando a justiça suspeita um crime, interroga as localidades, examina os moveis e inspecciona todos os utensilios; Surville seguiu o mesmo processo, correu á sala de jantar. Em cima da mesa estava ainda o copo vasio em sua salva de prata. Surville levou a mão á colherinha de prata dourada que tinha servido para preparar a perfida beberagem. Havia ainda algumas gotas de agua no fundo do copo, e um sedimento esbranquiçado se tinha prendido ás paredes internas do cristal; Surville observou com terror que este sedimento era insoluvel na agua e que seus granitos desiguaes rangiam sob a pressão da colher. Este ultimo facto era concludente, tinha a evidencia de uma demonstração mathematica: Surville estava envenenado, e tinha em suas mãos a prova do crime. Leva cuidadosamente o copo para seu gabinete, deposita-o junto da carta anonyma recebida mui tarde, e, pois que seu criado fugiu, vae elle mesmo ao andar mais elevado de sua casa, onde dormem seus criados, e acorda um.

— Levantae-vos e vinde sem demora a meu gabinete receber minhas ordens: dizei ao cocheiro que aprompte o carrinho; aviae.

Em um abrir e fechar d'olhos o criado estava prompto e o cocheiro no meio do pateo empunhando as redeas do seu cavallo.

—Ide, diz Surville, correi á casa do medico, e dizei-lhe que venha immediatamente; o tempo é precioso!

—A senhora está doente? aventurou-se o criado a perguntar ainda meio dormindo.

—Ah! não, não; sou eu! exclamou; ide, ide!

Eram tres horas da madrugada; duas horas se tinham passado portanto em cruel agitação: o veneno ia obrar; ainda um brevissimo espaço de tempo, ainda alguns momentos talvez, e elle ia padecer horriveis tormentos, perder a vista, o ouvido, a vontade; ia desfallecer: talvez morresse sem dôr, talvez o veneno que circulava já com seu sangue, quando chegasse ás fontes da vida, o atirasse morto sobre sua poltrona, sem que elle podesse dizer uma palavra, dar um grito, sem que deixasse o menor vestigio o golpe que o ia matar. A sciencia é hoje tão perigosa, quando reside em mãos habeis e poderosas! Quiz escrever; porêm que indicaçōes daria á justiça? A quem denunciaria? a sua mulher?... a seu criado?... Quem está para morrer é justo, teme calumniar um innocente, e elle não se atrevia accusar alguem. Teve a idéa de legar a seu amigo de Mareil tudo de que podia dispôr; mas, quando quiz escrever, seus dedos tremulos não podiam sustentar a penna cujos bicos se escarrapachavam sobre o papel sem formar lettra alguma distincta. Ora passeava pelo gabinete, ora dizia a si mesmo que andando daria mais actividade ao veneno, e atirava-se em sua poltrona, e não se atrevia a fazer movimento algum. Ouviu abrir-se a porta da cocheira, voltava o carrinho.

—Louvado seja Deus! exclamou pondo a mão sobre o peito anhelante.

Appareceu o criado: vinha só; o medico não o acompanhava, por ter ido assistir a um parto na outra extremidade de Pariz, cinco minutos antes de chegar o criado á casa d'elle.

—Estarei destinado a morrer sem soccorros, exclamou elle dolorosamente.... Ide, trazei o primeiro medico que encontrardes: preciso de um medico; os soccorros chegarão muito tarde.

O criado correu espantado, e Surville pensou então n'essa outra vida de que estava tão proximo. Que responderia elle ao Juiz que o esperava? Tinha sido sempre muito honrado; porêm bastará a honradez tal qual se entende no mundo para al-

cançar graça e perdão? Elle estava a mil leguas d'esses pensamentos algumas horas antes; agora elles o assaltavam: seus joelhos dobraram-se involuntariamente, sua cabeça curvou-se, suas mãos se juntaram para orar. A este movimento, talvez instinctivo, succedeu a incredulidade do seculo; elle levantou-se e disse como Seneca:

—*Post mortem nihil est, ipsaque mors nihil.* Depois da morte nada, e a mesma morte é nada.

Comtudo, este materialismo parecia-lhe mais verdadeiro na vespera do que n'aquelle momento. Contava as horas; via o ponteiro andar sobre o mostrador de esmalte.

—Estarei frio e inanimado, pensou, e ainda durará o movimento que dei a essa machina; minha boca estará muda e a pendula dará horas, indicará a hora de minha morte, a hora em que sahirei d'aqui para ir ao campo de repouso, e talvez a hora em que meus amigos começarão a esquecer-se de mim.

Finalmente appareceu o dia; a claridade da bugia luttava fraca contra a luz da manhãa, quando abriu-se a porta e entrou M. de Mareil alegre pelo gabinete.

—Ah! meu amigo, exclamou Surville lançando-se-lhe nos braços, estou perdido!

—Perdido! não, mas perdestes.

—Perdi o que?

—Vossa aposta.

—Minha aposta?

—Sim, cem napoleões: não apostastes hontem commigo que eu não poderia alterar vossa ventura, comtanto que não tocasse nem em vossa mulher, nem em vossos amigos, nem em vossa fortuna?

—Agora não se trata d'isso, meu amigo, estou envenenado..... tenho um inimigo que attentou contra meus dias; vêde a destruição que me tem causado a poção fatal... Ah! si vos eu dissesse todas as minhas suspeitas!

—Não dormistes?

—Sou victima das dôres mais crueis, cheguei aos derradeiros limites da desgraça. Breve morrerei, estou envenenado.

—Dae-me cem napoleões, que ganhei.

—Uma carta....

—Fui eu que a escrevi.

—Vós? Mas olhae, vêde este copo.

Mareil pegou no copo de cristal, mexeu com a colher o se-

dimento esbranquiçado que Surville tinha observado; nenhum corpo insoluvel se achava entre o copo e o metal, tudo estava dissolvido: Mareil alêm d'isso, bebeu o resto do licor e fez assim desapparecer a prova do crime.

—E Jorge, como explicaes sua fuga?

—Mandei dizer a Jorge que fôsse á minha casa, depois de servir-vos; esteve bebendo toda noite com meu criado.

N'este momento entrou M.me Surville no gabinete de seu marido; ella estava fresca e tranquilla como uma flôr que dasabrocha de manhãa.

—Então, meu amigo, disse ella, estivestes doente? porque me não mandastes acordar?... Ter-me-hieis feito um obsequio, porque me terieis livrado de um pesadelo horrivel: sonhei, meu amigo, que estaveis no declive de um precipicio, que cahieis e que eu não podia reter-vos; segurava-vos pela casaca, e a casaca me escapava das mãos.... Gritei.... Está acabado.... está acabado.... Parece que mudei de posição, e esvaeceram-se todos estes maus sonhos.... A proposito, accrescentou ella, recebi uma carta do nosso primo Alfredo Dennecourt, o qual partiu para a Africa sem se despedir de nós: é este procedimento de bem mau gosto.

O medico chegou esbaforido.

—Quem é que está doente n'esta casa?

—Ninguem, disse logo M. de Surville.

—Ainda bem! N'esse caso dae-me almoço; passsei a noite assistindo a um parto, e estou morrendo de fome.

—Nada é mais facil, respondeu Mareil; tereis excellente caça, que o caçador de Surville lhe mandou como primicias da caça, e por ser hoje 4 de setembro.

—É verdade, disse o doutor; mas é ainda muito cedo. Surville já terá fome?

—Por isso respondo eu, disse ainda o desapiedado Mareil; Surville trabalhou toda noite em uma tragedia cujo desfecho lhe falta.

—E faltar-lhe-ha sempre, disse o doutor ingenuamente.

—Oh! sem duvida! Accrescentae a isso, continuou Mareil, que elle jantou muito mal em minha casa, e que desde então só tomou.... um copo d'agua com assucar.

MARIE AYCARD.

MISCELLANEA.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE TOPOGRAPHIA para uso dos Alumnos da Eschola de Architectos Medidores da Provincia do Rio de Janeiro, por *Pedro d'Alcantara* BELLEGARDE, Major Engenheiro, Lente Director da mesma Eschola, etc.

Depois das noções geraes, em que se comprehendem os dados da grandeza e figura da terra, passa-se á explicação dos processos de triangulação e de configuração, ajudados de uma breve taboa da resolução dos triangulos rectangulos, e de uma explicação ácerca da medição das terras. Dão-se as regras geraes do desenho topographico: d'aqui se explica o uso e correcções para o nivelmento, e se termina o compendio com a exposição dos dados necessarios para a estatistica local, e explicação dos quesitos respectivos.

Como supplemento se apresentam com claresa os principios geraes da Cosmographia e da Geographia physica e politica, em que se dá uma taboa do nosso systema planetario com as distancias em leguas brazileiras de 3000 braças.

Este breve compendio é util a todos os Engenheiros civis e militares, e indispensavel para os Alumnos da Academia Militar que têm de proceder proximamente aos seus exercicios topographicos. Brevemente sahirão á luz os modelos respectivos.

Acha-se na loja de Albino Jordão, rua do Ouvidor n.° 121.

Elemento da contabilidade commercial por M. N. BURNIER — 1 VOL em 8.°

Ha pouco tempo que se publicou n'esta côrte e com este titulo uma interessantissima obra, que resume e ao mesmo tempo explica os diversos tratados de escripturação mercantil e usos commer-

ciaes, tanto extrangeiros como nacionaes, addicionando-lhes grandes tabellas para completar tão necessario estudo, e unindo ao ensino da theoria a mais apurada o methodo pratico mais proprio e claro, para aquelles que já possuirem de semelhantes materias solida instrucção, e para os que tambem nenhuns rudimentos tenham.

O seu autor, o Snr. Burnier, fez um relevante serviço com a publicação d'esta obra, que, sem duvida nem uma, lhe roubou bastantes dias de meditação, bastantes noites de trabalho. N'ella encontrarão todas as pessôas que pretenderem ganhar algumas luzes de contabilidade commercial dados sufficientes para se illustrarem facilmente, e como que sem trabalho nenhum, das mais serias e difficultosas operações, da mais complicada e interessante escripturação. Desde o principio, graças á clareza com que é escripta a obra, a linguagem mercantil tornar-se-ha familiar ao leitor, e, uma vez começada a leitura, não lhe será mais possivel deixar o livro, tamanho é o interesse que elle attrahe e chama.

Esta obra está destinada a ter immensa extracção no Brasil, não só por seu valor quanto ao merecimento do objecto de que trata, á clareza com que é desenvolvido, ao excellente methodo adoptado pelo autor, como tambem pela necessidade que se sentia entre nós de um semelhante livro, pela raridade d'aquelles que, em lingua vulgar, ensinassem a theoria e pratica da contabilidade commercial; porquanto o unico que existe é uma traducção do Snr. Deus e Silva da obra intitulada — *Sciencia do Guarda-Livros ensinada em* 21 *lições e sem mestre* — resumo do grande tratado de Degrange, intitulado — *La tenue des livres rendue facile.*

Este resumo, porêm, não possue todos os quesitos que o tornem apto a produzir bons resultados, por isso que, não passando de uma traducção, á qual não acompanham necessarias notas e explicações adequadas, está de mais a mais cheio de nomes e palavras francezas, inintelligiveis para os leitores que entretanto procurarão estudal-o, sem conhecer esta lingua; e explica alêm d'isto todos os algarismos e contabilidade por napoleões, francos, soldos e centesimos, o que torna-se quasi que incomprehensivel para Brazileiros e Portuguezes, habituados á moeda corrente do paiz, assim como difficultosa tambem para aquelles mesmos que, sabendo esta lingua, vêem-se na forçosa obrigação, para applicar a theoria do livro, de converter a moe-

da franceza em moeda portugueza e brazileira: trabalho duplo e insano, e que nada póde compensar ou retribuir.

Demais — « A pratica, — diz o Snr. *Burnier* no seu prefacio — é a parte mais essencial do estudo da escripturação, e incompletos são os tratados que não mostram por que maneira se applicam os principios da theoria. É pois com o intuito de unir a applicação ás regras que fizemos estes elementos de contabilidade. Quizemos offerecer á mocidade, que se dedica ao commercio, uma obra em que achasse comprehendido tudo quanto se refere á arte do guarda-livros. O publico julgará si os nossos desejos foram preenchidos. » —

Pela nossa parte asseguramos ao Snr. *Burnier*, que achamos a obra, alêm de excellente, muito necessaria ao nosso paiz e ás nossas circumstancias. O autor correspondeu á expectação do publico: — cumpre agora a este mostrar-lhe a estima que lhe mereceu a obra.

P. da S.

CURIOSIDADES.

Notavel cascata na Noruega.

Acreditou-se por muito tempo que as mais altas montanhas da Europa eram na Noruega; mas as observações de Mr. de Buch, de Mr. Wahleuberg, e de muitos outros eruditos, nos revelaram que a sua elevação bem longe de exceder a dos Alpes, pouco mais era da metade dos principaes pincaros das cordilheiras alpinas. Mas, si a Noruega tem de ceder a honra de possuir as mais altas montanhas do continente europeu, póde, ao menos, gloriar-se de ter no seu seio a catadupa maior e mais notavel, que existe, porque leva em grande parte vantagem ás do Rheno, perto de Schafhause, e do Niagára, na America Septentrional. Haverá 26 ou 27 annos que ella foi descuberta pelo professor Esmark. Como está situada muito pelo sertão dentro, e como, alêm d'isso, poucos viajantes, levados pela curiosidade, ou pelo desejo de fazer observações, visitam tão agrestes provincias, não é d'espantar que não fosse conhecida

mais cedo. Existe no Tellemark, e chama-se na lingua do paiz *Riukan Fossen*, isto é, queda d'agua fumegante, denominação, que, segundo parece, lhe vem do immenso nevoeiro de vapores formados pelas gotas d'agua em evaporação, que se parecem com o fumo. — Schow a viu, em 1812, com tres viajantes mais. « Posto que então fosse estio, diz elle, tempo em que esta cascata não vae tão caudal, como na primavera, em que as neves se derretem, este magnifico espectaculo da natureza, na verdade estupendo, nos imprimiu no animo espanto travado do quer que era de terror. Este immenso lençol d'agua é, a bem dizer, composto de tres catadupas, duas em planos inclinados, cada uma das quaes faria de per si uma cascata tal que poucas haveria que com ella se podessem comparar. Emfim a ultima catadupa precipita-se perpendicularmente. Conforme as medidas tomadas por Esmark a ultima queda é d'oitocentos pés de altura. Ordinariamente as capadupas muito altas teem um volume de agua pouco avultado, e pelo contrario, aquellas que trazem grande corrente, como as do Niagára e do Rheno, não tem altura dasmarcada; o Riukan Fossen, porêm, reune um volume d'agua immenso a uma elevação prodigiosa. Aquella grande quantidade d'agua vem do Maanelv, rio caudaloso, que, perto da catadupa, desagua no lago Miosen, ou Miosvatten, o qual tem de comprimento oito ou dez milhas.

— O celebre philologo Van Heusde, que foi professor e ornamento da Universidade de Utrecht durante 35 annos, morreu em Genova na idade de 61 annos.

— A população em França subiu, de 1815 a 1838, de 29 milhões e 500 mil almas a 33 milhões 350 mil almas. De outro lado, a producção do trigo augmentou-se mais do que o cuplo. De 30,460,971 hectolitros, que se colhiam em 1815, hegou em 1835 á 71:068,444 hectolictros.

— O Sr. Raspail, preso politico francez, autor de diversas obras scientificas e ex-redactor do periodico — *Reformateur* — acaba de publicar em Pariz uma obra interessantissima sobre o *systema penitenciario e prisões da França*, fructo de seus estudos e observações durante o tempo em que tem estado por vezes preso, que passa de 4 annos.

— De 1830 para cá têm morrido 69 pares de França das promoções antigas de Luiz XVIII e Carlos X, — 91 que se haviam demittido em diversas épochas — 19 que perderam seu assento

na camara por causa da revolução de julho de 1830,—e 38 pares das promoçōes de julho para cá.—Por tudo, 217 pares mortos em 8 annos. Existem ainda na Camara 127 pares nomeados por Luiz XVIII e Carlos X—e 156 por Luiz Philippe.

— O mar Caspio, ordinariamente tão calmo e tranquillo, foi agitado no mez de agosto por violentissimas tempestades. 28 navios russos e persas naufragaram, e morreram affogadas da tripulação e dos passageiros 143 pessôas. A perda é avaliada em 4 milhões e meio de rubros.

— De 1793 a esta parte, contam-se 174 navios despedaçados pelos raios; um sexto d'estes navios foi incendiado pelo fluido electrico. 60 marinheiros morreram a seu bordo e 144 foram feridos. Notou-se que as equipagens que escaparam ficaram por largo espaço de tempo insensiveis, de alguns individuos perderam para sempre o juizo.

— O rei mais velho da Europa, e por conseguinte o decano actual dos Soberanos, é Bernardotte, rei da Suecia e Noruega, o qual entrou em 26 de janeiro de 1839 nos seus setenta e seis annos de idade. Segue-se o papa actual Gregorio XIV, que conta setenta e quatro; vem depois os reis de Dinamarca com setenta e um, o da Prussia Frederico Guilherme IV, com setenta feitos em 3 de agosto, e o rei dos Francezes Luiz Phillipe I, que em 6 de outubro proximo passado completou sessenta e seis annos de idade.

— Mr. Thiers, ex-presidente do conselho dos ministros de França, e actual deputado, está actualmente occupado em escrever a continuação da *sua grande e bella historia da revolução franceza*, tendo já completado meiado da época, em que dominou o sistema imperial.

—Segundo a estatistica da instrucção publica em França, contam-se 1,466 estabelecimentos de *instrução superior*, a saber:

41	collegios reaes com	10,975	estudantes.
317	collegios de communs	22,058	—
101	instituições —	8,678	—
1,007	pensões —	23,538	—
1,466	estabelecimentos com	65,249	estudantes.

Comprehendendo-se mais as escolas primarias, o numero total das cazas de educação é de 40,000 em toda a França, con-

tendo pouco mais ou menos 4 milhões de estudantes crianças e adultos.

—O principe Luiz Napoleão acaba de publicar em Londres uma obra politica, intitulada — Idéas de Napoleão — em que elle sustenta os principios, e planos concebidos por seu tio, o imperador Napoleão. Damos aos nossos leitores a traducção do *prefacio* d'esta obra, certos de que com isto lhes daremos prazer.

« Si o destino, que me pressagiava meu nascimento, não houvesse sido methamorphoseado pelos eventos politicos, sobrinho do imperador, eu teria sido um dos defensores do seu throno, um dos propagadores de suas idéas: teria obtido a glora de ser um dos pilares do seu edificio, ou de morrer na fileira de seus soldados combattendo pela França. O imperador, verdade é, que já não existe, seu espirito porêm não morreu. Privado da possibilidade de defender com as armas seu poder tutelar, posso ao menos ensaiar de defender com escriptos sua memoria. Esclarecer a opinião, indagando o pensamento que presidia a suas altas concepções, lembrar seus vastos projectos, é uma tarefa, que sorri ainda a meu coração, e que me consola do desterro !... O temor de offender contrarias opiniões me não suspenderá: idéas que se collocam sob a egide do maior genio dos tempos modernos, podem-se alto confessar, que não variam aos caprichos da athmosphera politica. Inimigo de toda a theoria absoluta, e de toda a dependencia moral, não tenho compromettimentos com partido nenhum, com nenhuma seita, com nenhum governo. Minha voz é livre como meu pensamento.... E eu amo a liberdade ! ! !

Carlton Terrace, julho de 1839.

LUIZ NAPOLEÃO.

O BANHO RUSSO.

Uma forte defluxão me havia attacado; não me podia vêr livre d'ella com medicamentos caseiros; e demais quando estes me fossem favoraveis, os divertimentos de Pariz, e os meus mesmos trabalhos de estudante me prohibiriam sua applicação regular. Aconselhou-me um medico meu amigo o uso de banhos russos, que se haviam estabelecido na rua de Montmartre, por detraz da galleria dos Panoramas. Dirigi-me logo para lá.

Depois de atravessar uma longa galleria toda envidraçada,

cheguei-me á um criado, que encontrei, e declarei-lhe minha intenção de tomar um banho. Fez-me entrar immediatamente para um pequeno quarto, e despir-me todo. Terminado tão interessante toilette, embrulhou-me em um capote riscado, e forrado todo de lã, enfiou-me pelos pés umas chinellas de pello de urso, e convidou-me a seguil-o. Já este prefacio da obra não harmonisava muito com minha espectação; resignei-me porêm, e fui obedecendo ao criado. Atravessamos outra galleria, aonde reinava uma athmosphera muito quente, e entrámos para um quarto. Fiquei aqui attonito por não descobrir banheira alguma, e entretanto o meu mentor mandou-me tirar o capote, e descalçar as chinellas. Havia uma taboa inclinada pregada á parede, e sustentada por dous pés, que formava um leito, todo cheio de furos de verruma. Deitei-me em cima, estendido como um morto. O criado abrio um tubo, e começou o vapor d'agua fervendo á esquentar o quarto. Eu suava já como um Mouro em terras d'Africa. O calorico foi subindo á gráu, que eu não podia soffrer. Gritei misericordia, que me sentia abafado, sem poder quasi que respirar. O criado que estava a meu lado, pôz-se a rir. Meus furores cresceram, quando elle começou com um masso de ramos de hervas á açoutar-me o corpo todo, para — dizia elle — limpar-me completamente. O meu maldito verdugo demorou a terrivel operação pelo espaço de dous minntos, que me pareceram dous séculos Feixou o tubo, e então o calor foi decahindo; fez-me levantar, pôr-me em pé e estender as mãos para segurar em duas argolas, que pendiam do tecto do quarto, de modo que me conservasse bem direito. Note-se que o calor era ainda immenso, e que eu continuava como sempre a suar terrivelmente, quando o criado, sem ceremonia alguma, puxa por uma mola, que estava pregada no tecto, e precipita-me sobre a cabeça e corpo uma columna de agua tão fria, que parecia gelada. Não posso descrever a impressão que senti, com tal methamorphose. Estremeci, dei um grito, que resoôu por toda a casa, e cahi no chão tremendo como uma criança.

O criado entregou-se então á espansão da mais livre e viva alegria: suas risadas não echoáram menos, que o grito que me havia escapado.

— Vejo que não estás acostumado á isto, disse-me elle sorrindo.

— Nem estou, nem quero estar — gritei-lhe eu mui seria-

mente; e ordeno-vos, que já e já me retireis d'esta fornalha e deste gêlo, que para isto não foi meu corpo creado.

— Ainda não está finda a operação, continuou elle tranquillamente, si agora vos deixasse sahir, correrieis risco; portanto tende a bondado de esperar um pouco.

Resignei-me ainda.

Escapei da agua gelada, e tornei á passar para o leito do vapor, que novamente começou, e novamente me arrancou do desgraçado corpo uma immensa porção de suor.

Foi mais agradavel porêm, n'esta segunda vez, a operação da surra, porque apenas o criado me corria, de quando em quando, o corpo com uma grande esponja, sem fazer uso das varinhas, com que me havia açoitado no primeiro acto da comedia. Voltei outra vez á agua fria, á refrescar-me sem vontade. Acabado que foi, conservou-me o criado por uns cinco minutos em pé, até que cobriu-me novamente com o capote, calçou-me as chinellas, e passou-me para um terceiro quarto todo perfumado e cheiroso, aonde havia um leito preparado sumptuosamente. Deitei-me, cobri-me bem, e alli conservei-me bom quarto de hora. No fim d'este tempo trouxe-me o criado minha roupa, e um individuo de occulos verdes que se dizia medico. O insigne Hypocrates tomou-me o pulso; viu-me a lingua; e aconselhou-me que voltasse á tomar mais cinco ou seis banhos russos, que me acharia perfeitamente são de males passados e presentes, e, não me recordo si tambem me affirmou, de futuros. Quando ia sahindo, apparecen-me o criado, e pediu-me 5 francos pelo banho, e 3 pelo medico. Fui puxando pelos cobres, e pagando-lhe, quando elle, ainda sorrindo-se, me disse:

— Agora, Senhor, alguma gratificação para o criado que tão bem vos tratou!

Olhei para elle fixamente, e atirando-lhe com mais dous francos, fui sahindo á toda á pressa do tal estabelecimento de banhos russos.

Escuso diser-vos que não voltei la mais.

P. DA S.

INDICE

DOS

ARTIGOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME.

N.º 1. — Setembro.

ECONOMIA POLITICA. — A conta corrente da guerra e das sedições. - - - - - - - - - Pag. 3

LITTERATURA — O theatro romantico. - - - - - „ 14

HISTORIA — Frederico II e sua época. - - - - - „ 23

SCIENCIAS NATURAES. — Geologia (3.º artigo. - - - „ 44

POESIA. — Italia e Roma ou os momentos antigos. - - „ 49

VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDICO. — II. O cancro. — O duello. - - - - - - - - - - - „ 51

MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - „ 71

N.º 2. — Outubro.

VIAGENS. — Viagem de Lima ao Pará pelos Andes, pelas Missões e pelo rio Amazonas. - - - - - - „ 80

BIOGRAPHIA. — GALERIA BRASILEIRA. — Introducção. - „ 104

I — Fr. Francisco de São Carlos. - - - - - - „ 107

ECONOMIA POLITICA. — CONTOS DE MADAME MARCET. —

I — Orico e o pobre. - - - - - - - - - - „ 118

II. — O jornal. - - - - - - - - - - - „ 122

POESIAS. — Ecloga 1.ª de Virgilio, traduzida á letra e offerecida a S. M. I. por M. O. M. - - - - - - „ 130

Homilia de Santo Isidoro, traduzida por José Eloi Ottoni. „ 135

VARIEDADE. — Os Illuminados. - - - - - - „ 139

MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - - „ 150

BIBLIOTECA NACIONAL

N.º 3. — Novembro.

SCIENCIA MEDICA. — Do regimen dietetico e de sua influencia sobre a saude. - - - - - - - - Pag. 161
HISTORIA. — Quatro capitulos ineditos da *Chronica de D. Affonso Henriques* por Duarte Galvão. - - - - - „ 186
ECONOMIA POLITICA. — CONTOS DE MADAME MARCET. III. — Os tres gigante. - - - - - - - - „ 189
POESIAS. — Sephora. - - - - - - - - - „ 215
Lyras. - - - - - - - - - - - - „ 220
VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDIDO. — III O — hypocondriaco. - - - - - - - - - - - „ 222
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - - „ 257

N.º 4. — Dezembro.

MORAL. — A alta civilisação, suas pretenções, e seus resultados. - - - - - - - - - - - - „ 261
POLITICA. — Ideias acerca da organisação e conveniencia d'um exercito permanente no Brasil. - - - - - „ 283
VIAGENS. — A cova de Guacharo. - - - - - - „ 291
LITTERATURA. — Viagem pela Alemanha. — 1836. - „ 303
VARIEDADE. — Um copo d'agua côm assucar. - - „ 324
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - - „ 331

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio N. 66.